



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

LUCIANA NOVAIS MACIEL
Organização

“EDUCAR PARA A DIVERSIDADE”

ANAIS ELETRÔNICOS

VIII SEMANA DE LETRAS DA FACULDADE PIO DÉCIMO

Anais disponíveis em:

www.piodecimo.edu.br/faculdade

Curso de Letras Português e Espanhol

**Aracaju/SE
2019**



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

LUCIANA NOVAIS MACIEL
Organização

“EDUCAR PARA A DIVERSIDADE”

ANAIS ELETRÔNICOS

VIII SEMANA DE LETRAS DA FACULDADE PIO DÉCIMO

Anais disponíveis em:

www.piodecimo.edu.br/faculdade

Curso de Letras Português e Espanhol



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM DOCÊNCIA GRUPO DE ESTUDOS EM LINGUAGEM, DISCURSO E FORMAÇÃO DOCENTE



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250



COMISSÃO ORGANIZADORA E CIENTÍFICA

Prof.^a Me. Luciana Novais Maciel (Presidente)

Prof. Dr. Anselmo Guimarães

Prof. Me. Andrés Alberto Soto Tello

Prof.^a Esp. Aurora Ferreira Vilalba

Prof.^a Me. Ana Sabrina Domingues Leme

Prof.^a Me. Cláudia Laís Costa da Silva

Prof.^a Dr. Josevânia Teixeira Guedes

Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Porfírio Horta

Prof. Me. Fabian Jorge Pineyro

Prof. Me. Francisco Diemerson

Prof. Me. Franklin Lima

Prof.^a Me. Grace Cristina Millet da Paixão Castro

Prof. Me. Jackson Francisco Santana

Prof.^a Me. Tatiana Cintia da Silva

Prof.^a Me. Valéria Alves Melo Silva



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

5

COPYRIGHT 2019© LUCIANA NOVAIS MACIEL (ORG). É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa dos autores e organizadores. Por se tratar de uma publicação do tipo ANAIS, a comissão organizadora da VIII SLFPD, isenta-se de qualquer responsabilidade autoral de conteúdo, ficando a cargo do autor de cada artigo completo/resumo tal responsabilidade.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

6

Ficha Catalográfica

Catálogo na publicação (CIP) Ficha Catalográfica produzida pela editora executivo MACIEL, Luciana Novais, *et.all.* **EDUCAR PARA A DIVERSIDADE**. Anais eletrônicos da VIII Semana de Letras da Faculdade Pio Décimo / Luciana Novais Maciel. [org.]. – Faculdade Pio Décimo, 2019. 251 p.: 5^a ed. ISSN 2359-1250
1. Ensino. 2. Língua. 3. Espanhol. 4. Literatura. 5. Anais.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250



FACULDADE PIO DÉCIMO

Antônio Thiers Almeida Vieira Santos

DIRETOR GERAL

Prof. José Júlio Seabra Santos

VICE DIRETOR

Prof.^a Me. Lenalda Dias dos Santos

**VICE DIRETORA
DIRETORA ACADÊMICA**

Prof.^a Me. Luciana Novais Maciel

**COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS e ESPANHOL e
COORDENADORA DO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO (ISE)**



APRESENTAÇÃO

A VIII Semana de Letras compôs o *I FÓRUM DAS LICENCIATURAS* da Faculdade Pio Décimo se configurou como um evento Institucional coordenado pela Direção Geral e Acadêmica e integra os cursos de Pedagogia, Química e Letras Português e Espanhol. A organização do evento contou com a participação das coordenações dos respectivos cursos através de reuniões sistemáticas com os Núcleos Docentes Estruturantes e a Direção Acadêmica.

O Evento teve como tema mobilizador “Educar para a diversidade” buscando contribuir de maneira significativa na valorização e no respeito à diversidade histórica, social e cultural. A educação, enquanto instrumento de transformação social e política, assume o compromisso e a responsabilidade de pensar o indivíduo em sua totalidade na perspectiva de um projeto político pedagógico que possa viabilizar uma sociedade humanizada, dialogando com a diversidade em seus diferentes espaços, estabelecendo um cotidiano e uma prática pedagógica que possa garantir os direitos fundamentais e a dignidade humana, condições essenciais para o enfrentamento das desigualdades sociais.

Portanto, o Fórum das Licenciaturas apresentou como tema central Educação e Diversidade, visando promover o debate sobre a escola e a educação em seus diferentes tempos e espaços de vida, pensando a escola como um ambiente sociopolítico e educativo que vai acolher a todos e todas com igualdade de direitos, respeito a diversidade sociocultural, étnico-racial, etária e geracional, de gênero e orientação afetivo-sexual.



SUMÁRIO

ABERTURA OFICIAL – MESA REDONDA	11
MESA REDONDA “EDUCAR PARA A DIVERSIDADE”	11
MESA 1 – OS DILEMAS DA PRÁTICA DOCENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA	11
MESA 2 – OS DILEMAS DA PRÁTICA DOCENTE EM LITERATURA	11
MESA 3 – OS DILEMAS DA PRÁTICA DOCENTE EM LÍNGUA ESPANHOLA	11
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO	12
O CASAMENTO ARRANJADO NO ROMANCE SENHORA: UMA RELAÇÃO COM A CRÍTICA SOCIOLÓGICA.....	13
MARRIAGE ARRANGED IN ROMANCE LADY: A RELATIONSHIP WITH SOCIOLOGICAL CRITICISM	13
A MULHER NO SERTÃO EM <i>O QUINZE</i>	43
SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: UM OLHAR SOBRE A PRECURSORA DO PENSAMENTO FEMINISTA NA LITERATURA POÉTICA BARROCA HISPANO-AMERICANA	54
A PERSPECTIVA MODERNISTA SOBRE O USO SOCIAL DA LÍNGUA	73
INOCÊNCIA: A INFLUÊNCIA DO MACHISMO NA RETIRADA DE DIREITOS DE UMA MULHER SERTANEJA	90
A UTILIZAÇÃO DO FANZINE COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE POEMA: UM ESTUDO DE CASO	102
CLUBE DE LEITURA: MOTIVAÇÃO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA E DA LEITURA	114
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO	121
A LINGUAGEM DIGITAL E OS DESAFIOS ENFRETTADOS PELOS DOCENTES NO ÂMBITO EDUCACIONAL BRASILEIRO.....	122
LA LINGUAJEM DIGITAL Y LOS DESAFÍOS ENFRETTADOS POR LOS DOCENTES EN EL ÁMBITO EDUCACIONAL BRASILEÑO	122
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO	135
06/06/2019 – QUINTA-FEIRA06/06/2019 – QUINTA-FEIRA	135
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO.....	135
GÊNEROS TEXTUAIS, LINGUAGEM E ENSINO	135
A ARTICULAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO VEICULADO EM OUTDOORS E OS POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDO	136
LÉXICOS QUE SE TRANSFORMAM EM GÍRIAS: AS MINORIAS SOCIOLÓGICAS E AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS	147
O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES COMUNICATIVAS EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA.....	157
O ENSINO DO ADJETIVO EM UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	170
BLOG: UM GÊNERO DIGITAL DE PRODUÇÃO TEXTUAL.....	181
ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DO USO DA LÍNGUA FALADA NAS SOCIEDADES ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS	195
PRATICAS PEDAGÓGICAS: DIALOGISMO E INTERNET NO CONTEXTO DO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	209
OS EFEITOS DE SENTIDO DOS DISCURSOS MACHISTAS NAS MÍDIAS DIGITAIS.....	219
A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA LEITORA PARA UM BOM DESEMPENHO NO ENEM: RESPECTIVAMENTE NAS PROVAS DE ESPANHOL E REDAÇÃO.....	229



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

RESUMOS.....	237
06/06/2019 – QUINTA-FEIRA	237
RESUMOS	237
AUGUSTO DE CARVALHO RODRIGUES DOS ANJOS, O SEM RÓTULOS	238
DO NACIONALISMO EXACERBADO ÀS MAZELAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS LINHAS DO REGIONALISMO ...	239
A LÍNGUA ESPANHOLA NO ENSINO COMERCIAL (1905-1961).....	240
HISTÓRIA DO ENSINO DE ESPANHOL A DISTÂNCIA NO BRASIL:	241
HISTÓRIA DO ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA NO BRASIL: ANÁLISE DA LÍNGUA ESPANHOLA NA EDUCAÇÃO MILITAR	242
HISTÓRIA DO ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA NO BRASIL: ENSINO DAS LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANAS NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS.....	243
OS ECOS REGIONALISTAS NA LITERATURA BRASILEIRA EM UM ESTUDO PANORÂMICO-COMPARATIVO	244
A DIVERSIDADE SOCIAL NO CONTO “PAI CONTRA MÃE” COMO PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE LITERATURA	245
A SECA: ANTAGONISTA DE "O QUINZE" E SUA INFLUÊNCIA NO DESENCADEAMENTO DO ENREDO	246
ANÁLISE DO EMPODERAMENTO FEMININO NO CONTO: A MOÇA TECELÃ	247
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: QUAL O PERCURSO ADOTADO PELA POLÍTICA LINGUÍSTICA?	248
TECNOLOGIAS E MULTILETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA	249
A SEMIÓTICA NAS AULAS DE ESPANHOL NA GRADUAÇÃO	250
A CONTRIBUIÇÃO DAS TECNOLOGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA DA LINGUAGEM DE ALUNOS COM TDAH	251



ABERTURA OFICIAL – MESA REDONDA

Mesa Redonda “Educar para a Diversidade”

Prof. MSC. Francisco Diemerson de Sousa Pereira (mediador) – Faculdade Pio Décimo (FPD)

Profa. MSc. Linda Brasil

Profa. Dra. Marizete Lucini – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Mesa 1 – Os dilemas da Prática Docente em Língua Portuguesa

Prof^ª Me. Grace Cristina Millet Castro (Mediadora)

Prof^ª Me. Dalila Santos Bispo (SEED/SE)

Prof^o Me. Eccia Alécia Barreto (CODAP/UFS)

Mesa 2 – Os dilemas da Prática Docente em Literatura

Prof^ª Me. Tatiana Cíntia da Silva (Mediadora)

Prof. Me. Fabiano Oliveira (SEED/SE)

Prof. Me. Joseana Souza da Fonsêca (SEMED/Campo do Brito)

Mesa 3 – Os dilemas da Prática Docente em Língua Espanhola

Prof. Me. Franklin Lima (Mediador)

Prof^ª Esp. Carla Valéria Ribeiro dos Santos

Prof. Me. Fabian Pineyro (Faculdade Pio Décimo)



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

12

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO

Literatura, Cultura e Sociedade



O CASAMENTO ARRANJADO NO ROMANCE SENHORA: UMA RELAÇÃO COM A CRÍTICA SOCIOLÓGICA

Pietro Francisco Santos¹

Milena Menezes Santos²

RESUMO:

Este artigo relaciona perspectivas da Crítica Literária Sociológica dentro do romance Senhora, sendo o último escrito por José de Alencar. Analisando-se aspectos do casamento, de acordo com perspectivas como as de Antônio Cândido. Percebendo a união de casais como prática comercial.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Sociológica. Senhora. Casamento. Antônio Cândido. Prática Comercial.

MARRIAGE ARRANGED IN ROMANCE LADY: A RELATIONSHIP WITH SOCIOLOGICAL CRITICISM

SUMMARY:

This article relates perspectives of the Sociological Literary Critique within the novel Senhora, the latter being written by José de Alencar. Analyzing aspects of marriage, according to perspectives such as those of Antônio Cândido. Realizing the union of couples as commercial practice.

KEYWORDS: Sociological Criticism. Mrs. Marriage. Antônio Cândido. Society.

1. INTRODUÇÃO

Embasando-se no fato de que aquilo a ser expresso em uma obra pode ser trabalhado por meio da linguagem, tornando-a um espaço para serem expostos, e trabalhados os fenômenos sociais; percebe-se que este universo torna-se um lugar para reflexão e questionamento da realidade humana. Por consequência, o material textual pode ser tomado como algo ímpar, onde o valor de uma obra literária está inserido no próprio texto.

Sabendo disso, o presente artigo tem o intuito de fazer uma relação destas ideias que circundam a crítica denominada sociológica, com a obra romântica Senhora, escrita por José de

¹Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-Graduando em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade São Luís de França. E-mail: pietrofrancisco71@gmail.com.

²Graduada em Letras Português pela Faculdade São Luís de França, Pós-graduanda em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade São Luís de França. E-mail: mia_llena@hotmail.com.



Alencar. Para tal, serão analisados alguns aspectos relacionados com o casamento comprado presente na narrativa, tendo em vista algumas perspectivas de Antônio Cândido, no que tange suas concepções presentes no livro *Literatura e Sociedade*, acerca dos aspectos literários. Como também, *Teoria Literária*, escrito por Marisa Correa Silva, no qual também são trazidas concepções desta corrente a serem trabalhadas aqui.

Com isso, primeiramente será feito uma breve contextualização histórica sobre o folhetim romântico, a primeira forma de difusão da história antes de torna-se um livro propriamente dito. Em seguida, serão explanadas as ideias teóricas tomadas pela crítica sociológica, para assim, serem discutidas as questões acerca do enlace matrimonial engendrado em um contexto no qual a sociedade o tomava como uma maneira de ascender de classe, tornando-o uma negociação entre famílias, casais e indivíduos.

2. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO E OS FOLHETINS ROMÂNTICOS

O Brasil viveu um processo de mudança entre os anos de 1808 e 1836, com a vinda da família real de Portugal para o país, bem como a independência do território brasileiro. Segundo Antônio Cândido (2005), neste período não existiam universidades ou tipografia, poucas eram as bibliotecas e os teatros. O conhecimento centrava-se na Igreja com seus clérigos. Desta forma, era difícil a difusão de livros em terras brasileiras.

Com a chegada da corte, além de ter vindo carregada pelos seus costumes da realeza, foi fundada a primeira editora local, sendo a *Gazeta do Rio de Janeiro* sua primeira publicação, um jornal impresso. Fato este que marcou o início da imprensa brasileira, já que antes da transferência citada não era permitida a difusão das publicações na colônia. Na Europa, por sua vez, foi em meados do século XVIII que aconteceu o desenvolvimento da tipografia, criada por Johannes Gutenberg. O jornal vai ganhando destaque e com ele os famosos folhetins.

Os últimos eram publicados todos os dias, como: *O filho do pescador*, de Teixeira e Souza; *A Moreninha*, de Joaquim Manoel Macedo, entre outros. Durante este processo, deu-se o nascimento de uma nova classe social: a burguesia, ligada à valorização da família e o ambiente doméstico. Como por exemplo, as mulheres passavam muito tempo em suas casas.



Mediante estas transformações culturais, as narrativas românticas acabaram por interessar essa parcela da sociedade. E não só a esse público:

Dirigia-se a um público mais restrito que o atual: eram moços e moças provindas das classes médias altas, e, excepcionalmente, médias [...] um tipo de leitor à procura de entretenimento [...]. São exemplares de romances de Macedo e de Alencar, que respondem [...] às exigências mais fortes de tais leitores: reencontrar a própria e convencional realidade [...] (BOSI, 1975, p. 143).

Inicialmente as histórias eram publicadas nos jornais devido às dificuldades em publicar em livros. Os leitores, como pode ser visto no excerto anterior, buscava encontrar um enredo mais leve e ameno, querendo deparar-se com um tipo de leitura prazerosa e de fácil acesso. Mas foi na França em que esse gênero nasceu, quando os donos dos jornais *La Presse* e *La Siècle* uniram-se. Passou, então, a serem publicadas notas de rodapé com textos curtos, em partes, na tentativa de prender aqueles que acompanhavam as publicações e cativar aqueles que as liam.

As produções deste período são encaixadas na escola literária denominada Romantismo, no Brasil, em especial, marcada com a publicação do livro: *Suspiros poéticos e saudades*, de Domingos Gonçalves de Magalhães. Na prosa, foco deste trabalho, *A Moreninha* (1844) é considerado o primeiro romance brasileiro. O amor é valorizado, apesar de que, principalmente no final, a mulher é exaltada. As qualidades da pátria e os fatos históricos também são enaltecidos. A literatura, com isso, estaria buscando soltar-se dos padrões estabelecidos pelos europeus e encontrar uma identidade nacional propriamente das terras brasileiras.

3. A CRÍTICA SOCIOLÓGICA

Tomando como base a corrente sociológica, para Cândido (2006) a literatura pode ser entendida como um elemento social e não abandona outros critérios (psicológicos ou linguísticos, por exemplo) para entender determinada obra. A crítica, neste contexto, tende a procurar os aspectos do texto e os significados presentes no último, de forma a uni-los.

Segundo esta perspectiva, podem ser analisados alguns enfoques que circundam o romance romântico, *Senhora*, de autoria do escritor brasileiro, José de Alencar. Pontuando, assim, a questão do casamento arranjado que circundam os personagens principais da narrativa, Aurélia e Seixas. Para tal, primeiramente julga-se necessário serem explanados alguns aspectos principais que permeiam a linha de raciocínio em questão, no que tange a crítica da literatura.



O termo crítica sociológica volta-se para uma prática nos estudos literários por volta da segunda metade do século XVIII, em outras palavras, apesar do uso da expressão ser recente, em séculos passados já houve uma preocupação em estudar os aspectos como: sociais, históricos e culturais dentro dos textos. Para serem demonstrados alguns aspectos que circundam esta crítica e com o objetivo de introduzir algumas destas ideias, podem ser ressaltadas e explanadas três perspectivas principais da corrente em questão.

Na primeira encontra-se a sociologia da produção literária, a qual objetiva buscar os fatores que fomentam a produção de determinada obra literária, levando em consideração os costumes, fatores políticos e econômicos nesta construção, por exemplo. Os estudiosos que seguiram esta linha de raciocínio deram sua contribuição durante o século XIX, entre eles: Anne Louise Necker (Mme. De Staël). A escritora francesa considerava a obra submetida à história, cultura etc. Sainte-Beuve, por sua vez, foi considerado um dos principais críticos biografistas e é um crítico literário bastante renomado. Para ele, a obra literária estava em uma relação intrínseca com o autor. Destarte, para entender e compreender melhor um texto seria necessário buscar conhecer também a vida do autor. Taine, por outro lado, objetiva identificar a raça, o meio em que o autor está inserido, bem como, o contexto em que a literatura será concebida pelos leitores.

Em uma segunda perspectiva, têm-se a estética da recepção. Nesta linha de raciocínio o crítico deveria buscar entender o modo como os textos são concebidos pelo público leitor, as maneiras que são recebidos, compreendidos etc. Os alemães Wolfgang Iser e Robert Jaus são um dos fundadores da estética. Para aquele, a obra possuiria lacunas a serem preenchidas pelo leitor, sendo este percebido como agente no ato da leitura, ou seja, ele também atribuiria sentidos e significados, estando inserido em um contexto social que pode moldar esta leitura. Para este haveria uma relação de efeito e recepção, tanto aquele que lê pode dar significância à leitura, tanto o texto, por si só, também possui concepções já estabelecidas.

Por último, têm-se a sociologia do texto, mais conhecida como sociocrítica, é nesta que o presente trabalho está centrado. Nela o valor de uma obra literária está inserido no próprio texto, já que as questões sociais são ali abordadas. Para tal, a linguagem é aquela capaz de expressar e colocar à tona questões que podem ser vistas extrinsecamente, por exemplo: as problemáticas, costumes, julgamentos, comportamentos, e trazer para dentro da obra. Como é



concebido: “As questões sociais são trabalhadas no texto; externo [...] importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CÂNDIDO, 2006, p. 14).

Para complementar as ideias apresentadas na presente seção, é importante salientar brevemente as seis modalidades de estudos sociológicos no campo da Literatura, segundo Cândido (2006). A primeira trata a Literatura como um conjunto entre período, gênero e condições sociais de modo a traçarem um panorama de obras em uma época, contudo, sem relacioná-las efetivamente com o social. Na segunda a obra como sendo uma mera representação da realidade, onde é relacionado a produção artística com o que se vive e acontece na sociedade sendo tratado no texto. A terceira concerne a relação entre obra e público, preocupando em entender como a primeira é aceita pelo leitor e para qual público é destinada.

A quarta leva em conta a função social do escritor, em que situação ele desenvolve sua obra e em que situação ela é destinada pelos leitores. A quinta toma o escritor como uma função política, estando este inserido em uma sociedade construída por ideologias pelas diversas esferas e instituições (família, igreja, escola etc.) e, por isso, a obra literária reflete esta ideologia pré-determinada culturalmente. A sexta diz respeito a investigação hipotética das origens, buscando procurar entender as inclinações e raízes das produções.

Enfim, a crítica sociológica “procura ver o fenômeno da literatura como uma sociedade, uma cultura” (SILVA, 2005, p. 141), como parte de algo maior, mais amplo, não analisa isoladamente datas ou fatos, mas sim, a visão holística, a contextualização, e dessa forma, busca fontes concretas para que as análises feitas sejam baseadas na autenticidade e objetividade.

A literatura não é um fenômeno independente e a obra é criada num contexto e perceber através da obra literária, a estruturação da sociedade, valores, regras, cultura, etc. Ademais, podemos dizer que o papel da crítica sociológica é fazer com que cada leitor possa observar o mundo que nos cerca e note, aos poucos, que os nossos hábitos, crenças e valores não surgiram naturalmente e não são eternos. A partir disso, começamos a entender que muito daquilo que nós julgamos verdade absoluta, na verdade, não é.



4. ALENCAR E SUA CRÍTICA À SOCIEDADE NA OBRA

O autor da obra aqui tratada como ponto de partida foi um cearense formado em Direito, nascido em 1829. Além de ter trabalhado nas suas produções literárias, antes foi advogado, jornalista, deputado e até ministro da justiça. Faleceu no ano de 1877. Na área da literatura, preocupou-se em colocar em voga uma linguagem tipicamente brasileira. Porém, esse seu nacionalismo foi mal recebido pela crítica na época das publicações iniciais. Não só com o tratar da linguagem, mas com os personagens retratou o Brasil, trazendo a sociedade carioca, o gaúcho, o sertanejo para o enredo de suas narrativas.

Em 1875, *Senhora* é publicado. Nesta obra, pode ser visto o casamento como uma possível manutenção de riqueza ou fomentador para um jogo de interesses, retrato da sociedade carioca da época. A mulher que surge como protagonista é exaltada e caracterizada romanticamente, trazida como: “a deusa dos bailes, a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade” (ALENCAR, 2012, p. 17). Contudo, em outros momentos: “as notas que desatavam-se os lábios de Aurélia, [...] deixavam após si um frêmito, que lembrava o silvo de serpente” (ALENCAR, 2012, p.25).

Com estas passagens, percebe-se que Aurélia é apresentada como um anjo-demônio, sendo trazidas descrições não somente físicas, mas também, psicológicas, traçando certas atitudes da moça. O fio desencadeador do enredo está ligado justamente a este ritmo conflituoso, ora Aurélia sente seu amor falar mais alto e quer desfrutar dele, ora o desejo de vingança corre por seus pensamentos. Destarte, estas perspectivas demonstram certo despontamento para o realismo também, por parte do autor.

Ligado a estas concepções, o autor utiliza-se de uma crítica à sociedade tida como ambiciosa. A última vê na ascensão de classe uma oportunidade para poder desfrutar de luxos, riquezas materiais, eventos tidos como importantes para a classe alta; a aproximação de indivíduos é motivada pela riqueza superior deles. Bem como uma mulher é expressa como aquela que tem vontades e voz para dizer o que almeja. Fatos explorados por Alencar que tornam sua obra irreverente para a época em que é produzida.



Ao final da narrativa, porém o autor parece render-se ao romantismo. A teoria do bom selvagem é usada por Seixas para justificar suas ações, culpando a sociedade, em partes. Motivado pelo pensamento de que poderia viver uma vida cercada de luxo e bens materiais, podendo, assim, ser visto em um patamar mais alto na visão dos indivíduos que compartilham destas perspectivas. Como pode notar em uma das falas deste personagem trazida no trecho que segue:

A sociedade no seio da qual me eduquei, fez de mim um homem à sua feição; o luxo dourava-me os vícios, e eu não via através da fascinação o materialismo a que eles me arrastavam. Habituei-me a considerar a riqueza como a primeira força viva da existência, e os exemplos ensinavam-me que o casamento era meio tão legítimo de adquiri-la, como a herança e qualquer honesta especulação. (ALENCAR, 2012, p.232-233)

Depois de não ter que sanar mais nenhuma dívida para com Aurélia, ele parece estar arrependido pela sua postura ambiciosa. Em Aurélia, por sua vez, o amor parece desabrochar totalmente e ganha forças, tornando-a uma pessoa capaz de perdoar. Apesar de ter sofrido com o abandono do amado e a postura mesquinha do amado. Nota-se que Alencar acredita em haver o lado positivo dentro do ser humano. Erros podem ser reconhecidos e indivíduos podem melhorar moralmente. O amor surge como aquele capaz de perdoar, sendo aliado para um final tipicamente romântico.

5. AURÉLIA E SEIXAS: O CASAMENTO POR CONVENIÊNCIA

Agora, adentrando mais a fundo no romance Senhora, a protagonista é uma mulher aparentemente forte e determinada. Após receber uma herança do avô e ascender socialmente, vê neste fato uma oportunidade de vingar-se do amado, sendo o casamento usado como arma e acontece que Seixas, por sua vez, aceita casar-se com a moça sem saber inicialmente de quem se tratava, mas pelo que esperava da negociação feita através do recebimento de dinheiro, caso o enlace fosse realizado.

Esse jogo de interesses é desencadeado por causa do rapaz, primeiramente, deixar Aurélia Camargo para casar-se com outra mulher, em troca de trinta mil contos de réis. Algo comum no que tange os costumes da época em que o romance é produzido, no século XIX, onde geralmente o pai escolhia o pretendente de sua respectiva filha.



A mulher, desta forma, não tinha opção de escolher e expressar suas próprias escolhas, não era concebido como um indivíduo ativo, marca de uma sociedade patriarcal, na qual existe “um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada a qualquer trabalho produtivo representam o ideal de retidão e proibidade” (DEL PRIORI, 2001, p. 223). Nesta época, as famílias almejavam subirem os degraus de *status* social ou pelo menos manterem. A vida e o casamento passam a ser moldados por máscaras e aparências, algo importante para aquele momento. E assim, promover prestígio, riquezas, boa imagem, cercados pela ambição humana.

Ligando estas perspectivas sociais à narrativa torna possível entender melhor a obra em questão, e, não tentando buscar elementos que possam ser encontrados na realidade em que se vive, e sendo objetivo da crítica sociológica. O social é concebido como um fator de produção.

Só a podemos entender [a integridade da obra] fundindo o texto e o contexto numa interpretação íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro [interno] [...] se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CÂNDIDO, 2006, p. 13-14)

Como pode ser visto na passagem, a obra não depende da vontade do autor expor certos aspectos à sua livre escolha. Ele encontra-se mergulhado em uma sociedade a qual acaba por condicionar sua escrita. E seu valor está inserido no próprio texto, onde as questões sociais estão mergulhadas.

Destarte, relacionando uma leitura do livro em questão torna-se possível perceber uma crítica ao enlace matrimonial, podendo ser vista como um tipo de transação comercial, presente no mundo capitalista. Depois de Aurélia sentir-se abandonada, a mesma passa a ver no casamento certa banalização, causada por um ressentimento de mulher ferida: compra seu próprio marido (aquele que a deixou) e Seixas é o homem vendido, ou até mesmo a mercadoria comercial.

Neste sentido, Silva (2005), tomando como base as concepções de Antônio Cândido, afirma que os protagonistas encontram-se obcecados por este ato de compra, símbolo da relação entre comprador e comprado, em uma espécie de negociação entre meros capitalistas. Assim, nota-se que novamente vem à tona o período em que Senhora é produzido, remontando o contexto da Revolução Industrial e o desenvolvimento do capitalismo industrial pelo mundo,



posteriormente. Reforçando aqui a ideia de que esta preocupação em entender como os fatores sociais podem contribuir na formação de uma obra literária, no que se refere à visão sociocrítica.

6. O CASAMENTO COMO UM JOGO DE INTERESSES DENTRO DA OBRA

Em oposição aos padrões patriarcais da época, Alencar surge com a personagem Aurélia, tomada pela caracterização autêntica e segura de si, principalmente com o recebimento de uma herança. Desta forma, ela passa a transitar em bailes da corte, comuns no período em que o romance foi escrito, no qual estava no trono o então imperador português D. Pedro II. Com isso, esta começa a deparar-se com vários pretendentes para casar-se com ela. Todavia, com a figura de mulher em voga, a personagem não se deixa levar por eles.

Esses eventos, mais uma vez, reforçam o caráter corpulento e luxuoso da época, e com eles são oportunidades ideais para esbanjar riqueza; por meio das vestimentas, joias, galanteios, e até outras marcas de uma sociedade materialista. Aurélia, estando cada vez mais inserida neste mundo, passa a ser mais bem vista no mercado comercial, podendo conseguir aquilo que tanto almejava: o casamento. E que se faz presente na obra e apontado como uma mazela desta sociedade.

Por outro lado, em um tom crítico a personagem parece não inclinar-se totalmente a esta última, pelo fato de enxergar todos seus admiradores como bajuladores, os quais se humilhavam na tentativa de ser retribuído de algum modo, principalmente com dinheiro. Seixas, nesse sentido, fazia parte do grupo deles também. O último, simples estudante de direito, rebaixa-se em duas ocasiões na tentativa de viver uma vida cercada por luxos. Apesar disso, acaba por sujeitar-se aos costumes em questão, no intuito de realizar sua vingança e conseguir comprar seu marido.

A personagem Aurélia estava desejosa em alcançar a felicidade através de dinheiro, tentando comprar um sentimento, e conseguir um companheiro. Podem-se perceber outros aspectos, mais uma vez, sendo trazidos pelo o autor na narrativa sendo visto como problemáticas sociais. Já que, nas práticas da época, as mulheres queriam muito contrair matrimônio e, assim, conseguir uma sonhada liberdade fora das rédeas do pai, ter um homem ao lado delas, poder construir uma família e etc.



Também é importante salientar que o negócio de fato dá-se através de duas figuras masculinas: Fernando e Lemos (tio e tutor de Aurélia). A figura feminina não aparece neste cenário, reforçando o lado masculino como verdadeiros líderes no comércio. O casamento, portanto, é apresentado como um negócio realizado entre homens. Aqui o matrimônio aparece como uma roupagem mercantil e comercial, no que tange as relações entre homem e mulher. O casamento estrutura-se em um bojo negociável e Alencar mostra como a sociedade estava moldada no Brasil na época (e não só neste país) e assim, atentando-se a estes ângulos, pode-se compreender melhor como o enredo está engendrado.

7. AS PARTES DA OBRA REMETENDO A UMA TRANSAÇÃO COMERCIAL

O livro *Senhora* encontra-se com seu enredo dividido em quatro partes. Estas vêm intituladas como nomeações que remetem a uma transação comercial: o preço, a quitação, a posse e o resgate. A narrativa, seguindo esta perspectiva, não segue uma linearidade dos acontecimentos.

Cada lado, representado por um dos personagens, cedendo e depois endurecendo, os dois protagonistas [...] obcecados pelo ato da compra. Essa transação seria uma espécie de representação literária do mecanismo de compra e venda. É como se, ao organizar os capítulos, o autor estivesse tentando representar literariamente uma negociação entre dois capitalistas (SILVA, 2005, p. 149).

Pode-se, portanto, tomar esses títulos como uma metáfora para o casamento, mas estando o último inserido em um contexto em que a sociedade prezava por riquezas materiais, em um bojo vendado por aparências. A felicidade poderia ser vista, mas não vivida de fato.

José de Alencar, neste sentido, consegue colocar em voga uma questão delicada para sua época: o motivo que engendrava um casamento estava cercado pelo negócio e não no amor entre dois indivíduos. Para tal, a narração pode ser tomada como uma produção à frente ao seu tempo, com fatos narrados no momento em que a protagonista já tinha recebido uma herança do avô paterno e, depois, volta-se às origens da moça.

Em “O preço”, vê-se Aurélia inserida na alta sociedade carioca. Neste início as mulheres encontram-se em uma certa exposição, como em bailes, no objetivo de conquistar um futuro marido, mostrando provir de uma família rica, possuir bens, isto é, ser um bom dote para



oferecer e conseguir desencadear um enlace matrimonial. Contudo, ela foge do tradicional por ser autônoma e dona dos seus desejos.

Além disso, a mesma mostra-se compreender bem do mundo dos negócios e saber lidar com o dinheiro: “Era realmente para causar pasmo [...] a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento com que fazia [...] qualquer operação aritmética” [...] (ALENCAR, 2012, p. 30). Destarte, nesta condição, percebe-se a superioridade da mulher em questão, sua inteligência, orgulho e até mesmo frieza ao tratar desses assuntos, estando incluído o próprio casamento.

São atribuídos valores monetários aos pretendentes, não levando em conta o verdadeiro caráter, sentimentos e outros aspectos mais humanizados. E como o próprio nome diz, “preço”, está referindo-se a um negócio demarcado em condições: separação de bens, um dote equivalendo 100 contos de réis ou mais etc. Como a própria Aurélia diz: “É minha felicidade que vou comprar” (ALENCAR, 2012, p. 35).

Seixas, por sua vez, apesar de não ser rico, tenta desfrutar dos prazeres e luxos. É apresentado pelo autor da obra como sendo um rapaz nobre e elegante, o que de fato não condizia com sua verdadeira posição social. E na tentativa de aproveitar e apossar-se ainda mais de algumas vantagens, busca um casamento que lhe eleve de classe social, e deixar de ser um pacato jornalista e funcionário público.

Queria, de fato, com uma mulher que lhe assegurasse “subir na vida”, pensando em seu próprio bem estar: “Frequentando assiduamente e com algum brilho a sociedade, adquirindo relações e cultivando amizade de pessoas influentes [...]. Poderia de um momento para o outro arranjar um casamento vantajoso” [...] (ALENCAR, 2012, p. 47).

Na segunda parte, “quitação”, é vista como os dois personagens citados envolvem-se amorosamente: a vida de cada protagonista é contada e como chegam a se conhecer. Contudo, apesar de terem se apaixonado, Seixas deixa Aurélia para assumir um casamento com Adelaide, pelo fato da última ser rica. Ferida, aquela vê na herança uma possibilidade de vingança, demonstrando que o dinheiro poderia diminuir o caráter de um homem.

Assim ela enxerga a situação como uma chance de puni-lo com esta ação e com a vida conjugal. Na esperada noite de núpcias, na verdade, são mostradas as suas verdadeiras intenções, tratando o marido como um produto comprado e adquirido: “Mas o senhor não me



abandonou pelo amor de Adelaide e sim pelo seu dote [...] Eu tinha um ídolo; o senhor abateu-o de seu pedestal. [...] Essa degradação do homem a quem eu adorava, eis o seu crime” [...] (ALENCAR, 2012, p. 120).

Tendo Aurélia conseguido o que queria, pode ser percebido em “posse” todo o desenrolar da “transação comercial” em que o casamento se torna. Seguindo os costumes da época, o casal marcara para a sociedade a real situação em que ambos encontram enrolados. Passando a ideia de marido e mulher felizes e apaixonados, embora o que de fato estava se passando era Seixas sentindo-se uma mercadoria comprada, um homem humilhado por aquela a qual ele amava de verdade, mas, seguindo a subversão de valores tomada por Alencar, encontrava-se submisso à sua compradora.

Rompe-se, portanto, com o paradigma conjugal no qual a mulher deve ao marido deveres e obrigações, estando sempre resignada para manter seu casamento, sem bem vista por outras pessoas a sua volta, ser a responsável por cuidar do lar, entre outras coisas. O homem dentro do enredo, no entanto, é aquele a passar pela situação de resignação. Fernando não se sentia feliz completamente ou contente estando nesta posição, mas sim, vê-se em uma vida de fundamentada em recuos e recusas dos próprios sentimentos.

“Resgate” vem depois desse jogo de interesses mais forte, onde os personagens principais ora parecem entregues ao sentimento, ora buscavam ferir um ao outro. “Isso funciona dentro do livro, para mostrar que uma relação que deveria basear-se em princípios mais nobres (o amor) torna-se possível dessa degradação é a volta do princípio nobre” [...] (SILVA, 2005, p. 149). Agora nesta outra parte, Seixas finalmente paga o valor que sua compradora deu para tê-lo como marido, sendo este fato a própria remissão. Ele parece ter recuperado seu caráter, encontrando uma salvação para suas atitudes soberbas.

A figuração feminina, neste último momento, encontra-se desesperada com a ideia de que não teria mais seu amado consigo. Aurélia, com isso, recorre ao perdão e deixa de lado a soberania tão triunfante durante a história. O sentimento, o seja, o amor é que ganha espaço. O ser humano, portanto, apresenta-se como aquele capaz de reconstituir sua moral e integridade em contraponto à sociedade mesquinha.



8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ideias aqui explanadas, tornou-se possível perceber o modo pelo qual o casamento, como uma instituição social, era engendrado na sociedade brasileira na época em que a obra analisada foi produzida. Para tal, foram tomadas como base as óticas da crítica sociológica. E com isso, perceber como estavam organizados os indivíduos, seus costumes, maneiras de portar-se e as relações afetivas e familiares destes, tornando este trabalho bastante enriquecedor, no qual podem-se tirar reflexões sobre o mundo exterior à uma obra literária.

Com o livro *Senhora*, foi buscado compreender a temática da compra de um marido como uma prática em que as pessoas, no século XIX, concebiam sendo algo comum. Conseguindo, José de Alencar, tocar em um assunto delicado, ao levar à tona as práticas por trás que envolviam o casamento na época, o qual o último metaforicamente pode ser relacionado como uma prática comercial, moralmente aceita na época. Portanto, pode-se dizer que neste caso existe um autor à frente da sua época.

Destarte, vê-se a Literatura como um grande poder de ir além de conseguir expor simples palavras no papel, pois os fatos expostos podem ser questionados e refletidos. Assim, é na obra em que os fenômenos são levados em consideração. Por estes mesmos fatos é que a crítica em questão não pode ser tomada como a única capaz de explicar ou intentar entender os fenômenos a volta dos seres humanos, dentro do texto. Além disso, é válido tentar aliar à leitura outras concepções engrandecem mais as leituras e interpretações, levando em consideração outras áreas do conhecimento ou correntes, como: psicologia, religião, feminismo, psicanálise etc.

9. REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Senhora**. Coleção obra-prima de cada autor;73. 5ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BOSI, ALFREDO. **História concisa da Literatura Brasileira**. 2ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Noções de Análise Histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2005, p. 141-151.



A CONSTRUÇÃO PARADOXA DA IDENTIDADE NACIONAL EM ARNALDO LOUREDO E JECA TATU

Jane Kelly de Santana Silva (PIC / NELL / FPD) ¹

Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD) ²

RESUMO

O presente trabalho tem como meta fazer uma análise comparativa entre os personagens Arnaldo Louredo da obra *O Sertanejo*, de José de Alencar, e o Jeca Tatu descrito no conto *Urupês*, de Monteiro Lobato. O primeiro encarna um sertanejo, um herói cearense romantizado, que tem seu caráter e sua palavra acima de qualquer coisa, um homem corajoso que luta pelos seus anseios com coragem e lealdade. O segundo, por sua vez, descreve o Jeca Tatu, na figura de um caboclo com características comuns, além de ser incapaz, preguiçoso e à margem do progresso nacional. Ademais, será destacada a imagem paradoxal existente entre os dois personagens, ressaltando a diferente visão dos autores sobre a criação de uma figura nacional de estereótipo tipicamente brasileiro e das construções autorais no que tange o constructo dos costumes regionais. O aporte teórico utilizado para a elaboração deste artigo consiste basicamente nas teorias de Benjamim Abdala Júnior e Samira Youssef Campedelli (1989), Walnice Nogueira Galvão (2000) e Alfredo Bosi (1970).

Palavras-chave: Costumes regionais. Figura nacional. Imagem paradoxal.

Resumen

El presente trabajo tiene como meta hacer un análisis comparativo entre los personajes Arnaldo Loureiro de lá obra *O sertanejo* de José de Alencar y em *Jeca Tatu* descrito en em cuento *Urupês* de Monteiro Lobato. El primero encarna un sertanejo, un herói cearense romantizado, que tiene eu carácter y sus palabras encima de cualquier cosa un hombre valiente que lucha por sus anseios con coraje y lealtad. El segundo a su vez describe el Jeca Tatu en la figura de un caboclo con características comunes, además de ser incapaz peregoso y em margen del progreso nacional. Allende destacar lá imagen paradójica existente entre los dos personajes, ressaltando la diferente visión de Los autores sobre lá creación de una figura nacional de estereótipo tipicamente brasileño y de las construcciones en el que se refiere a los constructos de las costumbres regionales. El aporte teórico utilizado para la elaboración de este artículo

¹Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), aluna pesquisadora do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestra Tatiana Silva.

²Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestra em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medieval e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.



consiste basicamente en las teorias de Benjamim Abdala Júnior y Samira Youssef Campedelli (1989), Walnice Nogueira Galvão (2000) y Alfredo Bosi (1970).

Palabras-llaves: Costumbres regionales. Figura nacional. Imagen paradójica.

1. INTRODUÇÃO

Com o Romantismo foi travada uma luta incessante para que se criasse uma figura típica que representasse a atual situação do Brasil como país “independente”. Com características como a liberdade de criação e de expressividade; desenvolvimento do ideário nacionalista; valorização das tradições; enaltecimento das fontes populares e da crítica social, surgiram autores como José de Alencar que, com a sua prosa romântica, compartilhou do projeto nacional.

Alencar fez a idealização do índio como “bom selvagem” e trouxe um intercurso entre o índio e o europeu retratando a imagem da “raça americana”, ao criar um personagem modelo que tinha em sua essência a natureza ao explorar a cor local que se referia aos costumes, à língua era explorada através dos mínimos elementos, a história e as personagens de uma determinada região, além de se infiltrar pela ficção, assim, ele se concentrava em especificar características como elemento de uma linguagem descritiva. Segundo Bosi (1994, p.144), “Alencar cioso da própria liberdade, navega feliz nas águas do remoto e do longínquo”. Ademais, o autor configurava os romances regionalistas onde encontramos o personagem Arnaldo Louredo descrito em “O sertanejo”³, romance publicado em 1875, e em que o modelo indígena é substituído pelo exemplar homem do campo, vaqueiro e de bom coração.

Arnaldo Louredo sempre descrito como uma figura hercúlea, com um ar pitoresco além de ser um homem corajoso que se submetia aos mais diversos perigos para proteger aos seus senhores, também era caracterizado como um sertanejo simples que vivia em perfeita harmonia com a natureza e a tinha como sua casa, segundo o narrador (S.D. p.18) “Seus olhos rasgados e vívidos, dardejavam as veemências de um coração indomável”. Apesar de o autor trazer certa

³ O romance sertanista ou regionalista foi o último romance de José de Alencar publicado em vida.



liberdade ao seu personagem, ele abordava um panorama ainda corriqueiro no cenário da época, o coronelismo, que era regido pela classe alta da sociedade.

Assim, Alencar projetava na personagem Arnaldo um homem comum que vivia sobre a influência dos seus padrões como sinal de gratidão e único meio de sobrevivência, um homem que tinha como principal característica sua liberdade, mas, ainda assim, era submisso a uma classe abastada, pois o mandonismo configurava a forma de uma elite que controlava o poder econômico, político e social sobre a parcela pobre da época.

Arnaldo configurava um ser idealizado que, mais tarde, seria caracterizado pelo Romantismo e faria parte de um projeto nacional, pois junto ao “grito” de D. Pedro I pela independência do Brasil surgiria a necessidade de haver uma identidade regional com expressões de um horizonte unicamente brasileiro tanto na sua literatura quanto nos costumes. Desde então, com a criação da primeira república ou república velha – onde se acentuava ainda mais o contraste da realidade desigual do país – surgiriam várias visões impregnadas de um ambiente tipicamente brasileiro, coisa que até então não existia.

Após vários períodos literários depois do Romantismo, chegamos ao Pré-Modernismo que não se constituía em uma escola literária, porém, trazia consigo a transição entre a tradição da literatura que sempre foi consolidada pelo rebuscamento da linguagem ou pelos métodos ficcionais para o novo período que evidenciaria a ruptura radical da subjetividade e proporcionaria o advento da modernidade, que trazia consigo a realidade nacional. Neste contexto social, surgiria Monteiro Lobato, um diplomata, escritor e editor que, em busca de um país livre, transcendia os anseios e os registros de um cenário ora ignorado ora idealizado pela literatura até então dominante, assim, em sua escrita, Lobato anunciava o princípio do Modernismo.

O autor quase sempre incompreendido pela maneira como denunciava a corrupção que ilhava as classes, abordou vários assuntos de maneira irônica e criou o livro “Urupês” com doze contos e, entre eles, um artigo que levaria o mesmo nome do livro, esse que publicado em 1914 tinha como protagonista o Jeca Tatu. Uma personagem estereotipada, caipira comum, clichê, pouco original e sem muito a oferecer ao país, segundo o próprio Lobato (1914, p.169): “selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz” que vivia em um



ambiente extremamente rústico, com elementos banais, longe de ser considerado um herói propagado ao estilo alencariano, por exemplo.

Embora o patrono da cadeira vinte e três da Academia de Letras tenha aberto caminho para outros autores tratarem do mundo rural, a visão mais crítica e reflexiva só apareceu realmente com Lobato, pois seu caboclo vivia de cócoras, era preguiçoso, analfabeto e reflexo do atraso nacional. Neste conto, então, o Brasil se contrapõe à presença incômoda de um caipira descalço e sendo incapaz de lutar por melhorias.

Segundo Lajolo (In Lobato, 1981, p.102), em *literatura comentada* do autor, “Lobato luta por um Brasil que se modernize em moldes capitalistas”, dessa maneira o autor fazia duras críticas ao país caipira que não estava preparado para o Modernismo. Logo, cria-se um paradoxo de ideias entre as personagens de Monteiro Lobato e José de Alencar sobre uma figura nacional, questão deste artigo.

Teremos, de um lado, Arnaldo Louredo – a figura heroica, símbolo de um país idealizado –, e, de outro, o Jeca Tatu, símbolo de um atraso nacional. Para aprofundarmos a visão acima, iremos, como procedimento metodológico, trilhar desde o ideário do sertanejo com o seu contexto regional de costumes que compõem o seu caráter inquestionável até a repreensão do caboclo preguiçoso, que vivia de cócoras à margem do progresso nacional. Desse modo, nosso objetivo central estudar comparativamente as duas personagens ora mencionadas.

2. O HEROÍSMO SERTANEJO E SUBSERVIENTE DE ARNALDO

A figura de Arnaldo Louredo surgiu pelas mãos de José de Alencar pela configuração romântica. O autor, que participava do projeto nacional para construir um novo país com expressões originais e legitimamente cívicas, fez um ideário para trazer aos leitores uma literatura tipicamente brasileira em um cenário de independência do país, segundo Amaral (2003, p.148) “Alencar obedece ao dever patriótico, como se cumprisse a missão cívica de compor, num grande painel romanesco o retrato de uma nova nação”.

Em um país que ainda começava a caminhar por si só, Alencar pintava algo novo sobre o olhar literário, algo subjetivo, cumprindo um engajamento para expor os hábitos de uma



população, levando consigo o regionalismo ao um cenário romantizado, simbolizando assim, o desenho de uma nação que acabava de conquistar a sua liberdade sobre Portugal.

Ao caracterizar um ambiente unicamente nacional com seus costumes e crenças aflorados em um romance fictício eternizado pelo nome de “O Sertanejo”, Alencar evidencia os mecanismos do regionalismo que, segundo Galvão (2000, p.45), descrevem “o fascínio pelo sertão, que se faz presente em nossas letras além da atração pelas entranhas do território que seria responsável pela perpetuação de uma linhagem literária que se deu o nome de regionalismo”. O autor ao descrever um panorama típico do Ceará junto a um personagem nativo e com tradições particulares, cumpriria o seu dever para com os anseios pela independência literária, aparentemente sem influências externas.

É válido salientar, ainda, que a obra “O Sertanejo” se passa no espaço do sertão cearense de Quixeramobim, a maior parte do romance na fazenda da Oiticica, aliás, nos primeiros capítulos temos o cenário do sertão para, só depois, o protagonista ser apresentado. O personagem-narrador Serverino traça um complexo panorama da geografia e da cultura de um espaço rural, no transcorrer do enredo, essa voz fica mais afastada e genérica.

Desse modo, podemos dizer que o foco narrativo é, na verdade, em terceira pessoa e com um narrador heterodiegético ora em tempo psicológico ora cronológico devido aos flashbacks. Além disso, a trama é composta por personagens planos e tipos, retratando aspectos sociais, geográficos e temáticos da época, conforme já subscrito. A obra tem como protagonista Arnaldo Louredo, que vinha de uma classe social desfavorecida e encarna um sertanejo cearense de perfil peculiar, pitoresco e de caráter inquestionável. Diversas vezes caracterizado como um ser hercúleo, que explicaria seu jeito robusto e sua figura animalesca, Arnaldo é corajoso perante os vários perigos e as numerosas aventuras, era um jovem que tinha um conhecimento inexplicável sobre os animais e que trazia a natureza como a sua casa, pois nela foi criado e desde pequeno aprendeu os segredos e os perigos.

É pertinente lembrar que, para conseguir ter um melhor olhar sobre tudo o que acontecia ao se redor, ele dormia no alto das árvores, assim exposto em:

Devia de achar-se a mais de cem pés acima da terra; e nessa grande altura, suspenso por duas finas cordas de algodão trançado, estava mais tranquilo do que se pousasse no chão, onde o poderiam incomodar a má companhia dos répteis e a vista de alguma fera. Ali em seu alto pavilhão de verduras,



grimpado nos ares, não tinha outros vizinhos além de uma juritíque fabricara ninho no próximo galho, e acabava de ruflar as asas à sua chegada para dar-lhes a boa noite (ALENCAR. S.D. p.54).

Arnaldo mostrava-se um homem protetor que fazia o possível e o impossível para defender a todos na fazenda da Oiticica, por isso gostava de dormir sobre as árvores, ali ele parecia ser superior a tudo e a todos e tinha um olhar privilegiado como o dos deuses e dos grandes guerreiros. Apesar de bruto, bronco e duro em relação a suas opiniões e no que acreditava, Arnaldo, ao mesmo tempo era um homem que conseguia ser delicado, amável e pacífico diante da sua fé e das mulheres que o cercavam, segundo o narrador (S.D. p.109) “Não era um vaqueiro frio e indolente: ao contrário, muitas vezes tinha seus arrebatamentos”. Alencar ao dar vida ao personagem como “um viajante, de estatura regular, ágil e delgado do talho, que com o rosto queimado pelo sol, um buço negro com os cumpridos cabelos que anelavam-se ao pescoço” (S.D. p.19) trazia uma descrição peculiar dos seus atributos de sertanejo tanto em sua imagem física como em seus traços humanos quando expressa que (S.D. p.18) “seus olhos dardavam as veemências de um coração indomável”, ressaltando assim o espírito de uma sociedade livre incorporada em um homem simples, da terra.

Um herói em meio a um sertão de emaranhados de galhos secos no norte do país, que não havia sido “descoberto” ou, se assim podemos dizer, valorizado pela literatura da época. O autor retrata seu protagonista como um herói idealizado com feitos notáveis que caracterizava uma população destemida e levava para a literatura um herói à moda do campo, que não se enquadrava em nenhum outro já visto. Arnaldo Louredo se mostrava infalível seja pela coragem, bravura, destemor, valentia ou determinação em tudo o que dizia e no seu agir, ou ainda pela identificação do mesmo diante da natureza que ressalta a maneira que Alencar o prendia à forma de herói, pois:

Para dar forma ao herói, Alencar não via meio mais eficaz do que amalgamá-lo à vida da natureza. É a conaturalidade que o encanta: desde as linhas do perfil até os gestos que definem um caráter, tudo emerge do mesmo fundo incôscio selvagem. (BOSI, 1994, p.145)

Dessa maneira, o protagonista refletia o enaltecimento das capacidades físicas de um brasileiro do campo, além disso havia o enobrecimento de caráter da população. Alencar explorava uma temática regionalista para expressar a importância de uma população que ainda



não havia sido descoberta como parte mais importante por trazer uma história inédita para a literatura do país. Outrossim, é ratificado pelo autor, em seu conceito, uma personalidade própria de um povo liberto e aguerrido.

Porém, apesar dessa ilusão emancipatória, Alencar ainda descreveu Arnaldo como um homem servil que, apesar do seu espírito livre, devia lealdade aos seus patrões, quando assumira o lugar de vaqueiro após a morte do seu pai, e, por gratidão ao coronel, que sempre ajudou a sua família. Logo, Arnaldo se torna o servo mais fiel da fazenda e tende a corporificar um resquício de vassalagem medieval e subalterna. Episódio comum no coronelismo, cujas funções eram passadas de geração a geração, assim como a subserviência ao fazendeiro.

Tendo o Brasil um novo cenário, ainda assim era dominado por uma pequena parcela da população, a classe abastada, os ricos que exerciam o poder local sobre as camadas inferiores da sociedade e os coronéis que detinham a lealdade dos sertanejos nos meios rurais, resultado da desigualdade e do desequilíbrio social e financeiro em terras secas. As pessoas da classe baixa, dessarte, eram vistas como prestadores de serviços, as quais deveriam lealdade e, acima de tudo, fidelidade a seus coronéis.

Em uma busca ideológica pela identidade nacional, Alencar criou um texto literário em meio a um sertão, onde não se enxergava nada além de miséria e da desigualdade e que se vivia à mercê do mandonismo de uma elite. O escritor viu no povo sofrido a cara do Brasil e os costumes vivos em suas atitudes e, notando a relevância do observado, transformou uma figura bruta e arreada em um ser romantizado por suas atitudes e por seu coração capaz de tudo para proteger as pessoas que amava. Talvez, por esse motivo, o autor tenha escolhido a figura de um sertanejo para desbravar um país ainda sedento por uma literatura tipicamente brasileira.

3. O CABOCLO QUE VIVE À MARGEM DO PROGRESSO

Após a idealização romântica, surgiram outras escolas literárias como o Realismo, o Parnasianismo e o Simbolismo, as quais também vieram com suas influências e características diversas; no entanto, tendo como foco a construção da figura nacional, daremos um salto ao Pré-Modernismo, que não se constituía como uma escola literária, porém, trouxe consigo a construção de identidades mais verossímeis e com o ressaltar dos defeitos humanos. Além



disso, especificava a ruptura com o passado e ressaltava o regionalismo em uma literatura de denúncia, foi nesse cenário que surgiu Monteiro Lobato, escritor do livro “Urupês”⁴.

O artigo “Urupês” tem como protagonista um personagem plano, a caricatura de um caboclo com o nome de Jeca Tatu e que tem um narrador onisciente, em terceira pessoa, evidenciando o retrato verossímil de uma figura nacional parasita.

O enredo se passa em um tempo cronológico no espaço da Itaoca, uma pequena cidade do interior de São Paulo afundada pelo desenvolvimento e pela modernização crescente da capital, afinal, como ressalta Lajolo em *literatura comentada* do autor:

Itaoca é uma cidadezinha qualquer do interior paulista, onde o escritor ambienta suas histórias; nelas, sobejam cada de tapera, ruas mal iluminadas, ignorância, misérias. [...] Sua fidelidade a este mundo é o traço que talvez justifique o *regionalismo* que se costuma apontar em sua obra (In LOBATO, 1981, p.102)

Por esse motivo, o autor se apropria de uma literatura que se torna uma arma de denúncia no combate às mazelas de seu tempo, pois Jeca Tatu representa o atraso econômico de um país esquecido pelo governo, assim como Itaoca.

O nome do artigo representa a figura do Jeca Tatu e “Urupês” é nome dado para um fungo que também é conhecido como orelha-de-pau, que se alimenta da seiva dos troncos das árvores. Assim, o personagem é descrito como um caboclo analfabeto, de barba rala, ignorante, retrógrado e alienado que, sendo incapaz de lutar por melhorias, vive à margem do desenvolvimento brasileiro, por isso é tratado como um fungo que vive sem ter importância como um parasita encostado em algo para sobreviver. Para Lobato, o Jeca Tatu é um “Piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie” (1914, p.171).

Ao criar um personagem preguiçoso e que se sentava jeitosamente sobre os calcanhares em meio a um Brasil em busca incessante pela modernidade, Lobato transmite uma oposição entre a classe alta – abastada e detentora do poder – e a baixa na figura alegórica do caipira –

⁴ O livro é de grande importância para a literatura brasileira não só pelas inovações textuais, como também pelo fato de influenciar o mercado editorial, pois até então a maioria dos livros brasileiros eram publicados na Europa. Outra curiosidade importante foi que, com o dinheiro desse livro, o autor comprou uma revista e passou a publicar nela os seus textos e os textos de outros escritores.



ignorante, descalço e acororado –, desse modo, o autor tipificou ironicamente os moldes de segregação, além de apontar as pústulas de uma sociedade desinformada e vítima de um governo tirano pelo constructo do Jeca irreverente, mas sem idealização. Isso pode ser notado em:

Na mansão do Jeca a parede dos fundos bojou para fora um ventre empanzinado ameaçando ruir; os barrotes, cortados pela umidade, oscilam na podriqueira do baldrame. A fim de neutralizar o desaprumo e prevenir suas conseqüências, ele grudou na parede uma Nossa Senhora enquadrada em moldurinha amarela – Santo de mascate.

– “Por que não remenda essa parede, homem de Deus?”

– “Ela não tem coragem de cair. Não vê a escora?” (LOBATO, 1914, p.173)

Lobato, ao descrever seu Jeca dessa maneira, foi incompreendido quando, na verdade, ele fazia uma crítica ao governo e não aos caboclos que, por sua vez, eram alienados e viviam em um conformismo que lhes parecia normal para todos por conta da ignorância e da falta de condições mínimas a se oferecer para uma população pobre, como a educação ou a saúde, por exemplo. O mundo rural narrado no texto faz uma crítica social ao governo que não enxerga as necessidades da população do interior.

Ao descrever seu personagem Jeca Tatu, o escritor faz uma caricatura da maior parte da população brasileira, que vive em regiões abandonadas pelos seus governantes; portanto, existia um Jeca Tatu porque os governantes não chegavam até ele, a miséria do personagem é contextualizada pela estrutura socioeconômica brasileira, de um Brasil não oficial – o sertão nordestino – dos subúrbios, da passividade, superstição, do indolente, do caboclo deixado à margem do mundo e de si mesmo.

O referido personagem vivia em um Brasil caipira onde o mesmo não estava preparado para a chegada da modernidade. A ambientação transparece os elementos rurais comuns e a levam a uma decadência, apontam as causas econômicas e sociais brasileiras que marginalizavam o desleixado e alcoólatra Jeca, que nada entende de política e a ele não chegou nem o direito da medicina oficial; logo, ele é o protótipo de tudo que simboliza o atraso do Brasil.

O protagonista, que em nada carrega a supremacia de um herói perfeito e romantizado, era visto como a imagem de um país que, ao conseguir sua independência, não conseguia cuidar do seu próprio povo. Ao viver em emaranhados de costumes, passados de pai para filho, todas



as gerações viviam da mesma maneira, sem probabilidade de mudança, o Jeca não se incomodava com a vida em uma casa de sapê, onde não havia mobília alguma. “A cama era uma espipada esteira de peri posta sobre um chão batido” (1914. P.172). Não lhe cabia nem lhe eram permitidos grandes luxos como um banquinho de quatro pernas, o do Jeca tinha que ter um de três pernas, pois “seus avós não gozaram maiores comodidades. Seus netos não meterão a quarta perna ao banco. Para quê? Vive-se bem assim” (1914. p.172). Logo, ao Jeca, era já estabelecido previamente nada questionar ou mudar. Sabia lá o que era mudança? Afinal, questionar o quê? Conhecia apenas aquela vida e nunca fez falta a ele ou a seus ancestrais saber os próprios direitos, quem dirá saber de seus deveres com a pátria, pois:

Em matéria de civismo não sobe de ponto.

– Guerra? Te esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato pra mais de cinco anos por causa da guerra grande. Eu, para escapar do “reclutamento”, sou ité capaz de cortar um dedo, como meu tio Lourenço...

Guerra, defesa nacional, ação administrativa, tudo quanto cheira a governo resume-se para o caboclo numa palavra apavorante – “reclutamento”. (LOBATO, 1914. p.176)

Lobato ao se interessar pela vida pacata do interior paulista e, ao perceber as necessidades daquele povo, transforma-se na voz do sertão através do Jeca Tatu, que o possibilita pensar em um Brasil repleto de questões sociais a serem resolvidas, problemas que deveriam ser olhados por outro ângulo. Consoante Lajolo (In Lobato, 1981. p. 101) “Intolerante e desapiedado, Lobato vai de dedo em riste apontando misérias, reforçando a crítica com ironia”.

Assim, Lobato tenta construir uma consciência crítica em um povo que desconhece a noção de pátria. Para ele, é uma população que “não sabe nem o país em que vive. Sabe que o mundo é grande, que há sempre terras para diante, que muito longe está a Corte com os graúdos e mais distante ainda a Bahia, donde vêm baianos” (1914. p. 176). Em meio a tanta riqueza no país, o Jeca Tatu vivia nas imediações de uma sociedade por onde chegava o progresso modernista; porém, nada disso chega até ele, afinal, era um caboclo desinteressante e atrasado e que se “rendia a homenagear a “deusa Cachaça”.



4. AS LINHAS PARADOXAIS ENTRE ARNALDO LOUREDO E JECA TATU

Arnaldo Louredo e Jeca Tatu fazem parte de momentos importantes no cenário nacional. O primeiro surgiu a partir do subjetivismo, do emocional, do escapismo e do culto à fantasia que o Romantismo construíra; o segundo, por sua vez, surgiu a partir do Pré-Modernismo que, ao contrário do cenário romântico, trazia a exposição da realidade social com abordagens temáticas envolvendo fatos regionais, históricos, econômicos, políticos e sociais.

Apesar disso, os dois fazem parte de contextos literários que buscavam a propriedade das produções brasileiras e que se dispunham a estabelecer uma figura nacional, quer pela idealização do produto tipicamente regional, quer pela crítica do mesmo. Ambos ressaltam tipos brasileiros de personalidades bem marcantes com seus significados identitários e caracterizadores de um povo, de suas representações e de seus costumes próprios. Conquanto as duas figuras façam parte de um mesmo anseio, as obras se diferenciam paradoxalmente sobre a maneira como são criadas e passadas ao público leitor.

Arnaldo Louredo, ao ser retratado como um sertanejo de características nobres, a todo momento é visto como um herói romântico do sertão, disposto a fazer tudo para proteger quem esteja ao seu redor. O personagem que, apesar de bronco, rude e rústico se destaca por traços piedosos em sua personalidade, além de ser retratado como um homem amoroso diante da natureza. Isso fica evidente quando Arnaldo enfrenta e vence o *Dourado*, um boi barbatão da região da Oiticica, após um desafio em cavalgada entre vários participantes para capturá-lo, já que durante sete anos viveu sem ser domesticado e afastado dos rebanhos, tornando-o miticamente invencível a qualquer vaqueiro que tentasse dominá-lo, afora Arnaldo que, após vencê-lo, deixa o boi livre como um ato de piedade por não querer vê-lo preso em um curral como todos os outros:

Fique descansado, camarada, que não o envergonharei levando-o à ponta do laço para mostrá-lo a toda aquela gente! Não; ninguém há de rir-se de sua desgraça. Você é um boi valente e destemido; vou dar-lhe a liberdade. Quero que viva muitos anos, senhor de si, zombando de todos os vaqueiros do mundo, para um dia, quando morrer de velhice, contar que só temeu a um homem, e esse foi Arnaldo Louredo. (ALENCAR. S.D. p. 259)



O personagem, dessa maneira, reflete um homem com particularidades especiais em relação aos outros e um perfil de caráter inquestionável, pois apesar de ser temido, não deixa de ser compassivo. Um sertanejo corajoso, que estava a pronta espera para fazer o que era necessário, quando era necessário. Que não se deixava vencer facilmente e que era descrito como uma figura hercúlea, que possuía força fora do comum, intrínseca em sua essência com características próprias e singularidades inexistentes em qualquer outro vaqueiro, pois não existia outro como ele.

O Jeca Tatu, por sua vez, é descrito como um caboclo, caipira, maltrapilho, desinteressante, preguiçoso, incapaz de lutar por algo ou alguém quando o mesmo não tem disposição nem para lutar por suas necessidades básicas. O Jeca é um ser ignorante, desqualificado, incapacitado e não se dispunha a exatamente nada para mudar o ambiente onde vivia, hábitos já determinados pela geração. O caboclo é intitulado como um sacerdote da lei do menor esforço que não estava disposto a gastar sua energia por nada, fazia apenas o necessário para sobreviver, não está disposto a fazer absolutamente nada, nem por ele próprio nem por quem vivia ao lado dele, muito menos pelo lugar onde vivia ou o país que habitava. Jeca vê o Brasil trocar de “dono” durante a chegada da Primeira República; porém, o caboclo alienado não se importava com o que aconteceria nem com os vários episódios que viriam a ocorrer. O caipira não se movia para absolutamente nada, permanecia em sua vida tranquila e distante de qualquer mudança que acontecesse, isso é retratado quando:

Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrouvinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo. Pelo treze de maio, mal esvoaça o florido decreto da princesa e o negro exausto larga num *uf!* O cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que o velho mundo venha quem nele pegue de novo. Em 15 de novembro troca-se um troco vitalício para cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa. Vem Floriano; estouram as granadas de Custódio; Gumercindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar... (LOBATO, 1914. p.171)

O caipira é descrito como a representação de um país arcaico, rural e que, ao se misturar com um Brasil que se encontrava na modernidade, não estava preparado para as mudanças que com ele surgiram. O personagem que não tinha aptidão ou competência para qualquer tarefa, que não era capaz de absolutamente nada, que além de preguiçoso, vivia sentado sobre seus



calcanhares a esperar a vida transcorrer pelos seus olhos insipientes, continuaria, pois, a respirar com muito esforço ao se levantar e nada mais faria que fosse laborioso. O Jeca era o anti-herói do cenário brasileiro sem nenhuma vocação ou qualquer atributo físico ou moral para ser um homem reconhecido, um homem normal e politizado, era apenas um ser entre dezenas de réplicas no interior do país, nada tinha de especial ou heroico para ser admirado.

É importante salientar que diferente do Jeca, Arnaldo era descrito como um ser idealizado e, muitas vezes, até como a extensão da natureza, isso é exposto desde a forma como o personagem conhecia o ambiente, até a maneira que tratava uma onça, seu bicho/amigo de estimação, “amigos não, camaradas” (S.D. p.122). O Jeca, por outro lado, apropriava-se da natureza para prover seu sustento, para extrair seus recursos para viver, segundo Lobato (1994. p.94) “Quando comparece às feiras todo o mundo logo advinha o que ele traz, sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher”. Dessa forma, a natureza é vista de uma maneira diferente pelos personagens, enquanto um a vê com respeito e cuidado, o outro, vale-se dela apenas para sobrevivência.

Quanto à questão do servilismo a algo ou alguém, neste caso ao patrão, o Jeca apenas se sentia obrigado a trabalhar para prover o seu sustento, pouco importava para ele o respeito, pois vivia apenas pela troca para obter a venda de serviço, isso fica exposto quando, no enredo, há uma passagem que expõe a relação do personagem com o seu chefe, em:

Ei-lo que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada d’esguicho, então destrava a língua e a inteligência. (LOBATO, 1914. p.92)

Já Arnaldo era servil ao seu patrão e dava a vida para protegê-lo em sinal de lealdade. O personagem tinha pelo seu patrão, o capitão-mor, o servilismo, a confiança e a cumplicidade de quem exaltava e admirava o seu chefe, disposto até de deixar seus anseios para fazer cumprir os desejos do seu coronel, como em:

- E para si, Arnaldo, o que deseja? Insistiu Campelo.
- Que o senhor capitão-mor me deixe beijar sua mão; basta-me isso.
- Tu és homem, e de hoje em diante quero que te chames Arnaldo Louredo Campelo. (ALENCAR, S.D. p. 246)



Podemos deduzir, então, que apesar dos dois personagens participarem de um mesmo anseio por uma literatura nacionalista, as características são bastante diversas e consideráveis. Enquanto Arnaldo é descrito como um homem quase perfeito, cheio de virtudes e coragem, afinal segue pelo ideário romântico, o outro é um prenúncio do Modernismo descrito assim por Lobato (1914, p.172): “Pobre Jeca! Como és bonito no romance e feio na realidade” e assim ele é o retrato do atraso nacional, um ser preguiçoso e sem perspectiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rematamos; portanto, o eixo que norteou a presente pesquisa que foi dialogar com o sertão e os protagonistas das obras trazidas à baila pela produção de cunho romântico por José de Alencar e pelo viés engajado do pré-modernista Monteiro Lobato.

Outrossim, a busca literária pelo regionalismo nacional foi iniciada com o personagem Arnaldo Louredo descrito pelas linhas de José de Alencar e um dos fulcros para o movimento literário romântico, que incitava os anseios para uma descoberta literária ao configurar o que hoje chamamos de Romantismo. Esta análise seguiu o galope do cavalo de Arnaldo Louredo e nos fez compreender o que se espera de um típico sertanejo que, ao mesmo tempo, era incomparável a qualquer outro pelas qualidades, mas submisso tanto quanto outros sertanejos pobres. Compreendemos que Arnaldo trazia nas suas aventuras a coragem e o caráter sem igual, que eram representações de identidades de uma população simples, todavia, aguerrida. Mesmo que através de um ser romantizado que se apropriava de um sertão fictício, Alencar tentava formar a tão sonhada identidade Brasileira.

Outrossim, Arnaldo apresenta-se com as características de um povo valente, de perfil peculiar, que não tem medo algum para lutar por suas questões internas e que, dessa maneira, ele se tornaria o retrato de uma nação recém-descoberta, com uma cultura própria e o simbólico idealista se configuraria como a independência literária.

Entretanto, pela analogia paradoxal, conhecemos o pobre Jeca Tatu, vindo pelas mãos de Monteiro Lobato e anunciando a chegada do Modernismo. O Jeca também fora considerado como a imagem nacional, no entanto, por uma remontagem da figura do caboclo que, ao contrário de Arnaldo, era um ser considerado incapaz, insignificante, retrato do interior, mas,



dessa vez, em forma de denúncia. Sentado sempre habilmente sobre os calcanhares, o Jeca pintava um Brasil caipira que não estava preparado para a modernidade, um Brasil que se contrapõe ao que se criara no Romantismo, o sertanejo idealizado e eternizado por sua coragem dá lugar ao caboclo que, por ser ignorante incapaz, ainda era regido pela lei do menor esforço. O que Arnaldo tinha de perfeito, o Jeca transformava em imperfeições e despautérios.

O Jeca trazia, na verdade, as questões sociais veladas pela linguagem rebuscada e pelo pensamento idealista do Romantismo e, assim, era esclarecido pelo Pré-Modernismo, possibilitando pensar em um Brasil olhado por outra perspectiva, o ângulo do descaso.

Nesta pesquisa buscou-se, portanto, identificar as questões sociais que permeiam o cenário brasileiro, levando em conta esses dois personagens essenciais para a identidade brasileira literária e verossímil à vida fora dos romances. Personagens que transmitem toda a história de uma população quer pela forma idealizada no personagem de Arnaldo Louredo quer na realidade que compõe o Jeca Tatu. Seja qual for a figura, eles retratam traços típicos, costumes corriqueiros, expressam o cenário do país e, acima de tudo, trazem o regionalismo do Brasil.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da literatura brasileira**.

São Paulo: Ática, 1989.

ALENCAR, José. **O Sertanejo**. São Paulo: Melhoramento. S.D.

AMARAL, Emília, et al. **Novas palavras**. São Paulo: Ática, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

FERREIRA, Mariana Baird. **Aurélio, o Dicionário da Língua Portuguesa**. Paraná: Editora positivo, 2010.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Anotações à margem do Regionalismo**. São Paulo, 2000. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/18327/20390>> Acesso em: 07 jun. 2018.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

GANCHO, Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

LOBATO, Monteiro. **Contos completos**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

_____. Monteiro Lobato. **Monteiro Lobato. Literatura comentada**. Biografia por Ruth Rocha; panorama da época por Ricardo Maranhão; seleção de textos, contextualizações, notas, cronologias, características e exercícios por Marisa Lajolo. São Paulo: Abril Educação, 1981.



A MULHER NO SERTÃO EM *O QUINZE*

Gilvanete Araújo de Barros (PIC / NELL / FPD)¹
Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD)²

RESUMO

É comum perceber que a Literatura, na maioria das vezes, consegue abordar de forma muito bem elaborada as relações entre famílias ou entre homens e mulheres que se apaixonam e não conseguem viver o seu amor por quaisquer que sejam os motivos. A obra de Raquel de Queiroz não é diferente, a autora cujo trabalho valeu de esteio para esse estudo apresenta de forma fidedigna o universo da mulher e do contexto social árido do sertão, ao qual ela está inserida, em tempo, ainda nos promove uma profunda reflexão sobre aquela realidade sobre um viés neorrealista. Outrossim, este trabalho visa compreender a percurso dissemelhante da protagonista em relação às outras moças da região e, para isso, dialogaremos com Bosi (2001), Monteiro (1987) e Perrot (2003) para melhor perceber a postura vanguardista de Conceição, os influxos modernistas da obra em estudo e a seriedade do regionalismo.

Palavras-chave: Amor. Literatura. Percurso. Reflexão. Regionalismo.

RESUMEN

Es común percibir que la Literatura, la mayoría de las veces, logra abordar de forma muy bien elaborada las relaciones entre familias o entre hombres y mujeres que se apasionan y no logran vivir su amor por cualesquiera que sean los motivos. La obra de Raquel de Queiroz no es diferente, la autora cuyo trabajo valió de esteio para ese estudio presenta de forma fidedigna el universo de la mujer y del contexto social árido del sertão, al cual ella está inserta, en tiempo, todavía nos promueve una profunda reflexión sobre aquella realidad sobre un sesgo neorrealista. En este sentido, este trabajo pretende comprender el largo recorrido de la protagonista hacia las otras jóvenes de la región y para ello dialogar con Bosi (2001), Monteiro (1987) y Perrot (2003) para percibir mejor la postura vanguardista de Concepción, los influjos modernistas de la obra en estudio y la seriedad del regionalismo.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), aluna pesquisadora do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestra Tatiana Silva. E-mail para contato: gilvaneteab Barros@gmail.com

² Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestra em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas de saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino. E-mail da pesquisadora/orientadora: tatiana.cintia@piodecimo.edu.br



Palabras clave: Amor. La literatura. Ruta. La reflexión. Regionalismo.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco *considerar* as nuances percebidas por Rachel de Queiroz acerca do comportamento feminino no enredo sociocultural, neorrealista e regional específico: Quixadá, na seca de 1915. Nosso objeto de estudo é o livro “O Quinze” e o fulcro será a postura de Conceição, moça que se comporta diferente da maioria das meninas de sua época e região.

Justifica-se a escolha desta temática por entender que, guardando as devidas proporções e contextos sociais, as mulheres continuam a enfrentar, diariamente e nos mais variados ambientes, dificuldades que as impedem de viver a sua liberdade plena, seja ela social ou profissional.

Considerando o perfil da personagem Conceição, este trabalho visa *analisar* a condição feminina vivida no Sertão do Nordeste brasileiro através da obra da autora Rachel de Queiroz, que também nordestina, constrói uma narrativa que retrata o silenciamento e a condição reservada às mulheres de Quixadá. Entretanto, ao dar voz a uma jovem que, desde muito cedo, mostrou uma forte atração pela leitura e que percebia na educação a única forma concreta de alcançar a liberdade social e financeira, temos em Conceição o oposto do que se esperava das mulheres daquele lugar, afinal, através dos conhecimentos adquiridos, teve uma vida diferente de todas as mulheres da sua família e encerra um ciclo de cultura machista, partindo assim para a capital e conquistando através do seu ofício de professora, a sua liberdade econômica e social, mesmo que para isso tivesse que abandonar o amor pelo primo Vicente.

Considerando a obra em questão, essa pesquisa prima por objetivos específicos: (I) *depreender* a postura perseverante de Conceição; (II) *destacar* as realizações da personagem tanto em seu torrão quanto na capital; (III) *analisar* o protagonismo e a empatia da jovem professora. Neste panorama, justifica-se amparar esta análise em defender a contribuição da obra “O Quinze”, em que a autora Rachel de Queiroz estreia uma corrente literária que une a ficção ao drama regionalista abrindo espaço para a prosa moderna e ao neorrealista.



Com esse olhar, o trabalho apresentado disponibiliza pontos importantes a serem explorados, a citar: A Persistência de Conceição: Um Constructo entre Quixadá e a Capital; A Chegada da Seca, A Obstinação de Vicente e a Partida de Conceição; e, O Protagonismo e a Empatia de Conceição, os quais auxiliarão para o entendimento acerca da habilidosa narrativa da autora Rachel de Queiroz.

2. A PERSISTÊNCIA DE CONCEIÇÃO: UM CONSTRUCTO ENTRE QUIXADÁ E A CAPITAL

O sertão por si já oferece um certo receio, devido a sua geografia com forte degradação ambiental e uma caatinga que promove um clima muito quente e, por vezes, insuportáveis para a vida animal, viver e conviver com a rotina do sertão não é nada fácil, requer bravura e muita resignação. As estiagens de anos seguidos promovem danos e sofrimentos irreparáveis à pequena população, que já vive problemas socioeconômicos e enxerga na chuva a única saída para que as pessoas se mantenham vivas e lutando pela sobrevivência. Pensar na vida oferecida ao universo feminino é pensar em mulheres simples, fortes e, sobretudo, corajosas, dispostas a enfrentar tudo que ele tem a oferecer seja de bom ou de ruim, enfrentando e resistindo de modo corajoso até o momento em que ficar lá significa morrer à míngua.

Porém, é destemido também perceber que ali não oferece o mínimo de dignidade para a vida humana, perceber que famílias resistem a permanecer em tal realidade é, sem dúvida alguma, um ato de bravura extremada, um apego imenso ao pouco que construiu. Por vezes, é renunciar as suas raízes, deixar para trás o ambiente social onde você nasceu, cresceu formou família ou não, é uma atitude aguerrida, especialmente quando se trata de pouquíssima oportunidade a ser alcançada.

Pensando em uma vida melhor, com possibilidades de crescimento pessoal e um estilo de vida diferente nos mais variados aspectos foi, indubitavelmente, o que impulsionou a jovem Conceição a mudar-se desde muito cedo para a Capital e lá fazer o que de fato sentia vontade e entendia como ofício para sua vida, estudar e pensar alternativas para ajudar àquela gente tão sofrida que havia fugido da seca na tentativa de ter uma vida mais digna.



Percebe-se desde muito cedo que ela destoava das moças que viviam ao seu redor, o seu comportamento introspectivo e gosto pela leitura faziam com que ela involuntariamente se tornasse uma moça diferente das demais, era nos livros e sempre acompanhada deles que a jovem formou ideias e tomou decisões que a transformaria para sempre em uma mulher firme e determinada. Ela era avessa às badalações locais e, quando ia a Quixadá, era muito pouco vista, a moça culta da capital preferia doar horas do seu tempo aos livros, e as moças de sua idade, de certa forma, até sentiam-se aliviadas pois enxergavam na jovem um ótimo partido para o seu primo Vicente, jovem disputado na região. A própria Conceição o observa e às suas características, como podemos notar no aporte que segue:

Conceição, calada, olhava o primo. Estava mais bonito. Ficava-lhe bem, a roupa cáqui; muito vermelho, queimado de sol, os traços afinados pela labuta desesperada, as pernas fortes bronzeadas, as mãos pousadas no joelho, falava lentamente com seu modo calmo de gigante manso. Era o mesmo homem forte do sertão, de beleza sadia e agreste, tostado de sol, respirando energia e saúde... (QUEIROZ, 1987, p. 55)

Em uma tarde ensolarada quando estava deitada em uma rede e, como de costume, lendo um livro, Conceição viu aproximar-se um homem e não demorou para que ela reconhecesse a visita. Era o seu primo Vicente. Ele chegou, aproximou-se dela e não demorou para que ela percebesse que ele continuava bonito, forte e com uma presença marcante. Embora tivesse a pele queimada pelo sol impiedoso da região, era impossível não notar a beleza que Vicente tinha, o jeito forte e ao mesmo tempo manso. Ela notou cada detalhe em seu corpo e se convenceu de que ele estava ainda mais bonito do que da última vez que o vira.

O primo dirigiu-se à Mãe Inácia, porém era claro o incômodo que a presença de Conceição o causava e ele não conseguia disfarçar que se sentia muito atraído por ela e, dando-se conta disso, Mãe Inácia tratou de providenciar o que de fato motivou a visita de Vicente à fazenda naquela tarde tão quente. Foi buscar o veneno que ajudaria a acabar com a praga de carrapatos que assolava o seu gado.

Ficando a sós com Vicente, Conceição notou a beleza e o modo viril do primo e isso a fez pensar em como seria a vida ao lado dele naquela região a qual nada tinha a ver com a vida que ela buscava para si; porém, ficar tão perto do rapaz fazia com que o seu coração disparasse e que emoções as quais ela tentava manter guardadas de modo bem silicioso, agora faziam um



barulho imenso todas as vezes em que o rapaz chegava perto dela e, certamente, o primo tinha ciência da reciprocidade do sentimento até porque ela não conseguia disfarçar.

Quando Vicente teve em suas mãos a encomenda a qual foi buscar, agradeceu e despediu-se da moça deixando um claro sinal de que gostaria de revê-la antes que a mesma partisse com destino à capital e ela sinalizou que também faria muito gosto em vê-lo. Os pensamentos de vanguarda fizeram com que a jovem, finalmente, convencesse a sua mãe Inácia a acompanhá-la e a embarcar rumo a Fortaleza, a chuva não veio e a data do Santo de devoção já havia passado, essa era a data a qual ela, mãe Inácia, havia estabelecido como limite para sua permanência em Quixadá. Dirigiram-se, assim, à estação de trem e tendo como meta Fortaleza. Junto a elas, Vicente se fazia presente ajudando-as a carregar os seus pertences de modo gentil e educado. E era desse rapaz que Conceição estava despedindo-se. Embora não demonstrasse, o seu coração estava triste por saber que dificilmente o veria novamente e se isso ocorresse ele poderia já estar casado com outra moça.

3. A CHEGADA DA SECA, A OBSTINAÇÃO DE VICENTE E A PARTIDA DE CONCEIÇÃO

Mãe Inácia já havia cumprido com a sua palavra e a sua promessa, deveria ir embora e deixar tudo aquilo para trás, na região já existiam outros produtores que, prevendo o caos, já haviam se antecipado e abriram as cancelas para que o seu rebanho fosse ao encontro da sua própria sorte, como podemos notar:

Encostado ao mourão da porteira de paus corridos, o vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente, vendo o gado sair, um a um, do curral. A junta de bois mansos passou devagarinho. *O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria, atropelando-se. Até que a derradeira rês, a Flor do Pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento, que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida... Saída a última rês, Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado que marchava à toa, parando às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança.* (QUEIROZ, 1987, p.18)



A seca havia chegado de forma implacável e devastava tudo o que tinha a sua frente, já não existia água ou qualquer tipo de ração para os animais comerem, porém o valente Vicente a tudo resistia e não arredava o pé das suas terras, fez tudo o que pôde para ajudar a quem de lá necessitava sair, ajudou famílias inteiras, fez negócios até quando não necessitava fazer. Sentia-se compadecido com a desgraça alheia, era triste ver famílias marchando rumo à capital na busca por uma vida melhor. Para Vicente, aquele sofrimento era passageiro e acabaria tão logo a chuva chegasse, e assim a velha Quixadá iria reencontrar abundância. Convicto disso, ele empenhou-se e enfrentou a seca duramente, resistindo e brigando contra o que a natureza naquele momento tinha a oferecer.

O moço de pele branca e castigada pelo sol já não tinha notícias de Conceição e, por isso, ocupou-se, também, em dar atenção as outras moças que o agradavam e que, por vezes, imploravam para que namorasse com elas. Naquela região, Vicente era considerado um homem abastado além de bonito e muito trabalhador.

E foi com muita tristeza que o moço fez negócio com Chico Bento, o vaqueiro da sua tia Inácia que havia partido acompanhado da moça que entristeceu o seu coração. Após negociar e ver a partida do vaqueiro da sua Tia Inácia, Vicente sentiu pela primeira vez a vontade de viver de modo diferente, e pensamentos de uma vida menos sofrida, com um pouco mais de reconhecimento e hombridade permearam pela primeira vez a sua cabeça.

De repente o rapaz trabalhador e que carregava nas costas uma responsabilidade imensa se viu tentado a largar o sertão e arriscar-se na busca por uma vida melhor. Tais pensamentos eram imediatamente substituídos pela presença de seus pais envelhecidos e dependendo totalmente dele, era ele o responsável por manter a fazenda rentável e não poderia jamais se furta da grande incumbência, mesmo que isso lhe custasse a felicidade.

Teve um súbito desejo de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue. Mas logo lhe veio a lembrança dos pais, tão velhinhos, que tudo esperavam dele; evocou o que seria o desamparo da fazenda, vazia de seu esforço; o gado abandonado, tudo paralisado e morto; e pensou no seu isolamento na terra longínqua, no vácuo doloroso de afeições em que se iria debater o seu coração exilado. (QUEIROZ, 1987, p.32)



Vicente jamais esqueceu o olhar atencioso e carinhoso da sua prima, o seu sorriso largo, franco o encantava e não permitia que fosse esquecido por ele. Mas, era hora de olhar para frente e tocar a vida, encarar os desafios que a seca traria e ele, homem forte e corajoso que era, suportou bravamente todas as mazelas que a seca pode oferecer, tinha a disposição de um gigante, estava convicto de que a chuva iria chegar e as coisas melhorariam. Pensava em todas as famílias que haviam abandonado a vida ali e partido em uma aventura da qual não se sabia ao certo se chegariam vivos, temia pela vida das pessoas mais próximas a ele, como Chico Bento e sua família. Pensava em como eles estavam naquele momento, se conseguiram chegar ou não a Fortaleza e, se chegaram, como estavam vivendo, pois as notícias que recebia da capital eram as piores possíveis e isso tirava-lhe o sono.

Em alguns momentos o jovem se percebia explorado pelos próprios pais, uma vez que trabalhava muito duro para ver o pai mandar para o seu irmão uma mesada gorda sem que ele fizesse absolutamente nada. Entristecia-se ao presenciar o pai, por muitas vezes, orgulhar-se de que tinha um filho doutor, quando ele suava diariamente para manter a sobrevivência de muita gente que dali dependia para sobreviver.

Na capital, Conceição entendeu que deveria fazer algo por aquela gente que fugia da seca e que chegava aos campos de refugiados quase sem vida, uma espécie de “mortos vivos”. Era sem dúvida alguma uma mulher forte e que percebia a necessidade de desenvolver um trabalho humanitário.

4. O PROTAGONISMO E A EMPATIA DE CONCEIÇÃO

Conceição havia tornado-se uma moça madura e, diferente do que Mãe Inácia gostaria, não estava preocupada em casar-se e formar uma família. Era uma moça bonita, culta, mas com pensamentos feministas. Foi em uma dessas visitas que ela reconheceu Chico Bento, sua esposa e uma pequena parte de sua família. Assustada ela correu ao encontro do vaqueiro que foi logo contando a sua triste trajetória até chegar ali. O vaqueiro falou da pretensão de ir para São Paulo e Conceição ocupou-se em providenciar as passagens, pois sabia a dificuldade que era arrumar os bilhetes.



Em conversa com sua comadre Cordulina, a moça manifesta o desejo de criar o seu afilhado. Ela alega que ele não suportaria a viagem visto que estava bastante doente e fraco, ela cuidaria dele como filho e que o menino ficaria melhor em sua companhia.

— Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro... Chico Bento calou-se e ficou olhando uma estrelinha, quase no rebordo do horizonte, que esmaecia aos poucos, ao passo que a lua vermelha, enorme e lustrosa, ia se levantando devagar. Mas, detrás dele, a mulher insistiu: — Que foi que você resolveu, Chico? Sem se voltar, fixando ainda a estrelinha moribunda, ele concordou: — É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro...(QUEIROZ, 1987, p. 20)

Ao comunicar a Chico Bento que daria para criar o seu filho caçula à Conceição, Cordulina viu o semblante de tristeza e a impotência nos olhos do seu marido que, convencido por sua esposa, entendeu que era o melhor a ser feito. Duquinha estava fraco e não tinha como recuperá-lo para que enfrentasse a viagem a São Paulo, certamente ele morreria no caminho, sua madrinha tinha boas intenções com o menino e certamente ele iria ficar melhor aos cuidados dela.

No dia seguinte, Conceição recebeu em sua casa a visita da comadre que trazia o seu caçula Manuel de apelido Duquinha em seus braços. O garoto resistiu em afastar-se da mãe e, em uma situação dramática, porém inevitável, Conceição o tomou em seus braços e viu a comadre partir. As horas e os dias que se seguiram, certamente, fizeram com que a moça bonita e culta percebesse que agora era mãe e tinha que conquistar a confiança e o amor do menino Duquinha que, grudado ao pé da mesa, exibia olhos assustados e curiosos.

Ainda nessa noite após várias tentativas, com a ajuda de Mãe Inácia, ela viu o seu afilhado aceitar as primeiras colheradas de comida servidas a ele por ela, a felicidade a qual sentiu nesse momento daria início a muitos outros momentos que seriam vividos por ela na companhia do agora filho Manuel.

A vida transformou-se com a chegada de Duquinha. Ela sentia-se completa e era como se nada mais lhe faltasse, percebia que o casamento de fato não lhe fazia a menor falta e sentia-se feliz com o novo curso que a vida havia reservado para ela, embora, vez por outra, lembrasse



do primo e imaginasse como seria se ela tivesse casado com ele. Certamente não teria realizado os seus projetos profissionais e, quando lembrava dos seus compromissos com os refugiados da seca, imediatamente tirava Vicente da sua cabeça.

A chuva chegou e com ela a esperança no coração de todos quem fugiram de Quixadá e de alguns poucos que resistiram bravamente à sua espera enquanto Conceição dormia em seu quarto após um dia longo e exaustivo.

Conceição, comovida, pálida, de lábios apertados, a testa encostada ao vidro da janela, acompanhava a queda da água no calçamento empoeirado, o lento gotejar das biqueiras e de um jacaré da casa defronte, que deixava escorrer pequenos riachos por entre os dentes de zinco. Na solenidade do momento, ninguém se movia nem falava. (QUEIROZ, 1987, p.98)

E todos na casa acordaram com o barulho ensurdecador da água caindo e levando consigo toda a poeira que se fez permanente durante todo esse período no duro sertão. D. Inácia rezava incessantemente na intenção de agradecer ao seu santo se proteção e todas as suas orações foram acompanhadas por todos os moradores da casa, pois ela fez questão de rezar em voz alta agradecendo a São José e a todos os demais santos.

A misericórdia finalmente tinha chegado e ela estava muito feliz com a possibilidade de retornar a sua fazenda, precisava ver o que restou de tudo que lá deixou. Chamou Conceição e avisou que embarcaria para Quixadá o quanto antes ainda que ela não pudesse acompanhá-la e a jovem professora viu a partida da sua mãe Inácia conforme as duas já tinham conversado.

Só iria a Quixadá em um momento oportuno, momento que não atrapalhasse as suas atribuições, que já não eram poucas uma vez que agora a mesma tinha um filho para criar. Chegaram as férias e eis que Conceição decide viajar para reencontrar dona Inácia e ver o que restou de Quixadá. Lá estava Vicente e ela sabia que o reencontraria, porém, a moça não carregava em seu coração nenhuma esperança que os ligasse e que fizesse com que ela mudasse de ideia e fosse viver no lugar de onde ela já sinalizava a sua insatisfação há muito tempo, foi com bastante custo que ela decidiu embarcar e, em uma noite iluminada, resolveu sair de casa e foi passear pelas ruas.

A seu lado, o moço dentista disse qualquer coisa. Despertando de sua cisma, Conceição voltou-se: — O senhor falou? — Perguntei qual era o motivo de



sua abstração... — Estava pensando que Lourdinha é muito feliz... O rapaz insinuou um galanteio: — Mas, dona Conceição, a senhora não tem felicidade igual porque não quer... Conceição riu: — Quem lhe disse? O moço torceu o bigode com a mão papuda, e seus olhinhos miúdos luziram com malícia: — Oh! Tiro as minhas conclusões... por mim e pelos outros... (QUEIROZ, 1987, p.26)

Ao fazer, de fato, a sua dura opção de mulher independente que considerava que para ser mãe não necessariamente precisaria ter um marido, que não se deixava incomodar pelo pensamento atrasado de uma sociedade que de fato ela nunca se sentiu inserida.

Ela escuta o que o seu amigo dentista pensa e define sobre o que seria a felicidade segundo sua percepção e ela, por sua vez, achando aquele pensamento um tanto quanto retrógrado, prefere simplesmente ignorar e encantar-se com outras pessoas e coisas as quais mereciam uma atenção maior da sua parte, a exemplo da bela iluminação local e a preocupação de onde estaria o seu Duquinha em meio a toda aquela multidão.

Assim a moça a qual era considerada velha, apesar de ter pouco mais de vinte e dois anos – e por buscar exercer a profissão de professora – desencantou-se de uma vez por todas no que dizia respeito ao seu primo Vicente e, de modo educado, porém desinteressado, saiu em meio a conversa e foi ao encontro do seu filho de criação, divertindo-se ao seu lado, contemplado a noite que parecia alegrar seu filho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a obra literária de cunho regionalista da autora Rachel de Queiroz, permite-nos admirar com grande encantamento o papel atribuído à figura feminina valendo-se da personagem de Conceição em sua narrativa. A narrativa linear relatou em uma linguagem simples a condição de silenciamento imposta as mulheres daquela região e que a protagonista fora avessa.

Constatamos, ainda, que o narrador onisciente nos aproxima das características e do espaço das personagens mostrando assim a preocupação e o compromisso neorrealista, tratando de aspectos sociais e culturais de modo a trazer o leitor para dentro do enredo. No mais, tivemos como constatar que no interior de Quixadá as mulheres só poderiam ser esposas e mães, diferente dos intentos da protagonista que queria ajudar as pessoas como professora e com suas



ideias humanitárias, ao ponto de se tornar mãe do menino Duquinha para livrá-lo da morte e ajudar a tantos outros nordestinos que fugiram da seca e da fome de sua cidade natal, esquecendo-se até dos sonhos amorosos com o primo Vicente.

Depreende-se assim que Conceição, uma jovem professora, cuja busca pela educação ocorreu desde muito cedo, delimitou o espaço o qual deveria percorrer em busca dos seus sonhos e ideais. Embora estivesse inserida em uma sociedade machista, ela resolveu quebrar paradigmas e pôr fim a um ciclo obrigatório pertencente às mulheres da região, apenas procriar e cuidar dos afazeres domésticos; por isso, partiu para a capital em busca do seu espaço no âmbito profissional e pessoal e, com isso, lutou bravamente contra qualquer tipo de desafios que surgissem, mostrando-se uma mulher de personalidade forte e progressista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Um romance que não envelheceu. In: QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de & SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

_____ & QUEIROZ, Maria Luísa de. **Tantos anos – uma biografia**. São Paulo: Arx, 2004.



SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: UM OLHAR SOBRE A PRECURSORA DO PENSAMENTO FEMINISTA NA LITERATURA POÉTICA BARROCA HISPANO-AMERICANA

Sylvia Geórgia da Conceição Meneses Silva (Pio Décimo)¹

RESUMO

Este artigo trata da vida e obra de Sor Juana Inés de La Cruz, mexicana representante da literatura poética barroca hispano-americana do século XVII. O recorte temporal se inicia no ano de 1651, que corresponde ao nascimento de Juana Inés; e finaliza no ano de 1695, de seu falecimento. O objetivo geral do presente estudo é o de aprofundar a construção do conhecimento sobre a personalidade, vida e obra de uma mulher que passou a ser considerada precursora do pensamento feminista libertário em sua época. Os objetivos específicos tratam de: contextualizar a figura de Sor Juana de la Cruz no ambiente sócio-histórico, político e econômico da Nova Espanha (México – século XVII), lugar e época em que nasceu e viveu a religiosa; focar a obra poética de Sor Juana de La Cruz, tomando como base o poema intitulado *Hombres necios que acusáis*, através do qual a poeta denuncia o comportamento patriarcalista e as atitudes machistas de sua sociedade e do seu tempo; e organizar uma interpretação, uma análise crítico-literária e a releitura e recriação do poema em estudo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e a metodologia é a que se divide em etapas que envolvem o levantamento de fontes para a pesquisa, leitura, fichamento, reflexão e, em seguida, produção do presente texto. A pesquisa contribui para uma reflexão sobre a importância da participação feminina na luta contra a injustiça, a discriminação e a desigualdade de gênero na sociedade ao longo dos séculos. Para tanto, se fundamentou em estudos teóricos como os produzidos por ANDRADE (2013); BOSI (2000); CÂNDIDO (1996); BARQUÍN (2017), entre outros.

Palavras-chave: Sor Juana de la Cruz. Poesia hispano-americana. Pensamento feminista.

1 INTRODUÇÃO

O que moveu a presente pesquisa foi o interesse despertado durante as aulas de Literatura Hispano-americana, ministradas pelo professor Me. Fabian Jorge Piñeyro, do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo. Foi dessa forma que a decisão recaiu sobre o objeto de pesquisa Sor² Juana Inés de La Cruz, que viveu na pele os constrangimentos promovidos pelas instituições do século XVII, pelos homens, pelas mulheres e pela sociedade,

¹ Graduanda do Curso de Letras Português-Espanhol da Faculdade Pio Décimo.

² Sor é um termo do idioma espanhol, corresponde em língua portuguesa a sóror. Sóror é sinônimo de freira, monja, irmã religiosa.



enfim. Foram atitudes declaradas de repúdio diante do seu pensamento libertário, em busca de justiça e de tratamento igualitário para sua condição de mulher e de intelectual.

As mulheres da Nova Espanha (México, Século XVII) viviam sujeitas à vontade masculina, não podiam estudar, não podiam seguir carreira profissional. No caso de religiosas, não podiam escrever sobre temas da Teologia. As mulheres comuns viviam para o lar e a criação dos filhos, além de serem acostumadas a não demonstrar ter opinião sobre qualquer assunto, pois opinar e decidir eram deveres dos maridos. Os preceitos sociais sobre as questões de gênero se relacionavam com a hierarquia e o patriarcado “imperante na Nova Espanha do século XVI. A mulher solteira era considerada um elemento social perigoso, e, quando se tratava de uma dama de boa família, imperava a preservação de sua honra” (ZAPATERO, 2017, p.18).

Justifica-se este estudo pelo interesse acadêmico-científico, literário e social que permitirá colocar em prática o conhecimento adquirido no curso de graduação, especificamente, sobre literatura hispano-americana representada na figura feminina da poeta em estudo.

O objetivo geral deste estudo é: Aprofundar a construção do conhecimento sobre a personalidade e da obra de uma mulher intelectual, poeta e religiosa, como provável precursora do pensamento feminista libertário no século XVII. Os objetivos específicos são: a) Contextualizar a figura de Sor Juana de la Cruz no ambiente sócio-histórico, político e econômico da Nova Espanha (México – século XVII), lugar e época em que nasceu e viveu a religiosa; b) Analisar a obra poética de Sor Juana de La Cruz, tomando como base o poema intitulado *Hombres necios que acusáis*, denunciando o comportamento machista e evidenciando o pensamento libertário feminista nos versos do mencionado poema; c) Estruturar uma interpretação/ análise crítico-literária e releitura e recriação do poema em estudo.

A pesquisa é do tipo bibliográfica, com abordagem teórica que pretende interpretar o fenômeno que observa através da busca feita nas fontes secundárias, com a finalidade de interpretar o objeto de estudo. Portanto, é um estudo subjetivo e seus dados não serão analisados numericamente ou com a apresentação de cálculos percentuais e gráficos estatísticos.

Espera-se, como resultado da pesquisa, a construção do conhecimento sobre a vida e a obra de Juana Inés de la Cruz no contexto da produção literária hispano-americana. Do ponto de vista social o que se tem em pauta é o esclarecimento das mulheres que buscam formar sua identidade como cidadãs da contemporaneidade dignas de respeito à sua personalidade, à sua maneira de ser e de pensar, e às escolhas que fizerem.



2 DESENVOLVIMENTO

A então denominada Nova Espanha, no século XVII, território do México em período da colonização espanhola, a exemplo de quase todo o mundo ocidental, ostentava um comportamento patriarcal machista, dominador e excludente da figura feminina, encerrada entre os muros familiares, passando do poder do pai para o de algum irmão, tio, padrinho. Enfim, quando uma mulher se casasse, estaria subjugada ao marido, devendo respeitá-lo, obedecê-lo e servi-lo. Ao quebrar as normas sociais e familiares, a moça solteira era considerada perigosa e, assim, encaminhada para o convento, onde permanecia sob forte vigilância da madre superiora e do seu confessor, como foi o caso de Juana de La Cruz. O que hoje se comenta a respeito de Sor Juana é que ela conquistou, “[...]em plena sociedade aristocrática e machista do século XVII no México, pode expressar-se, através de seus escritos, que hoje fazem parte de um acervo importantíssimo para a história da humanidade”. Servindo-se de uma linguagem evasiva, elusiva, irônica, sarcástica, a freira conseguiu sobreviver às permanentes ameaças de sua época, sobretudo no que se refere à Inquisição³ (ARAÚJO, 2014, p. 43).

Segundo Barquín (2017), o contexto acima apresentado também explica porque os séculos XVI e XVII são tratados de forma superficial e como parte de um passado colonial homogêneo sem interesse. A sociedade daquela época entendia que o convento era o lugar ideal para a mulher, pois ali estaria protegida, afastada de ambientes de pecado e dedicadas à devoção e virtudes religiosas legítimas. Mas, para alguns grupos, especialmente de mulheres, os conventos eram entendidos como um castigo, uma punição para desobediências familiares, para a demonstração das preferências sexuais. Para uma minoria de pessoas, os claustros eram lugares de refúgio onde as mulheres teriam espaço e tempo para desenvolverem suas habilidades intelectuais, especialmente aquelas mulheres que não se davam ao trivial dos trabalhos domésticos e compromissos de ordem familiar. Foi exatamente este o motivo que teria levado Juana para o enclausuramento e para uma vida de êxito junto à corte vice-real (BARQUÍN, 2017).

Nas palavras de Moreno; Moreno (2014, p. 7), as notícias sobre a vida de Sórora Juana são poucas, entretanto, o desaparecimento de documentação não se tornou um empecilho “para que ela se tornasse a personalidade do século”.

Biografar a vida de Juana de La Cruz é, ainda assim, uma tarefa muito bem cumprida por seus biógrafos, Diego Calleja (1639–1725) e Octavio Paz (1914-1998). Não invalidando outras pesquisas, entretanto, o presente estudo se encarregará de apenas traçar um esboço

³ De acordo com Silva (2011), “ao longo da história, a palavra “Inquisição” – com toda a conotação que ela representa para a humanidade – adquiriu várias definições. Particularmente, essa palavra deriva do latim *inquirere*, que significa “investigar”.



biográfico para situá-la no tempo e no espaço, mas, partindo para o ajuste do foco de atenção sobre sua obra poética e sobre o que fez para reagir ao machismo com que foi duramente atingida a religiosa, especialmente em virtude do talento demonstrado.

Filha natural de pai basco, Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machuca — na verdade um pai enigmático, segundo seus biógrafos — e da mexicana Isabel Ramírez, Juana de Asbaje y Ramírez de Santillana nasceu na data incerta de 12 de novembro de 1651, na fazenda de San Miguel Nepantla. [...] Seu primeiro biógrafo, o jesuíta espanhol Diego Calleja (1639–1725) com quem sóror Juana manteve uma longa correspondência, discorre sobre sua incomum precocidade e que sua habilidade na composição poética lhe proporcionou uma rápida notoriedade literária. A inteligência, o talento, os conhecimentos e a beleza física lhe abriram as portas para, com apenas treze anos, entrar na vida palaciana, chamada pelo Conde de Mancera, vice-rei da Nova Espanha, como então era chamado o México colonial. Embora adolescente, na corte, tornou-se amiga e confidente da vice-rainha Leonor Carreto, Marquesa de Mancera. Em poucos meses, sua imagem intelectual se impôs na corte, celebrada por seus versos, admirada pela inteligência e sensibilidade, assim como cortejada pela sua beleza (ANDRADE, 2013, p. 3).

Como se percebe nos estudos de Andrade, quanto em tantos outros consultados, muitos eram os dotes e habilidades de Juana, uma jovem e bela *criolla*⁴ que ousou ser uma voz de peso entre os letrados com os quais conviveu, registrando a sua presença em uma época de muitas restrições à mulher e pontuando sua trajetória de inspiração que persiste até a contemporaneidade. A obra dessa mexicana, como afirma Beatriz Paredes, ao apresentar a biografia de Juana de La Cruz escrita por Octavio Paz (2017), “[...] permite vislumbrar uma fase da história do México pouco conhecida no Brasil, mas também pouco estudada pelos mexicanos do nosso tempo. Entre os séculos XVI e XIX, no território que vai do sul dos Estados Unidos até a Mesoamérica (excluindo a capitania geral da Guatemala), constituiu-se o vice-reinado católico da Nova Espanha que, ao lado do vice-reinado estabelecido no Peru, atuou como a fonte primordial de transferência de riquezas para a metrópole espanhola durante quase trezentos anos (PAREDES, *in* Paz, 2017).

Foi nessa ambiência da história da colonização mexicana pelos espanhóis que a monja Juana de la Cruz passou a significar para além de uma voz feminina de bravura, um fator de aproximação do México com a cultura universal pelo eco da primeira voz que se levanta no

⁴ A palavra *criollo* (*a*) procede do português crioulo, e este do verbo criar. Neste caso, eram os descendentes de espanhóis nascidos na América espanhola.



mundo novo hispânico em defesa da dignidade feminina, e pelo direito à educação de todas as classes da sociedade ⁵(MUÑOZ, 1994).

Juana pertencia à minoria da elite *criolla*, criada sob os severos limites impostos pela Igreja à formação do povo mexicano através da ação dos jesuítas que catequizavam para o catolicismo em declínio na metrópole, a Espanha. Sórora Juana se interessava por temas pagãos, diferentemente do que se esperava de uma religiosa, por isso foi perseguida pelos seus superiores até que o seu confessor, Nuñez de Miranda, convenceu-a a abandonar os livros e estudos, o que Juana considerou o pior castigo, mas aceitou. Continuou sua vida de clausura até que adveio a epidemia da febre tifoide. Cuidava das freiras doentes, muitas morreram e, ela mesma veio a ser vítima da epidemia, falecendo no dia 17 de abril de 1695, um pouco depois da morte de seu confessor (BARROS, 2011).

Quanto à data de nascimento/falecimento de Juana Inés, há controvérsias, pois, segundo Araujo (2014, p. 25), o nascimento pode ter ocorrido em 12 de novembro de 1651 ou, mais provavelmente, em 2 de dezembro de 1648, vez que é o que consta no batistério “encontrado por Alberto Salceda e Guillermo Ramírez España, em “Chimalhuacán”, jurisdição de “Nepantla”. Desde o início da pré-adolescência, conforme foi apurado através dos estudos de Andrade (2013), Juana Inés passou a viver no ambiente da corte palaciana, onde experimentou várias emoções e aprendeu muito para levar adiante a sua vida plena de mudanças e empecilhos. A corte admirava o talento precoce, a erudição e os versos de Inés, que aos 14 de idade, tornou-se dama de honra de Leonor de Carreto, esposa do vice-rei Antonio Sebastián de Toledo (Conde de Macera).

Na segunda parte da sua introdução a *Obras Completas*, Alfonso Méndez Plancarte (1951-1957) afirma que sórora Juana já lia aos três anos e que havia implorado à sua mãe, aos 6 ou 7 de idade que a vestissem com trajes masculinos para assim poder cursar a Universidade. Acrescenta o autor acima citado que, aos 8 anos, Juana Inés escreveu uma *Loa*⁶ *Eucarística* onde dizia de sua sede de leitura desde que vivia entre os livros do seu avô. Finalmente foi trazida ao México, para a casa de uns devedores, provavelmente a de Juan de Mata, que era casado com sua tia Dona Maria Ramírez, havendo tomado vinte lições de latim do Presbítero Martín de Olivas, o que bastou a Juana para que, em 1665, estivesse no Palácio na condição de Dama muito querida da Vice-rainha, a Marquesa de Mancera, encantando a Corte com sua gentileza e espirituosidade (ANDRADE, 2013).

As pesquisas consultadas e referenciadas neste estudo não se referem à infância, de Juana, a não ser porque era uma menina do povo, nascida numa fazenda, uma camponesa, filha natural,

⁵ Tradução livre da autora desta pesquisa para a citação de Muñoz (1994, p. 5): “México a la cultura universal, sino la primera voz que se levanta en el mundo novohispano en defensa de la dignidad femenina, y el derecho a la educación de todas las capas de la sociedad”

⁶ Loa é uma composição poética lírica na qual se faz uma louvação.



mas não uma pobre, pois se assim o fosse, não conseguiria ler e escrever aos três anos de idade. Já foi dito anteriormente, Inés era de uma família da elite *criolla* e teve a oportunidade e o acesso à biblioteca do seu avô materno, este a figura de referência para Juana, segundo Moreno; Moreno (2014).

A jovem de origem plebeia logo chamou a atenção dos membros da realeza por sua inteligência, sagacidade, beleza e elegância natural no trato com os palacianos, a ponto de entre seus feitos comprovar sua capacidade em vários campos do conhecimento humano, como o demonstrou na corte vice-real de Dom Antonio Sebastián de Toledo, que tomou a decisão de submeter a poetisa a um exame para o qual convocou um júri formado por quarenta e cinco mestres e intelectuais da Universidade do México, dentre os quais estavam envolvidos matemáticos, teólogos, humanistas, filósofos e poetas. Entre as perguntas e argumentações propostas pelo corpo de jurados, o padre Calleja disse que Juana se defendeu como um galeão real o fez frente a algumas pequenas embarcações movidas a vela⁷ (MUÑOZ, 1994).

Durante o seu convívio na corte, inicialmente fez um teste do qual participaram outras jovens, para ocupar o cargo de dama de honra da vice-rainha de Mancera, tendo sido aprovada pelo seu despojamento e graça quando demonstrava seus dotes de poeta. Assim, foi ganhando espaço e admiração por todos os intelectuais da corte. Foi invejada e perseguida até que foi expulsa pelo padre que se tornou seu orientador e confessor, Antonio Nuñez.

A vida de Juana Inés de La Cruz tem como maior motivação o conhecimento, a paixão que alimentou de forma incansável, tendo sido criticada e recriminada especialmente pelos homens por sua pretensão. O seu legado à intelectualidade em várias áreas do conhecimento humano está preservado e tem sido motivo de constantes pesquisas por parte de teóricos desejosos de aprofundar-se na personalidade e representatividade intelectual da freira, que se tornou conhecida como *A Fênix mexicana* (ou *A Fênix americana*), representante do estilo barroco colonial, tendência literária cujos temas incluem pessimismo, conceptismo, uso de metáforas, alusões e outros jogos de palavras.

O Barroco é a estética das artes nos séculos XVI e XVII,

importante especialmente na Itália e na Espanha, mas ainda relevante nos demais países da Europa ocidental. Como escola literária complexa em que se constitui, apresenta fortes implicações com o contexto social, político, econômico e, principalmente, religioso da época”. (REDIES, 2007, p. 3).

A prova de quanto Juana amou o conhecimento está na forma como conseguiu se dividir entre as exigências que recaíam sobre uma religiosa durante os séculos XVI e XVII, na Europa

⁷ Tradução livre e paráfrase da autora desta pesquisa para a citação de Muñoz (1994, p. 5): “matemáticos, teólogos, humanistas, filósofos y poetas. De las preguntas y argumentos que el jurado le propuso, dice el padre Calleja que Juana Inés se defendió, a la manera que un galeón real lo hiciera frente a algunas chalupas”



ocidental ; o estudo de ciências como a filosofia, a teologia; as línguas; a astronomia, incluindo-se aí as artes: poesia, música e pintura, o que só era franqueado aos homens. Dessa maneira, conseguiu reunir um montante de aproximadamente 4 mil livros, produziu peças para teatro, da prosa e da poesia, para um legado “tanto sagrado como profano. Suas obras foram inspiradas em Góngora, Calderón, Quevedo e nos filósofos Platão e Aristóteles. Em 1690, era conhecida em boa parte do mundo hispânico” (MORENO; MORENO, 2014, p. 13).

No século XVI e XVII, não é única ou exclusiva a participação feminina de Sor Juana Inés de la Cruz, algumas mulheres influenciaram a literatura naquele período, a exemplo de “Ana Castro Egas, Ana Girón de Rebolledo, Sor María Téllez, Francisca de los Rios e Juliana Morell, que se destacou pela defesa de teses filosóficas aos treze anos e pelo domínio de quatorze línguas” (SILVA, 2015, p. 20).

Entre as obras de Juana de la Cruz, segundo essa estudiosa, estão organizadas em quatro volumes das *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz*: I. *Lírica Personal*; II. *Villancicos e Letras Sacras*; III. *Autos e Loas*; IV. *Comedias, Sainetes* (que são peças teatrais de um só ato, musicadas ou não, de assunto mundano e caráter cômico ou satírico) e *Prosa*. Juana contemplou os aspectos sagrado e profano em seus versos. O poema escolhido para análise é de temática profana e se intitula *Hombres necios que acusáis*.

Sor Juana de La Cruz, entre outros epítetos, recebeu os epítetos de Décima Musa, Minerva Americana ou Fênix do México, assim identificada pelo fato de que se inspirava nas nove musas gregas do Olimpo, filhas de Zeus e Mnemose (a Memória), protegiam as Artes, as Ciências e as Letras. As musas são Calíope (poesia heróica e oratória), Clio (história), Euterpe (música), Melpómene (tragédia), Talia (comédia), Terpsícore (dança), Erato (poesia lírica), Polímnia (elegia) e Urânia (astronomia). (SILVA, 2015).

Toma-se como base específica para uma releitura crítico-interpretativa o poema intitulado *Hombres necios que acusáis*. Trata-se de uma composição poética (Redondilhas), com dezessete estrofes de quatro linhas de versos cada uma, perfazendo um total de 68 linhas de versos nas quais a poeta critica, denuncia e ironiza os homens pelas suas atitudes machistas. As abordagens são, sequencialmente: a elaboração de uma interpretação da linguagem poética do poema em estudo; um esboço de análise literária; e um exercício de recriação poética pela autora deste estudo. Faz-se uma interpretação da peça poética em evidência. O propósito é o de lançar um olhar sobre o discurso poético da *Fênix mexicana* em função das marcas desse conflito relativo à problemática da mulher àquela época. “Juana morreu em 17 de abril de 1695 e nos anos seguintes dezenas de poetas mexicanos e espanhóis consagraram seu nome com os mais poéticos epítetos”. (ANDRADE, 2013, p. 7-8).

Para se dedicar ao entendimento de um texto literário, é preciso interpretá-lo, o que remete ao ensinamento de Alfredo Bosi, quando firma que se as letras revelassem o que há por



detrás, ou por debaixo delas e, se quando alguém lesse as palavras logo entendessem o sentido, “então não haveria forma simbólica, nem se faria necessário esse trabalho tenaz que se chama interpretação” (BOSI, 2010. p. 2). Esse estudioso da crítica literária adianta que nem mesmo o autor sabe o que quer dizer com o que escreve.

Acerca do discurso poético, ainda que esse

[...] não consiga reimmergir-se de todo nas águas do imaginário [...] joga, quanto pode, com os processos da "lógica poética", isto é, com as figuras sonoras e semânticas, sobrevivendo como algo obscuro, objeto surpreendente e estranho nos céus sempre mais aclarados pelas luzes de uma cultura científica e tecnológica (BOSI, 2000, p. 207).

Ou seja, o discurso poético está imerso na imaginação do poeta e, o leitor, quando entra em contato com essa fala, também a percebe com os limites e as abrangências do seu imaginário. Cria-se assim um jogo que ativa a lógica poética e junta a ela as figuras de som (as rimas e a melódiosidade) e as semânticas (dos significados). Ora, os significados não são idênticos para o poeta e o leitor de seu poema. Dessa confluência de entendimentos nasce um significado novo, ainda envolto em sombras e que o poeta nem sequer imagina quanto ao que compreendeu o seu leitor.

Acerca de sons, eles têm a possibilidade e a força de nos proporcionar diferentes e múltiplos sentimentos ou a sensações, sendo que,

O poeta pode, fundado nessa realidade, explorá-la sistematicamente e tentar obter efeitos especiais, que utilizem a sonoridade das palavras e dos fonemas – sem falar na prática coletiva da metrificação, que oferece um arsenal de ritmos que ele adapta à sua vontade aos desígnios de ordem psicológica, etc. (CÂNDIDO, 1996. p. 23).

No caso da obra em análise, de Juana Inés, que cultivou sons (rimas) e significados (imagens de estilo), ela também passou e sua obra continua passando pelo mesmo processo, produzindo e reproduzindo sons e significados. Por serem mencionados sentidos e significados, evoca-se a posição de Todorov, que amplia a compreensão sobre a poesia e o fazer poético. O estudioso diz que:

O processo de percepção e a ação dos sentidos não esgotam a experiência dita estética, e menos ainda porque a arte considerada habitualmente como exemplar, a poesia, não é em sua essência relativa à visão nem à audição, mas exige a mobilização do espírito: a beleza da poesia sustenta-se em seu sentido e não pode ser separada de sua verdade (TODOROV, 2009, p. 27).

Portanto, a poesia é feita de sentidos, significados, mas relaciona-se com as profundidades da mente humana, do mistério do espírito, da verdade e da noção do Belo.



Juana de Asbaje legou à Humanidade uma obra em versos trabalhada em várias medidas poéticas, idiomas e variados estilos e temas. Os objetivos da monja, como ela mesma afirmava, eram didáticos, lúdicos e de encantamento com a poesia. Entre suas obras, estão *Poesías escogidas*, atualmente em poder da Universidad Autónoma de Nuevo León, em Madri. É nessa obra que estão as redondilhas⁸ que constituem o poema em estudo (ANDRADE, 2013). A escritora e religiosa se dedicou a estudos em várias áreas do saber humano, a exemplo dessas elencadas por Morales (2019): obras teatrais em comédias satíricas; *Los empeños de una casa* é uma comédia considerada como das mais importantes nesse gênero na literatura hispano americana; *Amor es más labirinto*, uma comédia escrita em colaboração com Juan de Guevara, e que versa sobre um tema relativo à mitologia. Essa obra foi apresentada durante as celebrações da assunção do vice-reinado de Gaspar de la Cerda y Mendoza, na Nova Espanha/México, no ano de 1689; *La Segunda Celestina*, outra comédia que foi escrita inicialmente por Agustín de Salazar y Torres e que, tendo falecido, deixou a obra inconclusa. Supõe-se que o final pode ter sido escrito por Sor Juana Inés de la Cruz entre os anos de 1678 a 1680; Autos sacramentais, 3 peças teatrais religiosas intituladas *El mártir del sacramento*, *El cetro de José* e *El divino Narciso*. (MORALES, 2019).

Na poesia, Juana de la Cruz se pode notar que a poeta coloca a figura feminina como um ser ativo, dando-lhe valor próprio. *Primero sueño*, obra de inspiração livre, pois não atendia a pedidos, foi publicada no ano de 1692. Se caracteriza por ser um extenso poema composto por 975 versos. Alguns especialistas ainda têm alguma dúvida sobre a autoria desse poema, no qual a poeta enfatiza a necessidade que tem o ser humano de obter maior conhecimento e gozar de suas habilidades intelectuais. (MORALES, 2019).

A *Carta atenagórica* é uma obra que chama a atenção, pois foi nela que Juana de la Cruz ousou criticar o *Sermão do Mandato*, do padre português António Vieira. A obra *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*, escrita em 1691, tinha como finalidade responder à exortação que lhe havia feito o bispo de Puebla de Zaragoza, Manuel Fernández de Santa Cruz, sob o pseudônimo de Sor Filotea, solicitando à poeta que diminuísse seu empenho em continuar desenvolvendo suas habilidades intelectuais e que se dedicasse unicamente à vida religiosa. (RUIZ, 2003).

Quanto ao poema em estudo, cujas dezessete estrofes estão em análise nesta pesquisa, frise-se que o título abriga uma acusação a respeito dos homens, qualificados pela escritora

⁸ Estrofe de quatro versos, tendo cada um oito sílabas poéticas e o esquema de rimas em /abba/, o que significa dizer que o primeiro verso (a) rima com o quarto verso (a) e que o segundo verso (b) rima com o terceiro verso (b). Há algumas diferenças entre as redondilhas em língua portuguesa e língua espanhola. As redondilhas, na gramática poética da língua portuguesa, são classificadas em redondilhas maiores e redondilhas menores. As redondilhas maiores têm 7 sílabas poéticas enquanto que na gramática poética espanhola elas têm 8.



como *néscios*, um termo que tem ampla sinonímia e uma carga forte de significados, como: ignorante, grosseiro, burro, estúpido, idiota, imbecil, incapaz, palerma, parvo, pateta, tolo.

Na primeira estrofe: *Hombres necios que acusáis/a la mujer sin razón,/sin ver que sois la ocasión/de lo mismo que culpáis*, o eu poético ensaia a defesa das mulheres ao dizer que os homens não percebem que eles mesmos são a principal causa daquilo de que culpam a mulher. Esta é uma situação comum em relacionamentos de gênero, o homem se acostumou a tudo ter direito, a tudo poder. A própria família, representada pela mãe, há séculos pronuncia frases como “Ele é homem, e homem pode tudo”; “Em homem nada pega”; “Homem vai para onde quer”; “A culpa é sua”; “Por que não se comportou direito? Você tem que obedecer ao seu pai, ao seu irmão, ao seu marido”; “Desse jeito que você é, jamais terá um homem que lhe aceite”; “Homem é homem e mulher é mulher”. E, assim por diante, o menino é educado nesse modelo e a vida inteira se sente um poderoso, sente que ele manda, que todas as coisas erradas na casa ou no mundo foram e são causadas por mulheres. Estamos todos habituados a ouvir e a repetir que a mulher é incapaz de dirigir e que os acidentes automobilísticos são produto da imperícia feminina. Em relacionamentos amorosos, a suposta culpa da mulher tem gerado uma estatística volumosa de feminicídios. Ou porque elas saíram, ou usam celular, ou usam roupas curtas, maquiagem; ou porque têm amigos e amigas; ou porque supostamente traíram os companheiros, motivos nunca faltam para lançar a culpa nas mulheres.

Na segunda estrofe: *Si con ansia sin igual/solicitáis su desdén, /¿por qué queréis que obren bien/si las incitáis al mal?* A voz poética continua argumentando, dessa vez, frisando a ânsia com a qual os homens desdenham das mulheres e perguntando por que esperam que elas se comportem bem, se são eles mesmos que as incitam ao mal. E o que seria comportar-se bem para um homem machista? Seria a mulher dedicar-se cegamente aos afazeres domésticos e a cuidar dos filhos, esquecida de si mesma. Seria desistir de vestir-se como gosta; de usar maquiagem; de dirigir, de estudar, de ter empregos melhor remunerados. Ela teria que submeter-se e acreditar que o homem manda, que a mulher não pensa e quando pensa, pensa errado. Ela teria que aceitar que a culpa, ainda sendo do homem, ela permaneceria em silêncio e trataria de acreditar que a culpa é dela.

Na terceira estrofe: *Combatís su resistencia/y luego con gravedad/decís que fue liviandad/lo que hizo la diligencia*, a poetisa insiste na temática, afirmando que os homens combatem a resistência feminina e, de forma contundente, acusam as mulheres de levianas, irresponsáveis. Interessante que a freira tem nessa estrofe a palavra resistência, que está sendo bastante utilizada por grupos femininos atuais em luta pela liberdade da mulher. A voz poética indica que o homem combate sem descanso a resistência feminina. É comum acontecer, o homem se vale de um jogo de sedução com o qual tenta fragilizar a mulher, vencer os seus raciocínios e impor-lhe o que ele quer.



A quarta estrofe: *Parecer quiere el desnudo/de vuestro parecer loco/al niño que pone el coco/y luego le tiene miedo* avança no ataque, reiterando que a opinião masculina é insana diante da própria ideia que os homens têm na cabeça, agindo como criança que brinca com o perigo e, depois, sente medo. Tal atitude masculina expõe a própria insegurança e insustentabilidade do seu parecer.

A quinta estrofe: *Queréis con presunción necia/hallar a la que buscáis, /para pretendida, Tais,y en la posesión, Lucrecia* aprofunda o golpe no orgulho masculino, pois o homem, inconstante, ora quer Taís⁹, ora Lucrecia¹⁰. Os versos sugerem que o jogo do homem prossegue enquanto engana duas mulheres, a que quer para companheira e a que deseja possuir.

Na sexta estrofe: *¿Qué humor puede ser más raro/que el que, falto de consejo, /él mismo empaña el espejo/y siente que no esté claro?* a poeta desafia os homens questionando sobre seu humor, cuja emoção sobre eles mesmos recai e lhes revela a alma. Nota-se que a poeta torna a acusar os homens, desta vez porque eles mesmo sujam o espelho e, como se fossem inocentes, olham-se nesse espelho e, vendo-o embaçado, fingem-se surpresos como se quisessem perguntar: Quem foi que sujou o espelho? Teria sido ela, a que sempre é a culpada?

A sétima estrofe: *Con el favor y el desdén/tenéis condición igual,/quejándoos, si os tratan mal,/burlándoos, si os quieren bien* alonga o pensamento da anterior, dizendo da indiferença masculina, seu egocentrismo e insatisfação, quer o homem tenha sido favorecido ou não. A mulher é vista sempre como submissa e devedora. Eles ainda se queixam, dizem os versos, de que a mulher sempre os engana, quer eles demonstrem apreço ou não.

⁹ Redondilhas são versos de arte menor, em quartetos, e que têm o esquema de rimas abba

¹⁰ Trata-se de Lucrecia Bórgia, nascida a 18 de abril de 1480, em Comuna de Subiaco (localizada nas proximidades de Roma). Era a terceira filha de Giovanna Vannozza Dei Cattanei, uma mulher bem nascida, e do amante desta, o ilustre cardeal Rodrigo Bórgia, futuro Papa Alexandre VI. Passara boa parte da infância ao lado da mãe, enquanto seus irmãos eram despachados para diferentes locais, sobre intermédio do pai dos mesmos. Contudo, não demoraria muito para que aquela garotinha de cabelos louros fosse afastada do seio materno e enviada para uma série de conventos, a fim de obter uma educação de qualidade para uma moça do período (mais tarde, faria presença na casa de Adriana de Milá, uma nobre viúva que era prima de seu pai). Entretanto, tanta erudição tinha apenas uma finalidade: prepará-la para o casamento. Ela, assim como era comum entre tantas moças aristocratas, seria dada em matrimônio a um fidalgo, para assim garantir uma valorosa aliança política para a sua família. Nesse caso, o pretendente em questão era membro de uma das dinastias mais poderosas de Milão: os Sforza. Disponível em: <<https://rainhastragicas.com/2013/05/15/lucrecia-o-venenos-borgia/>>. Acesso em 15 de maio de 2019.

Se hace una referencia a Thais y Lucrecia en referencia al concepto del amor desde el punto de vista masculino. La primera fue una prostituta amante de Trasón y la segunda era la hija de Espurio, que fue violada. Es decir, por un lado se busca es el lado salvaje que se asocia con la prostituta y, sin embargo para el casarse y convivir se busca esa doncella virgen, ignorante de la sexualidad, para poseerla. (Faz-se uma referência a Thais e Lucrecia. A primeira foi uma prostituta, amante de Trasón, e a segunda era a filha de Espúrio, que foi violada. É como dizer que, por um lado, se busca a face selvagem que se associa à prostituta, e mesmo assim, para que ele se casar, teria que ser uma donzela, ignorante sobre a sexualidade, para que a possuísse) Disponível em: <<https://poemario.org/redondillas/>> Acesso em: 23 de maio de 2019.



A oitava estrofe: *Opinión ninguna gana, /pues la que más se recata, /si no os admite, es ingrata, /y si os admite, es leviana* desfere outro golpe sobre o pedestal de supremacia no qual se coloca o ego masculino, pois, de uma forma ou de outra, a mulher ou é ingrata ou leviana. E que, dessa maneira, ela nunca é vencedora, seja qual for a sua opinião, quer se mostre pura e recatada ou se admite ser uma irresponsável. A figura feminina é mostrada como esse trapo humano, um espantalho do qual não se espera uma atitude sequer a favor de si mesma. E, assim, mulher alguma é vitoriosa em seus relacionamentos com os homens, vez que a mais recatada, se não se submete à vontade masculina, o homem a acusa de ser ingrata; e, se obedece, passa a ser vista como uma leviana, isto é, uma fraca e irresponsável.

A nona estrofe: *Siempre tan necios andáis/que con desigual nivel/a una culpáis por cruel/ y a otra por fácil culpáis* dá continuidade e aprimoramento à ideia contida na estrofe anterior, a poeta acusa o homem de também considerar algumas mulheres cruéis e outras fáceis. As cruéis são as que demonstram independência e insubmissão ao homem. E as fáceis são as que atendem a todas as expectativas masculinas.

Então, na décima estrofe, a poeta questiona: *¿Pues cómo ha de estar templada/la que vuestro amor pretende, /sí la que es ingrata ofende/y la que es fácil enfada?* Demonstrando lucidez e impaciência, o eu poético da freira coloca o homem contra a parede e lhe pergunta sobre como uma mulher seria aprovada, ou estaria tranquila, visto que ele, o homem, se cansa de qualquer uma, quer a difícil, que o ofende em sua masculinidade e supremacia, quer a que lhe atende aos desejos, submissa. Ali está o homem revelado, o insatisfeito, o exigente, o eterno crítico e carrasco da mulher.

As estrofes de 11 a 14 falam de mudanças de humor dos homens em relação à mulher, ora sentindo raiva ora sentindo pena. Questionam se elas fracassam em suas paixões; se pecam porque pagam para pecar; se eles as amedrontam pela culpa que é somente deles. Na última estrofe resolve responder adiantando que os homens ferem as mulheres porque são arrogantes, indecisos e que juntam ao mesmo tempo o diabo, a carne e o mundo. A partir deste ponto, a investigação apresenta uma panorâmica do poema em destaque, de Juana Inés, apoiada nas teorias consultadas e traçando um estudo do discurso poético, contido no mencionado poema, em que a poeta usa sua voz para denunciar o comportamento preconceituoso dirigido à mulher no século XVII, em geral uma mulher iletrada, o que não era o caso de Juana, daí ter chamado tanta atenção e se tornado uma intelectual profundamente estudada por vários pesquisadores no campo da literatura hispano-americana. Trata-se de um poema em Redondilhas, com 17 estrofes, tendo cada uma, quatro linhas de versos (quarteto), o que dá um total de 68 linhas de versos com o esquema de rimas abba, o que significa dizer que o primeiro verso rima com o quarto verso e que o segundo verso rima com o terceiro.

O poema é uma sátira filosófica, um poema de cunho feminista que tematiza o machismo, a problemática dos apelos materiais (da carne). É comum, na literatura o entendimento de que



a sátira é uma forma de ironizar, criticar, apontar defeitos na sociedade, na política, nos costumes, nos indivíduos, etc. A sátira filosófica é aquela que faz isto acrescentando uma reflexão de cunho ético, moralista e filosófico sobre determinado tema. Segundo Soethe (1998, p. 8), “é praticamente consenso entre os teóricos recentes a dificuldade de uma definição única para o que seja sátira”.

O texto poético em estudo retrata o comportamento animalesco do macho, da mulher, quer pura ou impura; da purificação, da desigualdade de gênero, da moral, da culpa ensinada e perpetuada ao longo dos séculos, do abuso à mulher que é tratada como um brinquedo do homem.

No poema há figuras de estilo, a exemplo da antítese, como acontece nos versos: *ele mesmo que embaça o espelho/ e sente que não está claro* > (*él mismo que empaña el espejo / y siente que no esté claro*). Nessa exemplificação, a antítese consiste nos dois termos: *embaça / empaña*, algo que está turvo e o *claro*, que é o oposto. Um segundo exemplo se observa nos versos: *em favor e desdém*. A antítese é formada com os substantivos *favor* y *desdén*: favor que significa apreço e desdém, que significa desprezo. Outra figura literária de estilo se nota na aliteração, repetição de sons, como acontece em: "*Pues ¿para qué os espantáis / de la culpa que tenéis? / Queredlas cual las hacéis / o hacedlas cual las buscáis*". Para homenagear Juana Inés, inspirada na produção deste estudo, na personalidade, obra e vida da freira mexicana. Na condição de poeta, produzi uma releitura e recriei, em língua portuguesa, que intitulo *Mentes incautas, que nos acusais*. Esta composição poética tem a forma diversa da forma do de Juana Inés. O poema é de versos livres e rimas também livres, sem compromisso com o esquema de rimas formal. A obra, de minha autoria tem seis estrofes, sendo cada uma acompanhada de um refrão, a quantidade de linhas de versos é irregular, portanto, livre também, obedecendo apenas ao ritmo e à emoção da autora.

Mentes incautas, que nos acusais (Sylvia Geórgia Meneses, em: 14-05-2019)

Era o século XVII, a décima musa acusava:

Sois mentes incautas de homens “intelectuais”

Tanta sabedoria,

Mas, supérfluos continuais

Refrão - (*Monja sábia,*

Sois mente inquieta e inquietante,

Incauta jamais)



Século XXI,

Seguimos a lutar

Homens néscios que ora

Não somente acusais

Com suas mentes e mãos:

Bateis;

Estrupais;

Assassinais,

Monjas,

Mulheres,

Milhares

Refrão - (*Monja sábia,*

Sois mente inquieta e inquietante,

Incauta jamais)

Seguis desdenhando de Tais, de Lucrecia, de Tereza,

de Marieles e presidentas

Sociedade insana

Pobre monja...

Vosso poema segue vivo em nossas entranhas

Refrão - (*Monja sábia,*

Sois mente inquieta e inquietante,

Incauta jamais)

Sois tão formosa, ó monja



*Que adjetivos não vos faltariam
Todavia de incautas nos acusam,
De ingratas, fáceis, levianas
Não sabem que, de dentro do vosso hábito,
Não pecais em sabedoria
Ó, formosa Fênix mexicana
Na Nova Espanha, sequer
Vice-reinas europeias
Tanto nos encantariam*

Refrão - (Monja sábia,
*Sois mente inquieta e inquietante,
Incauta jamais)*

*Física, química, matemáticas, antropologia
¿Como pudestes, Sor Juana?
¡Dios mío!
Seu saber assusta pela maestria
Assusta, não a mim, não a elas, mas
A eles, por covardia*

Refrão - (Monja sábia,
*Sois mente inquieta e inquietante,
Incauta jamais)*

*Direi ELE NÃO
Por mim
Por elas*



Por vós

Uma promessa feita em uma casa centenária

De uma avó

Que, como vós, dizia como se fora uma profecia

Refrão - (*Monja sábia,*

Sois mente inquieta e inquietante,

Incauta jamais). (MENESES, 2019)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto ao primeiro objetivo traçado para a pesquisa, alcançamos apresentar o contexto em que se insere Sor Juana Inés de la Cruz, cuja voz se fez audível e vibrante no século XVII, no espaço da Nova Espanha, como era chamado o México, durante a colonização espanhola, mas, até a atualidade ela se comporta como um eco que se ouve nos diversos estudos científicos e biografias produzidas sobre essa monja que continua encantando e até sendo inspiração para filmes e poetas.

Cumprimos o segundo objetivo no que se propôs a analisar a obra poética de Sor Juana de La Cruz, tomando como base o poema intitulado *Hombres necios que acusáis*, denunciando o comportamento machista e evidenciando o pensamento libertário feminista nos versos do mencionado poema. Percebemos o compromisso da freira em mostrar aos homens e às mulheres, em poesia, o que sentia quanto às atitudes machistas e constrangedoras dos homens no tratamento com as mulheres, sempre confundindo-as e criticando-as com o objetivo de a elas se sobreporem.

O terceiro objetivo foi alcançado com sucesso na estruturação de uma interpretação/análise crítico-literária e releitura e recriação do poema em estudo. Foi nesse ponto que me veio a inspiração para a composição de um poema, ao qual intitulei *Mentes incautas que nos acusais*.

A obra de Juana Inés é plural, ela produziu sobre várias áreas do conhecimento humano, a exemplo da Antropologia, Matemática, Física, Astronomia, Arquitetura, Literatura em prosa e em verso. Sua poesia profana se faz notar pelo pensamento libertário feminista, tornando-a reconhecida como a primeira voz a se levantar no contexto hispano-americano em favor da mulher.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. de. Juana Inés de la Cruz: glória, esquecimento e redenção. **Hispanista: Revista Electrónica de los Hispanistas de Brasil**. v. 14, n. 54, 2013. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/429.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2019.

ARAUJO, Selma. **Sor juana inês de la cruz e a condição feminina na América Latina: texto, contexto e intertexto**. Dissertação (graduação em letras, artes e mediação cultural). Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu. 2014. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/351/Sor%20Juana%20In%C3%AAs%20de%20La%20Cruz%20e%20a%20Condi%C3%A7%C3%A3o%20Feminina%20na%20Am%C3%A9rica%20Latina.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mar. 2019.

BARQUÍN, H. S. Recintos Monásticos de los siglos XVI y XVII: Cárceles libertarias. **La Colmena**. n. 5, p. 76-80, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6148356.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2019.

BARROS, Gracinda Vieira. Sórora Juana Inés de la Cruz: A mulher na cidade das letras. **Darandina Revisteletrônica**. Juiz de Fora: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/08/S%C3%B3ror-Juana-In%C3%A9s-de-la-Cruz.pdf> Acesso em: 13 mar. 2019.

BOSI, A. Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexões. In: BOSI, A. (org.). **Leitura de Poesia**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRASIL. **Lei nº 13.827 de 13/05/2019**. Brasília. [Diário Oficial da União de 14/05/2019] (p. 3, col. 2).

CÂNDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: FFLCH-USP, 1996.

Convento de San Jerónimo (Ciudad de México). Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Convento_de_San_Jer%C3%B3nimo_\(Ciudad_de_M%C3%A9xico\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Convento_de_San_Jer%C3%B3nimo_(Ciudad_de_M%C3%A9xico)). Acesso em: 19 maio. 2019.

El olmo - clube de lectura castelnovo. Disponível em: <https://clublecturacastelnovo.files.wordpress.com/2017/09/redondillas.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GARCÍA, M. R. El campo cultural del siglo XVII en España y la Nueva Granada. **Desafíos**, v. 25, n. 1, p. 205-243, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/desa/v25n1/v25n1a07.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.

Guía de Lectura. Poesía: “Hombres necios que acusáis”, de Sor Juana Inés de la Cruz, por Ancrugon. Disponível em: <



<https://clublecturacastellnovo.files.wordpress.com/2017/09/redondillas.pdf>>. Acesso em: 19 maio, 2019.

Juana Inés de la Cruz. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Juana_In%C3%A9s_de_la_Cruz>. Acesso em: 19 maio. 2019.

MOLÍNS, Dom Antonio Elías de. **Poesias escogidas: la decima musa mejicana.** Madrid: Libreria de Victoriano Suárez, 1900. Disponível em:

<<http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080019218/1080019218.PDF>> . Acesso em: 13 mar. 2019.

MORALES, Adriana. Sor juana inés de la cruz. Disponível em:

<<https://www.todamateria.com/sor-juana-ines-de-la-cruz/>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

MORENO, C. D.; MORENO, L. J. Sóror Juana: a fênix mexicana. **Cordis: Mulheres na História**, São Paulo, n. 12, p. 31-56, jan./jun. 2014. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/21934/16115>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

MUÑOZ, M. R. Ne hault, ne bas... médiocrement (Millares Cario y la “Décima Musa”: un trabajo inédito sobre Sor Juana Inés de la Cruz). **Espacio, Tiempo y Forma**, Serie IV, História Moderna, t. 7, p. 175-198, 1994. Disponível em:

<<http://revistas.uned.es/index.php/ETFIV/article/viewFile/3306/3164>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

PAREDES, Beatriz. *In* PAZ, O. **Sor Juana Inés de la Cruz ou as armadilhas da fé.** São Paulo: Ubu Editora, 2017. Disponível em:

http://cdn.ubueditora.com.br/trechos/sor_juana_ines_de_la_cruz_ou_as_armadilhas_da_fe.pdf. Acesso em: 8 mar. 2017.

PLANCARTE, Alfonso Méndez. **Obras Completas de Sor Juana Inés de La Cruz, México 1951-1957.** tomo I. Inroucción. p. XXVII - XXVIII.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2ªed. Rio Grande do Sul: UNIVERSIDADE FEEVALE, 2013.

REDIES, A. B. Delimitação estética e histórica do barroco. *In*: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense.** Cadernos PDE. 2007. Disponível em:

<www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_unioeste_port_artigo_amarildo_britzus_redies.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2019.

RUIZ, Rafael; SILVA, Janice Theodoro da. **La carta atenagórica: Sor Juana Inés de La cruz y los caminos de uma reflexión teológica.** EHN 29, Julio-diciembre, 2003. P. 77-95.

SILVA, Antonio Wardison C. et al. Aspectos da inquisição medieval. **Revista de Cultura Teológica.** São Paulo. v. 19. nº 73. jan-mar. 2011.

SILVA, Eliane. **Sor Juana Inés de La Cruz: uma breve leitura das invocações e Características de Maria.** Dissertação (pós-graduação em Teologia). Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2015. Disponível em:

<<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5892/1/466733.pdf>>. Acesso em: 12 mar, 2019.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

SOETHE, P. A. Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã na década de 60. **Fragmentos: Revista de língua e literatura estrangeira.** (Universidade Federal de Santa Catarina) v. 7, n.2, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZAPATERO, Alberto Baena. **As vice-rainhas e o exercício do poder na nova Espanha (séculos XVI e XVII).** rev. hist. n° 176. São Paulo: Universidade Federal de Goiás, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rh/n176/2316-9141-rh-a03616.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2019.



PERSPECTIVA MODERNISTA SOBRE O USO SOCIAL DA LÍNGUA

Jandson dos Santos da Silva (FPD)¹
Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD)²

RESUMO

O referido trabalho visa discutir a perspectiva interacional da língua pelo viés do movimento modernista através do estudo sociolinguístico. Na pesquisa serão expostos e analisados os poemas “Os sapos”, de Manuel Bandeira e “Pronominais”, de Oswald de Andrade, tendo em vista uma análise aprofundada da língua com o intento de compreender melhor a importância conversacional em detrimento ao exagero da norma padrão evidenciado na poesia parnasiana. Como metodologia investigativa este estudo dialogará com teóricos da Literatura e da Sociolinguística, a citar: Tufano (2003), Campedelli e Souza (2009), Bagno (1999) e Ilari e Basso (2007) para averiguar a metalinguagem presente nos poemas, que têm como enfoque a comunicação e questionam a efetividade da gramática normativa tão prezada pelo Purismo linguístico, uma vez que enquanto os puristas visam ao estruturalismo em qualquer contexto, o Modernismo e a Sociolinguística têm como finalidade as adequações contextuais e o uso social.

Palavras-chave: Língua. Modernismo. Perspectiva Interacional. Sociolinguística.

LA PERSPECTIVA MODERNISTA SOBRE EL USO SOCIAL DEL LENGUA

El referido trabajo apunta a discutir la perspectiva interactiva de la lengua por el sesgo del movimiento modernista a través del estudio sociolingüístico. En la investigación se expondrán y analizará los poemas "Los sapos", de Manuel Bandeira y "Pronomistas", de Oswald de Andrade, con vistas a un análisis en profundidad de la lengua con el intento de comprender mejor la importancia conversacional en detrimento de la exageración de la norma estándar evidenciado en la poesía parnasiana. Como metodología investigativa este estudio dialogará con teóricos de la Literatura y de la Sociolingüística, a citar: Tufano (2003), Campedelli y Souza (2009), Bagno (1999) y Ilari y Basso (2007) para averiguar el metalenguaje en los poemas, que tienen como enfoque la comunicación y cuestionan la efectividad de la gramática normativa tan preciada por el Purismo lingüístico, una vez que los puristas apuntan al estructuralismo en cualquier contexto, el Modernismo y la Sociolingüística tienen como finalidad las adecuaciones contextuales y el uso social.

¹ Graduando do curso de Letras Português/ Espanhol da Faculdade Pio Décimo.

E-mail: jandsons-s@hotmail.com

²Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestre em Literatura e Cultura. Atualmente é professora de Literatura da Faculdade Pio Décimo.

E-mail: tatiana.cintia@piodecimo.edu.br.



Palabras-clave: Lengua. Modernismo. Perspectiva Interaccional. Sociolinguística.

1. INTRODUÇÃO

A literatura é uma das áreas da linguagem que constitui cultura, sendo assim, a língua torna-se instrumento de trabalho da área e precisa ser utilizada de forma a considerar os fatores intrínsecos à sociedade. Nesta perspectiva, na pesquisa em questão, cabe-nos observar a identificação do movimento modernista com os preceitos sociolinguísticos para corroborar com a hipótese funcional da língua, assim como evidencia o Modernismo: interaccional e dinâmica.

Sendo assim, esta pesquisa tem uma metodologia bibliográfica e investigativa com o intuito de dialogar com teóricos da Literatura e da Sociolinguística, a citar: Tufano (2003), Campedelli e Souza (2009), Bagno (1999) e Ilari e Basso (2007) para averiguar a metalinguagem presente nos poemas.

É válido ressaltar que, para este estudo transdisciplinar, alinhamos como objetivo geral discutir a língua em sua perspectiva interaccional, não como objeto fechado e acabado. Os objetivos específicos encaminham-se para *desenvolver* o arcabouço crítico sobre os poemas modernistas em aversão ao ideário purista das produções; *apresentar* questões de estilística, proatividade e capacidade expressiva do eu lírico expressas nas obras modernistas; *analisar* poesias modernistas para corroborar com as hipóteses almejadas.

Na pesquisa serão expostos e analisados os poemas “Os sapos”, de Manuel Bandeira e “Pronominais”, de Oswald de Andrade, tendo em vista uma análise aprofundada da língua com o intento de compreender melhor a importância conversacional em detrimento ao exagero da norma padrão evidenciado na poesia parnasiana.

2. A ESTÉTICA MODERNISTA E A SINGULARIDADE CONTEXTUAL

A literatura é composta por diversos movimentos, que influenciaram diretamente na representação cultural, linguística e social do Brasil, a exemplo do Modernismo. O movimento surgido em São Paulo, no ano de 1922, teve como objetivo inovar a literatura da época e dessa tentativa surgiram várias características cruciais para o desenvolvimento da sociedade atual.



No início século XX, a literatura brasileira ainda estava sobrecarregada pelos padrões ortodoxos do Parnasianismo, que delimitava e aprisionava os escritores. Contrariamente a isso, a estética do Modernismo não tinha por finalidade a padronização, pois buscava – através do uso da linguagem coloquial – alcançar os mais desprovidos de cultura, porque eram as personagens das construções de fala mais eficientes e revolucionárias. A estética dita homogênea, única e incorruptível, não tinha mais espaço nem pertinência tendo em vista as transformações ocorridas no país; logo, necessitava-se das mudanças fundamentais e estabelecidas por vozes como a de Manuel Bandeira e de Oswald de Andrade, este último, inclusive, traz de suas viagens os pressupostos futuristas e as inovações europeias, como afirma Afrânio Coutinho (2004):

O desejo de atualizar as letras nacionais – apesar de para tanto ser preciso importar ideias nascidas em centros culturais mais avançados – não implicava uma regeneração do sentimento brasileiro. Afinal, aquilo a que Oswald aspirava, a princípio sozinho, depois em companhia de outros artistas e intelectuais, era tão-somente a aplicação de novos processos artísticos às aspirações autóctones, e, concomitantemente, a colocação do país, então sob notável influxo de progresso, nas coordenadas estéticas já abertas pela nova era. (COUTINHO, 2004, p. 5)

Coutinho (2004) descreve; portanto, muito bem a ideia que Oswald tinha sobre a literatura vigente e a capacidade que as outras formas, mesmo que importadas, tinham de modificar tal cenário. A necessidade de renovação era imanente às sociedades. No Brasil, essa renovação precisava acontecer, já que a população crescia e, com isso, algumas as palavras deixavam de ser utilizadas para dar lugar a novos termos e expressões, bem como a capacidade lírica precisava ser repensada. O país precisava de renovação linguística, mas não havia inspirações interiores que pudessem atender às mudanças, dessa forma Oswald necessitou buscar estímulos de outros países. Vendo que as ideias de Oswald poderiam fazer a diferença no âmbito literário da época, alguns grupos de escritores foram se formando mesmo que inconscientes da revolução que poderiam estabelecer para a literatura.

Segundo Douglas Tufano (2003), o ápice da história do escritor para o Modernismo foi a vitória do concurso internacional em Paris, pois os modernistas sentiram a realização dos seus sonhos, que antes pareciam utopia diante de tantas críticas das correntes tradicionalistas vigentes. Esses acontecimentos serviram para a disseminação das ideias modernistas para os



artistas e para o agrupamento de autores com as mesmas ideologias, como também para a organização da Semana de Arte Moderna em 1922. Esse evento teve como objetivo “divulgar a existência de uma nova geração de artistas, escritores e intelectuais que lutavam pela renovação da arte brasileira e pela atualização da nossa cultura” (TUFANO, 2003, p.25) e foi o marco definitivo para a propagação e promoção do Modernismo no Brasil.

Assim como foi criada a área de estudos sociais da língua, o Modernismo apresentou a mesma hipótese para seu surgimento: o respeito para com as variações de fala e o engajamento do falante perante as situações políticas de igualitarismos sociais. Campedelli e Junior (2001, p. 200) destacam que: “uma das características essenciais do Modernismo tem sido a reflexão crítica sobre a linguagem”, e isso é uma confirmação concreta de que a sociolinguística e o movimento modernista estão interligados, já que veem a linguagem como função crítica e funcionalista do meio social. Nesse enfoque, a presença da metalinguagem nos poemas modernistas pode retratar bem a associação dos dois campos de atuação, pois é dela que, também, emanam críticas ao tradicionalismo exagerado e ao despreço pelos preceitos sociais da língua.

Nestas primeiras amostras, o movimento buscava, prioritariamente, romper com a estética vigente para trazer para a literatura um novo aspecto onde não se reprimisse mais o lirismo e não o aprisionasse em moldes ortodoxos e canônicos da literatura vigente. O eu lírico, no Parnasianismo, não representava sua capacidade poética total, visto que não era permitido que a formalidade estética fosse rompida, sendo assim, os escritores modernistas entendiam que a literatura necessitava de uma nova roupagem que se adequasse a realidade da população, mas para que essa atualização acontecesse o eu lírico precisava ser livre. Candido (1983, p. 30) diz que “de modo geral, ocorreu uma ‘intelectualização’ da vida literária, que se amplia e adquire padrões de maior exigência”, assim, as obras literárias em sua grande parte foram se aproximando com a modernidade com a utilização de linguagens mais acessíveis e, mesmo que gramaticais, soavam como críticas humorísticas.

Desta forma, compreendemos que formalizar a linguagem em modo excessivo a torna incompreensível para a grande parte da população não letrada e que o coloquial exerce grande influência para o gosto pela literatura e, até mesmo, pela gramática e isso é uma mostra de que



as variações também devem ser prestigiadas, já que são proativas para a comunicação interacional e plurilinguísticas entre os falantes.

3. PARNASIANISMO PURISTA X INOVAÇÃO MODERNISTA

Para entendermos melhor como os ideais puristas influenciaram para a disseminação das formas gramaticais nas obras literárias, precisamos fazer um panorama histórico da literatura da sociedade brasileira, partindo do Parnasianismo até o Modernismo.

O movimento parnasiano surgiu a princípio na França e foi repercutido no Brasil no final do séc. XIX. Essa escola teve como princípios ideológicos a “arte pela arte” e buscava a perfeição dos versos poéticos, como destaca Jésus Barbosa Souza e Samira Yousseff Campedelli (2009)

A “arte pela arte” estava voltada para o ideal clássico de beleza e harmonia de formas. É a arte voltada para o Belo. Daí o verso parnasiano ser perfeito quanto à sua estrutura métrica e sonora, predominando a técnica do bom versejar no lugar da inspiração (CAMPEDELLI; SOUZA, 2009, p. 347).

A estrutura métrica e sonora, assim como a técnica de escrita representam a característica imparcial do movimento e são justamente nestes três aspectos que os puristas parnasianos se basearam para formar a ideologia de linguagem cristalina e homogênea da poética da literatura brasileira. Essas características se consolidaram nos ideais parnasianos com a justificativa aristocrática de que a língua tem que ser “bela”. De certa forma, o movimento acarretou em alienação ideológica e desconsideração à realidade social, já que a procura pelo “bela” se limitava a questões que só considerava a autonomia da língua em relação a seus falantes.

O movimento entendia que os poemas precisavam se enquadrar a modelos, assim privilegiando os sonetos – composição poética composta de quatorze versos – como forma ideal de escrita. A parte sonora estava ligada às rimas perfeitas e linguagem lusitana, ou seja: uma linguagem derivada de preceitos formais do português de Portugal, o que ocasionou em uma literatura meramente descritiva, desconexa da realidade social.

Sendo assim, a objetividade da linguagem, além de tornar os poemas técnicos, fez com que a expressão ficasse presa à gramática, o que para a sociolinguística representa a onipotência da soberania gramatical diante das modalidades usuais da língua, no mais, “a linguagem ornamental do Parnasianismo persistiu em muitos poetas desse período, que escreviam bem ao



gosto do público das camadas dominantes, sem finalidade de denúncia, de análise ou de crítica” (CAMPEDELLI; SOUZA, 2009, p. 382). Todavia, com o crescimento demográfico, o modo de fala popular se expandiu e, com ele, a incompreensão das formas dos poemas parnasianos também, porque aqueles poetas não representavam de forma eficaz a necessidade social, do mesmo modo que não expressavam a linguagem das grandes massas.

Ao observar a situação, os “futuristas” – assim eram chamados os revolucionários da literatura brasileira – sentiram que havia a necessidade de reinvenção dos escritos, já que entendiam a literatura como cultura dos grandes blocos sociais. Havia um apreço pela renovação da linguagem para tornar os poemas acessíveis para o grande público, deste modo eles perceberam que “língua e gramática não se equivalem” (ANTUNES, 2007, p. 44), então, coube repensar a variedade utilizada nas construções literárias para fazer com que a literatura cumprisse seu verdadeiro papel: ser parte constituinte da cultura da sociedade brasileira e fazer parte da expressão autêntica da nossa sensibilidade e do intelecto nacional.

O Modernismo sofreu grandes críticas de autores renomados, mas esses ataques não fizeram com que o movimento regredisse, pelo contrário, ele foi fortalecido, tornando-se uma fonte de literatura engajada e politizada, de forma a reproduzir a realidade cruel que os brasileiros viviam na época ditatorial e de crise internacional. Esses aspectos fazem com que a escola se assemelhe com melhor nitidez aos preceitos da sociologia da linguagem.

Os escritos dos poetas modernistas em nada se pareciam com os modelos parnasianos, e quando se pareciam era apenas para ridicularizar a estética anterior muitas vezes parodiada. Como podemos observar em trechos do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira – poema declamado por Ronald de Carvalho no segundo dia 15 da Semana de Arte Moderna – e na repercussão do mesmo para os escritores e críticos da literatura da época.

O hino modernista, como foi considerado “Os sapos”, provocou grande alvoroço no público por se tratar de um poema de cunho crítico que retratava a estética parnasiana como ultrapassada e retrógrada. Grande parte do público que frequentou a Semana de Arte Moderna se constituiu em escritores parnasianos, críticos literários e alguns admiradores da literatura “perfeita”, esses estavam acostumados a ler e escutar escritos clássicos do canônico parnasiano e, ao ouvirem Ronald declamar um poema de linguagem coloquial e sarcástico, revoltaram-se com vaias e repulsas.



Esse fato mostra o quanto a renovação literária proposta pelo Modernismo foi crucial tanto para o senso crítico das obras quanto para a estética de escrita, como destaca Campedelli e Souza (2009, p. 453) ao afirmarem que “Bandeira rompeu tradições poéticas, introduzindo o coloquialismo na poesia, tornando-se arauto do verso livre alcançando o cotidiano ao plano estético [...]”. O verso livre ou verso irregular, aqui, refere-se ao poema que não obedece a restrições métricas, rítmicas, estilísticas e até mesmo, gramaticais; logo, dialogando com as ânsias da Sociolinguística.

Outros aspectos que ligam a Sociolinguística ao Modernismo se constituem a partir da valorização da espontaneidade do discurso e o prestígio da linguagem dita inculta pelos detentores tradicionalistas do canônico português brasileiro. Esses preceitos incorporam a visão que desmistifica noções exageradas limitadoras da expressividade dos falantes. Desse modo, as hipóteses que afirmam que não é correto unir linguística e literatura são frustradas, pois as teorias emanadas da língua podem, até certo ponto, adquirir comportamentos amistosos.

Do mesmo modo que o campo sociolinguístico coincide pontos e características com a literatura modernista, correntes tradicionalistas que percorrem as teorias linguísticas se assemelham e podem até se equivaler em ideologia. O purismo, em sua vertente valorizadora da forma, por exemplo, encontra-se em analogia ao Parnasianismo, pois contemplam uma língua culta, sem falhas e que deprecia toda e qualquer interferência dos seus falantes, fazendo com que se criem preceitos ideológicos que desvalorizam as formas emergentes da comunicação expressa permissivas de “erros” gramaticais.

Logo, o modo parnasiano de pensar a língua compreende aspectos estruturalistas, pois imagina-se que as formas são mais importantes que a prática, esse pensamento funciona para o cálculo mas para a linguagem não se mostra tão efetivo assim, visto que a linguagem não compreende fórmulas, mas cargas interacionais indetermináveis. Quando se entende que uma língua precisa ser conservada em fórmulas existe a propensão de desconsiderar toda e qualquer interação comunicacional e o caráter enérgico proveniente das constituições linguísticas, desrespeitando assim as noções de plurilinguismo presentes no falar dos sujeitos e acarretando em diversas barreiras na linguagem.

O Modernismo, assim como a Sociolinguística, vê a língua como expressão funcional dos falantes e se mostra como um movimento impulsionador do pensamento apostado aos dos puristas



extremados, de forma a revolucionar a língua e libertá-la das amarras da norma padrão. As obras escritas do movimento modernista, tanto em prosa quanto em verso, são registros da sede pela mudança e pelo aprimoramento da língua, dentre os escritos desse movimento revolucionário, podemos destacar o poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade, uma vez que existe nele um discurso poético marcado pela ironia, que é uma das características marcantes da escola literária em questão. Assim, a ironia é utilizada pelo poeta como tentativa de mostrar para os leitores e escritores que a norma padrão não é a única forma de expressão a ser aceita.

Os puristas são adeptos da concepção padronizada de língua, mas negligenciam que até na norma padrão existem variações e que não há como definir a língua da cultura brasileira, pois não existe homogeneidade linguística no Brasil, sobre esta questão Rodolfo Ilari e Renato Basso (2007) dizem que:

a uniformidade do português brasileiro é em grande parte um mito, para o qual contribuíram 1) uma certa forma de nacionalismo; 2) uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; e 3) uma certa insensibilidade para a variação, contrapartida do fato de que os falantes se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala. (ILARI; BASSO, 2007, p. 151).

Como afirmado pelos teóricos, a concepção de língua única ou uniforme no Brasil acarreta em um mito quando se sabe que no país há uma gama de possibilidades linguísticas e que, como qualquer outra língua, o português brasileiro está predisposto a variações, desse modo, a discussão sobre a homogeneidade do português brasileiro é levantada por linhas de pensamento como o Parnasianismo e o Purismo da língua, que limitam a visão dos falantes para o fenômeno linguístico, a predileção de uniformidade, gerando preconceitos estigmatizados.

Esses preconceitos geraram inquietações nos escritores do Modernismo e nos teóricos da Sociolinguística e, a partir disso, a insatisfação social com as hipóteses linguísticas apresentadas pelos estudiosos tradicionais e formalistas fizeram com que as pesquisas se aprofundassem e com que muitas dessas conjeturas fossem desfeitas.



4. A POESIA HETEROGÊNEA DE OSWALD DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA

A democracia da linguagem é, por vezes, limitada pela relação entre dominado e dominante, situação que cria preceitos de superioridade intelectual e, também, linguística, resultando em dominação da língua por parte do autocrata que, geralmente, prestigia a norma. Assim, estandardização da língua acontecia no período parnasiano, onde se pregava que o português arcaico e/ou a gramática eram a única forma de escrita que os poetas poderiam utilizar e o que não era escrito de acordo com a norma padrão estava longe de ser literatura; porém, o Modernismo entendeu que era necessária “uma nova técnica para representação da vida em vista de que os processos antigos ou conhecidos não apreendem mais os problemas contemporâneos” (TUFANO, 2003, p.16) em detrimento da exaltação gramatical pregada até o momento.

Não obstante, Bagno (1999) em seu livro “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz”, elenca alguns mitos sobre a língua portuguesa, e, dentre estes, há o mito de que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem”. Bagno diz que se a gramática fosse a chave para a melhor escrita, os gramáticos seriam os melhores escritores, o que não é verídico. A gramática normativa cerceia a expressão assim como o Parnasianismo acaba por inibir e aprisionar a língua em moldes estéticos e estáticos, em detrimento do lirismo, muitas vezes. Sobre isso Bagno diz:

Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. (BAGNO, 1999, p. 64).

Os escritores modernistas repudiavam essa ideologia de língua pura e superior que os moldes parnasianos exalavam, por isso decidiram inovar. O poema “Pronominais” é um dos escritos que fizeram parte dessa renovação linguística e literária, como pode ser observado abaixo:

Pronominais



Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.
(ANDRADE, 1972)

Ao não utilizar a forma mais usual do pronome oblíquo “me” no início de frases (próclise) no primeiro verso do poema, Oswald demonstra que entende as formas gramaticais – até por que o título do poema é uma evocação aos verbos que são acompanhados por pronomes e indicam atos relacionados ao sujeito – e relata isso no segundo verso, quando afirma que a norma gramatical pede que falemos “dê-me” ao invés de “me dê”. Sobre a colocação pronominal Bechara (2004) afirma que:

A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação dos pronomes átonos. (BECHARA, 2001, p. 587)

A crítica do autor cabe também ao passadismo acadêmico que o Parnasianismo propôs para a linguagem dos poemas. Esse modo retrógrado não considera a heterogeneidade semântica que os poemas podem demonstrar, assim, o Modernismo, em sua primeira geração, vai de encontro a essa ideologia, pois tenta romper com os ideais normativistas. No poema, o eu lírico propõe que a linguagem informal também seja considerada na linguagem literária, demonstrando que a colocação do pronome átono vai depender da pretensão do escritor e da finalidade da escrita.

A questão do aprendizado da norma padrão é ressaltada no terceiro e quarto versos, onde se lê que a gramática é “do professor e do aluno, e do mulato sabido”. A relação entre professor e aluno pressupõe que a norma culta é ensinada prioritariamente no contexto escolar, o “mulato sabido” refere-se ao linguajar coloquial adjacente a norma padrão, mas que constitui uma carga comunicativa notória para a construção dos poemas e, por isso, a linguagem informal também



precisa ser considerada na construção literária, já que ela está ligada diretamente a grande maioria de falantes brasileiros e a literatura comporta-se como social.

Na segunda estrofe do poema, o eu lírico faz uma crítica à norma culta, que é considerada a variação nacional de prestígio do Brasil, dizendo que a língua da cultura nacional é a língua utilizada pela maioria e não por uma minoria que raciocina ser melhor. A relação entre negro e branco na primeira estrofe, reflete também a questão de segregação racial, que era muito marcante na época. Ao dizer que “o bom negro e o bom branco” falam iguais, Oswald exprime que, independentemente da posição social do sujeito ou de sua cor, ele está propenso a utilizar a forma mais funcional da língua para se expressar.

A estilística do poema enquadra-se no aspecto de verso livre, com ausência de ritmo, ele tem um tamanho pequeno comparado aos sonetos parnasianos e baseia-se em uma crítica referente à linguagem. A ausência de métrica marcada e a liberdade do eu lírico são banalizadas pela poesia parnasiana. Essa “afrenta” demonstra a vontade de o autor em tornar a linguagem dos poemas mais espontâneos e de trazer uma menor distância entre a fala e a escrita, o que se adéqua aos pensamentos sociolinguísticos.

Oswald de Andrade é reverenciado por Antonio Candido e Aderaldo Castelo (1983) como um escritor primordial para a literatura contemporânea brasileira, pois com seu tom humorístico e crítico fez com que a estética e a semântica nos textos literários fossem renovadas, assim, o poeta, junto a outros modernistas, conseguiu quebrar as barreiras impostas pela literatura vigente renovando a poesia e a deixando mais atrativa aos leitores comuns. Outrossim, o poema deixa explícito que vale mais a funcionalidade da língua que a formalidade, destacando que a interação é mais importante que a norma prescritiva, e isso é uma forma de “extravasamento geral de lirismo, em formas livres, sob as quais não reconhecemos mais estruturas tradicionais, a não ser quando o poeta, intencionalmente, as pratica em sentido quase humorístico” (CANDIDO; CASTELLO, 1983, p. 19).

O poema “Pronominais”, como analisado anteriormente, mostra que o objetivo do Modernismo não era simplesmente recriminar a norma padrão ou a gramática, mas fazer com que os puristas e parnasianos entendessem que a literatura e a língua portuguesa não podem ficar presas a correntes e que não há apenas uma forma de se fazer literatura, do mesmo modo de que não há como entender que só existe uma única forma de falar. Vários são os problemas



sociais que surgem quando se tenta determinar uma variação linguística e desvalorizar todas as outras, dentre eles está o mito de que “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social” exposto por Marcos Bagno. Esse mito está ligado à noção de poder constitutivo que os puristas e gramatiquinhos acham ter sobre as relações interacionais. O anseio pelo pertencimento da língua é um dos ideais normativos, e ele corrobora com a constatação de que as produções linguísticas que têm como aporte a norma culta funcionam como escada para ascender socialmente, o que nem sempre funciona dessa maneira. Sobre essa questão Rodolfo Ilari e Renato Basso (2007) dizem que:

No domínio de nossa língua, pensar na gramática como conhecimento capaz de distinguir as pessoas bem criadas das pessoas “baixas” é uma ideia antiga e fortemente arraigada. Muitos gramáticos têm entendido assim sua tarefa; e é indiscutível que ao realizá-la contribuíram para dar uniformidade à língua e para frear sua mudança (apontando certas construções como corretas e excluindo outras como viciosas) (BASSO, ILARI, 2007, p. 206).

É dessa forma que os parnasianos são vistos pelos modernistas, como fiscais da língua e das formas, e esta posição não mais fora aceita pelos revolucionários da literatura, que viam como o tradicionalismo tem a capacidade de frear a mudança e a evolução do lirismo. No poema citado anteriormente, podemos perceber no segundo verso da primeira estrofe a frase “Diz a gramática”, essa proposição concebe a finalidade da gramática, que é dizer, ditar, prescrever o que tem que ser falado ou escrito. O Modernismo, assim como a sociolinguística, vê essa capacidade da gramática como forma de afastar o uso real da língua dos seus sujeitos, assegurando que a linguagem não evolua e não seja reflexiva. Isso tudo elucidado que as variações são iminentes ao português brasileiro e que tentar barrá-las só trará frustrações a seus falantes.

Se no poema de Oswald notamos muita ironia, no poema-hino do Modernismo isso ainda mais se edifica. Podemos ver a irreverência de Bandeira em “Os sapos” ao utilizar-se da variação coloquial da fala e do humor para ridicularizar os parnasianos e ao tipificar alegoricamente os sapos, metáforas para ironizar a estética do período tradicionalista. A crítica aos parnasianos é expressa em todo o poema e é a mais marcante, como podemos ver abaixo:

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: “Meu cancionero
É bem martelado.



(BANDEIRA, 1976, p. 24)

Notadamente, o discurso poético é marcado pela metalinguagem, quando o escritor propõe uma aproximação do conteúdo à própria literatura. É importante ressaltar que em um poema parnasiano, o tema jamais seria aceito e, principalmente, a configuração como esse está sendo colocado, desta forma, a poesia é representada por metáforas que geram ambiguidades, o que é inadmissível para o Parnasianismo. Sobre a temática escolhida no poema, Candido e José Aderaldo (1983, p. 10) afirmam que “mesmo quando não procuraram subverter a gramática, os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico, paralela à renovação dos assuntos”. Essa característica modernista é uma marca inerente aos aspectos da sociolinguística variacionista, visto que a valorização do léxico pode ser também associada à valorização das variações de menor prestígio social.

Ainda sobre a estrofe acima, podemos observar uma sátira que mostra a queixas parnasianas em relação ao uso da linguagem coloquial nos versos poéticos. O termo “martelado” no quarto verso é a materialidade do apreço pela forma padrão de escrita, que atende ao rigor formal. O jogo de palavras do poema funciona como uma paródia contra a escrita parnasiana.

O referido poema representa um diálogo entre quatro espécies de sapos: o boi, o cururu, o tanoeiro e o pipa. Essas espécies são caricaturas, do Romantismo, Modernismo, Parnasianismo e Realismo. Então, de forma metodológica, podemos separar os sapos dessa maneira: o boi = romântico; o cururu = modernista; o tanoeiro = parnasiano; o pipa = realista. No diálogo há uma marca preponderante dos ideais parnasianos e uma supressão proposital do Modernismo, que tem sua voz apenas na última estrofe.

O sapo boi representa movimento romântico no Brasil que teve seu término em 1881, com a publicação do livro Memórias Póstumas de Brás Cubas (obra que marca o início do Realismo no Brasil). Essa escola foi concebida em “Os sapos” para informar que sua estética não era mais a utilizada pela tendência de escrita literária, porém como alguns escritores ainda tinham aspectos românticos, coube falar sobre a tentativa de retorno a usualidade da estética romântica. Nessa perspectiva, o “grito” por socorro é concebido de forma sarcástica por Bandeira quando o mesmo diz no segundo verso da segunda estrofe “Berra o sapo-boi” e no quinto verso da sétima estrofe “Urta o sapo-boi”. Os termos “berra” e “urra” são evidências do



sarcasmo de Bandeira em relação à tentativa de volta do Romantismo para o contexto literário pelos exageros do período, quando se sabe que o movimento se encontrava esquecido e ainda assim buscava reacender seus ideais no âmbito da literatura brasileira.

O sapo-pipa, realista, tem a característica forte de falar do íntimo em excesso e é marcado por teorias ultrapassadas para o Modernismo. Esses são ainda mais ridicularizados pelo poeta, como demonstrado na décima estrofe, a qual se lê abaixo:

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe)
Falam pelas tripas:
– “Sei” – “Não Sabe” – “Sabe!”.
(BANDEIRA, 1976, 24)

Quando Bandeira diz “falam pelas tripas”, mostra o quanto o movimento estava sendo renegado, o que o deixou sem credibilidade diante do novo cenário da literatura. Assim, essa escola só é citada para mostrar aos leitores o quanto estava ultrapassada em relação à atualização social e humanística do povo brasileiro, como também para a escola modernista.

O foco do poema é a escola parnasiana, que é criticado em todos os aspectos. A crítica à rima é feita na quarta estrofe, terceiro e quarto versos, quando o poeta diz: “Que arte! E nunca rimo/Os termos cognatos”. Os “termos cognatos” que o eu lírico se refere estão associados à noção de palavras com o mesmo radical. Esses termos não eram bem vistos nos textos parnasianos, pois representavam algo desagradável aos olhos e aos ouvidos dos leitores das “obras perfeitas”. Esse trecho é uma forte crítica a essa forma de escrita.

O verso é ridicularizado na quinta estrofe no primeiro e segundo versos: “O meu verso é bom/ Frumento sem joio”. Ao destacar o modo benéfico como os parnasianos veem a própria escrita o eu lírico coloca em enfoque o preciosismo linguístico do movimento. A proposição “frumento sem joio” é justamente a visão purista da língua, essa analogia é realizada no sentido de que o “frumento” se refere ao trigo (língua) e o “joio” são as influências extra e intralinguísticas. Como o Purismo vê a língua como cristalina, o Parnasianismo também a entende como fechada e sem interferências multáveis. Isso demonstra o quanto o Modernismo aproxima-se da Sociolinguística, já que entendem a língua como dinâmica, propensa a variações e instabilidades.



Na sexta estrofe do poema, encontram-se explícitos os aspectos que a Sociolinguística e o Modernismo combatem: as formas prescritas pela norma padrão que determinam um pensar purista de que a língua deve seguir um modelo definido pelos dominantes e não que ela está propensa a mudanças. Como podemos observar:

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.³
(BANDEIRA, 1976, 24)

A norma padrão – assim como o Parnasianismo e o Purismo – tenta reduzir a linguagem a formas para controlá-la e prescrever o “jeito certo” de falar, mas esses movimentos negligenciam a dinamicidade da linguagem, nesse sentido o Modernismo e a Sociolinguística funcionam como detentores do pensamento que a língua excede a gramática e de que a norma padrão com suas formas gramaticais não refletem em específico o que a sociedade necessita. Irandé Antunes (2007) afirma que:

Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber **apenas** as regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outros. Tudo isso é necessário, mas não é o suficiente. (ANTUNES, 2007, p. 41, grifo do autor)

Do mesmo modo que a norma padrão não pode ser considerada como a única maneira de se comunicar, as formas estéticas do Parnasianismo não representam o todo literário. À vista disso, se faz necessário que o eu lírico e a capacidade expressiva do falante sejam interpretadas como ativas e engajadas no processo social. Então, como afirmado por Irandé, as formas gramaticais são necessárias, mas não são apenas a única fonte linguística que os falantes precisam conhecer. Por isso, a proposta da Sociolinguística não é que deixemos de aprender gramática, mas que respeitemos as regras implícitas a cada variedade popular. E, para que isso aconteça, faz-se necessária a análise dos preceitos que privilegiam a norma padrão e desvalorizam as variedades coloquiais. Se as formas populares forem respeitadas como instrumentos inovadores de comunicação expressa e evolutiva, os preconceitos e a

³ De acordo com o Novo Acordo Ortográfico (2009), o acento circunflexo da palavra “fôrma” se torna facultativo, pois enquadra-se no preceito de acento diferencial.



disseminação de estigmas poderão ser cessados, dando espaço a um novo pensar sobre a língua do povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem dos poemas modernistas são a materialidade da pretensão linguística social. Essa pretensão recai sobre tornar a língua como humanística e social, pertencente a um povo heterogêneo e mutável. Então, a partir do exposto sobre a relação entre o Modernismo e a Sociolinguística, bem como o Purismo da língua e o Parnasianismo, concluímos destacando que o português brasileiro é objeto dinâmico e variacionista, e os modelos parnasianos limitavam, a seu modo, o lirismo dos poemas, assim, a primeira fase modernista consolida uma desvinculação com os preceitos que tornam a língua como única e como instrumento de beleza para passadismos acadêmicos.

Logo, a poeticidade modernista não teve a intenção de desconsiderar ou retirar a norma padrão do contexto dos brasileiros, mas mostrar que ela não pode se sobrepor diante de todas as variações presentes na língua portuguesa, de forma a desprestigiar qualquer forma de expressão que não esteja galgada em moldes gramaticais. A norma padrão é importante para as realizações formais, porém, para os falantes, utilizar a norma em todos os contextos em sua configuração literal torna-se um desafio, que nem todos conseguem alcançar, e isso não só em contextos escritos, mas também nos orais.

Por fim, destacamos neste artigo que as noções gramaticais não podem ser forçadas ou performáticas. O idioma é muito mais que uma massificação gramatical desvinculada da realidade. Provamos, no transcorrer da pesquisa, que a língua é interacional, dinâmica e deve ser apresentada não só no cotidiano e nos estudos sociolinguísticos, mas também na literatura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Obras completas**. Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. **Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.



ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

_____. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: J. Olympo, 1976.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. **Literaturas brasileira e portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: Modernismo**. 9. ed. São Paulo: Difel, 1983.

COUTINHO, Afranio. **A literatura no Brasil: era modernista**. São Paulo: Global, 2004.

JUNIOR, Benjamin Abdala; CAMPEDELLI, Samira Yousseff. **Tempos da literatura brasileira**. São Paulo: Ática: 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2007.

TUFANO, Douglas. **Modernismo: literatura brasileira (1922-1945)**. São Paulo: Paulus, 2003.



INOCÊNCIA: A INFLUÊNCIA DO MACHISMO NA RETIRADA DE DIREITOS DE UMA MULHER SERTANEJA

Joyce Rocha dos Santos (PIC / NELL / FPD)¹

Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD)²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Inocência*, de Visconde de Taunay. Teremos como principais enfoques o machismo e o extremismo causados pelos homens contra as mulheres de qualquer classe social, mas principalmente às mulheres de classe baixa, sem o mínimo conhecimento escolar e de mundo. As ordens de um pai severo e a paixão pelo homem errado serão citados como elementos principais, uma vez que aparecem evidentes na obra em estudo, ou seja, tais situações são citadas como exemplos fundamentais, as quais mostram que a mulher na sociedade não tem voz e nem pode se posicionar perante os seus desejos, com isso, a morte proferida pelo pai é a única solução encontrada pela jovem para saciar o seu sofrimento. Nessa perspectiva, é notório que desde o século passado atos de feminicídio podem ser encontrados, ou seja, o machismo e a opressão tornaram-se parte da cultura brasileira, não apenas como elemento fulcral da obra publicada no período do Romantismo em vias de transição para o Realismo/Naturalismo, como pode ser notado no século XXI e fora dos livros literários. Devido a isso, é de grande relevância o estudo da obra em questão.

Palavras-Chave: Extremismo. Machismo. Mulher. Opressão.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la obra *Inocencia*, de Visconde de Taunay. Tendremos como principales enfoques el machismo y el extremismo causados por los hombres contra las mujeres de cualquier clase social, pero principalmente a las mujeres de clase baja, sin el mínimo conocimiento escolar y de mundo. Las órdenes de un padre severo y la pasión por el hombre equivocado serán citados como elementos principales, una vez que aparecen evidentes en la obra en estudio, o sea, tales situaciones son citadas como ejemplos fundamentales, las cuales muestran que la mujer en la sociedad no tiene voz y no puede colocarse ante sus deseos, con eso, la muerte proferida por el padre es la única

¹ Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), aluna pesquisadora do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestra Tatiana Silva. E-mail para contato: joycerocha.letras@gmail.com

² Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestra em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas da saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

E-mail da pesquisadora/orientadora: tatiana.cintia@piodecimo.edu.br



É válido frisar que a principal motivação para escolha do tema foi entender como as mulheres viviam diante de uma sociedade machista, que nega os direitos das mulheres, apenas para a sobreposição de uma aparente honra familiar, deixando a mulher à mercê de atos violentos de homens egocêntricos e que não enxergam que a mulher poderia contribuir de forma proveitosa para a sociedade em que viviam.

2. AS CONSTRUÇÕES ÁRIDAS NA VIDA DE INOCÊNCIA

A obra *Inocência*, de Visconde de Taunay, evidencia a vida de uma mulher sertaneja em meados do ano 1872. É evidente a representação de uma mulher que simboliza muitas outras tanto em falta de conhecimento quanto pelo autoritarismo e opressão explícitos pelos pais de “família” daquela época.

A voz do pai, nitidamente imbuído pelo patriarcalismo, destaca a vontade de casar sua filha o mais cedo possível para que a mesma não se tornasse um peso para família futuramente; logo, a mulher não tinha a opção de ser solteira a vida inteira e sofria violência de várias maneiras quando queria dizer não. Há, desse modo, um machismo internalizado que adentra as casas de famílias brasileiras, principalmente quando se trata de pessoas que moram no interior. A apresentação de um casamento arranjado pelo pai, por exemplo, era muito comum nessa época e, na obra em questão, um viajante que “se diz” médico, acaba medicando a enferma e lhe trazendo uma doença incurável, o tão fatídico amor proibido, problemático dentro e fora do enredo.

A falta de conhecimento da menina faz com que ela nunca questione o seu pai, sempre recatada como deveria ser toda a mulher da época, algumas tinham mais ousadia que outras, mas esse não era o caso de *Inocência*. A mesma não tinha acesso a livros, pois não era permitido em sua casa e, de tanto ouvir frases machistas, acabava reproduzindo também, achava que o pai tinha o direito de a matar se a encontrasse conversando com um rapaz, porém, por mais que soubesse ao certo o seu papel naquela sociedade criada para homens pensava em mudanças para sua vida, tinha sonho de ser princesa, mas o seu pai sempre a retrucava “... E sabe o que é ser princesa? Sei, me secundou ela com toda clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma coroa de diamantes na cabeça, muitos lavrados no pescoço e que manda nos homens” (TAUNAY, 2009. p. 48) e, para época, esse pensamento da moça, era tido como revolucionário.



A opressão que batia na porta de Inocência todos os dias era tido como algo comum, a falta de contato com outras pessoas e, principalmente, com homens não era anormal. A presença de um estrangeiro alemão causou algumas inquietações na donzela, já que o moço não sabia dos costumes e a elogiou pela “inocência”, “...sua filha é muito bonita, e parece boa deveras... Há de ter umas cores tão lindas, que eu daria tudo para vê-la com saúde... Que moça! Muito bela!” (TAUNAY, 2009. p. 77). Esse ato de gentileza do hóspede gerou várias frustrações, pois era inaceitável falar tais frases para uma donzela nessa época, mas essa melancolia é uma das características agudas do Romantismo, já que era o movimento literário desse período.

O Romantismo estava fazendo transição para o Realismo/Naturalismo, por isso há marcas nítidas de crítica à violência que a mulher sofria, à opressão e ao feminicídio. O autor Visconde de Taunay mostrou perfeitamente esses dois paralelos que têm muito em comum, a paixão melancólica de um casal que descobrira os rompantes das primeiras emoções e o desejo proibido de um amor que nunca poderão compartilhar, escolhendo-se assim a melhor opção para acabar com essa dor que, nesse caso, foi a morte. Isso é uma característica fundamental do Romantismo, a evasão pela morte, pois era uma das únicas formas dos casais apaixonados que não podiam ficar juntos, fugirem da realidade dolorosa pela qual viviam.

3. O INFORTÚNIO DESTINO FEMININO TRAÇADO PELAS MÃOS MASCULINAS

O Machismo exacerbado foi o cerne da obra *Inocência*, de visconde de Taunay. O Sr. Pereira era o maior praticante desse ato que representa a desigualdade social entre homens e mulheres; Inocência, a filha do fazendeiro, era refém desse impiedoso preconceito diariamente, pois não poderia ter acesso a livros, falar com homens era proibido e tinha que ser orientada sobre o que iria falar diante das pessoas.

A jovem não poderia desacatar as ordens do pai nunca nem solicitar nada a ele, já que a mesma era totalmente silenciada. As poucas vezes em que pedia algo, era interpelada com descaso e/ou sarcasmo, como quando a menina pediu ao pai para aprender a ler e o retorno fora um deboche, como compreendemos no aporte a seguir: “pois não é que um belo dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler?... Que ideia! Ainda há pouco tempo me disse que quisera ter nascido princesa... Eu lhe retruquei” (TAUNAY, 2009. p. 48). Rechaçar a filha, aliás, era o retorno mais brando de um pai extremamente ríspido em gestos e atitudes rotineiras.



Notadamente, as opressões e as regras deveriam vir do pai, até o dia que a moça estivesse na casa deste, mas, culturalmente, nada mudaria quando casada, porque depois que casasse, iria seguir as novas ordens, as do seu marido, ou seja, nunca iria ser dona da sua fala, alguém sempre falaria por ela antes, afinal, as mulheres deveriam sempre seguir os ditames dos homens.

Em meados de 1872, as mulheres não poderiam ser extrovertidas, mas também não deveriam ser tão apáticas a ponto de não conseguir “encantar” um homem que seu pai escolhesse para ser seu marido. Como dizia o Sr. Pereira:

- Esta obrigação de casar mulheres é o diabo!... Se não tomam estado, ficam jururus e fanadinhas...; se casam podem cair na mão de algum marido malvado... E depois as histórias!... Ih, meu Deus, mulheres numa casa, é coisa de meter medo... São redomas de vidros que tudo pode quebrar... Enfim, minha filha, enquanto solteira, honrou o nome de meus pais... O Manecão que se aguente, quando a tiver por sua... Com gente de saia não há que fiar... Cruz! Botam famílias inteiras a perder, enquanto o demo esfrega o olho (TAUNAY, 2009. p. 45).

Desse modo, por mais ruim que fosse o marido, a sua filha teria que ser uma mulher recatada, pois independente de qualquer coisa, tinha o nome da sua família para zelar. Manecão foi o homem escolhido para casar com Inocência, no início quando o seu pai escolheu esse homem, a menina não fez questão, como ela reproduzia tudo que o pai falava, era uma adolescente sensata e de muito respeito, nunca havia contrariado o Sr. Pereira e, para ele, isso já era uma satisfação imensa.

Outrossim, a obediência das moças é uma marca do período literário da época que é o Romantismo, porém a obra foi escrita no final desse movimento, por isso são notórios alguns traços do Realismo/Naturalismo. Desse modo, podem ser feitas duas patentes seguindo as linhas dos dois períodos: A crítica com relação ao machismo extremo e determinista, que pode causar danos eternos à vida das mulheres e é uma marca do Realismo/Naturalismo, pelo fato de ser algo que incomodou o escritor da época e ele passou para o papel aquilo que o estava incomodando. E, de outra maneira, a ressalva da linguagem simples e adequada a pessoas que residem nos interiores sertanejos, um traço marcante do Romantismo.

O escritor romântico acreditava está resolvendo questão por meio de uma linguagem “ingênua”, “espontânea”, na verdade igual às convenções do



citadino em relação ao campo. Os lugares comuns aparecem nos vários fatores da composição (BOSI, 1994, p.143).

A linguagem de fácil compreensão mostra a ingenuidade e quão espontâneas eram as personagens do enredo, pois o autor não fantasiou aquelas palavras, retratou-as como reflexo de um contexto sociocultural. Assim como ele escreveu, era de fato como as pessoas da época falavam, por isso a predominância de personagens tipos e lineares. O escritor, porém, também não poupou as palavras mais bruscas e arrogantes para referir-se a como eram tratadas as mulheres das redondezas. Pela voz do narrador, há a compreensão de como as mulheres são “naturalmente” desrespeitadas e se sabe, inclusive, pelos comentários da população, como podemos notar em: “Contaram-me que hoje lá nas cidades... arrenego!... não há menina, pobrezinha que seja, que não saiba ler livros de letra de forma e garatujar no papel... que deixe de ir a *fonçonatas* com vestido aberto na frente como *raparigas fadistas*...” (TAUNAY, 2009. p.45).

Notadamente, a baixa escolaridade das mulheres era um ponto crucial para que os homens tivessem total dominação. Sem o conhecimento prévio de alguns livros, as moças não tinham informação e, assim, eram influenciadas a aceitar tudo que lhes era falado. Para D’Avila Neto, “—A escolaridade das mulheres obedeceu a sérios preconceitos que envolvem um problema mais amplo: a valorização do papel de dona-de-casa. A orientação familiar é ainda eminentemente voltada para a preparação da mulher para o casamento” (D’AVILA NETO, 1980. p. 38). Exemplo bem explícito na obra trabalhada é o padrinho de Inocência, “Eu cá nem falar delas eu quero. Mulher é para viver bem quietinha perto do tear, tratar dos filhos e criá-los no temor de Deus; não é nem para *parolar-se* com ela, nem a respeito dela” (TAUNAY, 2009. p.152).

A mulher era tida para ser dona de casa e para casar, fazer algo que estava fora desses dois parâmetros era uma grande ousadia, podendo até custar a sua própria vida. A paixão por outro rapaz fez com a jovem inocente percebesse que aquilo poderia causar a sua morte, “Então por que fiquei... assim, que me não conheço mais? ... Se papai aparecesse... não tinha o direito de me matar?” (TAUNAY, 2009. p.112). Tudo que era falado a uma mulher, tinha que ser seguido como uma regra. A única coisa que a mulher poderia fazer, era ser a favor do que era designado a ela pelos homens; no caso de ir contra as ordens dos seus pais ou maridos, as coisas



não teriam um bom fim. Sem dúvida, a primeira opção desses homens era manter a dignidade das suas casas e famílias, tirando a vida da mulher que ousasse discordar das regras estabelecidas da casa, embora o próprio homem não precisasse segui-las.

Os homens daquela época eram desconfiados, as mulheres eram tidas como as causadoras dos males que se espalhavam pelas famílias. Sr. Pereira desconfiava de tudo, assim como todo sertanejo homem, ele também era muito severo, e, quando teve a coragem de levar um Doutor viajante a sua casa para curar a doença da sua filha, ficou bem desconfiado e com medo do que poderia acontecer. Qualquer pergunta era um ato de desconfiança, “- E como sabe que minha filha é moça? Exclamou com vivacidade. – Pois não foi o Sr. Mesmo quem mo disse na *prosa* do caminho?” (TAUNAY, 2009. p.42).

O machismo impregnado na mente dos homens é uma forma de deixá-los mais violentos e achando que têm o poder sobre todas as mulheres, porém mesmo naquela época já existiam homens que achavam as mulheres autossuficientes e donas de si, Cirino era um desses poucos homens. Tratar a mulher como uma coitadinha que sempre precisará da ajuda de um homem para sobreviver era uma peça chave retratada na obra.

A mulher não poderia ser independente, não poderia ler livros para formar sua própria opinião, o seu pensar era sempre embasado pelo pensamento do pai ou do marido. O Sr. Pereira conversava com Cirino e dizia, “Cá no meu modo de pensar, entendo que não se maltrate as coitadinhas, mas também é preciso não dar asas a formigas... Quando elas ficam taludas, atamanca-se uma festança para casá-las com um rapaz decente ou algum primo, e acabou-se a história” (TAUNAY, 2009. Pág. 42).

Por esse viés, pode ser citado que realmente para esses homens, a mulher apenas nasce, cresce, casa com algum homem, tem filhos e morre, não precisa de mais nada além disso, essa é a história que muito se repetiu na vida de várias mulheres sertanejas, Inocência foi apenas uma dessas. Os homens criam concepções de que mulheres serão submissas a eles pelo simples fato de acharem que as mulheres são o sexo frágil.

Esta opinião injuriosa sobre as mulheres é em geral corrente em nossos sertões e traz como consequência imediata e prática, além da rigorosa clausura em que são mantidas, não só o casamento convencionado entre parentes muito chegados para filhos menor de idade, mas sobretudo os numerosos crimes



cometidos, mal se suspeita possibilidade de qualquer intriga amorosa entre pessoa da família e algum estranho (TAUNAY, 2009. p. 42).

Essa ideologia das mulheres serem submissas aos homens foi e é muito forte, principalmente quando essas acham que o único homem que pode oprimi-la é o seu pai e vai acreditando que a sua única forma de libertação é com o casamento e, na verdade, é simplesmente uma segunda prisão da vida da mulher. Inocência achava que o casamento arranjado pelo seu pai iria ser incrível, “Eu bem que dizia que o Sr. me *haverá* de perder... Antes de o ter visto... casar com aquele homem, me agradava até... Era uma novidade... porque ele me disse que me levava para a vila...” (TAUNAY, 2009. p. 113). Isso; porém, só durou até ela se enamorar do visitante, começar a pensar em construir o seu próprio futuro e, mesmo sem notar, fora sendo conduzida para um precipício emocional e trágico como *gran finale*, já que o contexto evidenciado pelo enredo insiste em advertir que o indivíduo será sempre o produto de seu meio e, à mulher, o ambiente sempre será inóspito.

4. A BARBÁRIE MASCULINA EM NOME DA HONRA E EM DETRIMENTO DO AMOR

Diante de uma sociedade machista e preconceituosa, as mulheres têm um cronograma de regras e devem seguir caladas, apenas confirmando o que lhes propõem e nunca podem dizer “não”. Inocência; porém, tentava resistir ao seu estado de opressão “— Eu?... Casar com o senhor?! Antes uma boa morte!... Não quero... não quero... Nunca... Nunca...” dizia ela ao pretendente que não escolhera, quando o seu pai, de forma grotesca, “agarra-a pela mão, obrigando a curva-se toda. Depois, com violento empurrão, arrojou-a longe, de encontro à parede” (TAUNAY, 1998, p. 156), ou seja, uma negativa feminina sempre resultaria em um ato violento do pai.

A morte era certa para todas as mulheres que, cansadas de falar “sim”, diziam “não”. Na obra citada, Inocência tinha os seus poucos encontros com seu amado à noite, um dos cenários primordiais do Romantismo, afinal:

A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela *significa e revela*. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do



sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação (BOSI, 1994, p. 93).

Todas as cenas entre Inocência e Dr. Cirino eram noturnas. Inicialmente, na presença do pai, a jovem era medicada pelo doutor; posteriormente e às escondidas, ocorriam os enlances amorosos. Sobremaneira “seria uma hora depois da meia-noite. Estavam os espaços como que iluminados por essa luz serena e fixa que irradia de um globo despolido; luz fosca, branda, sem intermitências no brilho, sem cintilações, e difundida igualmente por toda atmosfera”. (TAUNAY, 1998, p. 109). As adjetivações hiperbólicas dão a conotação romântica e o ambiente da fazenda, localizada no interior do sertão de Santana do Paraíba, erguem ainda mais a vertente romântica do livro assim como a apresentação dos animais, como podemos comprovar em: “havia já os galos cantando uma vez, e, ao longe, muito ao longe, de vez em quando, se ouvia o clamor das anhumapocas”. (TAUNAY, 1998, p. 109).

A natureza, inclusive, tem relevância na obra para mostrar as demarcações do enredo ora como momento de encontro noturno do amor, ora como prenúncio do final trágico e apoteótico. No fragmento que segue, evidenciaremos o tempo e o espaço dos enamorados, mas já com prenúncio das névoas amareladas que sucederiam em morte para “lavar a honra”:

Aquela hora dava a lua de minguante alguma claridade à terra; entretanto, como que se pressentia outra luz e preparar-se no céu para irradiar com súbito esplendor e infundir animação e alegria à natureza adormecida. Nos galhos das laranjeiras, ouvia-se o pipilar de pássaros prestes a despertar, um gorjeio íntimo e aveludado de ave que cochila; e ao longe um sabiá mais madrugador desfiava melodias que o silêncio harmoniosamente repercutia. Riscava-se o oriente de dúbias linhas vermelhas, prenúncio mal perceptível da manhã; nos espaços planejavam as estrelas com brilho bastante amortecido, ao passo que fina e amarelada névoa empalecia o tênue segmento iluminado do argênteo astro (TAUNAY, 1998, p. 130).

A obra Inocência não tinha apenas os floreios românticos, estava interligada ao contexto seco e patriarcal do sertão e cheio de verossimilhança externa por isso, na referida obra, é encontrada a relação do machismo, da mulher sertaneja, a violência contra a mulher e, inclusive, pode ser encontrado “um ponto de vista, uma posição, uma doutrina (política, artística, moral) mediante a qual autor opera sobre a realidade, selecionando e agrupando os seus vários aspectos



segundo uma diretriz” (CANDIDO, 1981, p. 111), por esse motivo as atrocidades foram extremamente detalhas como no fragmento em que Manecão mata Cirino, vejamos:

Então não me conhece?
— Não, balbuciou Cirino.
— Conhece *Nocência*? — uivou Manecão com voz terrível.
E de supetão tirando uma garrucha da cintura, desfechou-a à queima-roupa em Cirino.
Varou a bala o corpo do infeliz e o fez baquear por terra.
Dois gritos estrugiram.
Um de agonia, outro de triunfo.
Ficara Cirino estendido de bruços. Reunindo as forças, que se lhe escapavam com o sangue, voltou-se de costas e prorrompeu em vociferações contra o inimigo, que o contemplava sardônico.
— Matador! ... Vil! ... Sim! ... Conheço Inocência... Ela é minha .. Infame! ... Mataste-me... mas mataste também a ela!... Que te fiz eu?... Deus te há de amaldiçoar... Sim, meu Deus, meus Santos ... mMaldição sobre este assassino... Foge, foge... minha sombra há de seguir-te sempre...
— Melhor, interrompeu Manecão do alto do cavalo, isso mesmo é 0 que eu quero.
— Ah! queres? continuou Cirino com voz rouquejante, não é?... Pois bem!... De noite e de dia... minha alma há de estar contigo ... Sempre, sempre! ... Calou-se por um pouco e, revolvendo-se no chão, passou a mão pela testa. Lentejava-lhe dos poros o suor frio e visguento da morte.
Foi seu rosto abandonando a expressão de rancor; a respiração tornou-se-lhe mais difícil [...] (TAUNAY, 1998, p. 145).

Embora o final trágico seja uma característica do Romantismo, o assassinato de Cirino tende a se aproximar do Realismo/Naturalismo, pois evidencia o mundo embrutecido do sertão onde uma desdita feminina só pode acabar em morte lavada de sangue, já que um rustico vaqueiro não poderia perder a posse da futura esposa para um estrangeiro. Assim sendo, o livro é tanto de cunho romântico quanto regional/histórico ou como prefere dizer Coutinho:

[...] é uma história sentimental estruturada segundo os moldes do melhor romance romântico, mas Taunay quis enriquecê-la de valores secundários reais, objetivos, retirados da vida imediata. Nem sempre, porém, foi capaz de utilizar esses valores como romancista, de integrá-los de modo adequado no mundo de Inocência. Daí o seu realismo, cópia fiel de alguns detalhes da realidade, mas ainda longe de ser a visão realista do mundo, que apareceria em romancistas posteriores (COUTINHO, 2004, p. 458).

E é nesses parâmetros que Taunay consegue despertar várias inquietações sociais como, por exemplo, o fato de as mulheres deverem ser questionadoras daquilo que lhes era imposto,



se isso poderia lhes custar um preço e como intervir contra esses atos, afinal, fora do enredo, muitos são os assassinatos cometidos sem prisão alguma e em que a mulher é culpabilizada pelos atos violentos dos seus pais, maridos ou pretendentes. Personagens como Inocência, Cirino, Manecão e Pereira vão muito além da obra de Taunay, são personalidades espalhadas pelos interiores mais remotos de outrora e que ainda existem no século vigente.

Isso se dá pela verossimilhança presente na obra, o autor a todo momento fazia comparação da vida das mulheres que viviam a mercê de seus pais e maridos, através da jovem Inocência que sofria com as inúmeras atrocidades verbais e físicas. A cultura que vigorava e que vivia a personagem da obra, era uma cultura machista, em que os homens a dominavam, tendo todo o direito sobre ela, até mesmo o de lhe tirar a vida, isso não visto como um crime. O que hoje a sociedade chama de feminicídio, para a época, era uma forma de honrar as famílias e os sobrenomes dos homens, donos da voz, da lei e, inclusive, das mulheres.

Esse fato é muito importante, pois foi com a morte que o enredo de Taunay foi encerrado. O romance termina com uma jovem que morre de tristeza por não ter conseguido ficar com o homem que tanto amava. Por muitas vezes, Inocência sofreu agressões, atos violentos verbais, físicos e ideológico, por não querer seguir o padrão de vida imposto pela sociedade em que vivia. A jovem não teve um fim causado pelo feminicídio, mas o Dr. Cirino – que era o homem que a mesma amava – morreu por atos de homicídio, praticado pelo futuro esposo de Inocência.

A masculinidade vil do homem sertanejo não ficou presente apenas na obra ou no século passado, na atualidade há marcas muito fortes de homens com características do pai de Inocência e do seu esposo Manecão, que faziam de tudo para não ter a “honra” ferida, inclusive o que provocaria a morte de Inocência no desfecho do livro. Essa posse masculina ainda é vigente, em especial nos interiores, onde as informações chegam sempre depois e as mulheres ainda são vistas como desprovidas de inteligência e objetos de posse e desejo dos homens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto no referente trabalho, é válido questionar a influência da sociedade para perpetuar a cultura do machismo desde os séculos passados. Tal problema vem



assombrando as mulheres antes mesmo de se ter registro sobre os referidos atos. Além disso, o medo e a opressão que a mulher sofria/sofre era/é algo desumano e grotesco.

“Fazia sentido”, na época de *Inocência*, as mulheres serem sem voz e sem questionamento, consequência de um machismo não só ideológico como pela força/violência física, por isso o simples fato de uma mulher saber ler era de extremo incômodo para um homem, quanto mais escolher outro para seu companheiro.

Sendo assim, as mentiras que eram proferidas sobre essas mulheres eram para ser simplesmente reproduzidas pelas mesmas, pois os homens ditavam as regras e as mulheres deveriam segui-las. Desse modo, sempre ouvir e nunca falar, a não ser que fossem perguntadas. Outro fato ultrajante eram os casamentos arranjados, as mulheres achavam que seriam libertas dos pais quando casassem, mas, na maioria das vezes, as principais prisões eram os seus casamentos. Muitas nem sabiam o que era o amor e a paixão, achavam que era um pecado mortal a sensação de tais sentimentos, não podiam escolher os seus maridos, então não era pelo amor que casavam, era pela imposição do “maior” símbolo familiar, o pai.

Logo, *Inocência* foi uma obra que veio a relatar um dos vários acontecimentos que ocorriam com mulheres sertanejas naquela época e o que resultava depois da desobediência e da teimosia de uma mulher. Além disso, as marcas do Realismo na obra romântica trouxeram determinadas inquietações para época, uma delas é o ir contra a corrente machista, aprender a dizer não e se posicionar em todas as situações, em especial no que tangue ao futuro da própria mulher.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2001.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. **O autoritarismo e a mulher**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Saraiva, 2009.



A UTILIZAÇÃO DO FANZINE COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE POEMA: UM ESTUDO DE CASO

JEFFERSON MATHEUS LIMA DOS SANTOS (Pio Décimo/ CAPES)¹

PROF. ME. JACKSON FRANCISCO SANTANA (Pio Décimo)²

RESUMO:

Na aula de Língua Portuguesa, não basta somente ensinar regras gramaticais, usar textos como pretextos ou listar exercícios decorativos na perspectiva de que o aluno se sinta atraído e permaneça no ambiente escolar, porque há vários outros conteúdos essenciais para a elucubração do ser pensante e crítico. Deste modo, foi desencadeado este estudo na intenção de realizar uma aula experimental com alunos da rede pública do estado de Sergipe, com a utilização do *fanzine*, uma ferramenta diferente e inovadora, capaz de atribuir novos conhecimentos e despertar no alunado o apreço pelo gênero literário poema. Diante disso, formulou-se o objetivo geral de analisar os efeitos cognitivos e emocionais gerados no corpo discente através da análise dos *fanzines* produzidos em sala de aula. O estudo de caso foi desenvolvido na turma do 6º ano do Ensino Fundamental II, na Escola Estadual 8 de Julho, em Aracaju/SE, durante o Programa Residência Pedagógica (CAPES/MEC), à luz dos teóricos Franco (2015), Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), Marcuschi (2008), Lourenço (2006), Pinagé & Albuquerque (2014), Antunes (2003) e da Base Nacional Comum Curricular (2019). O estudo pôde concluir que a utilização do *fanzine* serve como suporte para inúmeras atividades na aula de língua, tendo em vista que esse gênero textual proporcionou efeitos emocionais importantes para o exercício da cidadania e um estímulo significativo à aprendizagem dos alunos, objetos desse estudo.

PALAVRAS-CHAVES: Língua Portuguesa. Ensino. Aprendizagem. Poema. *Fanzine*.

RESUMEN:

En la clase de portugués, no es suficiente enseñar las reglas gramaticales, usar los textos como pretextos o listar ejercicios decorativos en la perspectiva del estudiante sentirse atraído y quedarse en el entorno

¹ Graduando em Letras Português/Espanhol (FPD); bolsista do Programa Residência Pedagógica (CAPES/MEC); Educador e Intérprete do Museu da Gente Sergipana. Atua na área de pesquisas em Literatura Sergipana e em autismo. E-mail: jefferson.teorialiteraria@gmail.com.

² Mestrado Acadêmico em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (2015), área de concentração ESTUDOS LINGÜÍSTICOS. Especialização em Língua Portuguesa pela Faculdade Pio Décimo (2011). Especialização em Direito Público pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci em convênio com o Curso Jurídico Flávio Monteiro de Barros (2009). Possui licenciatura plena em Letras Português, pela Universidade Federal de Sergipe (2005). Atualmente é professor da FACULDADE PIO DÉCIMO e funcionário da SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA E DE DEFESA AO CONSUMIDOR (SEJUC), ora lotado na Coordenação de Assistência Social onde exerce a função de Coordenador Geral. Atua na área de Educação Superior e na área de Educação de Jovens e Adultos, nas modalidades de Alfabetização e Exame Supletivo dos Ensinos Fundamental e Médio.



escolar, porque hay varios otros contenidos clave para la profundidad del pensamiento y crítica. De este modo, se desencadenó este estudio con la intención de realizar una clase experimental con alumnos de la red pública del estado de Sergipe, con la utilización del *fanzine*, una herramienta diferente e innovadora, capaz de atribuir nuevos conocimientos y despertar en el aliado el aprecio por el género literario poema. Por lo tanto, se formuló el objetivo general de analizar los efectos cognitivos y emocionales generados en el cuerpo discente a través del análisis de los *fanzines* producidos en el aula. El estudio de caso fue desarrollado en la clase del 6º año de la Enseñanza Fundamental II, en la Escuela Estatal 8 de Julio, en Aracaju/SE, durante el Programa Residencia Pedagógica (CAPES / MEC), a la luz de los teóricos Franco (2010), Antunes (2003), Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), Marcuschi (2008), Lourenço (2006), Pinagé & Albuquerque (2014), Antunes (2003) y de la Base Nacional Comum Curricular (2019). El estudio se pudo concluir que la utilización del *fanzine* sirve como soporte para innumerables actividades en la clase de lengua, teniendo en vista que ese género textual proporcionó efectos emocionales importantes para el ejercicio de la ciudadanía y un estímulo significativo al aprendizaje de los alumnos, objetos de ese estudio.

PALABRAS CLAVES: Lengua Portuguesa. Enseñanza. Aprendizaje. Poema. *Fanzine*.

1 INTRODUÇÃO

Ensinar, nos dias atuais, tem sido um ofício deslumbrante e árduo ao mesmo tempo, uma vez que a nova geração de educandos possui um emaranhado de informações frente às novas tecnologias digitais, o que muitas das vezes dificulta o processo de ensino e de aprendizagem, pois é preciso cautela e mediação para distinguir o fato do *fake* no mundo virtual. Além disso, a sala de aula precisa ser verdadeiramente um campo de pesquisa, que permita ao aluno criar diversos mecanismos de aprendizagens, sendo o professor apenas o mediador do saber, orientando e intervindo de acordo com as finalidades educativas.

Junto a isso, na aula de Língua Portuguesa, não basta somente ensinar regras gramaticais, usar textos como pretextos ou listar exercícios decorativos na perspectiva de que o aluno se sinta atraído e permaneça no ambiente escolar, porque há vários outros conteúdos essenciais para a elucubração do ser pensante e crítico. Urge, pois, novas práticas pedagógicas que inspire, transforme e melhore a vida escolar e social dos nossos discentes.

Cabe, portanto, citar que

As aprendizagens ocorrem entre os múltiplos ensinamentos que estão presentes, inevitavelmente, nas vidas das pessoas e que competem ou potencializam o ensino escolar. Há sempre concomitâncias de ensino. Aí está o desafio da



tarefa pedagógica hoje: tornar o ensino escolar tão desejável e vigoroso quanto outros ensinamentos que invadem a vida dos alunos (FRANCO, 2015, p. 604).

Diante dessas premissas ressaltadas pelo autor supracitado e inspirado pelo professor Mestre Jackson Santana, durante suas orientações na disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, foi desencadeado este estudo na intenção de realizar uma aula experimental com alunos da rede pública do estado de Sergipe, com uma ferramenta diferente e inovadora, capaz de atribuir novos conhecimentos e despertar no alunado o apreço pelo gênero literário poema.

A problemática dessa pesquisa enquadra-se no eixo da desmotivação por parte de professores e alunos no que diz respeito à aula de língua materna, o que muitas das vezes os fazem pensar que “português é difícil”, ou ainda, que “não há necessidade de aprender poema”. No entanto, é inevitável o ensino da linguagem poética, já que somos imitadores das coisas, das pessoas, do mundo, como já afirmou o intelectual grego Aristóteles, há milhares de anos, bem como estamos rodeados de poesia, seja na música e no cinema, seja nos diversos textos verbais e não verbais.

O objetivo geral do artigo foi analisar os efeitos cognitivos e emocionais gerados no corpo discente através da utilização do gênero textual *fanzine* como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de poema na turma do 6º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual 8 de Julho, em Aracaju/SE, durante o Programa Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério de Educação (MEC).

Especificamente, objetivou-se apresentar possibilidades de ensino de Língua Portuguesa ao público de Letras, assim como também realizar um levantamento bibliográfico acerca do gênero textual *fanzine* como ferramenta para o ensino de poema. Além disso, propõe-se averiguar se na prática de novos recursos didáticos há uma contribuição positiva ao processo de aprendizagem na aula de língua materna.

A pesquisa está estruturada a partir dessa Introdução ao tema; do Aporte Teórico à luz dos teóricos Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), Marcuschi (2008), Lourenço (2006) Pinagé



& Albuquerque (2014), Antunes (2003) e da Base Nacional Comum Curricular (2019), em que se pôde explanar a origem e as especificidades do *fanzine*, bem como conceituar e exemplificar uma aula de português sem pedras no caminho, além de compreender como a Base Nacional Comum Curricular trata o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental; da Metodologia utilizada para a coleta de dados; dos Resultados e Discussões dos dados obtidos na aula experimental; e das Considerações finais do estudo. As Referências são circundantes ao presente artigo.

2 APORTE TEÓRICO

O *fanzine* ou simplesmente *zine* surgiu nos Estados Unidos, em 1941 por Russ Chauvenet, “sua denominação surge da abreviação de outras duas palavras que são: *Fan*, advindo de *Fanatic*, que significa fanático ou fã, e *Zine*, redução de *Magazine*, que quer dizer revista, sendo a junção das duas palavras traduzida como ‘revista de um fã’” (PINAGÉ; ALBUQUERQUE, 2014, p. 318).

Os primeiros fanzines, de acordo com os referidos autores, foram destinados à ficção científica de forma amadora, com o objetivo de expandir a arte de rua a todos de maneira acessível e flexível, além disso, foi na década de 60 que o fanzine foi utilizado na intenção de abordar os fatos sociais e políticos.

Já na década de 80, “converte-se num meio de escritores divulgarem os seus pensamentos, o que não seria possível pelos meios comuns de comunicação de massas” (DUCOMBE *apud* LOURENÇO, 2006, p. 146). De acordo com o autor supracitado, desde sua existência aos dias atuais esse tipo de revista ainda é algo novo para muitas pessoas, principalmente na sala de aula, embora seu surgimento aponte para a década de 40. Através do *fanzine*, o professor pode ensinar diversos conteúdos e temas interdisciplinares e transversais que circundam o chão da escola.

Na aula de Língua Portuguesa é preciso ir além de decodificar palavras, regras gramaticais ou usar o texto como pretexto, pois “a gramática compreende o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua” (ANTUNES, 2003, p.85), isto quer dizer, então, que o mediador da aprendizagem abarque o ensino gramatical mediante o viés funcional



da língua, em que o aluno domine as regras da língua portuguesa de acordo com as necessidades sociais, como, por exemplo, produzir um ofício coerente e coeso a uma instituição. Com isso, o professor não se preocupará apenas com os erros/acertos, “como se falar e escrever bem fosse apenas uma questão de ler e escrever corretamente, não importando o que se diz, como se diz, quando se diz e se tem algo a dizer” (ANTUNES, 2003, p. 31-32).

Desse modo, compreende-se que o papel do professor é de suma importância no êxito da vida social dos educandos. Emerge, diante disso, “novas” práticas pedagógicas que aproximem as múltiplas funcionalidades da língua no contexto de sala de aula.

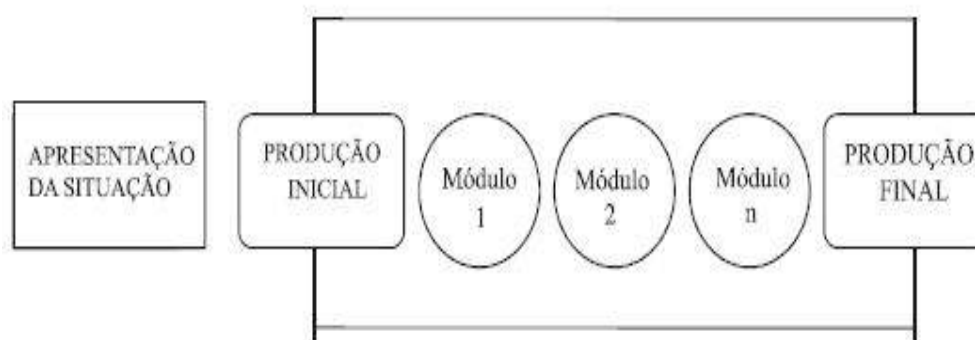
Diante disso, a Base nacional Comum Curricular (BNCC) compreende essas funcionalidades da língua, é tanto que na seção 4.1.1.2 LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: PRÁTICAS DE LINGUAGEM, OBJETOS DE CONHECIMENTOS E HABILIDADES, o texto é claro e solicita ao professor que potencializa o protagonismo do aluno através dos gêneros textuais “relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências” (BRASIL, 2019, s/p). Portanto, compete ao profissional de Letras a tarefa de oportunizar aos alunos diversos caminhos à cidadania plena.

Uma Sequência Didática (SD) é um processo estratégico para se alcançar o êxito da aula de Língua Portuguesa. De acordo com Dolz Noverraz e Schneuwly (2004), a SD foca nos processos em torno da aprendizagem, como escrita, leitura, oralidade e gramática, por isso são importantes para a formação cidadã dos alunos, uma vez que exercita todos os campos da linguagem e comunicação, essenciais para o âmbito social do corpo discente.

Junto a isso, faz-se necessário partir de uma deficiência mais urgente e, de acordo com a realidade da turma, estipular os módulos que vão sequenciar a produção inicial de um determinado produto (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), como se pode visualizar na imagem abaixo:



Sequência Didática (SD)



Fonte: DOLZ, NOVERRAZ E SCHEUWLY, 2004, p. 64.

Diante disso, para se trabalhar com o *fanzine* como ferramenta pedagógica para o ensino de poema, é necessário verificar o conhecimento de mundo dos discentes, a bagagem poética, isto é, os saberes dos alunos sobre o gênero literário poema, a fim de facilitar a aprendizagem deles, tornando-os protagonista dos seus saberes. Além do mais, necessita-se ensinar como se faz um *zine* e como produzir um poema, para que, ao final da SD, o aluno consiga

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal (BRASIL, 2019, s/p.).

Portanto, através desse gênero literário, o discente conseguirá compreender os diversos campos da língua, com o intuito de efetivar um “texto na medida em que consiga oferecer acesso interpretativo a um indivíduo que tenha uma experiência sociocomunicativa relevante para a compreensão” (MARCUSCHI, 2008, p. 89). Portanto, a produção de texto, seja ele verbal, seja não verbal, ou ainda, misto, deve ser produzido com coerência e coesão, pois só haverá mensagem se houver uma compreensão do que se pretendeu escrever. Desse modo, durante uma SD sobre poema, o professor precisa deixar essas questões em evidência e orientar os alunos como atingir essas funções da língua.



É imerso a esses pressupostos que as SDs são importantes, uma vez que facilita o planejamento dos caminhos essenciais para uma melhor compreensão do conteúdo proposto em sala de aula, de acordo com os objetivos e com a realidade da turma.

3 METODOLOGIA

Em sua natureza investigativa, essa pesquisa se enquadra num estudo de caso alicerçado no método qualitativo, o qual trata “as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados” (MARTINS, 2004, p. 292). De acordo com os estudos da autora mencionada, o viés desse tipo de pesquisa é analisar os dados obtidos comparando-os com os estudos já familiarizados com a temática científica, a fim de melhor compreendê-la e abrir-se à realidade.

Para tanto, gradativamente, realizou-se a seguinte SD:

- a) Levantamento bibliográfico acerca do *fanzine* e sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP), especificamente o ensino de poema;
- b) Observação do objeto de estudo, durante uma aula de LP ministrada pela professora titular da turma;
- c) Aula teórica sobre o gênero literário poema e sobre o ato de ler;
- d) Oficina de produção de *fanzine*;
- e) Produção de poema utilizando o *fanzine* como suporte textual, com o tema “Minha casa”;
- f) Análise dos *fanzines* produzidos pelos alunos.

Na próxima seção, foram possíveis verificas os resultados e discussões teóricas a respeito dos dados coletados durante esse estudo de caso na turma do 6º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual 8 de Julho, em Aracaju/SE.



4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após o estudo de caso constatado nesse artigo, observou-se que os alunos estavam, *a priori*, desmotivados com as aulas de Língua Portuguesa (LP), haja vista que eles não se sentiam atraídos o bastante para interagir e participar das atividades de gramática propostas em sala, embasadas na velha pedagógica que consiste em memorizar regras e responder a exercícios que utilizam o texto como pretexto.

Era, portanto, “uma gramática, fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isolada, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função”(ANTUNES, 2003, p. 31). No entanto, é preciso repensar o ensino de LP para a nova geração, denominada “homozapiens”, a qual dispõe de informação rápida e de outros atrativos tecnológicos digitais, daí a necessidade de um mediador dessas informações e ajudar os alunos a construir novos conhecimentos a partir do que eles já possuem.

Além disso, constatou-se que a escola não dispôs de recursos tecnológicos essenciais para a versatilidade em uma aula de LP e das demais disciplinas curriculares da unidade de ensino, o que danifica o processo de ensino inovador ao corpo discente. Diante disso, o professor precisa inovar em seu planejamento educacional utilizando-se dos recursos que a escola oferta, atentando-se ao protagonismo do aluno, potencializando, assim, os talentos e saberes dos discentes.

Junto a essas assertivas, foi possível verificar, através dos relatos, na aula teórica sobre o gênero literário poema, que havia um grande patamar de alunos poetas, seja pelas histórias, seja pelos versos de apaixonados. Em contrapartida, muitos educandos não dominavam as estruturas métricas e textuais que compõem um poema. Diante disso, o autor aproveitou para ensinar os vários tipos de poemas, inclusive os visuais.

O ensino de poema está interligado ao ensino da própria língua materna, exceto nas escolas que não separaram Literatura da disciplina de Língua Portuguesa. Diante disso, quando se pensa em formar seres pensantes e críticos, a aula de LP não pode mais se resumir às regras gramaticais descontextualizadas de seus sujeitos comunicativos, por isso, a escolha do conteúdo para ser trabalhado nesse estudo de caso, foi essencial para fomentar as relações familiares e, portanto, social, do corpo discente (MARCUSCHI, 2008).



Partindo para a oficina de *fanzine*, apreendeu-se e compreendeu-se que esse tipo de revista cativou facilmente os alunos, pois, além de sua fácil produção, o *zine* possibilitou que os discentes exercitassem:

a) sua criatividade, em relação à criação dos poemas, uma vez que eles ficaram à vontade para criar o texto com figuras, desenhos à mão, frases com rima, sem rima, com métrica, sem métrica, como pode-se visualizar em um dos *fanzines* abaixo produzidos por eles:

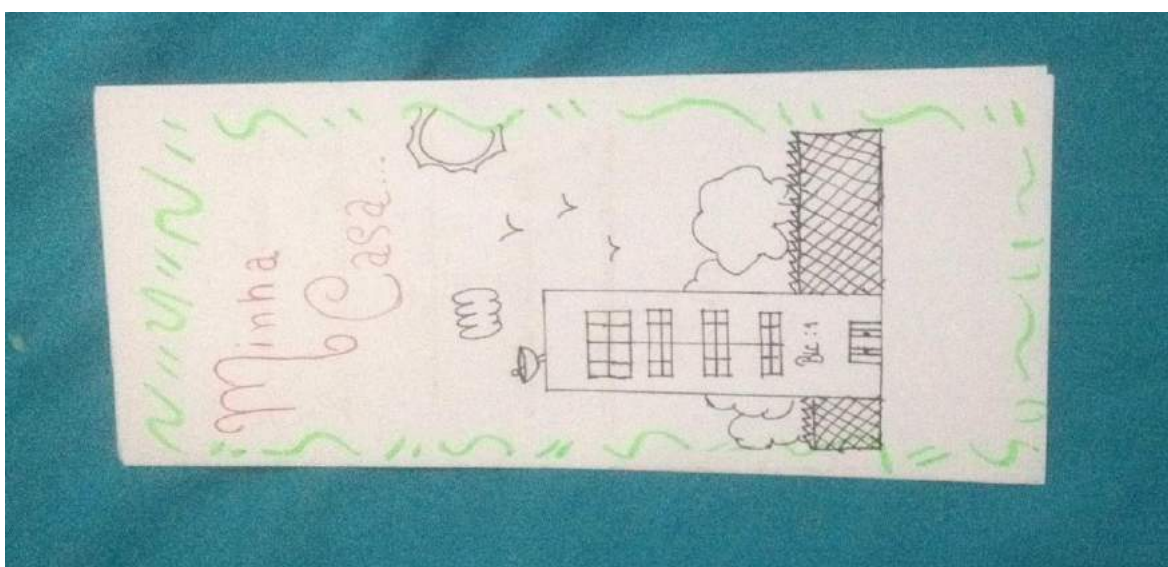


Foto: arquivo pessoal do autor

b) sua afetividade, visto que o tema gerador para a produção poética foi “Minha casa”, muito íntimo e mexeu com o afeto familiar dos pequenos poetas ao descreverem as características de seu lar, como se pode perceber num dos *fanzines* abaixo:

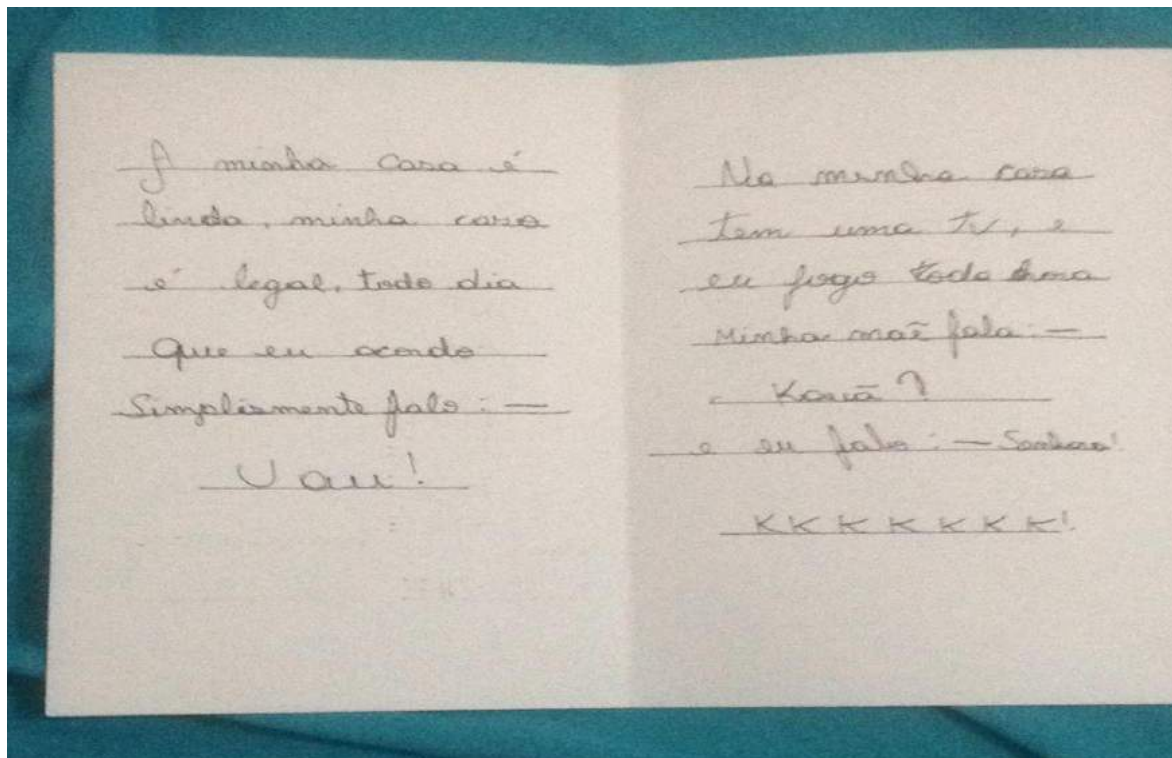


Foto: arquivo pessoal do autor

c) sua atração à aula de LP, dado que foi um momento muito prazeroso e divertido, em que se aprendeu, com criações, desenhos e ilustrações, tanto o *fanzine*, quanto o poema, conforme se visualiza na foto abaixo:

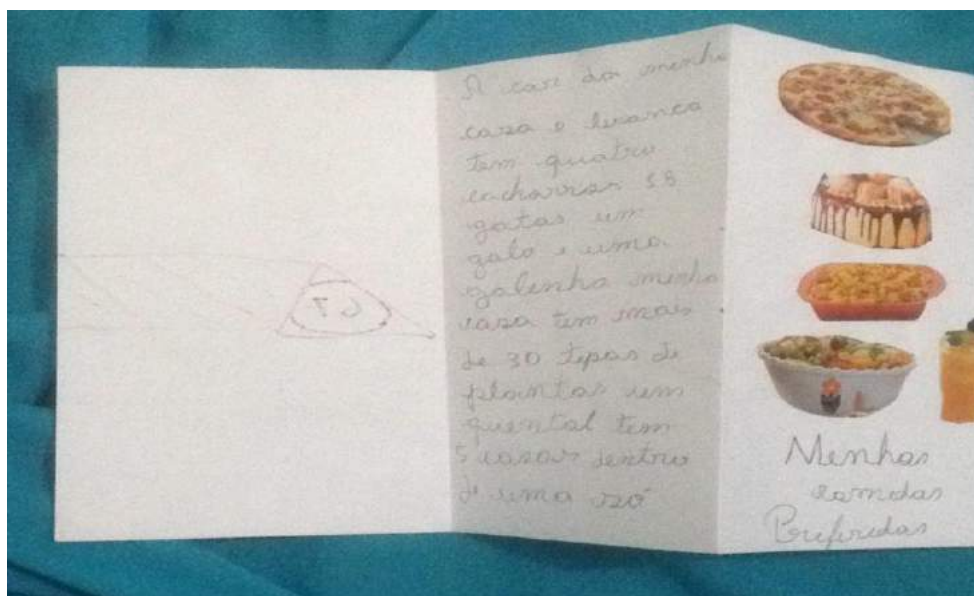


Figura 1: Foto: arquivo pessoal do autor

Diante disso, reafirmou-se que “o estudo da gramática deve ser estimulante, desafiador, instigante, de maneira que se desfaça essa ideia errônea de que estudar língua é, inevitavelmente, uma tarefa desinteressante, penosa [...]” (ANTUNES, 2003, p. 97). Quanto ao ensino de poema, o autor trabalhou as questões gramaticais com os alunos que sentiram dificuldades na produção textual do seu fanzine. Houve, portanto, um ensino de gramática funcional, em que o aluno compreenda as funções da língua com interesse e disposição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o presente estudo, foi possível identificar os efeitos cognitivos e emocionais gerados no corpo discente, tais quais: criatividade, afetividade e atratividade, através da utilização do *fanzine* como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de poema. Diante disso, esses efeitos foram de suma importância para o desenvolvimento dos educandos.

Além disso, mediante as análises desse artigo, compreende-se que há várias possibilidades de ensino de Língua Portuguesa através da utilização do *fanzine*, sendo que o professor pode utilizar diversas temáticas e diferentes conteúdos para trabalhar a escrita e a criatividade dos alunos.



Por fim, averiguou-se que na prática de “novos” recursos didáticos há uma contribuição positiva ao processo de aprendizagem na aula de língua materna, visto que os resultados obtidos nesse estudo mostraram um desempenho relevante dos alunos frente a prática de produção de poema no suporte considerado novo para eles: *o fanzine*.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)**. Brasília/DF: MEC, 2019. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 01 de jun. 2019.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FRANCO, M. A. S. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. In: **Educ. Pesqui.**: São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul/set, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-41-3-0601.pdf>>. Acesso em: 12 de jun. 2019.

LOURENÇO, Denise. **Fanzine: Procedimentos construtivos em mídia táctica impressa**. (Dissertação - Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC/SP, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=68031>. Acesso em: 02 de jun. 2019.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual: análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <<https://textbr.123dok.com/document/lq5rm8rz-metodologia-qualitativa-de-pesquisa.html>>. Acesso em: 29 de mai. 2019.

PINAGÉ, C. de A. C.; ALBUQUERQUE, G. A. dos S. Fanzine no Brasil e em Manaus: um breve histórico. In: **Rev. Estação Literária**, Londrina, v. 12, jan., 2014, p. 316-331. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art20.pdf>>. Acesso em: 02 de jun. 2019.



CLUBE DE LEITURA: MOTIVAÇÃO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA E DA LEITURA

Rosa Gabriely Monteiro Fontes

RESUMO

O presente trabalho tem como meta abordar questões de leituras nas aulas de Redação através do projeto Clube de Leitura. Pensando no pressuposto de que o Exame Nacional do Ensino Médio requer a leitura como principal ponte para obter uma boa escrita, foi iniciado o projeto no intuito de aproximar os alunos ao conhecimento de mundo com o objetivo de torná-los mais críticos e reflexivos, assim podendo notar características pessoais de cada um e fazê-los ter um desenvolvimento maior na escrita. O projeto primordialmente deu-se entrada somente ao 9º ano e ensino médio e trouxe um olhar mais amplo na relação professor- aluno, pois além dos aspectos linguísticos e gramaticais, observa-se traços pessoais dos discentes que gerou uma aproximação entre ambos para assim solucionar os possíveis problemas obtidos. Pensando na importância da leitura, destaca-se teóricos fundamentais como: Magda Soares (2010) e COSSON (2009) que abordam sobre o Letramento, assim como a contribuição de Kleiman (2015) que relaciona esta mesma temática com a formação do professor e a importância da leitura interdisciplinar para tecer projetos nas escolas como contribuinte para a formação de bons leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Leitura. Relação Professor-Aluno.

RESUMEN

El trabajo tiene como objetivo enfocar las cuestiones de lecturas en las clases de Redacción a través del proyecto club de lectura. Pensando en las posibilidades que el examen nacional de la enseñanza media tener la lectura como principal camino para obtener una buena escritura, se inició el proyecto con el fin de acercar a los alumnos al conocimiento del mundo con el objetivo de hacerlos críticos e reflexivos, así pudiendo observar las características personales de cada uno e hacerlos tener un desarrollo mayor en la escritura. El proyecto primero comenzó solamente al 9º año y enseñanza media y ha traído una mirada más amplia en la relación profesor-alumno, porque además de los aspectos lingüísticos y gramaticales, se observa características personales de los alumnos y creó una aproximación entre los dos para así solucionar los posibles problemas encontrados. Pensando en la importancia de la lectura, se destaca teóricos fundamentales como: Magda Soares (2010) y COSSON (2009) que abordan sobre el Letramento, así como la contribución de Kleiman (2015) que relaciona el mismo tema con la formación del profesor y la importancia de la lectura interdisciplinar para tecer proyectos en las escuelas como contribuyente para la formación de buenos lectores.

PALABRAS-CLAVE: Escritura. Lectura. Relación profesor-alumno.



1. O CLUBE DE LEITURA

Valorizar a leitura está cada vez mais cheia de empecilhos, o que leva um certo tipo de desvalorização nas aulas de Linguagens; ao menciona-la em sala de aula muitos alunos correlacionam a preguiça, a falta de interesse e por estes motivos a leitura em sala de aula muitas vezes vai ficando para trás. Diante dessa afirmação, esse projeto foi iniciado como forma de trazer um gosto maior pela leitura na vida do aluno e solucionar esses problemas enfrentados na sala de aula, sendo assim a mudança da educação escolar, formando leitores críticos e reflexivos a fim de ver o mundo de forma melhor.

Esse trabalho foi fruto de reflexões nas aulas de metodologias e Literatura pela acadêmica Rosa Gabriely, atualmente professora de Redação, onde a mesma analisou a grande devastação entre os alunos contemporâneos e a leitura, por este motivo resolveu colocá-lo em prática nas suas aulas. O Clube de Leitura funciona uma vez por semana em cada turma, primordialmente os alunos começaram a ler o livro “O pequeno príncipe” e logo em seguida eles fichavam cada capítulo com citações e parecer críticos de acordo com a obra e o seu conhecimento de mundo, desta forma, além da leitura, estaria sendo cobrado também a escrita, reflexão acerca dos acontecimentos atuais e um parecer pessoal acerca da vida de cada aluno.

O ensino médio é a etapa em que o discente está ansioso para fazer o ENEM (exame nacional do ensino médio), então, como uma forma de traze-los para o mundo literário, foi exposto em sala de aula a importância da leitura para conseguir obter uma boa nota no texto dissertativo-argumentativo, pois com essa prática é possível escrever bem e obter o conhecimento de mundo que é cobrado em uma das competências exigidas pelo ENEM. Com essa exposição, o aluno interessado em adquirir um bom resultado começou a refletir sobre o projeto proposto e a surgir o interesse, trazendo assim bons resultados nas aulas de Redação.

Portanto, o objetivo geral desse trabalho é contribuir e compreender a maneira que o professor deve trabalhar para incentivar os alunos na prática de leitura e o objetivo específico é mostrar para eles a importância que a leitura tem na vida de todos, tanto profissional, quanto pessoal.



2. A MOTIVAÇÃO DA LEITURA ATRAVÉS DO PROJETO CLUBE DE LEITURA

O tema escolhido para o projeto foi analisado e planejado a partir da importância da leitura, em como os alunos estão se posicionando em sala de aula e como eles têm a leitura na sua vida. A partir disso, alguns teóricos importantes, falam sobre a leitura e a sua contribuição para desenvolver uma boa habilidade na escrita. Para Soares (2005), é referente a habilidades múltiplas de leitura e escrita, as quais devem ser aplicadas a diversos materiais relacionados a leitura e a escrita, compreendendo ainda que depende das diversas mudanças estruturais da sociedade.

O Letramento no Brasil vem ocupando um lugar muito importante no processo educacional, principalmente quando as limitações desse processo passaram a ampliá-lo, ultrapassando as fronteiras da simples decodificação dos signos e passando a relacionar a leitura com aquilo que circula o mundo do leitor, saindo das entrelinhas e trazendo o que está dentro da leitura para o que está fora, é o chamado conhecimento de mundo. É de fundamental importância a discussão sobre a condição perceptiva dos professores de Língua Portuguesa sobre as dimensões do Letramento, uma vez que eles trabalham diretamente com o processo de leitura e escrita. Segundo Kleiman (2007) e Soares (2005) o processo de letramento não deve permanecer apenas na alfabetização, mas deve se estender por toda a educação básica, pois o indivíduo deve se apropriar também da escrita.

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado de letramento literário. (COSSON, 2009, p. 120)

De acordo com esse pressuposto e a citação feita por COSSON (2009), O clube de leitura parte das entrelinhas para um novo saber, trazendo um posicionamento crítico de cada aluno através de cada parecer. O projeto tem duração de uma hora, todas as quartas e ocupa uma aula de Redação, a cada capítulo lido o discente faz uma reflexão acerca da citação



escolhida e relaciona sempre com o seu conhecimento de mundo; durante um dos encontros foi percebido que um estudante do 1º ano médio abordava muito sobre bullying, cada citação escolhida por ele era sempre relacionada a preconceito, discriminação e coisas que o atingia indiretamente, então foi notado que o mesmo sofria bullying por outros colegas, desta forma a professora pôde se aproximar da realidade do discente e resolver o seu problema, foi abordado um debate sobre o tema e logo em seguida uma dissertação argumentativa com propostas para solucionar o bullying na escola, assim, o projeto além de trabalhar a leitura, envolveu a escrita e o posicionamento de cada aluno com relação a essa problemática, pois desta forma eles podem refletir sobre as suas atitudes e trazer possíveis soluções para esse quesito.

Assim, a literatura nas escolas tem um papel importante na formação de alunos mais criativos, mais atentos ao que leem, mais críticos e questionadores. Alunos que reflitam sobre a sociedade em que vivem e que atuem nela de maneira consciente e transformadora. Então é na escola que o aluno precisa aprender a fazer a exploração de maneira adequada da literatura, por meio de atividades que despertem a reflexão, a exploração, a análise para a construção e reconstrução dos sentidos do texto, a identificação dos implícitos e das metáforas, dos aspectos estilísticos, composicionais, entre outros. (COSSON, 2009, p. 17)

O ensino da leitura em muitos momentos reflete a esta pedagogia, pois trabalha o texto, a fim de alcançar um pretexto, respondendo questões sobre a leitura prevista pelo professor ou do autor do livro. Esta atitude sempre resulta numa experiência inovadora a cada prática, pois leitor/texto/professor, busca a cada nova experiência de leitura construir, através dos fios discursivos, a ponte necessária para compreender o mundo em sua totalidade, via funcionamento da linguagem.

Quando o leitor entra em contato com o texto ele articula, através da relação com outros assuntos já conhecidos, diversos saberes. Ler, nesta perspectiva, significa dialogar com os conhecimentos, inter-relacioná-los, discuti-los, ressignificá-los. Os projetos interdisciplinares contribuem para alcançar esse objetivo. Kleiman e Morais (1999), ao defenderem a importância da leitura como centro da realização de projetos, reiteram que “colocar a leitura como objetivo central nos projetos é uma questão ética, cuja abordagem necessariamente deverá levar em conta a multiplicidade cultural na preparação para a



cidadania” (p. 55). A leitura, sob este foco, contribui para uma aprendizagem mais significativa, participativa e dialógica.

“Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola.” (COSSON, 2007, p. 26), nesse contexto cabe a uma reflexão do professor para levar mecanismo que façam os alunos refletirem sobre a importância da leitura e a quantidade de conhecimento que a mesma traz para sua vida, pois muitas vezes é pensado que a leitura é monologa, mas não é, é um concerto de muitas vozes, de muitos conceitos diferentes, pois pode-se ler agora e ter um conceito, no outro dia ler novamente e ter outro conceito, então por isso a leitura não é definida como monologa, e esse conceito sobre a obra vai depender de cada interpretação que cada leitor terá.

2.1 ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Prática do clube de leitura



Alunos do 1ª ano do ensino médio do Grêmio Escolar Pequeno Príncipe, na cidade de Lagarto/Sergipe, participando do clube de leitura, realizado na aula de Redação, ministrado pela professora Rosa Gabriely.

Foto 2 – Prática do clube de leitura



Alunos do 9ª ano do ensino fundamental do Grêmio Escolar Pequeno Príncipe, na cidade de Lagarto/Sergipe, participando do clube de leitura, realizado na aula de Redação, ministrado pela professora Rosa Gabriely.

3. RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados encontrados foram satisfatórios, uma vez que o projeto continua em andamento, mas para os iniciantes, já é perceptível uma mudança de postura frente as leituras; os alunos cobram ao professor a prática do projeto, os mesmos mostram interesses e curiosidades para a próxima obra que será lida, além das correções dos textos com o intuito de melhorar cada vez mais, tiveram um grande avanço na escrita e também na forma de argumentar os seus pontos de vista, já há um maior desenvolvimento no texto, pois nos primeiros encontros eles escreviam pouco, escolhiam apenas uma ou duas citações para cada capítulo e com o passar dos encontros foram notados cenários diferentes, já escrevem muito, relacionam as reflexões da obra com o contexto que os envolvem, tornando-os leitores críticos e reflexivos que sabem escutar diversas vozes em uma única obra, adquirindo assim o conhecimento de mundo.

De acordo com o que foi visto, fica notório a suma importância da prática de leitura em sala de aula como forma de motivação para aluno, neste projeto foi motivado através da relação com o exame nacional de ensino médio e através das vivências pessoais de cada aluno, por este motivo é válido que todos os objetivos foram alcançados, uma vez que através da leitura foi



desenvolvida também a prática da escrita com os fichamentos e o conhecimento de mundo pessoal de cada aluno, tido como exemplo a exposição do aluno que sofria bullying na escola e que somente foi percebido através do projeto, então o clube de leitura serviu de desabafo para ele e de uma ponte para relação aluno-professor onde o mesmo descobriu formas de solucionar o problema daquele aluno e socializa-lo com a turma.

REFERÊNCIAS

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

KLEIMAN, A.; MATENCIO, M.deL.M. (Orgs.). **Letramento e Formação do Professor**: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

KLEIMAN, Â. B; MORAIS, S. A. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 1999



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

121

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO

Ensino de Língua Espanhola



A LINGUAGEM DIGITAL E OS DESAFIOS ENFRETTADOS PELOS DOCENTES NO ÂMBITO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Yuri de Abreu Santos
Pedro Vinícius Rezende Lopes¹
Prof^o Me. Franklin Lima (Pio Décimo)²

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta discorrer sobre a linguagem digital e as dificuldades encontradas pelos jovens adolescentes no momento da escrita e os desafios dos docentes contemporâneos. Será feita uma análise das abordagens dos professores e suas metodologias que tem a missão de associar o conteúdo estudado com as ferramentas da *net*. Esse estilo de comunicação digital será estudado pelo viés crítico entre as manifestações que serão observadas na atualidade brasileira, perpassando pelas construções errôneas de alfabetização cibernética, até chegarmos às ineficiências dos mancebos de utilizarem a escrita corretamente na internet, essa sendo de apropriação da vertente em estudo. A análise em torno dos conceitos da comunicação na rede servirá para melhor compreender as noções de erros cometidos diariamente nesse mecanismo no momento da conversa, os contextos históricos, a formação docente e a linguagem tornarão objeto precípua de estudo na cronologia do trabalho. Para tal, dialogaremos com alguns teóricos importantes para essa linha de pesquisa, como Feitosa (2002), Freitas (2005), Murray (1989).

Palavras-chaves: Linguagem digital. Internet. Alfabetização cibernética. Escrita. Formação docente.

LA LINGUAJEM DIGITAL Y LOS DESAFÍOS ENFRETTADOS POR LOS DOCENTES EN EL ÁMBITO EDUCACIONAL BRASILEÑO

LÍNGUA MODERNA ESTRANGEIRA

El presente trabajo tiene como propuesta discorrir sobre la lenguajem digital y las dificultades halladas por los jovenes adolescentes en el momento de escribir y los desafio de los docentes contemporâneo. Será hecho una analize de las abordajes de los maestros e sua metologías que tiene la misión de asociar el contenido estudiado con las herramientas de la *net*. Ese estilo de comunicación digital será estudiado por el sesgo crítico entre las manifestación que habrá sido observado en la actualidad brasileña, pasando más adelante por las construcción erróneas de alfabetización cibernética, hasta llegar a las ineficiencias

¹ Graduandos do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FDP), alunos pesquisadores do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestra Tatiana Silva. E-mail: yurideabreu3215@gmail.com / pedrovinicius.greg@hotmail.com

² Mestre em Letras com ênfase no Estudo da Linguagem e Ensino, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-graduado em Teoria e Práticas Textuais, pela Fundação de Apoio e Pesquisa de Sergipe (FAPESE)/Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduado em Letras/Língua Espanhola pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Curso de Letras Português e Espanhol da Faculdade Piam Décimo.



de los jóvenes de utilizar la escritura correctamente en la internet, esta es de apropiación de la vertiente en estudio. La análisis en alrededor de los conceptos de la comunicación en la red servirá para mejor entender las noción de errores cometido diariamente en ese mecanismo en el momento de la conversa, los contextos históricos, la formación docente e la linguagem tornarán pertrecho principal de estudio en la cronología del trabajo. Para tal, dialogaremos con alguns teóricos macizos para esa línea de investigación, como Feitosa (2002), Freitas (2005), Murray (1989).

Palabras-llaves: Linguagem digital. Internet. Alfabetização cibernética. Escrita. Formação docente.

1 INTRODUÇÃO:

O presente estudo analisará a linguagem dos jovens no ambiente digital e as dificuldades enfrentadas por eles no ambiente escolar, pois a linguagem virtual é simples, com frases curtas e cheias de abreviações que, muitas vezes, atrapalham os alunos na escrita, acarretando erros ortográficos sérios e a limitação do seu raciocínio, “Quanto mais os jovens usam a internet, como meio de comunicação, pode-se haver uma limitação no raciocínio, isso porque nas redes sociais é promovido um discurso com frases curtas e abreviações” (AMARAL, 2003, p. 31).

Dentro da perspectiva supramencionada, observar-se-á como essa linguagem pode atrapalhá-los nos textos escritos nas escolas e a possível limitação de raciocínio que nela se aplica, analisando, também, o comportamento dos professores, de acordo com esses fatos e os meios que eles buscam para educar os mancebos digitalmente.

Utilizou-se a pesquisa teórico-exploratória, fundamentada em autores que corroboram ou divergem sobre o tema abordado, com o objetivo de esclarecer a necessidade de adequação de discentes e docentes no que diz respeito ao universo digital educativo contemporâneo.

Os professores da sociedade contemporânea têm a grande tarefa de desenvolver métodos que permitam aos seus alunos uma melhor maneira de utilizarem as ferramentas digitais. Entretanto, os “Nativos digitais”, assim conhecidos os jovens da sociedade contemporânea, estão na era em que as informações chegam a uma velocidade e tomam uma proporção nunca vista na história da humanidade, dessa forma, eles vivem em um ambiente onde as informações chegam prontas, permitindo assim, a deficiência na escrita de textos escolares e do senso crítico, “Isso faz com que os mancebos tenham poucas informações para o desenvolvimento de um pensamento, isso se mostra devido a não preocupação na busca de informações gramaticais, nem de conhecimento para desenvolver uma conversa neste meio” (AMARAL, 2003, p. 31).



2.1 AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES TECNOLÓGICAS:

Com o advento da rádio, televisão e internet, foram surgindo às primeiras manifestações de tecnologia no mundo moderno, que possibilitaram o acesso às informações que antes, devido à falta de mecanismos de propagação, era limitada. Porém, essas tecnologias não eram acessíveis a todos, como atualmente observamos. A internet, principalmente, causou grande agitação na sociedade contemporânea graças a sua capacidade de propiciar a comunicação com pessoas de todo o mundo e tornou o acesso ao conhecimento rápido e eficaz de notícia, cultura e entre outras coisas que essa proporciona. Com isso, ela possibilita que todos possam ter a mesma possibilidade de saberem praticamente as mesmas coisas dentro de uma determinada nação ou até mesmo em proporções globais. Assim ratifica Vieira (p.45, 2014):

Até às últimas décadas do século XX, as pessoas tinham um acesso limitado à informação. Graças à educação nacional, à rádio e televisão controladas pelo Estado e a uma cultura impressa comum, todos passaram a ter a mesma probabilidade de saber praticamente as mesmas coisas dentro de um Estado, nação ou comunidade.

3.0 O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR PARA GARANTIR A INSERÇÃO DIGITAL DOS JOVENS ALUNOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:

Chegando à escola, os jovens devem ter adquirido conhecimento mais amplo que aqueles ensinados pela sociedade e família. Isso se dá, devido à necessidade dos jovens saberem utilizar o principal meio de comunicação atual, a internet. Com isso, deve-se aprender, dentro da instituição, a importância de diferenciar a escrita informal da formal, mediante a construção comunicativa dentro e fora dela, pois nossos jovens estão cada vez mais informais devido à despreocupação com o conhecimento gramatical da língua e amplo de assuntos que os são apresentados, buscando sempre resumos, ou seja, materiais prontos. Contudo, a escola deve proporcionar recursos que possibilite a alfabetização digital aos seus alunos, apresentando conteúdos que promova a capacidade de diferenciar a escrita informal da formal, com o objetivo de fixar a importância de utilizarem a mais formal possível, de maneira didática e não



tradicional, tornando a matéria atraente aos seus alunos. Isso, Portanto, como meio de garantir a inserção desses mancebos na sociedade digital, tornando a escola e esse conhecimento mais atrativo e importante. Assim Takahashi discorre:

Tendo em conta a quantidade enorme de informações que circulam actualmente nas redes digitais, ser capaz de nelas se orientar tornou-se um pré-requisito do próprio saber, a necessitar daquilo que alguns já chamam 'nova alfabetização'. Esta info-alfabetização é cada vez mais necessária para se chegar a uma verdadeira compreensão do real. Ela constitui, assim, uma via privilegiada de acesso à autonomia levando cada um a comportar-se em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido. (Takahashi, 1997, P.36).

Far-se-á necessário, que os professores disponibilizem tempo para o desenvolvimento intelectual das novas ferramentas digitais, assim como, também as escolas, estão promovendo meios para que os mediadores do conhecimento se qualifiquem e proporcionem aos alunos, como foi supracitado no excerto, o ensino da alfabetização digital. Com isso, eles devem oferecer atividades que, de uma forma didática, utilizem as ferramentas da internet e seus mecanismos para propiciar atividades que auxilie no processo do ensino informacional, assim como retrata Perreira:

Não podemos conceber as tecnologias na escola sem que os professores adiram às reformas propostas pela sua integração. A formação de professores apresenta-se assim como condição para o sucesso das inovações tecnológicas. Porém, constitui também um dos obstáculos mais sérios para a utilização das tecnologias na educação. A inovação das práticas educativas, em particular daquelas que exigem a utilização das novas tecnologias, exige da parte dos professores um grande investimento intelectual e a disponibilização de tempo, nomeadamente para formação contínua, descoberta de novos materiais, preparação de materiais pedagógicos, avaliação das experiências realizadas e diálogo com os colegas, no sentido de desenvolverem projectos pedagógicos. (Perreira, p. 40 e 41, 2006).

Dessa forma, os professores, primeiramente, devem disponibilizar um pedaço do seu tempo para o desenvolvimento intelectual e noções de utilização da ferramenta. Isso porque eles, além de aprender as novas ferramentas, devem ficar atentos a novas descobertas e de novos materiais, avaliação de experiência realizada e desenvolvê-los pedagogicamente, a fim de ensinar como deve ser utilizada e de que forma. Saber como utilizar as ferramentas tecnológicas



didaticamente é de extrema importância, pois, caso não tenha uma devida orientação no uso da mesma, ela poderá ser ineficiente e pouco proveitosa no seu uso didático e ou até mesmo perigosa.

Nessa perspectiva, Perreira (2006, p. 36) faz referência a erva que nasce como sufocadora da colheita presente na agricultura, dizendo que “num terreno onde crescem bons frutos, brotam também ervas daninhas”. Isso remete a ideia de que, como bom pesquisador, devemos ter a paciência de separar as informações, presente na internet, com todo cuidado, para não prejudicar todo trabalho desenvolvido, pois “[...] o trabalho do agricultor que, numa operação de tempo e paciência, tem de separá-las, de forma a colher o bom fruto.” (Perreira, 2006. p. 36).

A internet pode servir como ferramenta que auxilie o professor dentro da sala de aula, ganhando cada vez mais espaço no ambiente escolar. Os mediadores do conhecimento, assim designados os professores, estão utilizando aparelhos tecnológicos como: celulares, tablete e notebooks em atividades com alunos, com o objetivo de tornar essas ferramentas mais didáticas, aproximando-os das atividades dentro da sala de aula e educando-os digitalmente, para que assim, atualmente e futuramente possam melhor utilizá-las. Entretanto, devem atentar-se aos riscos que podem ser causados, isso porque, a utilização do celular, sem o devido acompanhamento, pode gerar a insuficiência do aluno ao ponto deles não utilizarem seu lado crítico, buscando respostas prontas na internet. Assim, como fala a consultora de português, Denise Maiolino, (Estadão, 03/2019), “A internet pode ser uma ferramenta brilhante em sala de aula, mas em determinados contextos, o jovem pode se tornar um reproduzidor de textos, sem pensar no que escreve”.

Dessa forma, como supracitado no excerto, os jovens podem ter uma deficiência na interpretação e elaboração textual, pois os meios utilizados, como redes sociais, jogos e outros, de maneira indevida, impossibilitam a busca por informações e aprimoramento do conhecimento cultural, social e gramatical na própria internet. Assim, esses meios de comunicação permitem uma linguagem convertida em códigos e símbolos, possibilitando a internalização de termos e linguagem que podem dificultar no momento da escrita em textos escolares.



3.1 AS DIFICULDADES DOS JOVENS EM ESCREVER TEXTOS FORA DO AMBIENTE VIRTUAL:

Devemos nos salientar que a educação convive em uma interdependência de ensino virtual e presencial, isso se deve pela necessidade do ensino se integrar a esse ambiente, pois esse é os meios predominantes na sociedade moderna, ambos respeitando seus espaços e muito importante para sociedade em que vivemos.

Uma das tendências da educação é a convergência dos ambientes de aprendizagem presenciais e virtuais, um complementando o outro; ambos são importantes e ocupam seus devidos espaços na educação. Cada vez mais esses ambientes tendem a se integrar. (TAJRA, 2002, p. 5).

Entretanto, por mais importante que a internet seja, oferecendo uma enorme possibilidade de acesso à informação, preocupa-se a linguagem utilizada pelos jovens na internet, muitas vezes, atrapalhando as produções textuais no ambiente escolar, isso, pois estão em um ambiente onde a linguagem usada é coloquial e a utilização de frases curtas e abreviadas é muito recorrente, com o objetivo de serem ágeis, devido à instantaneidade que, como por exemplo, os aplicativos e sites de relacionamentos possibilitam. Essa forma de comunicação pode se internalizar, provocando esquecimento e não preocupação do uso da norma-padrão da língua, acarretando desvios gramaticais.

São perceptíveis as diferenças de escritas quando se relaciona redes sociais com portais de notícias da internet. A necessidade de comunicação instantânea faz com que as pessoas utilizem abreviações nas palavras, no intuito e maior agilidade ao teclar suas mensagens, por exemplo, em redes sociais. (Araújo, 2013. P. 10).

Sabe-se que quando em contato com uma comunidade, a linguagem deste ambiente pode ser internalizada, isso devido à interação que ocorre entre indivíduos nesse meio, pois “o indivíduo é incentivado a produzir novas palavras e novos enunciados. A prática deste permitirá que desenvolva habilidades que facilitarão o exercício da comunicação e o processo de internalização da língua será acelerado” (Silva, 2011, p.4).



Nessa perspectiva, os professores, com o auxílio das instituições de ensino, dever-se-iam instruir e incentivar os mancebos alunos a escreverem, mas com o propósito de serem conscientes do que escrevem, de modo que essa prática se torne um elemento que propicie prazer aos que escrevem. Assim, complementa a autora:

Então se deve incentivar o aluno a escrever, mas deve-se orientá-lo a ser um escritor consciente e fazer com que o ato da escrita seja um ato agradável e prazeroso. Essa escrita deve ser feita usando a linguagem culta do Português e nunca se deve fazer o uso da linguagem da internet em textos, principalmente em textos escolares. (Araujo, 2013. P. 10).

3.2 A INTERNET COMO AUXÍLIO À EDUCAÇÃO?

A internet, com uma vasta quantidade de conteúdo, nada mais é que uma ferramenta moderna se utilizando de velhos métodos de transmissão de informação. Com isso, no que diz respeito a sites educativos, a internet ainda peca, pois os conteúdos que direcionado a educação dos jovens é escasso. Portanto, essa ferramenta em mãos inexperientes, como dos alunos contemporâneo, fazendo com que esses sejam limitados ao acesso e impossibilitando a avaliação qualitativa das informações dos sites, assim como retrata Perreira (2006, p. 36):

No caso da Internet, as mãos inexperientes dos nossos alunos colhem por vezes muitas ervas daninhas, em parte por falta de critérios que lhes permitam fazer uma avaliação dos conteúdos. Para além do obstáculo que constitui a dificuldade de avaliação da qualidade dos conteúdos [...] a Internet é ainda muito pobre no que diz respeito a software educativo, que permita a quem aprende encarregar-se das suas próprias explorações, construções e criações. Não há aí muito espaço para a fantasia e a imaginação.

Dessa forma, a internet ainda é falha em conteúdos educativos, limitando a imaginação dos jovens encontrada nos efeitos catárticos que os livros e escritas promovem devido à sua vasta quantidade de conteúdos e descontração. De tal maneira, a internet poderia desenvolver mecanismos em seu meio, para que assim, os jovens possuam uma filtragem do que se faz necessário dentro das escolas, promovendo software de cunho educativo.



4.0 RESULTADO E DISCUSSÃO:

A comunicação virtual permite aos jovens um grande conflito linguístico devido à velocidade em que as mensagens são trocadas, visto que o principal meio de comunicação são computadores, tablets e celulares, objetos tecnológicos que produzem comunicação e pesquisa de modo instantâneo no espaço digital.

A internet surge como mecanismo que propicia a inserção dos jovens em um ambiente de comunicação virtual, onde seus integrantes também são chamados de “geração digital” (TAPSCOTT, 1999). Portanto, as ferramentas comunicativas que essa disponibiliza, faz parte de um *CIBERESPAÇO*, que permite uma maior autonomia em sua maneira de interagir. A *net* é um meio discursivo que geram laços comunicativos que promovem troca de conhecimento de seus integrantes, sendo um local que não tem um controle centralizado, como assim diz Lemos (2002, p. 131-146):

hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante. [...] é o ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes. [...] é o ambiente que não tem controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades ordinárias.

Todavia, a comunicação virtual permite aos jovens um grande conflito linguístico devido a grande velocidade em que as mensagens são trocadas, visto que o principal meio de comunicação são computadores, tablete e celulares, estes são objetos tecnológicos que produzem comunicação e pesquisa de modo instantâneo no espaço digital. Com isso, promove um discurso direto e objetivo, isso porque o diálogo ocorre em tempo real, sem tempo para arquivar as conversas, como assim eram com as cartas. Desta forma, na medida em que ambos forem alternando as mensagens, de maneira há disponibilizar seu tempo para aquela determinada conversa, denominamos de conversa na internet, assim como diz Murray (1989, p.319):



são enunciados predominantemente lingüísticos, enviados ao destinatário que está, naquele momento preciso, ligado ao computador para as receber e, se desejar, a elas responder. É o que se chama também de comunicação em tempo real. Cada mensagem é elaborada pelo destinador e enviada somente depois de ele acionar o comando “enviar”. As mensagens não são arquivadas, perdendo-se com a interrupção da interação, se não forem salvas. Na medida em que destinador e destinatário forem alternando mensagens, respondendo um ao outro, instaura-se o que aqui denominamos de “conversação na internet

Isto posta, a instantaneidade das mensagens provoca um conflito na escrita dos jovens, pois eles, em produções de textos escolares, confundem o dialeto virtual do convencional, provocando vários erros ortográficos devido aos vícios de linguagem. Logo, adota uma linguagem convertidas em códigos, com muitas abreviações e frases curtas que os possibilitam utilizar uma escrita mais rápida, isso para atender a velocidade em que as mensagens chegam e, assim, fazerem parte da “tribo” de interatividade virtual. “A linguagem adotada no mundo virtual requer uma modalidade de escrita rápida para a geração *net*, o que cria uma solução intermediária de comunicação.” (AMARAL, 2003, p. 31).

O surgimento de novos gêneros textuais como: *Whatsapp*, *Facebook*, *Zello*, *MSN*, *Chat*, entre outros, possibilitaram aos jovens uma nova modalidade de escrita, para atender as necessidades da linguagem utilizada nesses meios, havendo um descompromisso com a forma padrão das gramáticas normativas, por conseguinte, analisaremos a falta de concordância, códigos, para simbolizar para promover uma comunicação mais rápida, assim como *emoticons*, palavras abreviadas, ausência de acentuação, pontuação e etc. Marcuschi (2005, p.13) afirma esses gêneros: “[...] estão emergindo no contexto da tecnologia digital [...] são relativamente variados, mas a maioria deles têm similares em outros ambientes, tanto na oralidade quanto na escrita [...]”. Desta maneira, a internet desenvolveu uma nova linguagem peculiar adaptada as necessidades que ela exige de todos os integrantes digitais.

Ao analisarmos esta frase: “v6 naum tm o q fizr”, temos a representação de um exemplo de uma linguagem retratada no *chat* do Facebook, uma vez que lemos como se estivéssemos ouvindo, sabemos que o código significa: “vocês não têm o que fazer”. Todavia, quando estamos diante um texto formal, podemos não nos atentar e cometer esse erro ou parecidos, já que de acordo com Freitas (2005, p.13.),



A maioria das características do pensamento e da expressão fundada no oral é relacionada com a interiorização do som. As palavras pronunciadas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita, precisa-se de outro sentido: a visão. As palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto, o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais; o som se reduz ao registro escrito.

Dessa forma, conclui-se que a linguagem utilizada pelos jovens, principalmente em redes sociais, produz uma comunicação codificada, permitindo que essa forma internalize em sua consciência e que os permitem levá-los aos textos escritos desenvolvidos na escola.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas, juntamente com os docentes, necessitam analisar o que está acontecendo nos meios de comunicação, a fim de trazer essas informações para as salas de aula, para assim, discuti-las e levantar problemáticas para desenvolver a capacidade intelectual de resolver essas questões. Portanto, ajudando-os a perceberem os aspectos positivos e negativos dos assuntos abordados, fazendo leituras de sites e notícias que promovam tal discussão.

Entretanto, para que isso possa ocorrer, as escolas devem propicia um ambiente próprio a esse fim, pois a estrutura que essa possibilitar, ajudará os professores a estimularem seus alunos a lerem e interpretar. Dessa forma, far-se-á necessário que as instituições de ensino providenciem salas climatizadas com acesso à internet, computadores ou tablets para entrar em sites e disponibilize tempo extra aos professores, a fim de deixá-los pesquisarem e qualificarem no meio digital.

Para melhor o planejamento se desenvolver, os professores devem qualificar-se profissionalmente em cursos de informática, com o objetivo de aprender a manusear as máquinas tecnológicas e também a acessar a internet. Desta forma, os docentes devem disponibilizar tempo para se empenhar nas atribuições qualificativas que as escolas, caso sejam públicas o estado, propicie.

REFERÊNCIAS:

<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,linguagem-de-internet-preocupaeducadores-imp-,598839.03/2019>



AMARAL, Sérgio Ferreira. **Internet: novos valores e novos comportamentos**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord). A Leitura nos Oceanos da Internet. São Paulo: Cortez, 2003.
ALVES, Ivone de Oliveira Pinto, Impactos da Internet na Educação, Rio de Janeiro: UCMA, 2002.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção, **Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper) textuais na Internet**. In: COSTA, Sérgio Roberto. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARAUJO, Leila Penido de, **A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM VIRTUAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**. Pará de Minas 2013, FACULDADE DE PARÁ DE MINAS Curso de Licenciatura em Letras.

FASCIANI, Roberto. **Novas tecnologias informáticas, mais mídia e relações afetivas**. In: PELUSO, Angelo. Org. Informática e Afetividade: A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos? Bauru: EDUSC, 1998.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEMONS, A. **Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2002.
_____. Ciberidades: um modelo de inteligência coletiva. In: _____ (Org.). Ciberidade: as cidades na cibercultura. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

SCHLOBINSKI, Dr. Peter, da Universidade de Hanôver. **Linguagem e comunicação na era digital**, março de 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In.: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.) Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MURRAY, Denise E. **When the medium determines turns: turn-taking in computer conversation**. In: COLEMAN (ed.). Working with language. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 1989, p. 319-337

VIEIRA, Fátima, org. Maria Teresa Restivo, **NOVAS TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO: ENSINAR A APRENDER, APRENDER A ENSINAR**. Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2014

PERREIRA, Cidália de Lurdes, **O PAPEL DA INTERNET NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO, Uma perspectiva crítica sobre a relação dos alunos do 3º Ciclo com a Internet**. Tese Mestrado em Ciências da Comunicação – Comunicação, Cidadania e Educação. Trabalho realizado sob orientação do Professor Doutor Elías Blanco Fernández. 2006

SILVA, Me. Daniel Marra da, SAUSSURE – **AS CONSEQUÊNCIAS DA INSTITUIÇÃO DE UM ELEMENTO HÍBRIDO, A LANGUE, SISTEMA/FATO SOCIAL, COMO OBJETO DA LINGUÍSTICA**, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

TAKAHASHI, Tadao, **Sociedade da informação no Brasil : livro verde** / organizado por Tadao Takahashi. – Brasília : Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Internet na educação: o professor na era digital**. São Paulo: Érica, 2002.

TAPSCOTT, D. **Geração digital: a crescente e irredutível ascensão da geração net**. São Paulo: MAKRON Books, 1999.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

135

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO

Gêneros textuais, linguagem e ensino



A ARTICULAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO VEICULADO EM OUTDOORS E OS POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDO

Nayara Cardoso Santos (Pio Décimo)¹

Ana Sabrina de O. Leme Domingues (Pio Décimo)²

Resumo

O presente trabalho tem como escopo investigar a articulação do discurso religioso veiculado em outdoors, apresentando possíveis efeitos de sentido por meio de sua propagação. Propõe-se analisar o discurso proferido pelo líder religioso Silas Malafaia, Pastor da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, no Rio de Janeiro, expondo por meio de outdoors a defesa da formação da família tradicional, mediante a articulação do discurso religioso que produz relações de força e sentido, estimuladoras de ideologias institucionais constituidoras de formações discursivas ideais à esfera em cena. Para o desenvolvimento deste estudo, situamo-nos na teoria e metodologia da Análise do Discurso francesa, focando-nos em trabalhos dos autores Pêcheux (1995), Orlandi (2009) e Silva (2011). O corpus do artigo será composto por dados retirados do site Gospelprime. Os resultados obtidos demonstraram que a manifestação do discurso revela a ideologia e afeta esotericamente o sujeito e sua tomada de posição em sociedade.

Palavras-chave: Discurso religioso. Outdoors. Análise do Discurso.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo investigar la articulación del discurso religioso difundido en vallas publicitarias, presentando posibles efectos de sentido por medio de su propagación. Se propone analizar el discurso pronunciado por el líder religioso Silas Malafaia, Pastor de la Iglesia Asamblea de Dios Victoria en Cristo, en Río de Janeiro, exponiendo por medio de vallas publicitarias la defensa de la formación de la familia tradicional, mediante la articulación del discurso religioso que produce relaciones de fuerza y sentido, estimuladoras de ideologías institucionales constituidoras de formaciones discursivas ideales a la esfera en escena. Para el desarrollo de este estudio, nos situamos en la teoría y metodología del Análisis del Discurso francés, centrándonos en trabajos de los autores Pêcheux (1995), Orlandi (2009) e Silva (2011). El corpus del artículo se compone de datos tomados del sitio Gospelprime. Los resultados obtenidos demostraron que la manifestación del discurso revela la ideología y afecta esotéricamente al sujeto y su toma de posición en sociedad.

Palabras clave: Discurso religioso. vallas publicitarias. Análisis del Discurso.

¹ Graduanda em Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo (FPD)

² Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e professora do curso de letras da Faculdade Pio Décimo (FPD)



1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o conceito de moral não é mais o mesmo se compararmos com o passado. Com o passar do tempo, os conceitos se ampliam e evoluem trazendo novos significados e diversos efeitos de sentido em diferentes momentos. A moral é composta por costumes que são adquiridos no decorrer da formação do ser humano, que constitui mediante formações discursivas ideológicas e socio-históricas, ampliando nossa visão de mundo e ações cotidianas.

Para aprofundarmos este estudo, situamo-nos na Análise do Discurso, (doravante AD) que parte de um conjunto de informações, seguindo o pressuposto das condições enunciativas. A AD está diretamente ligada ao sentido construído a partir da manifestação da linguagem dentro da história e da ciência, tendo o escopo direcionado à compreensão, podendo ir além da frase e do texto. Ela exerce a função de ultrapassar aquilo que é facilmente interpretado, em suma, é a apreensão da linguagem. Para Orlandi (2009, p. 15):

a Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.

Assim, quando um discurso é proferido, para a Análise do Discurso não se trata apenas da manifestação de linguagem, ou seja, discurso comum pautado na interpretação, mas também, segundo Orlandi (2009) de “compreender como o objeto simbólico produz sentido”. A autora diz que “a análise do discurso não estaciona na interpretação” (2009, p. 26), em um discurso o sujeito revela o tipo de Formação Discursiva (FD), que ele possui, seja ela liberal, religiosa, machista ou fascista. Sabe-se que as formações discursivas se referem àquilo que podemos e devemos dizer.

Assim sendo, as FDs na AD são de extrema importância para a compreensão de um discurso e seus efeitos de sentido, afinal, “a compreensão é muito mais que isso. Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos”



(ORLANDI, 2009, p. 26). Quando um sujeito profere um discurso, ele é regido por diversos fatores, como a língua, a sociedade, a memória discursiva, por um saber, por um dizer que se mostra, ou seja, que se apresenta através de FDs. Segundo (BRASIL, 2011, p. 174):

para a Análise do discurso, o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia. O sujeito, na teoria discursiva, se constitui na relação com o outro, não sendo origem do sentido, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude.

Diante disso, é visível que todos os discursos são governados por formações discursivas e à Análise do Discurso, enquanto uma teoria materialista, cabe compreender como os processos discursivos são constituídos e como as formações discursivas e ideológicas se constituem. Neste cenário, atribui-se uma grande responsabilidade ao contexto que vivemos e aos discursos que ouvimos.

2 O DISCURSO RELIGIOSO E O SUJEITO EM CENA.

Para a Análise do Discurso analisar um texto é, sem dúvida, a oportunidade para investigação ou releitura que pode desvendar sentidos implícitos, considerando sempre o que há por trás dele. Visto que, o dispositivo teórico da AD, nos indica que o dizer tem relação com o não dizer. Assim, partindo para o discurso religioso, que é considerado um discurso constituinte, pois nele há somente uma verdade, uma vez que o discurso constituinte, como bem frisa Maingueneau, apud Silva (2011, p. 87) tem como pretensão “não reconhecer outra autoridade que não a sua e não admitir quaisquer discursos acima deles”. Dessa forma, o discurso religioso é constituinte, pois fundamenta em um hiperenunciador, que é sempre Deus, mesmo que a bíblia não seja citada, ou seja, a verdade suprema e inquestionável.

Mediante esses aspectos, trataremos sobretudo da articulação de um discurso religioso exposto através de outdoors, proferido pelo líder Silas Malafaia, Pastor da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo no Rio de Janeiro.

A respeito do sujeito desta pesquisa, vale ressaltar que com apenas 16 anos Silas Malafaia começou a se envolver com a evangelização na Igreja Assembleia de Deus no bairro da Penha, no Rio de Janeiro. Aos vinte e dois anos passou a ser pastor auxiliar na comunidade



da Penha, e “aos 24, casado, pastor e líder na comunidade da Penha, já tinha seu espaço na televisão, como havia desejado desde sua adolescência” (SOUZA, 2016. p. 23). Segundo o portal Gospel (2010) em 2010 “o Pastor Silas Malafaia mudou o nome da Assembleia de Deus da Penha para Vitória em Cristo”, para Júnior (2011, p. 21):

a figura principal da ADVEC é, sem dúvida, o Pastor Silas Malafaia, presidente desta denominação desde março de 2010, quando ainda se chamava AD da Penha. Logo após assumir a presidência um mês após o falecimento de seu sogro, o Pr. José Santos, que esteve à frente deste “ministério” por 46 anos, Malafaia mudou, como vimos, o nome desta rede de igrejas para “Vitória em Cristo” e rompeu com a CGADB.

Logo, por se tratar de um líder religioso que possui uma grande posição perante a sociedade e a instituição a qual faz parte, tem-se muita relevância a Relação de Força de Malafaia enquanto Pastor. Seu discurso é bem articulado, e possui em seu interior alguns efeitos de sentido que demarcam o sujeito do discurso, trata-se de um discurso religioso, e sua posição, assim como o seu discurso, na sociedade é visto de maneiras diferentes, ou seja, para AD “não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2009, p. 39).

O corpus deste artigo foi retirado do site Gospelprime, sabendo, pois que seu conteúdo foi exposto em outdoors, espalhado em pontos estratégicos no Rio de Janeiro, dias antes de uma festa que concentraria a parada gay na cidade. Assim, recortamos esse discurso decorrido no site, que para a análise do discurso classifica-se como discurso religioso, possuindo em seu dizer relações de força, sentido e consequentemente a posição que o sujeito assume ao tomar o discurso.

A análise do corpus será feita a partir dos pressupostos da Formação Discursiva e Formação Ideológica. Uma pesquisa teórica, com o objetivo de investigar a articulação do discurso e possíveis efeitos de sentido, tomando como base a Análise do Discurso francesa.

2.1 A ARTICULAÇÃO DO DISCURSO ESOTÉRICO

Sabemos que o discurso é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação de mundo. Quando um discurso é proferido, o dizer é fazer. Para melhor compreensão sobre o fato de que a ideologia pode afetar esotericamente o sujeito e sua tomada



de posição em sociedade, é necessário que entendamos o que vem a ser um discurso esotérico, segundo Rodrigues, apud (PEDROSA, 2007, p. 38) “*Esotérico* é aqui um termo técnico para designar o discurso destinado aos membros de uma instituição”. Assim, segundo Pedrosa (2007, p. 38):

para sua compreensão, exige-se o domínio de representações simbólicas, por isso, esse discurso se torna opaco para os que não pertencem ao corpo dessa instituição. Essa é uma boa orientação para que membros de um corpo religioso que estão acostumados com sua própria linguagem simbólica se preocupem em alternar o código linguístico.

Nesse caso, o discurso esotérico é sempre destinado para uma instituição por conta de sua linguagem e seu código. Porém, quando afirmamos que o discurso esotérico afeta o sujeito e sua tomada de decisão, refere-se aqui a uma tentativa de persuadir uma outra instituição que não é a religiosa.

3 UM TRANSITÓRIO OLHAR SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA.

Através da Análise do Discurso conseguimos refletir sobre as manifestações da linguagem e as várias maneiras de se significar, pois através da AD “se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se” (ORLANDI, 2009, p. 15). Assim, a linguagem encontra-se como mediação necessária entre o sujeito e a sociedade. Por esse tipo de estudo é possível fazer uma reflexão acerca de como o indivíduo é interpelado em sujeito por formações discursivas dominante em seu meio, afinal, “o sujeito é sobre determinado pelos pré-constituídos”(BRASIL, 2011, p. 173), e consequentemente pela formação de sua ideologia, sendo essa manifestada na linguagem, no momento do discurso.

Para a AD, o discurso é voltado para a linguagem e possui sentido mais amplo que o texto, pois o texto mesmo podendo ser analisado, ele não é uma unidade de construção do discurso, uma vez que se trata de uma unidade fechada em si mesma, assim, o texto é referido dentro do discurso, mas não se pode analisar um discurso como se analisa um texto, afinal, enquanto conceito teórico, o discurso corresponde a uma prática de linguagem que se adentra



efeito de sentido durante o processo de interlocução entre locutores (língua no mundo), dado que o texto enquanto unidade fechada não possui tamanha dimensão para análise.

Na análise de um discurso é necessário compreendermos o funcionamento de algumas categorias que são utilizadas pela AD. Sabemos que os sujeitos assumem posições em seus discursos, se esse sujeito afirma ou nega algo no momento em que proferi um discurso, são as suas Formações Ideológicas que dão sustentação ao seu dizer. Visto que, o sujeito do discurso passa atuar mediante uma ideologia existente, e que essa rege o sujeito através de suas crenças, sob a ideologia ali inscrita.

Assim, Orlandi (2009, p. 46) afirma que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”, sabendo, pois, que não há sentidos literais na AD, uma mesma palavra pode significar várias coisas, dependendo da posição do sujeito e de sua FD. Em suma, “só há prática através de e sob uma ideologia, só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito.” (PÊCHEUX, 1995, p. 149), a partir dessa afirmativa, percebemos a pluralidade das ideologias quando ele faz uso do artigo indefinido “uma”. Assim, “o conceito de ideologia em geral permite pensar “o homem” como “animal ideológico”, isto é, pensar sua especificidade enquanto parte da natureza” (PÊCHEUX, 1995, p. 152).

Para melhor analisar o corpus proposto neste artigo, é crucial entendermos como funcionam as Relações de força dentro na AD, Orlandi (2009, p. 39) diz que:

Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que falasse do lugar de aluno. O padre fala de um lugar em que as palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis.

Dessa forma, o que significa no discurso são essas posições, o discurso proferido por um Pastor tem uma significância distinta a um discurso proferido por líder de grupos LGBTs. Pelo fato de vivermos em uma sociedade hierarquizada, essas Relações de força são “sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno.” (ORLANDI, 2009, p. 40).



Nessa mesma linha de análise, na AD francesa as Condições de produção também possuem grande significância, pois a posição discursiva do sujeito advém de suas formações imaginárias. Segundo Orlandi (2009, p. 40):

As condições de produção implicam o que é material (língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens do sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo esse jogo um jogo imaginário que preside a troca de palavras.

Dessa forma, quando um sujeito fala “Deus fez macho e fêmea”, quem é ele para falar isso? Qual a sua posição no discurso? Que tipo de discurso ele profere? Seria relevante um sujeito com formações discursivas liberais, propagar em meio a sociedade esse tipo de discurso? O interlocutor conseguiria assimilar com facilidade o objetivo desse sujeito ao proferir esse tipo de discurso? Sabemos que não, cada sujeito carrega consigo suas ideologias, em um discurso é quase impossível não perceber a formação discursiva a qual ele está inserido. Passemos para a análise do corpus.

5 O CORPUS

O corpus analisado traz em seu conteúdo a propagação de um discurso voltado para a preservação da família tradicional constituída pelo homem e a mulher, como afirma a Bíblia. Essa exposição ocorreu por meio de um outdoor espalhado em pontos estratégicos da cidade do Rio de Janeiro, em 2011, um mês antes de uma festa conhecida como Parada Gay.



Anexo 1: Outdoor veiculado na periferia do Rio de Janeiro. Disponível em; <https://www.gospelprime.com.br/deus-fez-macho-e-femea-outdoors-espalhados-por-silas-malafaia-sao-pichados-por-ativistas-gays/>

O discurso apresentado em destaque reflete o posicionamento do locutor em relação a questão de relacionamentos homo afetivos. No final da mensagem, ele afirma que Deus fez macho e fêmea, para comprovação da afirmativa, ele cita uma passagem bíblica, Gênesis 1:27, nela diz que “Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou’ (ALMEIDA, 2001, p. 6).

A mensagem apresentada, comprova com marcas linguísticas visivelmente detectáveis a questão de relações de força, condições de produção, formações discursivas e ideológicas, e sobretudo, um discurso religioso constituinte.

5.1 A ANÁLISE

Sabemos que o dizer é uma ação, para a Análise do Discurso, o não dizer também pode ser uma ação. Ao longo do dizer, existe toda uma margem de não-ditos que no discurso também significam. O discurso proferido acima transmite um posicionamento de defesa aos princípios cristãos, ou seja, um discurso religioso. Sabemos, como foi explicitado mais acima, que o discurso religioso é caracterizado como um discurso constituinte e tem como principal aliado um hiperenunciador: Deus, considerado um ser inquestionável. Quando o locutor fala “Deus fez” ele poderia falar “seus pais fizeram” mas não falou pelo fato de existir em sua formação



discursiva alguns princípios voltados para essa afirmativa, e é incabível propagar um discurso que vá contrário a isso, visto que ele faz questão de atribuir a autoria desta ao hiperenunciador Deus, sendo propício ao referido momento.

Outro fator importante é a Relação de força exercida nesse discurso, não se trata de um simples fiel à “palavra de Deus”, o locutor é um representante de uma instituição religiosa, um conhecedor daquilo que defende. Quando ele afirma “Em favor da família e preservação da espécie humana”, há sem dúvida um posicionamento que causa alguns efeitos de sentido aos interlocutores que o leem. Porém, a recepção e o efeito criado pelo interlocutor parte muito de sua formação discursiva. Assim, o sentido causado em uma pessoa cristã, seja ela evangélica ou católica, seria que a palavra de Deus está sendo propagada. O sentido causado em uma pessoa liberal, sendo ela LGBT, internalizaria esse tipo de discurso como um discurso homofóbico.

No dito “Em favor e preservação da espécie humana” existe um não dito que exerce grande significância. Por se tratar de um pastor, provavelmente em sua formação ideológica há um princípio cristão que provavelmente ele esteja defendendo “E Deus os abençoou e lhes disse: *sedes fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a*” (ALMEIDA, 2001, p. 6”. A procriação, segundo a bíblia é um desejo de Deus, possivelmente, quando o locutor faz esse tipo de posicionamento, ele acredita e defende o que a bíblia fala, sendo impossível casais homoafetivos procriarem.

Como foi exposto na introdução, na sociedade atual, existem vários conceitos de moral, a moral é construída a partir de algumas formações discursivas e ideológicas. Assim, um mesmo discurso pode causar inúmeros efeitos de sentido, isso reflete muito no recebimento desse tipo de discurso, cuja característica principal é a forma única de pensar, baseada em um livro, para alguns se trata de uma imposição de crença, para outros uma conduta desnecessária que pode atingir alguns direitos humanos, e ainda para tantos outros a reação aos ataques aos princípios bíblicos.

Quando um sujeito fala “Deus fez macho e fêmea”, quem é ele para falar isso? Sabemos que esse discurso marca a posição de alguém, não se trata de um sujeito qualquer, pois o lugar a partir do qual fala, o sujeito é constitutivo do que ele diz, como foi explicitado por Orlandi, ou seja, no lugar de mãe, sua palavra tem um significado diferente da palavra do filho. A posição



desse sujeito é uma posição de Pastor, seguidor da palavra de Deus. Que profere um discurso religioso pautado em algumas crenças e princípios que norteiam toda a instituição religiosa. Dessa forma, se um sujeito X é gay ou lésbica e profere esse tipo de discurso, para os interlocutores, não haveria sentido algum, pois houve uma inversão de pensamentos, porque o discurso se forma a partir do que pensamos ou imaginamos a respeito do outro, são as chamadas Formações Imaginárias, como bem frisa Orlandi (2009, p. 40):

todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos de formações imaginárias. Assim não são sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição.

Dessa forma, o que significam no discurso são as posições que tomam significados pelo fato de possuírem relações com o contexto sócio-histórica e à memória. Lembrando que quando falamos, denunciemos nossas Formações Discursivas, a nossa posição, e conseqüentemente, nossa ideologia.

CONCLUSÃO

Vimos que a Análise do Discurso é uma área voltada para o discurso fazendo sentido, buscamos apresentar e compreender alguns sentidos do discurso proferido pelo Pastor Silas Malafaia, dentro de um determinado contexto, em que apresentava um determinado posicionamento, e com esse veio algumas formações marcas linguísticas que denunciaram sua formação discursiva e ideológica. Os resultados obtidos demonstraram que a manifestação do discurso religioso revela a ideologia e afeta esotericamente o sujeito e sua tomada de posição em sociedade.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de estudo plenitude**. 2ª edição. Barueri, - SP. Sociedade bíblica do Brasil, 2001.

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso**: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. Vol. 15, n. 01. Catalão. Linguagem, estudos e pesquisas, 2011.

Maurício Jr., Cleonardo. *Da cultura pentecostal ao líder carismático*: os crentes da Assembleia de Deus e performance do pastor Silas Malafaia. Trabalho de Conclusão de curso. Centro de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 98. 2011. Disponível em <<https://www.academia.edu/2424327>>. Acesso em 14/06/19, às 11:55.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8ª edição. Campinas. Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: Uma crítica à Afirmação do óbvio. 2ª edição. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1995.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Discurso religioso**: funções e especificidades. Ano VII, nº 13. São Gonçalo. Solettras, 2007.

SILVA, Edvania Gomes da. **Ethos e fórmulas do discurso religioso**. 1ª edição. São Paulo. Editora Contexto, 2011.

Moraes de S., Gideane. *Silas Malafaia: seus desejos e modelos*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, Programa de Pós-graduação, São José dos Campos, p. 118, 2016. Disponível em <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1609>> Acesso em 14/05/19, às 20:34



LÉXICOS QUE SE TRANSFORMAM EM GÍRIAS: AS MINORIAS SOCIOLÓGICAS E AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

**Daniel da Rocha Silva (FISE)¹
Stael Moura da Paixão Ferreira(UFMS-CPAN)²**

RESUMO

O presente artigo traz uma breve discussão acerca de diversidade e heterogeneidade da língua, que identifica e/ou exclui o falante: a variante gíria. Perpassa pela noção de comunidade de fala, identidade e cultura, apresentando conceituações da Sociolinguística, enquanto variação da linguagem. Nesse sentido, tal reflexão advém da necessidade de analisar as variantes utilizadas por grupos sociais que compartilham informações linguísticas similares, mas pertencendo a condições sociais diferentes, ao ponto de estereotipar o seu falante. Para tal, tem-se uma pesquisa qualitativa, em que a coleta de dados deu-se através da observação assistemática, haja vista a flexibilidade do foco da pesquisa. Os fundamentos teóricos são constituídos por Patriota (2004), Preti (2006), Faria; Souza (2011), dentre outros que agregam de forma significativa a esta abordagem. Considera-se, portanto, que o indivíduo é caracterizado por aspectos sociais, psicológicos/identificatórios e linguísticos, e que o poder aquisitivo torna-se divisor de aceitação *vs.* exclusão do falante, confinando a gíria a grupos marginais, como entendem os esteticistas da língua, tornando, assim, a variação linguística apenas como superficialidade dessa problemática.

Palavras-chave: Língua. Linguagem. Sociedade.

LEXICIANS THAT TRANSFORM IN SLANG: SOCIOLOGICAL MINORITIES AND IDENTITY REPRESENTATIONS

ABSTRACT

This article presents a brief discussion about the diversity and heterogeneity of the language, which identifies and / or excludes the speaker: the slang variant. It permeates the notion of community of speech, identity and culture, presenting concepts of Sociolinguistics as a variation of language. In this sense, this reflection comes from the need to analyze the variants used by social groups that share similar linguistic information, but belonging to different social conditions, to the point of stereotyping their speaker. For this, a qualitative research has been done, in which the data collection took place through the unsystematic observation, due to the flexibility of the research focus. The theoretical foundations are constituted by Patriota (2004), Preti (2006), Faria; Souza (2011), among others that add significantly to this approach. It is considered, therefore, that the individual is characterized by social, psychological / identificatory and linguistic aspects, and that the purchasing power becomes the divider of acceptance *vs.* exclusion of the speaker, confining slang to marginal groups, as the beauticians of the language understand, thus making linguistic variation merely as superficiality of this problematic.

¹ Graduado em Letras Vernáculas (FISE); Especialista em Educação Especial e Inclusiva (FAJAR). E-mail: danieldarochasilva@gmail.com

² Stael Moura da Paixão Ferreira - Professora Pesquisadora- Mestre em Estudos Fronteiriços: Linha de pesquisa: Língua, Cultura e Identidade (UFMS-CPAN)- Corumbá – MS. E-mail: staelmoura@hotmail.com



Keywords: Speech. Language. Society.

INTRODUÇÃO

Falar da variante gíria é remeter ao cotidiano, pois ela está historicamente presente na linguagem coloquial de seus falantes que compartilham uma forma particular de comunicação, embora esses falantes, em sua maioria, sejam considerados grupos sociais com características específicas; no entanto, não se enquadram nessa definição como uma totalidade. Dito isso, ratifica-se que a variante gíria também está presente na comunicação de culturas consideradas elitizadas, mesmo que despercebida, o que a fez deixar de ser considerada uma linguagem apenas periférica, linguagem de malandros, marginais, de pobres e excluídos. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo abordar alguns léxicos que, ao longo do tempo, transformaram-se em gírias; perpassar pelo real sentido desses e dessas; além de discutir uma possível definição para tal.

Com isso, pretende-se desmistificar a linguagem das minorias sociológicas, ou seja, a ideia de linguagem de marginais, que a gíria contraiu ao longo do tempo, outrora, uma problemática. Portanto, esta pesquisa se justifica pela necessidade de ampliar debates acerca dessa manifestação linguística, pois presente em todas as classes sociais cumpre a função de transmitir um conteúdo entre emissor/receptor, ou seja, cumpre, mesmo sob olhar preconceituoso e estigmatizado, sua função comunicativa.

Para Patriota (2004, p. 53), a gíria é um “vocábulo típico da linguagem oral [...]”, porém, atualmente, já se apresenta a partir de vocábulos dicionarizados que ganham características de gíria em decorrência do contexto em que são utilizadas, ou seja, através da oralidade. Esse contexto não necessariamente remete a locais marginalizados, violentos, frequentados por falantes também violentos, pois, conforme Da Rocha Silva (2018, p. 3), a gíria está inserida “[...] em um conceito de aleatoriedade”, o que faz se apresentar também na fala de grupos de elite da sociedade, mesmo sem ser notada, porém quando acontece em grupos sociais vulneráveis ganha um destaque de caráter classificatório, preconceituoso e excludente.



Para o desenvolvimento desta pesquisa tem-se uma abordagem qualitativa, pois “[...] considera-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70), tornando-se o tipo propício para analisar tal temática. Nesse sentido, diz-se, ainda, que:

O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70)

Quanto à coleta de dados, haja vista a flexibilidade do objeto da pesquisa, deu-se através de observação assistemática, “[...] também denominada espontânea, informal, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas” (*Ibidem*).

Com isso, a fundamentação teórica é assistida principalmente por Patriota (2004), que traz um estudo em relação ao uso de gírias nos livros didáticos; Preti (2006), com definições pertinentes às gírias; Silva; Santos (2016), acerca do preconceito existente quando se trata dessa variedade linguística; dentre outras que agregam significativamente a este trabalho.

O que justifica esta pesquisa é o fato de considerar que para o atual ensino da Língua Portuguesa na escola, principalmente escola de Educação Básica, é necessário compreender a importância de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, esclarecendo que a variante gíria está presente em todos os grupos de falantes, independentemente de classe, sendo que, por vezes, é estereotipada, com adjetivos que deturpa e marginaliza essa importante variedade linguística, embora consiga apresentar seu sentido completo.

2. GÍRIA E CLASSE SOCIAL: ALGUMAS REFLEXÕES PERTINENTES

Por estar diretamente atrelada às comunidades de fala, torna-se inerente não relativizar a definição de gíria com o que se entende por identidade, ambas diante de uma macroestrutura, a cultura. Nesse sentido, é pertinente que tenhamos uma abordagem conceitual do tripé acima referido: comunidade de fala, identidade, cultura. Embora existam várias definições de acordo



com cada linha teórica humanística, pretende-se, aqui, não explorar, mas sintetizar o que se entende por essas categorias aos olhos sociológicos, visto que falaremos de classe social.

Portanto, entende-se que uma comunidade de fala, como bem afirma Vanin (2009, p. 148), “[...] é formada por falantes que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se mais entre si do que outros e partilham normas e atitudes diante do uso da linguagem”; portanto, engloba os falantes de gírias, considerando que se utiliza de palavras comuns para todos os falantes, mas apresentam semântica que só pertencem a eles.

Por identidade, mesmo que apresente várias definições, trataremos das mais próximas ao foco abordado; por isso, corrobora-se com Bauman (2005), *apud* Faria; Souza (2011, p. 37), “[...] as identidades comumente referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem”, ou seja, incluem-se nas comunidades definidoras todas as situações apresentadas por ela e que as identificam os seus indivíduos. E ainda, para fechar esse tripé, a gíria se refere a uma questão cultural:

Define-se cultura como uma propriedade humana ímpar, baseada em uma forma simbólica, ‘relacionada ao tempo’, de comunicação, vida social, e a qualidade cumulativa de interação humana, permitindo que as ideias, a tecnologia e a cultura material se “empilhem” no interior dos grupos humanos (MINTZ, 2009, p. 223)

Desta forma, compreende-se que os fatores que permeiam o processo de comunicação também podem ser considerados culturais, considerando que marcam uma identidade, um pertencimento. Assim, nesse tipo de comunicação oral, as gírias, estabelecem uma marca cultural, pois têm o poder de unir a comunidade falante, de forma a criar uma identificação social, e mesmo sendo mais frequentes entre os jovens, perpassam, paradoxalmente, por todas as faixas etárias e grupos sociais, ou seja, esse tipo de linguagem popular também está presente em classes sociais elitizadas e letradas, dos bairros periféricos aos considerados elitizados.

No entanto, apesar de a variante gíria ser um importante item dos vários que compõem o universo popular, e transpassar as barreiras sociais de reconhecimento e identificação, continua estereotipada em decorrência das próprias situações sociais tangentes às questões financeiras, pois, muitos acreditam, e ainda é difundido pelo senso comum, que somente seja encontrada essa variante em comunidades de fala dotadas de menor poder aquisitivo. Dessa



maneira, até a sua definição estaria voltada para a estigmatização de seus usuários e reafirmaria a sua condição periférica. É o que se interpreta nas palavras de Preti:

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. (PRETI, 2006, p. 242)

O fato é que cabe a indagação: “Será mesmo que a gíria surgiu apenas pelos grupos sociais vulneráveis? Ou essa variante também se fazia presente entre os abastados do poder e não foi percebida justamente porque o poder financeiro a escondeu?”. Definições como a de Dino Preti (2006), independentemente de sua veracidade, corroboram para a manutenção do preconceito na contemporaneidade. Nesse sentido, fica notório que se trata de uma questão socioeconômica, e não propriamente da linguagem. Pode-se dizer que as barreiras sociais criadas nesse contexto ignoram identificação, manifestação do pensamento e opinião do público falante.

Quando se trata de questões sociais, as diferenças ficam afloradas, considerando que são inegáveis no Brasil. Então, coloca-se a variante como um retrocesso. No entanto, trata-se de uma linguagem flexível e, apesar de também considerada passageira, assevera Mattoso Câmara Jr., que “[...] há gírias em classes não só populares, mas também cultas, sem qualquer intenção de chiste e petulância, mas em todas existe uma atitude estilística” (1986, p. 128).

Essa situação de flexibilidade só é pertinente para o falante culto, que teve acesso ao nível superior e que sabe usar desse artifício a depender do seu local de fala. Porém, para o dito leigo, torna-se uma adaptação inviável. Embora já tenhamos gírias dicionarizadas pela força do uso, elas são substituídas por outras, em tempo hábil, fato que impossibilita um estudo mais acentuado acerca de cada expressão, e mesmo as dicionarizadas caem em desuso, tornando-se, portanto, gírias velhas, e acabam por perder essa definição de “linguagem marginalizada”, assim chamada por Silva; Santos (2016).

Assim, mesmo compreendendo que as gírias identificam os seus falantes, exige-se, nessa afirmação, uma grande reflexão, considerando que, se forem mal analisadas, ou pré-julgadas, podem representar um fator de identificação superficial e secundário, isto é, não sendo verdadeiramente representativas, considerando que para uma análise mais aprofundada, deve-



se levar em conta o fator do discurso oral, da intencionalidade, das marcas linguísticas, das relações entre os elementos e da semântica.

3. O CULTO QUE SE TRANSFORMA EM GÍRIA

Sabe-se que a língua, por ser viva, está em constante transformação. Assim, palavras novas são facilmente incorporadas ao idioma e absorvidas pelos falantes, que passam a utilizá-las no seu processo diário de comunicação. Esses neologismos, e por não serem, a priori, dicionarizados, constituem-se como um exemplo típico de mobilidade absoluta das gírias. Nesse sentido, Terra (1997), *apud* Valadares (2011, p. 31), é primoroso acerca disso “[...] relata que as gírias nascidas em um determinado grupo social podem expandir-se para outros grupos, ou até mesmo para a linguagem coloquial de todas as camadas sociais, por meio do processo denominado transferência”; diante desse fato, caem em outra definição, e, portanto, deixam de ser gírias.

Dessa maneira, compreende-se que a gíria depende, para ser tal, ter um sentido conotativo a partir de um léxico comum, e que, paradoxalmente, também não necessariamente, precisa ser um léxico comum, pois pode ser representada por um neologismo. No entanto, esse léxico é comunicável, dentro de um grupo que está habituado a usá-lo, ou seja, ou que foi criado por ele ou que adveio de outro grupo com as mesmas características sociais.

Assim, cita-se, como embasamento do que tem sido dito até então, léxicos que ganharam conotação de gíria, com um sentido peculiar ao seu grupo de utilidade; por isso, de um lado temos os léxicos em seu sentido denotativo e do outro o significado enquanto gíria. Desta forma, apresentamos o mesmo léxico, mas com sentidos diferentes.

Tabela 1: léxico vs. gíria

pesado	Significa “azarado, sem sorte”; É utilizado em locuções, como: “tô pesado”, assim que algo dá errado na vida do falante.
gastando	Significa “brincando”, porém é usado para brincadeiras em demasia e repetitivas, ao ponto de já estarem enjoativas; As locuções mais usadas são: “tô gastando”; “tá me gastando”; “tô lhe gastando, pow!”



colar	Significa “chegar, vir”; A locução mais utilizada: “cole aqui”
gerar	Significa “fazer, acontecer”; É utilizado, principalmente, em construções interrogativas, como: “vai gerar?”
mola	Significa “devagar, demorar”; As construções mais usadas: “é uma mola”; “vai ser uma mola”.
estreito	Quer dizer “algo mal resolvido, uma situação pendente”; Usado em frases do tipo: “vai ficar estreito para nós”
ligado	Significa “esperteza, esperto”; Usado em frases, como: “se ligue”; “se ligou”; “tá ligado”.
bater	Quer dizer “encontro”; Usa-se em construções, como: “me bati com ele/a”.

Fonte: Banco de dados dos autores, mar. 2019.

Desse modo, como bem afirma Lucchesi (2015):

A maleabilidade do sistema linguístico produzida pelo mecanismo da variação linguística permite que a língua capture em sua configuração estrutural as diversas nuances das diferenças sociais, de modo que dialeticamente não é possível compreender a configuração estrutural de uma língua como fenômeno sócio-histórico sem compreender a história e a configuração da sociedade em que essa língua é falada (LUCCHESI, 2015, p. 34)

Dito isso, é possível avançar, ratificando que há diferentes características sociais na linguagem, e isso é inerente; mas não é o que exclui um falante. Por conseguinte, outras situações contribuem muito mais que a linguagem em si para a tentativa de isolamento de seus usuários. Monteiro (2000, p. 46), afirma que “[...] delimitar, determinar, definir uma comunidade de falantes e seu dialeto não é tão simples, já que se corre o risco de considerar muito mais os fatores sociais que os linguísticos”. No entanto, é importante citarmos que, para



Labov (2008), há uma dificuldade bastante acentuada em se delimitar o que é um grupo sociolinguístico, isto é, determinar o que constitui efetivamente uma comunidade de fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, as gírias continuam sendo compreendidas como linguagem afastada e utilizada “apenas” por pessoas de regiões periféricas, ou seja, por falantes de estratos mais baixos da população, e por isso mesmo, continuam sendo estigmatizadas. Monteiro (2000, p. 65) afirma que “[...] um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem”; todavia, à proporção que essa variante é utilizada por outros grupos sociais, esse estigma vai diminuindo, podendo até deixar de existir.

No entanto, o uso de gírias continua sendo estereotipado, haja vista que essa variante pressupõe valor social e vivemos em um país capitalista, em que o poder aquisitivo faz seus estereótipos e seus excluídos. Nesse sentido, ou são classificadas como linguagem jocosa ou elíptica, apenas se usada por pessoas menos favorecidas e/ou envolvidas em ilicitudes, embora os abastados financeiramente também se envolvam em situações de mesmo grau, ou lhes são negadas a própria condição de gíria, sendo consideradas “vocábulos comuns”. Mas, se aceitas pela classe dominante, tornam-se mais amplamente conhecidas, descritas como espirituosas e assim, vão às ruas e ganham outros sentidos.

É necessário compreender que, o discurso posiciona os sujeitos sociais quanto às suas identidades, e as manifestações sociodiscursivas refletem-se nos sujeitos, seja de modo conflitante, seja em sintonia com o que a sociedade determina, como sugere Silva & Ferreira (2013). Entretanto, vale frisar, também, que as minorias sociológicas, simbolicamente, são, como salienta Silva & Ferreira (2013), fortes representações identitárias. Assim, a variante gíria por ser uma forma linguística informal, sua adoção pressupõe sua passagem de língua restrita à língua comum, disseminando-se entre os falantes da língua, com aceitação pela comunidade linguística.

REFERÊNCIAS

DA ROCHA SILVA, Daniel. Fala e escrita de gírias: análise, descrição e possibilidades em sala de aula. In: **RELAcult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e**



Sociedade/ Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad/ Latin American Journal of Studies in Culture and Society, v. 04, nº 01, jan.-abr., 2018, artigo nº 656 | relacult.claec.org | e-ISSN: 2525-7870, p: 1-10. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/656/499>> Acesso em: 25 mar. 2019.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011. p: 35-42. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2019.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 391p.

LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015. 320 p.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. 168p.

MATTOSO CAMARA JR, J. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986. 262 p.

MINTZ, Sidney W. **Cultura**: uma visão antropológica. Tradução de James Emanuel de Albuquerque. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>> Acesso em: 26 mar. 2019.

PATRIOTA, Luciene Maria. A gíria nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. **Graphos – Revista da Pós-graduação em Letras – UFPB**. João Pessoa, vol. 6, n. 2/1, 2004. p. 51-64. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/9534/5182>> Acesso em: 19 abr. 2019.

PRETI, D. **A gíria na língua falada e na escrita**: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (org.) Fala e escrita em questão. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 4, p. 241-255.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em: 2 mar. 2019.

SILVA, Daniel da Rocha; SANTOS, Franklin Lima. **Gíria e sua marginalização dentro do português brasileiro**: como, por que, por quem? In: Anais do III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDiAr), Org.: Eduardo Lopes Piris, Isabel



Cristina Michelan de Azevedo, Geralda de Oliveira Santos Lima. Ilhéus: Editus - Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2016. p: 1036-1046. Disponível em: <http://sediatar.com/pdf/anais_iiisediatar_2016.pdf> Acesso em: 08 mai. 2019.

SILVA, Rosangela Villa da; FERREIRA, Stael Moura da Paixão. **A Identidade Fronteiriça Brasil-Bolívia: um estudo sobre Linguagem na Literatura de Fronteira.** In: Revista Multidisciplinar Acadêmica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – N° 04 – Ano II – 10/2013, p: 1-15. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/A-Identidade-Fronteiri%C3%A7a-Brasil-Bol%C3%ADvia-um-estudo-sobre-Linguagem-na-Literatura-de-Fronteira-Brasil.pdf>> Acesso em: 23 mai. 2019.

VALADARES, Flávio Biasutti. Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização. **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM: Revista Eletrônica de Linguística.** v. 5, n° 1, 1° Semestre/2011 - ISSN 1980-5799. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11757/8052> Acesso em: 08 mai. 2019.

VANIN, Aline Aver. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’, **Acta Scientiarum Language and Culture**, Maringá, v. 31. n. 2, p. 147-153, 2009.



O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES COMUNICATIVAS EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Jefferson do Carmo Andrade Santos (UFS)¹

Resumo:

O ensino de Língua Inglesa tem tido cada vez mais relação com questões sociais em âmbitos locais e globais. Tal interação entre língua e sociedade se justifica pela quebra de fronteiras geográficas e de conhecimentos. No entanto, mesmo diante de tantos avanços mundiais, o trabalho com línguas estrangeiras ainda se mostra complexo, tendo em vista a diversidade de contextos de atuação. Muitos professores fazem questionamentos sobre como desenvolver habilidades comunicativas, especialmente as habilidades orais, em turmas numerosas e com poucos recursos (PCN, 1998; LIMA, 2009). A postura adotada neste trabalho é a de que as habilidades de leitura, compreensão oral, expressão oral e escrita podem ser trabalhadas de forma conjunta. Além disso, o trabalho com estratégias para a aprendizagem de línguas é explorado ao longo do texto. Para tanto, as sugestões de atividades e as reflexões quanto às práticas docentes apresentadas são baseadas em trabalhos de especialistas no campo do ensino de Língua Inglesa (HARMER, 1998; KUMARAVADIVELU, 2003; 2008; PAIVA, 2012). De posse desses aspectos, o objetivo deste artigo é apresentar sugestões para o trabalho com habilidades comunicativas em aulas de Língua Inglesa.

Palavras-chave: Atividades. Ensino de Inglês. Habilidades comunicativas. Língua Inglesa.

Abstract: English language teaching has been increasingly concerned with local and global social issues. Such interaction between language and society is justified by the breakdown of geographical borders and those of knowledge. However, even in the face of many advances in the world, working with foreign languages is still complex, given the diversity regarding contexts of practice. Many teachers wonder how to develop communicative skills, especially the oral ones, with few resources in crowded classrooms (PCN, 1998; LIMA, 2009). The posture adopted throughout this paper is that in which the abilities of reading, listening, speaking and writing can be worked together. Furthermore, the work on learning strategies is explored throughout this text. To that end, the activities and reflections on the teaching practices suggested are based on the works of specialists in the field of English language teaching (HARMER, 1998; KUMARAVADIVELU, 2003; 2008; PAIVA, 2012). By having these aspects in mind, the aim of this article is to present suggestions for working on communicative skills in English language classes.

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe com bolsa da Capes. Graduado em Letras-Inglês, pela mesma instituição, tendo atuado como bolsista no Subprojeto PIBID-Inglês e como ministrante voluntário do Projeto de extensão intitulado “A aula de Inglês para a terceira idade”. Formado em Magistério/Curso Pedagógico pelo Instituto de Educação Rui Barbosa. E-mail: jeffersonandrade06@hotmail.com



Keywords: Activities. Communicative skills. English Language. English Teaching.

INTRODUÇÃO

Abordar uma habilidade² linguística como foco de um trabalho acadêmico pode ser um “risco”. Pode-se cair na armadilha de apontar, mesmo que sem intenção, tal habilidade como isolada das demais, uma vez que o detalhamento dela se mostra necessário. Tem-se um exemplo de tal “risco”, em esfera nacional, quando foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de línguas estrangeiras (PCN, 1998). É marcante, ainda nos dias de hoje, a ideia de que os autores do documento citado propuseram apenas o desenvolvimento da leitura em língua estrangeira na educação básica, especialmente na esfera pública.

Em sua obra, na qual especialistas dialogam com professores de Língua Inglesa da escola pública, Lima (2009) nos oferece exemplos de uma “distorção” na leitura dos PCN. Em alguns dos artigos que compõem o livro, professores questionam especialistas sobre formas de trabalhar habilidades orais em aulas de Inglês na escola pública sendo que os próprios Parâmetros sugerem apenas o trabalho com a leitura. Esse questionamento exemplifica a existência uma leitura generalista dos PCN.

Lima (2009) e Paiva (2012) apontam que os Parâmetros Curriculares Nacionais não aconselham apenas o trabalho da leitura em aulas de línguas estrangeiras. Uma análise detalhada do documento possibilitaria ao professor perceber que a sugestão do documento em focar no desenvolvimento da habilidade de leitura se justifica pela realidade escolar precária da educação pública naquela época. Foi numa tentativa de estabelecer um diálogo com a realidade escolar e propor caminhos mais significativos para a prática docente que os autores apontaram a leitura como a habilidade foco.

² Neste trabalho, habilidade é entendida como a capacidade de performance de determinada atividade prática. Dentre as habilidades comunicativas, são apontadas: *reading* (leitura), *writing* (escrita), *listening* (escuta) e *speaking* (fala).



Além disso, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de línguas estrangeiras possui afinidades com os princípios da Pedagogia Pós-Método. Segundo Kumaravadivelu (2003) e (2008), vivemos em uma Era Pós-Método, na qual os professores de línguas, neste caso, a Língua Inglesa, passam a poder não seguir um método ou uma metodologia de forma restrita. Com isso, cabe a cada professor uma leitura dos Parâmetros que leve em consideração a realidade do seu contexto de atuação.

É necessário salientar que a Pedagogia Pós-Método não condena a utilização de métodos. O ponto crucial dessa linha teórica é o destaque no papel docente na tomada de decisões quanto às suas práticas. Nessa perspectiva, o professor seria aquele que tem o poder de escolha quanto aos métodos e abordagens, quanto à combinação de vários métodos, quanto à criação dos seus “próprios” métodos ou, ainda, a escolha por não seguir um método ou metodologia.

De posse dessa postura Pós-Método, são ilustrados, neste texto, caminhos para o desenvolvimento de habilidades comunicativas em aulas de Língua Inglesa. Apesar do foco nas habilidades orais, sugerimos possibilidades de trabalho com as habilidades escritas ao longo do texto, principalmente nas etapas de *post-listening*. Para tanto, são propostas atividades baseadas em torno da escuta de áudios, da prática de conversação e do desenvolvimento individual e coletivo da escrita em Inglês.

A postura apresentada e defendida neste trabalho é a de que o trabalho com as habilidades comunicativas pode ser permeado das seguintes características: ser desenvolvido por meio de atividades na língua-alvo, as quais possuem as etapas de pré-atividade, atividade e pós-atividade³. Além disso, a outra característica diz respeito à apresentação e exploração de estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras, neste caso, a Língua Inglesa.

³ As etapas de “pré-atividade”, “atividade” e “pós-atividade” são largamente reconhecidas em obras que tratam sobre Metodologia da aprendizagem de línguas estrangeiras. De início, optou-se por traduzir tais etapas na primeira seção deste artigo. Ao longo do texto, as etapas das atividades de escuta (*listening*) serão referenciadas como *pre-listening* (pré-escuta), *while-listening* (escuta propriamente dita) e *post-listening* (pós-escuta).



Diante dos aspectos mencionados, o objetivo deste artigo é apresentar possibilidades para o trabalho com habilidades comunicativas⁴ em aulas de Língua Inglesa. Para tanto, faz-se necessário apresentar um panorama geral acerca dos estilos de ensino de Língua Inglesa ao longo dos séculos XX e XXI, sobre estratégias de aprendizagem de línguas e sobre atividades comunicativas elaboradas pelo professor.

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DO ENSINO DE LÍNGUAS

O empreendimento de métodos e abordagens para o ensino de línguas estrangeiras possuiu seu auge a partir da primeira metade do Século XX. Assim como no campo das escolas literárias, o surgimento de um método ou abordagem não simbolizava o fim daqueles já existentes. Pelo contrário, o desenvolvimento de novos caminhos teóricos no campo do ensino de línguas fazia surgir embates intelectuais em direção à defesa das partes interessadas na disseminação de cada método ou abordagem (PAIVA, 2014).

Outro aspecto característico dos métodos e abordagens é o fato de que alguns surgiram a partir dos modelos pré-existentes. O ponto de inovação ficava por conta da inserção de novas ou ampliadas formas de abordar os conteúdos e a condução do relacionamento professor-aluno (OLIVEIRA, 2014; PAIVA, 2014). Ainda sobre a relação entre professores e estudantes, de modo geral, as abordagens e métodos se dividem em três esferas básicas: linhas teóricas nas quais o professor é o centro do processo ensino-aprendizagem (*teacher-centered approaches*); visões teóricas nas quais os estudantes são os centros de atenção (*student-centered approaches*); além dos métodos e abordagens em que alunos e professores possuem relevância equivalente.

Diante da discussão em torno de métodos e abordagens, mostra-se necessária uma explicação mais detalhada sobre ambos. Embora os termos *métodos* e *abordagens* sejam utilizados comumente juntos e, em alguns casos, de forma indiscriminada, eles não possuem a mesma significação. Em linhas gerais, uma abordagem é algo mais amplo ou geral do que um

⁴ Apesar das atividades apresentadas nas seções seguintes possuírem a habilidade de *listening* como foco, optou-se, no título deste artigo e ao longo do texto, pelo uso da expressão “habilidades comunicativas”. Tal escolha reflete a defesa por um trabalho conjunto das habilidades de leitura, escrita, escuta e fala, uma vez que, mesmo no trabalho com habilidades “isoladas”, outras habilidades acabam sendo demandadas.



método. Uma prova disso é que vários métodos surgiram a partir das bases teóricas de abordagens.

Sendo assim, abordagens são perspectivas filosóficas e pedagógicas que orientam a reflexão acerca da ação de ensinar e aprender uma língua estrangeira sem, necessariamente, ditar etapas ou passos a serem seguidos. Por outro lado, os métodos possuem características mais fixas e campos de atuação bem delimitados; as aulas baseadas em métodos seguem etapas sequenciais, as quais são caracterizadas pela obediência a um planejamento e aos materiais de ensino utilizados (OLIVEIRA, 2014).

Paiva (2012), em um capítulo sobre métodos de ensino de línguas estrangeiras, aponta os seguintes modelos teóricos como exemplos: método da gramática e tradução, método direto, método áudio-lingual e *silent way* (método do silêncio). Dentre as linhas teóricas concernentes ao ensino-aprendizagem de línguas, seguem alguns exemplos que serviram de base para o empreendimento de diversos métodos de ensino, a saber: o behaviorismo, o associacionismo, a abordagem comunicativa e a linha sociocultural.

Durante a última década do Século XX, os modelos ou “pacotes” de ensino de línguas começaram a entrar em certo declínio. Isso não significa que outros métodos deixaram de ser desenvolvidos ou utilizados, mas, em comparação com a “febre” dos métodos nas décadas de 1960, 1970 e 1980, presenciou-se uma diminuição geral no interesse por modelos teóricos. Tal acontecimento, segundo Kumaravadivelu (2003), se deu por conta da necessidade cada vez maior em se pensar e planejar aulas conectadas à realidade de cada grupo de estudo. É nesse período que surge a ideia de uma Era Pós-Método.

Trabalhar de acordo com perspectivas da Pedagogia Pós-Método significa, em termos gerais, empreender formas e caminhos de ensino, de abordagem de conteúdos e de elaboração de atividades que levem em consideração a realidade de quem ensina e para quem se ensina (KUMARAVADIVELU, 2008). Além disso, seguir uma perspectiva Pós-Método não é, necessariamente, deixar de utilizar métodos ou abordagens, mas poder escolher entre utilizá-los ou não, sempre de forma crítica e consciente no tocante a cada realidade de atuação.



Imagem 1: apresentando a atividade

LESSON ONE
LIKES AND DISLIKES!

Thinking about the topic!

- Do you usually talk about what you like or dislike?
- Do you feel you are free to say whether you like or not anything? Why do you think so?
- What about the other people? Does everybody like talking about likes and dislikes? What might be the reasons for that?

Fonte: atividade elaborada pelo autor

A atividade apresentada possui o tópico *Likes and Dislikes*, ou seja, preferências, como tema central. No áudio da lição, cuja apresentação acontece após a seção de *pre-listening*, as preferências estão atreladas a questões musicais. Percebe-se que o professor procura explorar tópicos referentes a “preferências” e “aspectos musicais” de forma separada na primeira etapa da tarefa. Tal escolha demonstra, possivelmente, que o docente conhece as necessidades de aprendizagem dos seus alunos ou que se enxerga como legitimado para fazer as suas próprias escolhas metodológicas (KUMARAVADIVELU, 2003; 2008).

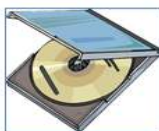
Ainda no trabalho de apresentação do tema, a atividade possibilita ao estudante o contato com expressões que surgem ao longo do áudio apresentado na seção seguinte. A apresentação prévia de vocabulário ou de palavras-chave de um texto escrito ou oral é uma das estratégias mais utilizadas por professores de línguas estrangeiras. O objetivo dessa estratégia é fazer com que os estudantes se familiarizem com o vocabulário explorado, a fim de que a compreensão ocorra de forma fluida. Logo abaixo, tem-se um exemplo de questão que introduz o vocabulário musical essencial para a compreensão global do áudio da lição:

Imagem 2: lidando com vocabulário-chave



Getting in the mood of the vocabulary!

1. Match the pictures to the sentences according to each context.



() Hey, dude! Have you already heard of Norah Jones? She's a fantastic **singer** and pianist.

() John, you won't believe it! One of my friends has recorded a **CD** full of country **songs**! They're pretty good!

() Oh, my God! Who's that man over there? He looks like a **celebrity**!

() My mother says Burt Bacharach is a great **songwriter**. She loves listening to one of his songs called Walk on by.

Fonte: atividade elaborada pelo autor

Na imagem acima, o novo vocabulário é apresentado por meio de palavras e imagens. Neste sentido, as chances de inferência, absorção e/ou criação de significados se tornam maiores, pois o aluno poderá fazer associações mais rápidas entre os termos e as figuras. Com isso, o professor não necessita intervir com tanta frequência para que a questão seja compreendida de forma efetiva.

Passada a etapa de *pre-listening*, ou seja, de ambientação com a lição e com o vocabulário, passamos para a etapa de *while-listening*. O áudio apresentado reúne seis pessoas em uma conversa que se inicia com o seguinte questionamento: *which celebrity would you like to meet?*⁵ Ao longo dos mais de oito minutos de áudio, as seis pessoas acabam relacionando o termo “celebridade” apenas ao meio musical. Com isso, cada integrante da conversa aponta os seus cantores e/ou grupos musicais favoritos.

O áudio utilizado para a elaboração dessa atividade comunicativa é um fragmento de uma conversa entre colegas. Como se trata de um áudio não pensado originalmente para o ensino de Língua Inglesa, a existência de ruídos comunicativos é claramente perceptível. No entanto, justamente por tais características, ele se torna interessante para o trabalho em sala de aula, assim como aponta a Abordagem Comunicativa. É visto que, ao longo da conversa, algumas estratégias de compensação são empreendidas pelos falantes para que a compreensão


⁵ Tradução: “Qual celebridade você gostaria de conhecer?”.



oral aconteça. Dessa maneira, o trabalho com estratégias de aprendizagem e de compreensão e expressão oral ganha respaldo com um exemplo prático por meio do áudio utilizado.

Parte do diálogo é utilizada no formato de questões de *while-listening* como forma de confirmar a compreensão. No entanto, apesar de ser uma atividade de resolução no momento de escuta, McDonough e Shaw (2003) apontam que a escuta precisa acontecer, em um primeiro momento, sem *scripts* e legendas, assim como desvinculada do preenchimento de questões. Segundo os autores, escutar determinado fragmento em língua estrangeira tendo um *script* propicia, prioritariamente, um trabalho de leitura, e não de compreensão oral. Dessa forma, propõe-se que os alunos possam escutar livremente antes de lerem a transcrição do áudio.

Imagem 3: segunda etapa do *while-listening*

 4. Now, listen to the first minute of the talk, and fill in the blanks with the missing words.

questions – singer – person – song – name – girl – songs

Kate: Which celebrity would you like to meet? What would you do if you could spend a day with this _____?

Jeffrey: Hum... I would like to spend all day long with Dionne Warwick... because she is my favorite _____ and I would ask her a lot of _____ about her career, and...

Kate: Right. Who is this _____? I'm sorry.

Bryan/Alberto: I don't know her.

Jeffrey: Dionne Warwick. She is 75 years old.

Bryan: Oh, my Gosh!

Celine: So, what else about her?


Bryan: Do you know any song of her?

Jeffrey: She plays R&B, Soul and she has a _____ like "I know I never lived this way again..."

Celine: I'm sorry; I didn't know her _____, but that song is tremendous!

Jeffrey: I know all her _____.

Kate: Is she a tall black woman? I know who she is. She is great!



Fonte: atividade elaborada pelo autor

Na última etapa da atividade, temos o *post-listening*. Nessa seção, há uma oportunidade maior de integração entre as quatro habilidades linguísticas. Os estudantes podem revisitar o áudio reproduzido na seção anterior para análises mais detalhadas ou para abordar outras perspectivas; momentos de compreensão oral e práticas de conversação podem ser empreendidos; além de atividades de produção escrita em Língua Inglesa em formas dissertativas. McDonough & Shaw (2003) apontam essa etapa como não sendo propriamente uma atividade de *listening* e optam por comentar de forma sucinta acerca desta etapa, justificando que ela abre espaço para outras habilidades:



Nós deveríamos apenas comentar resumidamente aqui sobre essas atividades porque elas não são normalmente exercícios de compreensão oral em si. A categoria é aberta, e aparece à frente em nossa discussão sobre a integração das habilidades no fim desta parte do livro. Essencialmente, a pós-compreensão é um estágio de oportunidade no prosseguimento do trabalho – temas, léxico, gramática, o desenvolvimento de habilidades, dentre outras coisas (McDONOUGH & SHAW, 2003, p. 129)⁶.

McDonough e Shaw (2003) abordam, em capítulos seguintes, a conexão entre as quatro habilidades linguísticas básicas. Por outro lado, apontar o estágio de *post-listening* como não sendo uma atividade de *listening* propriamente dita significa deixar de considerar que a etapa possui grandes possibilidades para a prática de escuta em Língua Inglesa. A depender da postura adotada pelo docente, caso sejam desenvolvidas práticas de fala baseadas nos pontos trabalhados na seção de escuta direcionada, os estudantes podem se engajar em escutar colegas de classe e o próprio professor na língua-alvo. Como exemplo de possibilidade para o trabalho com *post-listening* e *speaking* baseada na seção de *listening*, tem-se o exemplo abaixo:

Imagem 4: possibilidades dentro de uma atividade

Going beyond the words...



6. The friends talked about their likes related to music. Jeffrey, for example, mentioned he would like to spend a day with Dionne Warwick. By taking his speech into account, discuss the following questions with a partner.
- a) Do you think the admiration for famous people was something created socially? Do you find it wrong when people look up to famous singers or actors? Why?
 - b) Do all people in society admire actors, actress or singers? If not, why don't they like them? Is it for resistance? Is it unintentional? Explain.
 - c) Have you ever had anyone from your family, for example, who made you look up to them? Do you think we may only admire famous people? Why?

Fonte: atividade elaborada pelo autor

No exemplo acima, questões relacionadas ao tópico geral da lição são empreendidas. Os questionamentos partem da realidade e do posicionamento do estudante em relação ao tema para indagações acerca da sociedade como um todo. Essa escolha por explorar aspectos reflexivos e análises críticas é baseada nas perspectivas do *Critical Literacy*, ou seja, do Letramento Crítico. Segundo Menezes de Souza (2011) e Jordão (2017), o *Critical Literacy* possibilita a expansão das análises de aspectos sociais, pois, diferentemente do *Critical*

⁶ **Tradução de:** “We shall only comment briefly here on these activities, because they are usually not listening exercises as such. The category is open-ended, and looks ahead to our discussion on the integration of skills at the end of this part of the book. Essentially, the post-listening stage is an opportunity for many kinds of follow-up work – thematic, lexical, grammatical, skills developmental and so on (McDONOUGH & SHAW, 2003, p. 129)”.



*Thinking*⁷, tais reflexões não ficam presas às realidades dos estudantes nem aos contextos globais; há uma interação analítica entre aspectos pessoais, locais e globais.

A etapa final de *post-listening*, atrelada a questões reflexivas, abre espaço para a prática de escrita. Na imagem abaixo, é apresentada uma possibilidade curta em formato de construção de parágrafos a partir do tópico geral da lição apresentada ao longo deste artigo. A depender da proficiência geral ou do nivelamento de cada turma, o professor poderia ampliar tal proposta ou explorar variados gêneros textuais. As negociações concernentes à prática de escrita podem ser consideradas, ainda, como momentos oportunos para o prolongamento do trabalho com as habilidades de compreensão e expressão oral em Língua Inglesa.

Imagem 5: compreensão oral e expressão escrita

Exploring the genre...



5. Read the dialogue that you have just completed again. After that, think about the following questions.

a) What kind of relationship do the people in the talk seem to have? Why do you think so? Mention aspects from the dialogue to justify your answer.

b) It is not mentioned on the conversation, but what might be the spaces where the talk took place? Give reasons for your answer.

Fonte: atividade elaborada pelo autor

Na atividade acima, o primeiro quesito está relacionado à ação de identificar e ressignificar um dos aspectos que foi apresentado no diálogo. Por outro lado, no segundo quesito, o foco é possibilitar que os estudantes façam escolhas de sentido e justifiquem tais escolhas. Dessa maneira, percebe-se um entrelaçamento entre aspectos do *Critical Thinking* e do *Critical Literacy* em uma mesma atividade.

⁷ O *Critical Thinking*, traduzido como Pensamento Crítico ou Pedagogia Crítica, é caracterizado pela necessidade de retirar os estudantes da ingenuidade e torná-los cidadãos esclarecidos. O *Critical Literacy*, por outro lado, entende que somos responsáveis por nossas leituras. Portanto, o *Critical Literacy* acaba por ser uma revisão ou ampliação do *Critical Thinking*, ao passo que demanda responsabilidade do leitor e não somente dos autores e suas possíveis ideologias (MENEZES DE SOUZA, 2011; JORDÃO, 2017).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com habilidades comunicativas não precisa estar preso a uma única esfera linguística, mesmo que uma habilidade seja o foco da atividade. A escolha por uma tarefa baseada na utilização de um áudio mostrou que, independentemente da plataforma e dos recursos, a postura adotada pelo professor se revela mais decisiva no que toca aos resultados finais de cada atividade e na exploração de esferas comunicativas nas aulas de Língua Inglesa.

A fundamentação teórica apresentada possibilitou uma visão geral acerca da história dos métodos e abordagens, além do desenvolvimento da postura Pós-Método. Na descrição e análise das propostas de atividade, aspectos do Letramento Crítico e do Pensamento Crítico foram abordados, a fim de apresentar as atividades comunicativas em Língua Inglesa como espaços potenciais para reflexões críticas quanto ao tema “preferências” dentro de contextos sociais, tanto globais quanto locais.

Por fim, espera-se contribuir para o estabelecimento de posturas reflexivas por parte de professores. A elaboração de atividades voltadas às práticas de compreensão e expressão oral e escrita pode abrir espaços para que docentes abordem temas cruciais em suas realidades de atuação, mas que nem sempre são explorados em livros didáticos; ou, quando trabalhados em materiais didáticos, não parecem sintonizados com as realidades vivenciadas pelos alunos e professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua estrangeira**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 1998.

HARMER, Jeremy. How to teach listening. In HARMER, Jeremy. **How to teach English**. England: Longman, 1998.

JORDÃO, C. M. Birds of different feathers: algumas diferenças entre letramento crítico, pedagogia crítica e abordagem comunicativa. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (Org.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

KUMARAVADIVELU, B. **Beyond methods: macrostrategies for language teaching**. USA: Yale University, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching: from method to postmethod**. New Jersey: LEA, 2008.



LIMA, D. C. **Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa:** conversa com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

McDONOUGH, J.; SHAW, C. **Materials and methods in ELT:** a teacher's guide. UK: Oxford, 2003.

OLIVEIRA, L. A. **Métodos de ensino de Inglês:** teorias, práticas, ideologias. São Paulo: Parábola, 2014.

PAIVA, V. L. M. **Ensino de língua inglesa no ensino médio:** teoria e prática. São Paulo: Edições SM, 2012.

PAIVA, V. L. M. **Aquisição de segunda língua.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SANTOS, D. **Ensino de língua inglesa:** foco em estratégias. Barueri, SP: Disal, 2012.

SOUZA, L. M. T. M. O professor de Inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética. In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z.; HALU, R. C. **Formação “desformatada”:** práticas com professores de Língua Inglesa. Campinas: Pontes, 2011.



O ENSINO DO ADJETIVO EM UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Pricila Horrana Gonçalves Lima (Pio Décimo)¹
Ana Sabrina de O. Leme Domingues (Pio Décimo)²

RESUMO

O mundo contemporâneo e digital requer abordagens lúdicas e de rápido entendimento, no entanto os caminhos utilizados por profissionais de Língua Portuguesa ainda se alicerçam em regras sistematizadas e de pouco entendimento por parte do público discente. No que diz respeito ao ensino gramatical, aponta-se o adjetivo que segue métodos tradicionais de ensino e abordagem. O presente trabalho tem como objetivo propor uma nova forma de abordagem do adjetivo no ensino fundamental, visando a interação do conteúdo de modo lúdico, por meio do gênero textual poema. Para esta abordagem, fundamentamos nossa pesquisa em teoria e metodologia dos gêneros textuais, citados por Bakhtin (1997), Marcuschi (2002) e Scheneuwly e Dolz (2004). Os resultados apontaram a necessidade do uso dos gêneros textuais amparados às regras, com o objetivo de envolver os alunos de modo livre e não sistemático.

Palavras-chave: Adjetivo. Escola. Gêneros textuais. Poema.

EL ENSEÑO DEL ADJETIVO EN UNA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA EN LA ESCUELA PRIMÁRIA

RESUMEN

El mundo contemporáneo y digital requiere abordajes lúdicos y de rápido entendimiento, pero los caminos utilizados por profesionales de lengua española aún se funden en reglas sistematizadas y de poco entendimiento por parte del público estudiante. En lo que se diz respecto a la enseñanza gramatical, se indica el adjetivo que sigue métodos tradicionales de enseñanza y abordaje. El presente trabajo tiene como objetivo proponer una nueva forma de abordaje del adjetivo en la escuela primaria, visando la interacción del contenido de modo lúdico, por medio del género textual poema. Para este abordaje, fundamentamos nuestra búsqueda en teoría y metodología de los géneros textuales, citados por Bakhtin (1997), Marcuschi (2002) y Scheneuwly y Dolz (2004). Los resultados apuntaron la necesidad del uso de los géneros textuales amparados a las reglas, con el objetivo de envolver los alumnos de modo libre y no sistemático.

Palabras-clave: Adjetivo. Escuela. Géneros textuales. Poema.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD).

² Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora do curso de Letras da Faculdade Pio Décimo (FPD).



1 INTRODUÇÃO

O princípio de gênero textual é abordado por vários teóricos, dentre eles Schneuwly e Dolz (2004), em que trazem a concepção de que um gênero pode ser definido como um instrumento discursivo:

Os gêneros podem ser considerados, segundo Bakhtin (1984), como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação. Trata-se de formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 64).

Levando em consideração os princípios de gêneros do discurso de Bakhtin (1997), é pela linguagem que o homem se constitui como ser histórico, onde, a materialização dessa linguagem ocorre por meio dos gêneros discursivos que circulam em diferentes esferas da atividade humana.

Com isso, tem-se refletido que o gênero textual poema é utilizado em sala de aula em composição de textos no livro didático, estabelecendo questionários de compreensão e interpretação de texto, contudo, traz esses textos literários de forma automática sem nenhuma relação com conteúdos gramaticais, fazendo com que os alunos vejam apenas um texto para ler e analisar e descartarem possíveis formas de trabalhar classes gramaticais nesse texto.

As classes de palavras ou classes gramaticais são um conjunto que classifica uma palavra, baseando-se em sua estrutura sintática e morfológica, o gramático Bechara (2009) orienta um estudo com base na distinção dos significados lexicais e categoriais. Dentre as diversas classes encontra-se o adjetivo, trabalhado nas escolas tradicionalmente e apenas definido como palavra que caracteriza os seres ou objetos.

Nessa perspectiva o artigo propõe uma maneira de ensinar o adjetivo de forma não tradicional utilizando o poema *Retrato*, de Cecília Meireles. Com a finalidade de aprimorar e facilitar a aprendizagem dessa classe de palavra e envolver o aluno na aula, para que ele obtenha conclusões sobre o conceito de adjetivo e sua identificação em textos.

O trabalho consiste em uma pesquisa de campo com análise quali-quantitativa. Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário semiestruturado com questões abertas.



O questionário foi aplicado no Colégio Estadual Raimundo Araújo, situado no município de Salgado, para uma turma de 38 alunos do 7º ano, com faixa etária de 11 a 12 anos.

2 O GÊNERO TEXTUAL POÉTICO COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO

O conceito que muitas pessoas ainda têm em relação ao ensino de Língua Portuguesa é de que ela se resume à gramática normativa e a textos complexos. Porém, essa realidade vem mudando. Os poemas têm sido utilizados como ferramenta pedagógica em sala de aula, além da grande recorrência em questões de interpretação de texto no Exame Nacional do Ensino Médio e em vestibulares em geral. Daí o motivo que esclarece a escolha deste gênero em nossa análise.

Quando se fala de Literatura em sala de aula, principalmente no ensino fundamental, pensamos logo na opção que é pendida para os textos prosódicos ou textos trazidos no livro didático com a intenção de leitura e questões de interpretação de texto. Contudo, a poesia é muito mais que isso, tão humanizadora, expressiva e prazerosa. Assim, Ana Elvira Gerbara em seu texto *Reflexões sobre o ensino de poesia*, nos diz que:

Dessa forma, ensinar poesia (em todos os seus subgêneros) é trabalhar o texto como resposta a uma necessidade, a alguém (o leitor), a um tempo definido. A poesia dentro dessa concepção é um modo de viver o mundo (ver, sentir, experimentar e projetar) e cada composição poética reflete quem somos e o que pensamos, sentimos e buscamos. (GERBARA, 1999, apud JESUS; SILVA, 2001, p. 23).

Com isso, além das questões interpretativas, o poema serve como recurso pedagógico para o ensino de classes de palavras, sobretudo o adjetivo, uma classe tão simples, mas trabalhada de forma complexa não facilitando na aprendizagem, principalmente dos alunos de ensino fundamental, que por serem mais novos acabam achando chato e monótono o ensino de Língua Portuguesa com apenas “regrinhas gramaticais”. Segundo ROJO, 2005, p.207:

Nossos professores de língua – seja por formação profissional, seja por falta de formação – são muito atraídos pela descrição de língua e pelo ensino de gramática. Sempre fazemos sucesso na formação de professores quando discutimos as características formais e de estilo de um texto ou gênero, a partir de nossos instrumentos. Por outro lado, nossos alunos não precisam ser gramáticos de texto e nem mesmo conhecer uma metalinguagem sofisticada.



Sobre o gênero, de modo geral, são entendidos como enunciados relativamente estáveis. Segundo Marcuschi (2002) “os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas de uma vez por todas”, além disso, o gênero também modifica a vida em sociedade e pede contato.

Dessa forma, o gênero é relativamente estável, pois a estrutura linguística de um gênero é sempre semelhante, o que muda é o conteúdo, o gênero sempre se transforma. Para facilitar trataremos como exemplo o currículo, que é um gênero descritivo, sendo assim, todos os currículos irão apresentar o nome do candidato que está à procura de um emprego, e, contudo, todos têm um objetivo em comum que é conseguir um emprego por meio do currículo, porém o que vai mudar é o conteúdo. Cada pessoa tem a sua experiência profissional, a área de formação ou a área que está interessada em trabalhar etc.

Por conseguinte, o gênero modifica a vida em sociedade, com essa afirmação podemos alegar que influencia o composto do falante, por exemplo em uma entrevista de emprego, se um indivíduo chega malvestido, apresentando erros e má pronúncia nas palavras não vai ser levado a sério e conseqüentemente reprovado, ao contrário de outro que vá com roupas apropriadas para uma entrevista de emprego, e que fale de maneira correta apresentando seus objetivos de maneira bem expressiva.

Por fim, o gênero pede contato. Imaginemos a situação de uma pessoa que começa a trabalhar em uma assembleia e sejam seus primeiros dias de trabalho, e essa pessoa precise fazer uma ata (gênero que é necessário apresentar um registro escrito sobre todos os acontecimentos e assuntos debatidos durante uma reunião ou outro tipo de assembleia). Porém em sua primeira produção ela terá bastante dificuldade e não realizará o trabalho com tanto sucesso como o esperado. Fica claro que essa pessoa precisa praticar para obter êxito no seu trabalho. É assim o gênero, ninguém consegue ganhar prática com o gênero se não o utilizar.

Marcuschi (2002), embasado em Bakhtin, faz uma diferenciação entre os gêneros e os tipos textuais, mostrando as distinções entre eles. Afirma que se utiliza a expressão tipo textual para determinar um tipo de sequência definida teoricamente pela natureza linguística de sua composição. Dessa forma, é uma espécie de conceito pronto que já temos em mente, ou seja, está inteiramente relacionada ao pensamento. o autor considera a existência de cinco



sequências, ou seja, tipologias, que são: argumentativa, narrativa, injuntiva, descritiva e expositiva.

Em relação à expressão gênero textual, é definida como uma noção para se referir aos textos materializados que se encontram no cotidiano e que apresentam características sociocomunicativas, sobretudo, o gênero textual é a materialização do tipo textual.

Os gêneros são considerados inúmeros, exemplos: poema, bilhete, currículo, reportagem, telefonema, aula expositiva, lista de compras, convite, entre outros. Então, para Marcuschi, todo texto pertence a um determinado gênero, e estão empregadas nele as tipologias.

3 POR QUE E COMO TRABALHAR O ADJETIVO ENVOLVENDO O POEMA EM SALA DE AULA?

A prática do adjetivo em sala de aula do ensino fundamental é de grande relevância, pois o aluno poderá aprender a identificar o adjetivo em diferentes gêneros textuais, elaborar o conceito de adjetivo, saber que o adjetivo flexiona em gênero e número, e conhecer o contexto de uso do adjetivo pátrio. Sendo assim, o aluno precisa compreender que ele sempre está utilizando adjetivos em seu cotidiano, em seus discursos e que é muito importante aprendê-lo.

Para isso, a utilização do poema ou gêneros textuais em geral nos traz a perspectiva de que o ensino não fica preso somente à gramática normativa, portanto, a aprendizagem se dá através de três vertentes:

- O texto;
- O gênero;
- A gramática.

Dessa forma, quando o professor leva um texto para a sala de aula, automaticamente ele deve dizer qual o seu gênero, e com isso, só depois apresentar a gramática, pois quando o aluno tem contato com a prática e logo após com o conceito gramatical a aprendizagem é bem-sucedida.

Evanildo Bechara, em sua *Moderna Gramática do Português* (2009) traz o conceito do adjetivo de forma complexa: “Adjetivo - é a classe de lexema que se caracteriza por constituir



a delimitação, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.”

No século XXI, tempos de grandes avanços tecnológicos, o professor ainda leva para a escola métodos tradicionais e ultrapassados. Logo, o docente não deve retirar o conceito de gramáticas de difícil entendimento, mas sim reformulá-lo de modo mais simples, contendo uma escrita de fácil alcance a todos os aprendizes.

Para comprovarmos a eficácia do poema como estrutura para a aprendizagem da classe de palavra adjetivo, buscamos investigar se ele teria boa receptividade por parte do público-alvo. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa de campo com uma turma do 7º ano em um colégio de rede estadual de ensino. Tal ação não se deu apenas com questionários respondidos pelos alunos, mas também através da observação do entusiasmo da turma em relação a discussão do conteúdo.

O material aplicado em sala de aula dividiu-se em duas atividades, ambas trazem o adjetivo como conteúdo. A primeira é uma espécie de atividade tradicional em que encontramos com frequência e pode ser vista no tópico a seguir:

4 A APLICAÇÃO DA PROPOSTA EM SALA DE AULA



Aluno (a): Geovanna Maria 12 anos Série: 7º A

ATIVIDADE 1

1) O que é adjetivo?

a palavra que define o substantivo

2) Identifique os adjetivos das frases abaixo:

- A) Acho que estou em um lugar abandonado.
- B) A garota usou todos os sentidos para descobrir que estava angustiada porque estava em um quarto mofado.
- C) Sentiu que estava dormindo sobre algo áspero e enrugado.
- D) Ficou abandonado em algum lugar, numa superfície plana.

3) Transforme as locuções adjetivas em adjetivos.

- A) Ambiente de família – lar
- B) Amor de irmã –
- C) Revista do mês –
- D) Linguagem do homem – Idioma
- E) Doença do coração – cardiovascular
- F) Festas de junho – feira junina

4) Forme adjetivos a partir dos substantivos abaixo:

Contágio	luxo
Honra <u>deuses</u>	fama <u>Rodes</u>
Charme <u>beleza</u>	amor
Medo <u>parar</u>	poder <u>dinheiro</u>

Figura 1 – Geovanna Maria, 12 anos

A primeira atividade promovida é de caráter tradicional, costumamos vê-la nas diversas salas de aula em que se encontra um professor com métodos tradicionais, como podemos ver, é pedido inicialmente o conceito de adjetivo, em seguida para identifica-lo nas frases e cumprir o restante da proposta de exercício transformando as locuções adjetivas em adjetivos e por fim formar adjetivos a partir de substantivos. Das dificuldades que tiveram em conseguirem apresentar o conceito de adjetivo na atividade tradicional, só 9 de 38 alunos conseguiram elaborar. Também tiveram dificuldade em formar adjetivos a partir de substantivos, é



perceptível que a aluna não soube responder, da mesma maneira que muitos dos alunos também não conseguiram ter um bom desenvolvimento.

Na segunda atividade foi entregue o poema *Retrato*, de Cecília Meireles. E foi pedido para que a partir do poema os alunos o reconstruísse de modo em que trocassem as características tristes por características alegres, a partir dessa produção de texto, o objetivo era que os alunos formulassem um conceito de adjetivo.

ATIVIDADE 2

<p><u>Retrato</u> Cecília Meireles</p> <p>Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.</p> <p>Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra.</p> <p>Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?</p>	<p><i>Eu sempre fui esse rosto assim feliz, assim bonita esses olhos brilhosos esse lábio doce. Essa mão forte frias e vivas esse coração feliz Minha olho no espelho e mim encontro</i></p>
---	--

1) A pessoa na qual a autora descreve no poema apresenta características tristes. Sublinhe essas características e troque-as no quadro acima por qualidades alegres e boas que você gostaria de dar a ela.

2) Quais as palavras que trazem características positivas e negativas no texto original e no texto que você criou?

Negativas: não tinha, triste, não de:

Positivas: Eu tinha, feliz, Eu de:

Figura 2 – Geovanna Maria, 12 anos

Após a produção do texto, foi feito o questionamento sobre o conceito de adjetivo para as crianças. Muitas conseguiram formular um conceito do jeito que entenderam e se



poema *Retrato*, de Cecília Meireles, pois foi o texto que eles reconstruíram e se sentiram interessados para isso.

Dessa forma, os alunos obtiveram êxito ao produzir um novo poema com características alegres, após produzir o texto conseguiram elaborar o conceito de adjetivo, a atividade trouxe total descontração para a sala, e conseqüentemente tiveram vontade de produzir outros textos com sentidos mais cômicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado, este trabalho tem se esforçado para, no decorrer destas páginas, servir de instrumento de norteamento e proposta para que as escolas, ou melhor, professores abram um espaço especial na esfera escolar para os gêneros discursivos como recurso de ensino para as classes de palavras, sobretudo, o adjetivo.

Muitos educadores bloqueiam o desenvolvimento cognitivo e oral de seus discentes por acharem que tudo é motivo de indisciplina e conversa fiada. Porém, são essas práticas na sala que aprimoram o conhecimento do aluno, despertando dúvidas e conclusões ao entrar em contato com a prática.

Muitas outras formas de se trabalhar a língua podem ser possíveis com a utilização do poema. Com a pesquisa de campo, conclui-se que os resultados apontaram a necessidade do uso dos gêneros textuais amparados às regras, com o objetivo de envolver os alunos de modo livre e não sistemático. Portanto, o resultado foi motivador, pois os alunos obtiveram grande conhecimento do conteúdo e não o viram como algo monótono de se estudar, mas como um novo apoio com uma forma descontraída de adquirir conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. **Os gêneros do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.



GERBARA , Ana Elvira. **Reflexões sobre o ensino de poesia.** Revista Olimpíada de Língua Portuguesa (Na ponta do lápis).

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** IN: A.P. DIONISIO et al. (orgs). Gêneros textuais e ensino. Editora Lucerna. 2002.

MEIRELES, Cecília. Poesia completa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROJO, Roxane. **“Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas”** In MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHNEUWLY B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Eliseu; JESUS, Wellington. **Como e por que trabalhar com a poesia em sala de aula.** Rev. Graduando, 2011.



BLOG: UM GÊNERO DIGITAL DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Geslaine Santos Tavares ¹

Josevânia Teixeira Guedes (Pio Décimo)²

Anselmo Guimarães (Pio Décimo/ UFS)³

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise acerca do uso do *blog* como estratégia motivadora em sala de aula, com o objetivo de promover o processo de ensino-aprendizagem, bem como tornar as aulas não só dinâmicas, mas também colaborativas, fazendo com o que o ambiente se torne um espaço interativo entre aluno e professor, em que o resultado será a produção textual. A presente pesquisa teve como base uma análise das estratégias de escrita produzidas pelos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, como dispositivo de interação com a professora, em um *blog* educacional, intitulado “Blogando com o Mundo”, com a publicação de temáticas relacionadas às redações do Enem – (Exame Nacional do Ensino Médio), bem como as discussões destas de forma lúdica, opinativa e respeitando as ideias dos demais colegas, permitindo assim que o aluno estude a Língua Portuguesa de forma mais interessante. Foram feitas atividades que fizeram os alunos argumentarem, colocando-se como autores de seu próprio processo de busca pelo conhecimento. O resultado desta pesquisa foi a criação de um *blog* educacional intitulado “Blogando com o Mundo”, para o uso como ferramenta pedagógica sob a ideia de que sua utilização é motivadora para os discentes e pode promover a criação democrática e interativa.

Palavras-chave: Blog, Gênero Digital, Língua Portuguesa, Produção Textual.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Este artículo presenta un análisis sobre el uso del blog como estrategia motivadora en el aula, con el objetivo de promover el proceso de enseñanza-aprendizaje, así como hacer las clases no sólo dinámicas, sino también colaborativas, haciendo con lo que el ambiente se sienta se convierta en un espacio interactivo entre el alumno y el profesor, en el que el resultado será la producción textual. La presente investigación tuvo como base un análisis de las estrategias de escritura producidas por los alumnos del 9º Año de la Enseñanza Fundamental de una escuela pública, como dispositivo de interacción con la profesora, en un blog educativo, titulado "Blogando con el Mundo", con la publicación ensayos temáticos relacionados con el Enem - (Examen Nacional de Enseñanza Media), así como discusiones

¹ Licenciada em Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo – (FPD). E-mail: geslaine.stc@gmail.com

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Docente da Faculdade Pio Décimo. Coordenador Institucional do Programa de iniciação Científica/FPD. Email: anselmo.guima@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes. Mestra em Educação pela Unit. Docente da educação básica da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe e da educação superior da Faculdade Pio Décimo. Supervisora pedagógica do Colégio Santa Chiara. Membro do Grupo de Estudos em Educação Superior (GEES/UFS/CNPq). Coordenadora Institucional do Programa de Residência Pedagógica FPD/CAPES. E-mail: josevaniatguedes@gmail.com.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Docente da Faculdade Pio Décimo. Coordenador Institucional do Programa de iniciação Científica/FPD. Email: anselmo.guima@gmail.com.



de estos de una manera lúdica, obstinado y respetando las ideas de otros colegas, lo que permite al estudiante estudiar idioma portugués manera más interesante. Se realizaron actividades que hicieron a los alumnos argumentar, colocándose como autores de su propio proceso de búsqueda por el conocimiento. El resultado de esta investigación fue la creación de un blog educativo titulado "Blogando con el Mundo", para el uso como herramienta pedagógica bajo la idea de que su utilización es motivadora para los discentes y puede promover la creación democrática e interactiva.

Palabras clave: Blog, Digital de Género, Português, Producción de Textos.

1 INTRODUÇÃO

O referido trabalho apresenta a seguinte problemática: de que forma pode-se fazer o uso pedagógico dos blogs nas aulas de Língua Portuguesa? Este dispositivo pode ser um grande aliado no que diz respeito à construção de conhecimentos, bem como na formação de redes sociais pelo aluno.

Tendo-se em vista a falta de estímulo dos alunos por leitura, produção textual e também a limitação do desenvolvimento para o senso crítico na fase de aprendizagem da Língua Portuguesa.

O objetivo deste trabalho é fazer sugestões de propostas pedagógicas que auxiliem na leitura e na escrita da língua materna, partindo de um dispositivo digital, fazendo-se o uso de metodologias didáticas de forma proveitosa e dinamizada. O blog se destaca como recurso para o desenvolvimento desta pesquisa, na sua contribuição no âmbito escolar e no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. É necessário dizer que práticas novas e ações pedagógicas sejam inseridas ao processo de transmissão de conhecimentos para que o ensino se torne satisfatório.

[...] a escola poderá contribuir para a ampliação do letramento do aluno, a partir dos novos gêneros discursivos e textuais, dando-lhes condições pedagógicas de ampliar seus modos de ler e de escrever em diferentes suportes, através das interfaces possibilitadas pela internet. (SILVA, 2009, p.162)

A escola deve tornar rico o modo de ensino e aprendizagem do aluno buscando diversificar as atividades escolares, para isso é necessário encontrar novos meios para



desenvolver a língua materna, mudando assim a ideia de que só professor fala e os alunos permanecem em silêncio.

O professor precisa fazer com que o ambiente da sala de aula possibilite que os alunos aprendam de forma interativa, expondo suas ideias, dando valor e explorando o conhecimento deles, tendo em vista suas vivências cotidianas e culturais. Um meio para atingir o desempenho da oralidade, leitura e escrita é a utilização da tecnologia. Segundo Reis (2009, p.108), “com o uso da Internet, como suporte de incentivo à leitura e à escrita, o professor poderá contribuir para melhorar o nível de letramento dos alunos no sentido de ajudá-los a uma leitura crítica do seu entorno”.

Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. (MORAN, 2000, p.04)

Percebe-se com essas ferramentas inúmeras possibilidades vantajosas com a sua aplicação, pois, como o objetivo do trabalho realizado é contemplar as duas esferas de diferentes dimensões – leitura e escrita – para que auxiliem à construção do raciocínio lógico, com uma consulta mais prazerosa tornando assim os alunos leitores e produtores textuais. Deste modo, justifica-se este trabalho contribuir não só para o que diz respeito a leitura e a produção de texto, mas também para a construção da autoestima dos alunos com a publicação de suas produções.

2 BLOG: ORIGEM E DEFINIÇÃO

Em meados de 1997, foi criado o primeiro blog. Guedes e Nascimento (2012, p. 162) asseguram que o neologismo blog

[...] é um vocábulo que deriva da abreviação de *weblog*. *Web* significa teia - expressão usada para indicar um ambiente de *internet* e *log* significa diário de bordo. Logo pode se conceituar *blog* como um diário *online*, cuja utilização permite registrar diversos assuntos que ficam postados em rede e possibilita o acesso de todos.



Inicialmente, os *blogs* eram usados para compartilhamentos de *links*⁴ em páginas da *web*, acompanhados de forma geral por impressões sobre o assunto contidos nelas mesmas. Também podiam ser entendidos com um diário de bordo virtual, que os blogueiros⁵ apresentavam assuntos de cunho íntimo, fazendo relatos de fatos de suas vidas. O *blog* apesar de já apresentar várias funções novas, não só de diário, pode-se encontrar ainda na internet outras definições para o termo *blog* como um “[...] modelo virtual dos artigos diários de papeis em que se redigiam fatos importantes”⁶.

No início, os *blogs* ficaram conhecidos pela forma de escrita íntima feita na *internet* para apenas um ou mais leitores, surgindo assim questionamentos sobre essa forma nova de se expressar, criando tensão entre os conteúdos públicos e privados (SCHITTINE, 2004) e as possibilidades de leitura e escrita no espaço online, uma vez que muitos estudiosos

[...] comentam que os jovens atualmente, por conta da *Internet*, não escrevem, não fazem leitura. **O que se mais faz quando se estiver em rede é ler e escrever, uma vez que a *Internet* tem sua natureza basicamente formada de corpo escrito, ou seja, textos virtuais.** E por que não fazer uso desses textos como: as páginas pessoais, *e-mails*, os *blogs*, os *chats*, os *twitters*, *facebooks* como fontes de leitura, de interpretação e compreensão, levando em consideração o espaço temporal dos alunos em contato com a *Internet*? E por que não trabalhar efetivamente a rede mundial de computadores no contexto educacional, não ensinando informática, mas fazendo uso dela como um recurso que faça a aprendizagem acontecer de forma mais rápida e eficaz? (GUEDES; NASCIMENTO, 2012, p. 161-162, grifo nosso).

O *blog*, enquanto diário na internet, quebra relações com o texto tradicional. Isso acontece por causa da mudança do espaço da escrita: antes, no papel impresso e, agora numa tela digital de tamanhos diminutos, surgindo forma dois paradigmas: “[...] o nascimento de um público leitor desconhecido e a possibilidade de ver esse público influenciando diretamente na escrita do eu” (SCHITTINE, 2004, p. 221).

⁴ “Um link é o endereço de um documento (ou um recurso) na web”. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/sitesrecord/o-que-e-um-link>>

⁵ Termo designado para a pessoa que administra ou mantém um blog.

⁶ Definição disponível em: <<http://www.meusdicionarios.com.br/blog>>.



Atualmente, criar um *blog* é fácil e rápido, por isso qualquer pessoa que queira se expressar e manter contato social na rede pode criá-lo e mantê-lo também. Para fazer uso dessa ferramenta digital não precisa ter um conhecimento em especial sobre programação, o site é autoexplicativo e oferecem o serviço grátis com ações simples de publicação, a exemplo do *blogger*⁷ e o *wordpress*⁸ e que pode ser veiculado nas redes sociais “[...] cuja disseminação é impressionante, se estabelece com rapidez e dinamismo na utilização, se produz e se aprende em tempo real” [...]. (GUEDES; NASCIMENTO, 2012, p. 158-159).

Os *blogs* têm como características principais, os espaços para criação e edição de *posts* (textos que são colocados nos *blogs*), com marcação de entradas e de forma cronológica inversa, sendo que as postagens mais novas posicionadas no topo. Tem também espaços para comentários, nos quais os leitores opinam, concordando ou não com o que está exposto, tornando possível uma interação, síncrona⁹ ou assíncrona¹⁰ com quem postou. Importante acrescentar que os *links* com os comentários ficam abaixo de cada *post*, numa perspectiva de “[...] ‘arena pública’, em que visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a, e com os/as demais visitantes”. (BRAGA, 2009, p. 78)

Geralmente, os textos publicados são curtos e de teor informal. Pode-se encontrar diversos gêneros textuais em um mesmo blog, dependendo do objetivo de uso e função apresentada. Para a postagem de mensagens, a plataforma oferece ferramentas de edição que podem ser usadas para fazer formatação dos textos (como opções de tamanho, fonte, cor, numeração etc.) e fazer a inserção de arquivos, vídeos, fotos, imagens e *hiperlinks*¹¹.

⁷ Sítio: <<https://www.blogger.com>>

⁸ Sítio: <<https://br.wordpress.com>>

⁹ “Nos sistemas de comunicação síncrona, os relógios do emissor e do receptor estão em perfeito sincronismo e são dependentes, ou seja, a comunicação ocorre em tempo real entre os protagonistas do processo comunicativo”. (GUEDES, 2017, p. 202 - nota de rodapé).

¹⁰ “No modo de comunicação assíncrona os relógios do emissor e do receptor são independentes em fase e frequência, não há necessidade de respostas no mesmo momento, a participação na comunicação pode ser posterior a emissão”. (GUEDES, 2017, p. 202 - nota de rodapé).

¹¹ O Hiperlink é sinônimo de link, hiperlink consiste em links que vão de uma página da Web ou arquivo para outro (a), o ponto de partida para os links, é denominado de *hiperlinks*.



2.2 Blog Educacional

A utilização do *blog* para a educação é um excelente meio para a produção textual, narrativas, elaboração de vídeos, etc. Além de contemplar a reflexão e análise de uma gama de temáticas, essa prática aproxima os professores e alunos ao mundo ao qual estão inseridos, enriquecendo-se assim a comunicação.

Através deste dispositivo ocorre a troca entre docente e discente bem como o enriquecimento da criticidade desses alunos, possibilitando que estes educandos aprendam a aprender.

Outra vantagem é que os *blogs* possibilitam o desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares, gerando alternativas interativas de apoio para projetos que envolvam a escola e a comunidade, construindo redes sociais de saber. Podem ser usados como um laboratório de escrita digital onde os estudantes podem agir e interagir. Segundo Echeita e Martin a interação

constitui o núcleo da atividade, já que o conhecimento é gerado, construído, ou, melhor dito, co-construído, construído conjuntamente, exatamente porque se produz interatividade entre duas ou mais pessoas que participam dele. (ECHEITA e MARTIN, 1995, p.37)

É através dessa troca que o sujeito compartilha suas ideias, desenvolvendo um processo de construção e cooperação. Conforme Piaget (1973, p.15), “...cooperar na ação é operar em comum, isto é, ajustar por meio de novas operações (qualitativas ou métricas) de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as operações executadas por cada um dos parceiros”.

O educador precisa assumir o papel de mediador na formação cultural e social do educando, pois, sua responsabilidade não é apenas depositar informações, mas buscar estratégias diversas para que haja transformação do aluno, tornando-o edificador do seu próprio conhecimento.

Professores criam *blogs* para suas disciplinas com a finalidade de criar uma ponte de comunicação com seus alunos, pois, muitos deles não gostam de se expor cara a cara, mas utilizando o dispositivo tecnológico, neste caso o computador, essa situação pode mudar, já que eles gostam de utilizá-los e estar antenados com o mundo virtual. Outra vantagem é que o aluno



tem aquela preocupação com a escrita, pois, não estará só escrevendo para o educador, mas sim, para um público bem maior. Portanto, os *blogs* de disciplina

...são os blogs criados e mantidos pelo professor e pela turma para uma disciplina. O principal objetivo deste tipo de blog é dar continuidade ao trabalho desenvolvido em espaço de sala de aula fomentando o trabalho coletivo e motivando todos os elementos da turma a participar, escrevendo posts e comentários, colocando questões, publicando trabalhos, etc. A participação de todos dá a este tipo de blog uma dinâmica que os enriquece, pelo que consideramos que é este o tipo de blog com mais potencialidades no ensino e que mais se deverá desenvolver (BALTAZAR e GERMANO, 2006, p. 6).

É importante expor e discutir novas propostas e práticas pedagógica objetivando-se que os alunos possam alcançar o aprendizado de forma plena e eficaz no ambiente escolar. Pode-se trabalhar com essa ferramenta na prática docente, pois, ela permite a interação por meio da leitura e produção textual em espaço virtual.

2.3 Contribuições Pedagógicas do Blog

A preocupação dos educadores de Língua Portuguesa, é encontrar formas de fomentar o gosto de seus alunos para a leitura e escrita. Neste âmbito, o uso dos *blogs* vem com a intenção de trazer opções inovadoras para trabalhar a Língua Portuguesa de modo que propicie a criatividade e a interação. Sem que se limite à sala de aula a principal finalidade do *blog* é promover a construção de saberes de forma dinamizada, trazendo desse modo, a ressignificação das práticas pedagógicas realizadas pelo docente.

Há inúmeras possibilidades de utilização do *blog* que podem ajudar na prática pedagógica, não só nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as outras disciplinas, isso vai depender do plano que o professor deseja realizar com seus alunos e como esse gênero digital vai ser usado no decorrer de suas práticas. A aplicação dessa ferramenta para fins educacionais necessita ser bem pensada para que o resultado seja alcançado de forma positiva.

Atualmente, é possível encontrar várias experiências bem-sucedidas com o uso de *blogs* no meio escolar. Como destaca Gomes (2005, p. 315) é um “[...] recurso que pode suportar



diversas estratégias de ensino e aprendizagem”. Diante dessas possibilidades, professores da educação básica ao ensino superior, buscam maneiras diversificadas de explorar essa ferramenta e aproveitar ao máximo o potencial pedagógico dela, para que seja promovido e compartilhado o conhecimento.

Para Gomes e Lopes (2007), a evolução e a diversidade dos *blogs* geram possibilidades comunicacionais e pedagógicas, estabelecendo duas vertentes diferentes para seus possíveis uso no ambiente educacional como: ferramenta e/ou dispositivo pedagógico e estratégia pedagógica.

Enquanto ferramenta e/ou dispositivo pedagógico, os *blogs* podem ser usados como um espaço de acesso à informação especializada. Sob essa reflexão, os professores ficam com o papel de organizadores das atividades e os alunos executam os comandos de forma interativa e cooperativa, estabelecendo itinerários de aprendizagens ativas.

Como estratégia pedagógica, os *blogs* oferecem um leque de possibilidades, podendo ser explorados como um portfólio digital¹², um espaço de interação e comunicação. Deste modo, o aluno torna-se protagonista autor e coautor do seu próprio *blog*, realizando atividades direcionadas e de acordo com os objetivos propostos pelo professor desenvolvendo assim habilidades e competências de leitura e escrita.

Diante do que foi exposto nesta seção pode-se entender que se faz necessário que o professor elabore estratégias dinâmicas que insiram o *blog* no espaço escolar, de forma que se tenha possibilidades para fomentar a aprendizagem dos alunos, (re)construindo e ressignificando os conhecimentos. As propostas realizadas com essas ferramentas principalmente no tocante ao ensino de Língua Portuguesa, necessitam promover práticas de leitura e escrita que sejam o mais próximo possível do que está disposto na grade curricular para que sejam utilizados pelos professores e alunos dentro do contexto real.

3 METODOLOGIA

¹² Portfólio digital é a coleção de trabalhos *online* em andamento de uma empresa, estudante ou profissional. Os trabalhos que fazem parte do **portfólio** são aqueles que estão diretamente ligados aos objetivos da empresa, do estudante ou do profissional a que se referem.



A base deste estudo é a análise das estratégias de escrita realizadas pelos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, como ferramenta de troca de conhecimento com a professora, em um *blog* educacional intitulado “Blogando com o Mundo”¹³, que objetivou publicar textos com temáticas relacionadas às redações do Enem – (Exame Nacional do Ensino Médio) e fomentar discussões em sala de aula de forma dinâmica e opinativa.

O método utilizado primeiramente foi conceituar a identidade visual do *blog* para que o grupo percebesse o objetivo deste e como interagir com as ferramentas do Blogger da Google¹⁴, local onde foi criado o *blog* para este estudo, bem como para que eles desenvolvessem habilidades de escrita e argumentação.

É necessário que o professor fomente no aluno a prática, a leitura e a discussão acerca de temáticas de textos das variadas esferas sociais (digital, literária, jornalística, etc.). Diante disso, sugere-se que as práticas discursivas abordem a integração da linguagem verbal com outra linguagem, isto é, utilizem a estratégia dos multiletramentos

[...] (as artes visuais, o cinema, a fotografia, a semiologia gráfica, o vídeo, a televisão, o rádio, a publicidade, quadrinhos, as charges, a multimídia e todas as formas infográficas ou qualquer outro meio linguageiro criado pelo homem), percebendo seu chão comum (são todas práticas sociais, discursivas) e suas especificidades (seus diferentes modos de composição e de geração de significados) (FARACO, 2002, p.101).

Uma aprendizagem multiletrada torna possível que o aluno desenvolva a capacidade de pensar, de dar suas opiniões acerca do que está sendo abordado em sala de aula, pois, com o acesso a vários tipos de ferramentas esse este estudante tem uma maior facilidade de passar para o papel suas impressões, opiniões e críticas.

O trabalho foi realizado durante quinze dias, com a observação, análise e interpretação referente a cada temática escolhida pelos próprios alunos, uma vez que essa prática tornou possível a realização de ações para a melhoria tanto da leitura como da escrita dos discentes.

Foi combinado que a turma escolheria os temas para postar no *blog* após passar pela correção necessária, para que também os outros colegas pudessem ver as postagens e comentar

¹³ <http://blogandocomomundogege.blogspot.com/>

¹⁴ www.blogger.com



sobre, trabalhando assim a argumentação, coleta de dados e organização das ideias. Após a comunicação das tarefas em sala, foi marcado o dia para que os alunos produzissem os textos por escrito, que era sempre dentro das aulas de português.

Depois do recebimento dos textos produzidos, todos eles foram lidos e corrigidos, para que os estudantes pudessem fazer as devidas mudanças de pensamento e de arrumação do texto caso designassem necessário.

Com a reformulação das produções, os alunos foram orientados quanto ao que diz respeito a parte gramatical e a estilística do texto, para que posteriormente fossem postados na plataforma. Eram aproximadamente vinte e cinco alunos e todos eles postaram seus textos no *blog* (blogandocomomundogege.blogspot.com). Foram inseridas a esses textos figuras que representaram cada temática escolhida.

Após algumas postagens percebeu-se que muitos alunos apresentaram dificuldades em expressar de forma escrita seus pensamentos, isso influenciou no interesse de participação nessa prática pedagógica. Eles têm receio de escrever, pois, uma vez esse texto estando exposto no *blog*, pode acontecer de os demais colegas fazerem críticas.

A mediação do professor para tornar eficaz essa prática é entendida por Vygotsky como de grande relevância para o desenvolvimento das funções que possuem as bases a serem desenvolvidas. O que ele denominou de Zona de Desenvolvimento Proximal

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKY, 1988, p.112).

Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é um conceito destacado nas pesquisas vigotskianas, transformando-se em um eixo articulador importante da teoria, nas contribuições no âmbito educacional, e para a compreensão da relação entre aprendizagem e desenvolvimento. Por isso, pode-se observar que a aprendizagem é de extrema relevância no caminho do desenvolvimento. À luz de Vigotski, a aprendizagem é que estimula o desenvolvimento, ou seja, é a partir da aprendizagem que se estabelece por qual caminho o desenvolvimento pode passar.



Sem dúvida alguma, o *blog* tornou-se uma de comunicação e expressão de múltiplas concepções por parte dos alunos durante toda a realização da prática aqui mencionada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O *blog* “Blogando Com o Mundo” foi criado em maio de 2018. Inicialmente só a criadora tinha acesso, mas posteriormente os alunos e a professora regente também começaram a acessar.

Comprovou-se que embora tivessem uma certa insegurança para escrever, se mantiveram motivados a acessar a plataforma para fazer as postagens bem como lê-las, aproveitando assim, para atentarem às dicas da professora e também explorar os demais suportes do *blog*.

A primeira postagem foi sobre a “Autobiografia”, onde os alunos teriam que falar um pouco sobre si mesmos (personalidade, imagem, gostos, desejos, cotidiano, etc). Antes foi dada uma breve explicação sobre o que se tratava esse gênero textual, pois, muitos não tinham o conhecimento do que seria.

Dentre as demais temáticas postadas estavam: “Limites entre Humor e Bullying”, “Depressão e Suicídio”, “Conceito de Família”, “Viver em Rede no Século XXI: os limites entre o público e privado”, entre outros. A partir de uma breve explicação acerca de cada temática, os textos foram redigidos, corrigidos pela professora e posteriormente postados.

O *blog* é uma boa ferramenta para ser utilizada nas aulas de Língua Portuguesa, pois, com o processo das produções textuais, os estudantes tiveram dúvidas quanto a ortografia, concordância, acentuação, coesão e coerência, pontuações, etc. Todos desejam escrever bem, pois, tinham ciência de que seus textos seriam vistos por outras pessoas. Isso mostra que aulas com o uso de tecnologias de modo geral fomentam o interesse do aluno. As temáticas utilizadas para as produções partiram do interesse dos alunos, já que estas poderiam ser possíveis temas de redações do ENEM bem como de vestibulares.

Depois de debater cada temática em sala de aula, os alunos fizeram suas redações por escrito tendo como base o que foi discutido com os colegas, servindo assim como conhecimento prévio sobre aquilo que iriam escrever. Recebidas essas produções, a professora avaliou coesão,



coerência, ortografia, caligrafia, entre outros aspectos estilísticos. As redações foram reescritas pelos alunos para que eles vislumbrassem os pontos a serem melhorados.

Ao final de todas as postagens e considerações discutidas acerca das postagens e temáticas, a professora perguntou se eles gostaram de realizar as atividades, dos vinte e cinco alunos apenas dois não gostaram da prática, pois, julgaram como sendo muito cansativas. Esses alunos não estiveram presentes a todas etapas do processo das produções, e não tem uma convivência fácil dentro de sala. Os demais aprovaram a atividade por esta poder ser realizada fora do horário escolar e por dar a oportunidade de eles exporem o que pensam, além de auxiliá-los na argumentação para as futuras construções textuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *blog* quando utilizado como estratégia de trabalho de alunos e educadores, amplia o espaço de saberes na sala de aula e desenvolve a comunicação entre professor e aluno, havendo-se assim uma troca positiva e não somente a transmissão de conhecimento do docente, há a interação das duas esferas.

A *web* permite com o seu espaço amplo, que os os estudantes compartilhem suas opiniões com responsabilidade, analisando de forma crítica o que leem e que escrevem. Eles passaram de uma produção individual para uma forma de publicação com coautoria.

Com o uso dessa ferramenta pedagógica os alunos poderão continuar a desenvolver suas ideias, questionando e sendo questionados pelos colegas, melhorando desta forma leitura e escrita. O *blog* educacional dá ao professor a liberdade de elaborar atividades que deixem seus alunos mais interativos e participativos, onde este pode propor conteúdos para serem postos em discussão, obtendo-se com essa prática pedagógica um papel atuante no processo de ensino-aprendizagem.

Esta pesquisa mostrou pela análise do desenvolvimento da escrita dos alunos no blog, pois, que os recursos multimodais e hipertextuais por eles utilizados contribuíram de forma significativa na produção dos textos. Como mencionado e exposto nas versões finais dos textos elaborados, os discentes fizeram o uso de recursos multimodais estabelecendo dentro do próprio



texto diversas relações em seus diferentes modos de linguagem dando assim, sentido a essas produções.

Nesse sentido, espera-se que esta pesquisa sirva de inspiração para que os docentes insiram esse tipo de prática no âmbito escolar, para que a escrita seja desenvolvida sob a perspectiva dos variados tipos de letramento, tornando possível novos estudos que contribuam para que o processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa caminhe em conjunto com as práticas que formam a sociedade atual atendendo os requisitos de uma educação multiletrada.

REFERÊNCIAS

BALTAZAR, N.; AGUADED, I. *Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação. Revista e Receções de Comunicação e Cultura*, 2005. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/baltazar-neusa-aguaded-ignacio-weblogs-educacao.pdf>> (acesso em 05 de maio de 2019).

BRAGA, Adriana. Teoria e método na análise de um blog: o caso Mothern. In. AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (Org.). **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p.75-91.

ECHEITA, G. MARTIN, E., **Interação Social e Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.37.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Parábola, 2002. p.101.

GOMES, Maria João. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. In. **Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa**, Portugal: Escola Superior de Educação de Leiria, 2005. p. 311-315.

GOMES, Maria João; LOPES, António Marcelino. Blogues escolares: quando como e porquê. **Actas do Encontro “Weblogs na Educação: 3 experiências, três testemunhos”**. Centro de Competência CRIE. ESE de Setúbal, 2007.

GUEDES, Josevânia Teixeira; NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz. **O professor e a utilização do blog: ferramenta de aprendizagem significativa**. In. BEZERRA, Ada Augusta Celestino; NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz; SANTANA, Edineide. (Org.). *A questão da prática e da teoria na formação do professor*. 1ª ed. Fortaleza: Edições UFC, 2012, v. 1, p. 151-166.



MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In. MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Milda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. rev. e atual. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PIAGET, J. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973. p.105.

REIS, Zenaide Radanesa dos; SIQUEIRA, Paulo. **Mídia para iniciantes**. São Paulo: Baraúna, 2009.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, Rute da. **A Implementação do Ensino Fundamental de nove anos e seus efeitos para a Educação Infantil: Um estudo em municípios catarinenses**. Florianópolis/SC, 2009. Dissertação de mestrado PPGE/UFSC.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DO USO DA LÍNGUA FALADA NAS SOCIEDADES ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

Pedro Vinicius Lopes Rezende¹

Yuri de Abreu Santos²

Grace Cristina Milet de Castro da Paixão (Pio Décimo)³

RESUMO

O presente trabalho tem a proposta de discorrer sobre a importância do artifício da fala nos ambientes acadêmicos e profissionais, destacando como o mesmo é necessário para um melhor desenvolvimento, aperfeiçoamento e compreensão do aprendizado (acadêmico), assim como nas obrigações empresariais vigentes. Por meio da temática destacada, foi utilizado como metodologia uma revisão bibliográfica que fornecesse uma maior ênfase nos dados explorados e destacados. Bakhtin (2014), Churchill (1973), Martelotta (2017) e Saussure (2014) foram os teóricos mais referenciados.

Palavras-chave: Ambientes acadêmicos e profissionais. Aperfeiçoamento. Compreensão. Discorrer. Fala.

RESUMEN

El presente trabajo tiene la propuesta de discurrir sobre la importancia del artificio de la habla nos entornos académicos e profesionales, destacando como el mismo es necesario para uno mejor desarrollo, perfeccionamiento e comprensión del aprendizaje (académica), así como en las obligaciones empresariales vigentes. mediante la temática destacada, fue utilizado como metodología una revisión bibliográfica que facilitara una mayor énfasis nos datos explotados y desplazados. Bakhtin (2014), Churchill (1973), Martelotta (2017) y Saussure (2014) fueron los teóricos más referenciados.

¹ Graduandos do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FDP), alunos pesquisadores do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestre Tatiana Silva. E-mail: pedrovinicius.greg@hotmail.com

² Graduandos do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FDP), alunos pesquisadores do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestre Tatiana Silva. E-mail: yurideabreu3215@gmail.com

³ Mestre (2017) em letras pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Tradução, Cultura e Ensino de língua espanhola pela Faculdade São Luiz de França. Licenciada em Letras português e espanhol pela Faculdade Pio décimo. Atualmente, é professora de português e redação do ensino fundamental e médio do Colégio Coesi e professora da Faculdade Pio Décimo, atuando em linguística e produção de texto. E-mail: grace.cristina@piodecimo.edu.br



Palabras-llave: Compresión. Discurrir. Entornos académicos y profesionales. Habla. Perfeccionamiento.

1 INTRODUÇÃO

Um dos primeiros *passos* para que o indivíduo possa adequar-se ao ambiente social é o aprendizado da língua. Dependendo de sua região ou localidade de residência, faz-se necessário adquirir os conhecimentos da língua que representa essa comunidade, ou seja, a linguagem de um povo.

Toda nação possui uma língua oficial, pois é a partir dela que ocorre a interação social entre os indivíduos de uma determinada sociedade. No Brasil, por exemplo, a língua oficial é o português, no entanto, isso não significa necessariamente que não possam existir outras línguas na extensão territorial que é o Brasil. Porém, o português é o que facilita a interação de indivíduos de regiões, estados ou municípios divergentes. Ademais, a dialética de cada grupo de indivíduos existentes nesta sociedade também é divergente. Isso ocorre por causa de seu ambiente, de sua história e de sua cultura, alguns dos fatores primordiais que diferenciam o uso da língua portuguesa em determinadas regiões (BEZERRA, 2007).

A sociedade brasileira como um todo, ao fazer uso da língua falada, seja academicamente ou profissionalmente, não fazem um uso proveitoso dos recursos linguísticos provenientes da fala, limitam-se a palavras comuns e constroem argumentos pouco convincentes na formulação de sua proposta discursiva. Em outras palavras, dialética que não *prende* o ouvinte no que está sendo pautado, e a difícil elaboração de um discurso objetivo, elegante e coerente. (DE ALMEIDA PORTUGAL; GERMINARI, 2010).

Por outro lado, esses mesmos indivíduos, quando fazem uso da língua em sua forma escrita, formulam corretamente suas propostas de trabalho, coerentemente e organizadamente, o que gera, ao final da leitura, o entendimento da proposta. Tal Problemática faz crer que há um maior poder da escrita sobre a fala. No entanto, segundo De Barros (2001, 57-58), “[...] tanto a fala quanto a escrita são imprescindíveis na sociedade atual, em que fala e escrita não são sistemas cognitivos paralelos e sim modos complementares de ver e compreender o mundo [...]”.



No Brasil não há um trabalho tão afincado em relação a um uso construtivo da dialética ou oratória. Esse viés, quando é trabalhado, não é tão sucinto, logo não gera resultados satisfatórios (MARCUSCHI, 1998).

Nas sociedades antigas, tendo uma ênfase maior na sociedade Grega, o uso da dialética era bastante comum. Essa mesma nação, conhecida por suas dramaturgias, é possível perceber o esmero que há na construção de uma narrativa comunicativa e interativa com o povo. A construção de argumentos, ideias e ideologias, cada uma com seus signos (significados), eram sempre explanadas e exploradas com um uso brilhantíssimo da dialética, apresentando discursos bem elaborados e que *prendiam* os receptores.

Em *A República* de Platão (360 A.C.), é possível perceber o que foi dito anteriormente sobre a dialética e a oratória dos gregos. Nesse texto há uma longa conversação entre personagens, dando ênfase a Sócrates. A maneira como o mesmo explica, destaca e espoe suas opiniões faz com que aquele que o está ouvindo acredite em suas palavras, ou melhor, no seu discurso. Com isso, fica claro o quanto o uso da dialética dos gregos era excelente e bastante utilizado e valorizado. No entanto, esses valores linguísticos foram decaindo-se com o decorrer dos anos.

O presente trabalho tem como proposta esclarecer o quanto o recurso linguístico da fala é essencial para o desenvolvimento do cidadão. Tendo como foco o uso da língua falada nos ambientes acadêmicos e profissionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O USO DA LÍNGUA FALADA E SUA IMPORTÂNCIA

Para Saussure (2014, p. 51), “[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos [...]”. Ou seja, conhecer a língua é um dos primeiros requisitos para *construir* a fala de cada indivíduo, e a prática de falar, a priori, é o que acarreta o aprimoramento e o aperfeiçoamento da dialética ou oratória do indivíduo.

Ademais, “[...] o fato da fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não surpreendesse de início essa associação num ato de fala?” (SAUSSURE, 2014, p. 51). Simplificadamente, a língua não seria difundida ou muito menos



desenvolvida nas comunidades linguísticas se não fosse o ato de falar. A fala é necessária para as comunicações sociais, acadêmicas e profissionais. Sem tal recurso, as sociedades não se desenvolveriam, e também, a língua de um determinado povo não seria propagada, pois “[...] é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro após inúmeras experiências. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua [...]” (SAUSSURE, 2014, p.51).

De fato, a forma linguística [...] sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico. (BAKHTIN, 2014, p. 98-99).

O uso da língua na fala difunde-se em diversas formas (dialéticas de acordo com sua localidade e cultura). Se bem trabalhado, a apresentação de uma ideologia através do discurso pode gerar admiradores que corroborem com a tese pautada.

Quando dois indivíduos conversam entre si, por exemplo, eles estão tendo um processo de comunicação: o uso da língua na fala. Cada um desses indivíduos possui argumentos e experiências diferentes em um determinado assunto. Em uma troca de argumentos, sempre haverá uma contra resposta, pois “[...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN, 2014, p. 137).

Ou seja, para que o discurso opositor possa ser convincente, é necessário, primeiramente, compreender, e então, dialeticamente falando, apresentar uma boa oratória e formular uma opinião convincente e coerente. Em suma, utilizar a língua para uma linguagem (através da fala) rica, elegante, correta, ética e objetiva.

Como afirmado por Saussure (2014) e Bakhtin (2014), para que o processo da fala possa ser difundido, fazendo, por conseguinte, que o receptor – quem recebe a mensagem, entenda a mensagem do emissor – quem envia a mensagem, são necessárias 3 etapas: psicológica/fisiológica/física. Respectivamente nesta ordem.

Essas 3 etapas são necessárias para ocorrer o ato da fala. Psicológico, momento que o eu interior elabora um argumento ou discurso; fisiológico, pois são determinados sistemas do corpo humano que gerará o ato da fala; físico, é o momento em que a voz é propagada, significa



que o receptor poderá compreender e analisar o argumento difundido. Essa é uma conduta para o indivíduo emissor, já o receptor, atuará com as 3 etapas apresentadas, porém, no sentido contrário: físico/fisiológico/psicológico. Conclui-se então, que o indivíduo que era receptor da mensagem passará a ser o emissor. E vice-versa.

2.2 INTERFERÊNCIAS NAS FORMAS DE LINGUAGEM

A era digital, apesar de proporcionar e facilitar os meios de comunicação e informação, possui suas atenuantes perante as línguas: a linguagem utilizada nas suas redes sociais. Para Kanski (2003, p. 33): “[...] O estilo digital de apreensão do conhecimento é ainda incipiente, mas sua proliferação é veloz [...]”. Ou seja, sua difusão obrigatoriamente acarretará em mudanças sociais. Essas mudanças, partindo do uso linguístico, interferirá na oratória dos indivíduos, e o motivo é que “A forma escrita de apreensão do conhecimento é a que prevalece em nossas culturas letradas, mas a linguagem oral ainda é a que predomina em todas as formas comunicativas [...]” (KANSKI, 2003, p. 33).

Portanto, se a língua, na forma falada, possui maior difusão, quando os indivíduos começam a ter acesso ao mundo digital, adquirirão a linguagem utilizada virtualmente, e consequentemente a mesma interferirá no meio social, acadêmico e profissional do indivíduo.

Tendo como exemplo um local de trabalho: se por ventura um funcionário de uma determinada empresa for posto à prova, tendo que apresentar ao seu chefe, oralmente, os lucros tido na empresa, e o mesmo não souber separar suas relações nas redes sociais com suas obrigações profissionais, em questões comunicativas, poderá, consequentemente, fazer uma apresentação com os vícios linguísticos existentes na fala digital, fazendo uso de palavras indevidas, confeccionando um discurso impróprio ao ambiente, além de precário.

Falar, deixou de ser algo comum. Com a era digital foi que esse processo de comunicação decaiu totalmente. “[...] a internet foi criada como um veículo de comunicação alternativo, e ainda hoje é utilizada principalmente com esse propósito.” (MONTEIRO, 2001, p. 31). Com os meios digitais não é preciso interagir com outro indivíduo para que haja a troca de informações “[...] o e-mail, por exemplo, é atualmente a principal forma de utilização da



Rede.” (MONTEIRO, 2001, p. 31). Apesar de ser vantajoso em alguns aspectos, não será, necessariamente, em outros, pois segundo Benjamin (1987, p. 197-198):

Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

2.3 O USO ACADÊMICO E PROFISSIONAL DA LÍNGUA

[...], a psicologia do corpo social deve ser estudada de dois pontos de vista diferentes: primeiramente, do ponto de vista do conteúdo, dos temas que aí se encontram atualizados num dado momento do tempo; e, em segundo lugar, do ponto de vista dos tipos e formas de discurso através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados, etc. (BAKHTIN, 2014, p. 44).

As sociedades acadêmicas são cercadas e divididas em várias áreas de estudo, podendo ser humanas, exatas, biológicas, saúde, e entre outras. Esses estudos, em seu contexto, divergem totalmente, no entanto, na busca da interpretação e da explicação da tese que representa sua área de estudo, fazem uso de um recurso mútuo e necessário: a língua.

A partir da língua são gerados os livros que contém as pesquisas de grandes teóricos, é a partir da língua que há concordância ou discordância em uma determinada tese, argumento ou ideologia, e com o processo da fala, tem-se então os princípios para a exploração e explanação do argumento, papel primordial de um discente no desenvolvimento dos seus estudos.

Em uma empresa, existem diversos fatores para que aquele ambiente funcione de acordo com seus ideais e propostas. Em suma, como uma empresa ética. O que vale ressaltar, especificamente, seria a comunicação necessária para uma harmonia e cumprimento dos deveres e obrigações existentes na empresa (TORQUATO, 1986).

A Comunicação oral é o que gera os resultados internos e/ou externos na empresa. Segundo Torquato (1986, p. 16): “[...] uma empresa se organiza, se desenvolve, enfim, sobrevive graças ao sistema de comunicação que ela cria e mantém [...]”. O uso coerente da



língua falada, portanto, é importante para a linguagem objetiva, coerente e coesa na comunicação empresarial. Características que fazem um funcionário progredir na empresa do que outros.

Retornando aos ambientes acadêmicos, os docentes são essenciais para que haja práticas que desenvolvam o senso crítico dos seus respectivos discentes. Os seminários são os meios mais práticos existentes atualmente. E o porquê disto, segundo Zanon, Althaus e Financiamento (2010, p. 11): “No trabalho com o Seminário [...] Deve-se instaurar o diálogo crítico, estimulando a produção do conhecimento de forma cooperativa pelos estudantes e professores [...]”.

Se esse recurso continuar desenvolvendo-se gradativamente – especificamente no ensino fundamental, médio e superior – em uma maneira positiva e correta, haverá um aumento do senso crítico nos estudo de um determinado estudante, e conseqüentemente, o mesmo não limitar-se-á a recursos linguísticos comuns em sua fala, expondo, discursivamente, suas conclusões referente a pesquisa, e, por conseguinte, saberá utilizar a língua falada coerentemente.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como objetivo explicar o quanto é necessário o uso coerente da língua falada nos ambientes acadêmicos e profissionais, apresentando dados que esclareçam os pressupostos tido como tema de análise, e, ao mesmo tempo, sirva para entender o quanto é importante fazer um uso correto da língua, especificamente a falada.

A pesquisa será desenvolvida por meio do recurso de natureza quantitativa. o motivo que leva a escolha de tal recurso é o fato de que a pesquisa serve para explicar a proposta por meio de dados que a comprove e a solidifique, acarretando uma maior compreensão ou entendimento do tema que está sendo explanado. Logo, a natureza quantitativa apresenta-se como o recurso adequado, ideal e necessário na estrutura desta pesquisa.

Por fim, será utilizado uma gama de dados bibliográficos possíveis, que embasem coerentemente e coesamente o trabalho em questão.



4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Falar é um recurso necessário para a interação comunicativa: seja social, acadêmica ou profissional; falar é necessário para encaixar-se em uma determinada sociedade, comunidade ou grupo linguístico; falar, ou melhor, o ato de criar um discurso, para Saussure (2014, p.106): “[...] termos implicados no signo linguístico são psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação.”

Em outras palavras, o ato de propagação da voz (fala), não ocorrerá sem primeiro a formulação do que deve ser dito, e esse processo, como já dito anteriormente, dar-se-á através do nosso eu interior, pois:

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios ou a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. (SAUSSURE, 2014, p.106).

A etapa psicológica da fala é essencial para a construção do argumento ou discurso. No entanto, para o interior humano formular o discurso ou argumento é também necessário o conhecimento do meio externo para formular a ideia:

É verdade que, exteriorizando-se, o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, que dispõe de suas próprias regras, estranhas ao pensamento interior. No curso do processo de dominar o material, de submetê-lo, de transformá-lo em meio obediente, da expressão, o conteúdo da atividade verbal a exprimir muda da natureza e é forçado a um certo compromisso. [...] O exterior constitui apenas o material passivo do que está no interior. (BAKHTIN, 2014, p. 115-116).

Analisar problemas, especificamente a partir do uso da língua falada, é utilizar os recursos linguísticos para expor um discurso coerente que sirva de contrapartida perante uma problemática social, “[...] que tem como objetivo instigar o estudante mediante problemas, pois assim ele tem a possibilidade de examinar, refletir, posicionar-se de forma crítica.” (BORGES; ALENCAR, 2014, p. 120). É necessário, pois se não souber formular o discurso devidamente, não haverá uma perspectiva positiva perante esta opinião.



Segundo Kunsch (2006, p, 167), “A comunicação, em primeiro lugar, tem que ser entendida como parte inerente à natureza das organizações”, ou seja, é algo essencial e de extrema importância para garantir a troca de ideias, seja em um aprendizado acadêmico, em um ambiente de trabalho, entre outros diversos fatores que a língua é essencial.

Ademais, sem comunicação não ter-se-ia o funcionamento das diretrizes que são bases em uma sociedade. Se não houver a comunicação, não importando sua forma de propagação, podemos considerar que os indivíduos que cercam e fazem parte dessa *teia* na qual são *presos*, não poderão, conseqüentemente, prosseguir suas tarefas, sejam profissionais ou acadêmicas. “Portanto, sem comunicação as organizações não existiriam. A organização é um fenômeno comunicacional contínuo.” (KUNSCH, 2006, p. 167).

Não obstante, a internet passou a ser o maior meio de comunicação. Por meio dela pode-se, em poucos segundos, por exemplo, enviar um e-mail eletrônico de um usuário para outro, que se encontram em continentes diferentes. Além de outros diversos recursos existentes (MONTEIRO, 2001).

Vão passando-se os séculos e as décadas, e o meio de comunicação continua sendo o mesmo: a língua. O que muda, no entanto, e pode ser considerado como avanço, seriam as formas de propagar opiniões, ideias ou argumentos perante os recursos linguísticos. Ou seja, como foi destacado como exemplo a internet, *veículo* de interação social virtual.

É um recurso que aprimora os meios de comunicação, mas não muda a infraestrutura necessária para a comunicação. No entanto, porém, acaba, de um certo modo, empobrecendo a língua, pelos usos indevidos e que ignoram os conceitos (gramaticais) da norma padrão culta da língua portuguesa. Segundo Martelotta (2017, p. 19): “[...], as línguas variam e mudam ao sabor dos fenômenos de natureza sociocultural que caracterizam a vida na sociedade”. Ou seja, o uso da língua irá depender do local e da função de atuação que o indivíduo está inserido, pois “[...] os indivíduos ou os grupos têm de se identificar por meio da linguagem e mudam em função da necessidade de se buscar novas expressões para designar novos objetos, novos conceitos ou novas formas de relação social” (MARTELOTTA, 2017, p. 19).

Então o uso da língua nas sociedades acadêmicas e profissionais devem seguir a formalidade prevista nas normas da língua portuguesa, já que “[...] o ensino do português [...] o aprendizado ou não desse padrão tem implicações importantes no desenvolvimento



sociocultural dos indivíduos.” (MARTELOTTA, 2017, p. 26). Como já foi bem esclarecido, no ambiente empresarial deve haver integridade e compromisso do indivíduo que ali está ou estará. Para Martelotta (2017, p. 19), o indivíduo “[...], discutindo questões profissionais com seu chefe, por exemplo, [...] tende a empregar uma linguagem mais formal”.

Um grande exemplo histórico e importante para compreender melhor a importância do discurso e um bom uso da oratória foi Winston Churchill (1874-1965), eleito como Primeiro Ministro do Reino Unido em 1940, período da segunda guerra mundial.

[...] Direi à Câmara o mesmo, que disse aos que entraram para este Governo: «Só tenho para oferecer sangue, sofrimento, lágrimas e suor». Temos perante nós uma dura provação. Temos perante nós muitos e longos meses de luta e sofrimento. Perguntam-me qual é a nossa política? Dir-lhes-ei; fazer a guerra no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poder e com todas as forças que Deus possa dar-nos; fazer guerra a uma monstruosa tirania, que não tem precedente no sombrio e lamentável catálogo dos crimes humanos. -; essa a nossa política. Perguntam-me qual é o nosso objectivo? Posso responder com uma só palavra: Vitória – vitória a todo o custo, vitória a despeito de todo o terror, vitória por mais longo e difícil que possa ser o caminho que a ela nos conduz; porque sem a vitória não sobreviveremos [...] (AMARAL, 2010).

Como primeiro ministro, Winston proferiu grandes discursos, memoráveis até os dias atuais pela sua eloquência e capacidade de gerar inspiração e confiança naqueles que puderam ouvi-lo (CHURCHILL, 1973). Seu discurso, como demonstrado acima, é bem feito, elaborado e altamente formal, características necessárias, pois a finalidade desse discurso era um grupo de parlamentares, além da função política que Winston possuía. Por conseguinte, a ética deve ser fomentada. “[...] É tão inadequado o uso de formas não padronizadas da língua por parte de um deputado ao discursar na câmara, por exemplo [...]” (MARTELOTTA, 2017, p. 26).

Contra essa frente unida, Churchill não teve no começo senão uma única arma, sua eloquência. A partir de 1933 pronunciou a grande série de discursos que terminaram por despertar os ingleses, permitindo, à medida que as agressões se sucediam às agressões na Europa, que a Inglaterra aparecesse como a salvadora predestinada. Em vão os “pacificadores” tentavam justificar sua política; os atos de Hitler, de um lado, os discursos de Churchill, do outro eram mais eloquentes que todas as suas justificativas. (CHURCHILL, 1973, p. 52).

Palavras, dependendo de como sejam utilizadas, podem gerar sentimentos negativos ou positivos pela pessoa que as proferiu. Palavras podem destruir uma nação ou civilização. Com



palavras começaram as barbaridades e atrocidades que ocorreram na segunda guerra mundial; e com palavras foram solucionadas medidas para acabar com esse período de destruição em massa, tendo como exemplo, mais uma vez, os discursos proferidos por Winston Churchill.

O que é importante ressaltar, a partir da finalidade desta pesquisa, seria como o discurso, tratando especificamente, mais uma vez, os discursos de Churchill, tiveram o resultado desejado. Ou seja, não importando quais sejam as finalidades do discurso, se for bem formulado e difundido, aquele que o proferiu poderá conquistar o seu público alvo. Segundo Silva (2012, p. 8): “Fica evidente que a credibilidade é um dos fatores fundamentais para o sucesso da comunicação [...]”.

Assim ocorrerá também nas sociedades acadêmicas – no aprendizado da área de estudo – e profissionais – na apresentação, tendo como exemplo o docente, dos conhecimentos acumulados em forma de discurso para os seus respectivos discentes –, levando em consideração que “[...] é importante saber quais os requisitos para conquistar a confiança das pessoas, construir sua reputação como orador que inspire respeito, credibilidade e fazer com que a mensagem seja aceita sem resistências.” (SILVA, 2012, p. 8).

Portanto, conclui-se que se não houver nos ambientes acadêmicos um trabalho afinco a partir da desenvoltura da dialética e da oratória, o acadêmico não possuía uma alta capacidade de expor suas opiniões perante o estudo em forma de discurso, e também, posteriormente, não utilizar-se-á de um discurso bem elaborado nos ambientes profissionais quando for devido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados e dos argumentos explanados e explorados, é importante compreender, ao final da leitura, o quanto, primeiramente, apesar da língua falada distanciar-se da língua escrita em contextos técnicos e usuais, uma depende da outra em questões de difusão (SAUSSURE, 2014).

São estudos divergentes da linguística, porém, partindo do princípio da pesquisa, que é o ato de comunicar-se através da fala, para a língua de uma determinada nação – no caso, o Brasil – ser difundida, é preciso que os indivíduos que a compoñham tenham a prática de argumentar, de discordar, em suma, que utilizem de uma interação verbal (SAUSSURE, 2014).



Segundamente, é preciso entender que a pesquisa não tem como proposta discordar ou muito menos criticar as formas de difusão da língua, que seriam as diversas dialéticas e linguagens provenientes dos diversos grupos ou comunidades linguísticas existentes no Brasil (BEZERRA, 2007).

A priori, como já bem colocado, a análise seria a importância de comunicar-se bem para um bom desenvolvimento nas academias científicas e nos âmbitos profissionais, já que, complementando a resposta anterior, “[...] a oratória sempre foi e, muito provavelmente, sempre será uma ferramenta que pode promover ascensão social em várias dimensões, sejam elas profissionais, políticas e outras.” (SILVA, 2012, p. 8).

A língua falada, apesar de ser um dos recursos linguísticos mais difundidos, não apresenta, na maioria dos falantes de um grupo ou comunidade linguística que a utiliza, por exemplo, quando for pertinente (uma discussão científica ou profissional), um discurso com uma estrutura formal e que seja bem esclarecido em sua formação final. As frases proferidas são formulações comuns e coloquiais, servindo apenas para o ambiente social.

Como dito, nos ambientes que são pertinentes o autodidata crítico, a fala é necessária para a demonstração de entendimento dos estudos que estão sendo analisados. A língua está em tudo que nos rodeia, pois então, utilizá-la para explicar, explanar ou explorar por meio de argumentos discursivos coerentes e coesos, seria inteligente e eficiente.

Continuando, também é um recurso de uso neutro em todos os vieses, sejam acadêmicos ou profissionais. Por conseguinte, todos esses vieses utilizam a língua na construção de uma linguagem que represente aquele determinado estudo ou determinada empresa, vislumbrando o lado profissional e/ou empresarial.

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. [...] A palavra, [...], é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (BAKHTIN, 2014, p. 37)

Bakhtin (2014, p. 42) ainda prossegue com o seguinte argumento:

As características da palavra [...], fazem dela um dos mais adequados materiais para orientar o problema no plano dos princípios. Não é tanto a pureza semiótica da palavra que nos interessa na relação em questão, mas sua



ubiquidade social. Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

Destacando as seguintes referências em pró da pesquisa, é possível perceber o quanto a língua é importante, não importando o seu meio de atuação. Portanto, a língua, e as linguagens geradas a partir da língua (dando ênfase nas diversas linguagens científicas e empresariais), é de importante entendimento para todos. Sem mais delongas, conclui-se afirmando: a língua falada é uma maneira rica e necessária para a compreensão da língua escrita, e com essa compreensão, por meio da oratória, utilizando tal ferramenta da maneira que foi bem destacada e analisada no desenvolvimento do artigo, o indivíduo saberá utilizar o seu conhecimento em forma de argumentos e opiniões, quando atuar nas academias científicas e nos âmbitos profissionais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. (02 de Maio de 2010). Manuel Amaral. *Fonte: arqnet.pt*:
<http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio02.html>

BAKHTIN B. (2014). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC EDITORA.

BENJAMIN, W. (1987). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense s.a.

BEZERRA, A. P. (2007). *História da Língua Portuguesa*. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe.

BORGES, T. S., & ALENCAR, G. (2014). *Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior*. Cairu em Revista, 3(4), 119-143.

CHURCHILL, W. S. (1973). *Sangue, suor e lágrimas*. Rio de Janeiro: EDITORA OPERA MUNDI.

DE ALMEIDA PORTUGAL, H. H., & GERMINARI, J. P. (2010). *A importância da oratória aos estudantes e profissionais do direito*. ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498, 6(6).



DE BARROS, D. L. P. (2001). *Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. Fala e escrita em questão.*

KENSKI, V. M. (2003). *Tecnologias e ensino presencial e a distância.* Papirus Editora.

KUNSCH, M. M. K. (2006). *Comunicação organizacional: conceitos e dimensões dos estudos e das práticas.* Faces da cultura e da comunicação organizacional, 2, 169-192.

MARCUSCHI, L. A. (1998). *A língua falada e o ensino de português.* In 6º Congresso de Língua Portuguesa.

MARTELOTTA, M. E. (2017). *Manual de Linguística.* São Paulo: Editora Contexto.

MONTEIRO, L. (2001, September). *A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações.* In Congresso Brasileiro de Comunicação (Vol. 24).

PLATÃO. (380 A.C). *A República.* Grécia Antiga.

SAUSSURE, F. D. (2014). *Curso de linguística em geral.* São Paulo: EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.

SILVA, H. S. (2012). *Curso de Oratória - A arte de Falar em Público ou a Habilidade de Falar em Público?* Fortaleza: UFC Revisora.

TORQUATO, G. (1986). *Comunicação empresarial (Vol. 11).* Summus Editorial.

ZANON, D. P., ALTHAUS, M. T. M., & FINANCIAMENTO, S. (2010). *Possibilidades didáticas do trabalho com o seminário na aula universitária.* Anais do Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul–Anpedsul. Londrina, PR, Brasil, 8.



PRATICAS PEDAGÓGICAS: DIALOGISMO E INTERNET NO CONTEXTO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

Cinthy Mylena Dos Santos¹
Rayane Da Silva Pinto²
Josevânia Teixeira Guedes (Pio Décimo)³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar que, para educação obter bons resultados é necessário que haja um bom nível de interação dos alunos com os professores e não somente manter uma situação de ensino aprendizagem presa às práticas de uma educação tradicional. Faz-se necessário difundir o uso de novos métodos de ensino, utilizando também novas tecnologias, para que o professor saia da sua zona de conforto e dessa forma desperte o interesse do aluno em sala de aula. Mas para que isso aconteça algo tem que ser mudado na formação dos professores, pois com o avanço tecnológico e com as novas formas de ensino o professor deixa de ser o foco do processo educacional para se tornar um mediador na construção de saberes e de fazeres.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Formação de professores. Internet. Práticas pedagógicas.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo mostrar que para educación obtener buenos resultados es necesario que haya un buen nivel de interacción de los alumnos con los profesores y no sólo mantener una situación de enseñanza aprendizaje presa a las prácticas de una educación tradicional. Se hace necesario difundir el uso de nuevos métodos de enseñanza, utilizando también nuevas tecnologías, para que el profesor salga de su zona de confort y de esa forma despierte el interés del alumno en el aula. Pero para que esto suceda algo tiene que ser cambiado en la formación de los profesores, pues con el avance tecnológico y con las nuevas formas de enseñanza el profesor deja de ser el foco del proceso educativo para convertirse en un mediador en la construcción de saberes y de hacer.

PALABRA- CLAVE: Dialogismo. Formación de profesores. Internet. Prácticas pedagógicas.

¹ Licencianda em Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo. E-mail: cinthyamylli@gmail.com

² Licencianda em Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo. E-mail: rayane.silvasns@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes. Mestre em Educação pela Unit. Docente da educação básica da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe e da educação superior da Faculdade Pio Décimo. Supervisora pedagógica do Colégio Santa Chiara. Membro do Grupo de Estudos em Educação Superior (GEES/UFS/CNPq). Coordenadora Institucional do Programa de Residência Pedagógica FPD/CAPES. E-mail: josevaniatguedes@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Um ato essencial para o aprendizado é sempre a interação dos alunos e professores em sala, construindo e reformulando o processo educacional no sentido de um ensino interativo, democrático e avançado. O papel do professor consiste em formar uma escola construtiva, e principalmente focada na interação dos alunos entre si e também com o professor, em prol de desenvolver atitudes e habilidades, tornando as pessoas prontas para um debate crítico sobre o conhecimento, isto é, a formação de indivíduos capazes de se expressar de maneira fundamentada e argumentada, apresentando e analisando seus pontos de vista com uma visão progressista. A escola vem alimentando a formação de um ciclo pedagógico com inovações e atividades práticas na construção de um desenvolvimento concreto e integral de jovens e crianças.

Na escola existem vários tipos de aprendizagem que são praticados de acordo com o esforço de cada aluno. São preservados também outros tipos de ensino que englobam tanto a educação tradicional quanto outros paradigmas de concepção mais atual. A concepção de ensino tradicional mantém o professor à frente do conhecimento, assumindo o papel principal de dono, senhor e entendedor de todo contexto sem permissão de interação do aluno com novas ideias. A educação construtiva, por sua vez, se propõe a assumir-se como um fator de independência, promovendo um ensino e aprendizagem no qual todos compartilham seus conhecimentos e interagem com suas ideias de forma coletiva.

No âmbito escolar, o professor se depara com diversas dificuldades como por exemplo a péssima infraestrutura das escolas sem métodos inclusivos, sem profissionais capacitados para lidar com as pessoas com deficiências, em que acarreta o desestímulo tanto do aluno quanto dos pais, sendo principais fatores geradores da evasão escolar. Não raro, são presenciados, casos de alunos com deficiências físicas e mentais, que necessitam da atenção do professor capacitado e de salas preparadas com recursos capazes de incluir os alunos com necessidades especiais nas escolas. Diante disso, o professor necessita de especializações, formação continuada e diversos métodos que propiciem uma aprendizagem inclusiva. Segundo Schlemmer (2001):

O ponto de fundamental importância no desenvolvimento de ambientes que sejam animadores de uma inteligência coletiva é a mudança quantitativa nos processos de aprendizagem. Isto é, faz-se necessário o estabelecimento de novos paradigmas de aquisição dos conhecimentos e de constituição dos



saberes. O paradigma da aprendizagem cooperativa traduz a perspectiva de inteligência coletiva no domínio educativo. (SCHLEMMER, 2001, p. 11)

Conforme o autor acima citado, esse método de aprendizagem tem um grande peso na formação profissional do professor na evolução do conceito e na progressão ativa, ou seja, em um meio coletivo e ativo surgem grandes inovações, que formam um saber diferente na educação tanto para alunos quanto para os professores que podem acarretar uma série de informações no processo educativo.

2 DILEMAS DO ENSINO: EDUCAÇÃO TRADICIONAL E AS MÍDIAS

O ensino tradicional conserva um enfoque voltado somente para os mesmos métodos, estratégias e práticas didático-pedagógicas professadas ao longo de séculos, centralizando o educador como “o dono do saber” e permitindo uma visão das locuções sem que se demonstre preocupação alguma com as transformações sociais e inovadoras.

O professor de formação e mentalidade tradicionais transmite somente o necessário e exige a memorização de conteúdo, assim prepara e forma um aluno que não escolhe, repetitivo e sem liberdade de expressão, pois ele aprende somente o que é oferecido. Um exemplo claro é encontrá-lo nas salas de aula com crianças exercitando a cópia de lição mecanicamente, sem se aprofundarem na leitura e nem interpretarem criticamente as ideias expostas no texto que copiam. Esse método de ensino se mostra improdutivo, inócuo e não estimula o dialogismo em sala, não abrange interdisciplinarmente os conhecimentos e nem oferece uma maior compreensão de cada contexto.

O ensino tradicional trabalha com cadernos, livros, lápis, desprezando a utilização dos novos recursos tecnológicos voltados para o processo educacional através do acesso à Internet. Com isto, menospreza-se o uso dos computadores, tablets, celulares, entre outros que, sob mediação do docente, proporcionariam oportunidades de aquisição de um vasto conteúdo em diversas áreas.

Uma forma de produzir um conhecimento específico e prático para alunos vem sendo produzido por meio da Internet, o que facilita as pesquisas sem a necessidade de levar semanas para se conseguir uma informação necessária. Antes do advento da Internet, o aluno perdia muito tempo em bibliotecas físicas para organizar e relacionar uma informação. Atualmente,



com a disseminação do acesso à Internet, a pesquisa é facilitada, tornando-se prática e ágil tanto para os alunos quanto para os professores. Há, entretanto, uma população docente que não se interessou e nem se esforçou em acompanhar o avanço tecnológico. Esses profissionais sofrem duras penas de se verem entre alunos totalmente integrados à tecnologia, mas que, correm o risco de, não recebendo orientação, mergulhem em mundos subterrâneos existentes online, como é o caso da assim chamada Dark Web¹.

Nesse ponto, frise-se quanto ao avanço e à relevância do método de ensino da Educação a Distância (EAD), que se encaixa perfeitamente no “mundo da tecnologia”, porque não existe a presença física do professor interagindo todos os dias na escola. Entretanto, há todo um sistema que orienta e media os alunos dessa modalidade de ensino. Todo método de ensino apresenta vantagens e desvantagens, claro está que a EAD não foge à essa regra. Uma vantagem do ensino a distância é o menor valor da mensalidade e a oportunidade de o aluno frequentar a faculdade uma vez por semana, o que facilita bastante a vida das pessoas, pois uma grande parte dos alunos trabalha e tem suas obrigações familiares. Apesar de não ter uma comunicação diariamente com o professor em sala, o fato de se ter acesso ao conhecimento via Internet auxilia na solução de dúvidas, na ampliação dos conhecimentos, além do que os alunos dispõem da supervisão de um tutor uma vez por semana.

Nesse sistema, em geral os alunos estão conectados à Internet, resolvendo exercícios ou comunicando-se com seus tutores via e-mail. Com esse avançado método de ensino o aluno tem direito ao mesmo histórico e diplomação reconhecidos pelo MEC que o de outro aluno que estuda na modalidade presencial, com vantagens de estagiar presencialmente adquirindo conhecimentos com suas práticas profissionais. Nesse sentido, Loppes (2010) afirma:

[é] o modelo ideal para pessoas que já estão inseridas no mercado de trabalho, que precisam viajar, tem pouco tempo à disposição, mas querem estudar para conseguir se estabelecer no trabalho ou para ter a possibilidade de ser promovido no emprego. É também o modelo ideal para qualquer pessoa, jovem ou adulto, inserido no mercado de trabalho ou não, que estando motivado para estudar um curso superior, quer exercer sua autonomia no

¹ Um site “dark” é qualquer um hospedado em servidores inalcançáveis na rede convencional, porque exigem o uso de softwares, configurações e autorizações especiais para o acesso. Ela faz parte da deep web, que abriga sites que não são indexados pelos mecanismos de busca. Mas, no caso da dark web, esses sites não podem acessados pelos meios convencionais (ou seja, digitando a URL do site em seu navegador, ou usando ferramentas de busca). Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/saiba-tudo-sobre-a-dark-web-com-este-guia-para-iniciantes-98020/>



gerenciamento do processo ensino-aprendizagem. (LOPPES, *et al* 2010, p.198)

3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: um constructo na cooperação com alunos

A forma de aprendizagem vem mudando em vários aspectos, um deles é a forma de obter conhecimento, os estudantes não necessitam somente de um professor para “ter o conhecimento” já que os avanços tecnológicos permitem que se tenha muitas informações em apenas alguns segundos. Então, dessa forma o professor deixa de ser “o dono do saber” e sim um mediador de conhecimento. Mas será que o professor recebe uma formação adequada para isso?

Pesquisas mostram que a formação dos professores não mudou muito com o passar das décadas, a forma de lecionar de muitos professores ainda é muito primária e não consegue transmitir a real importância do conhecimento que é o aluno “pensar” e ter opinião própria diante dos fatos apresentados em sala.

Os alunos passam a ler sem compreender, sem tirar suas próprias conclusões. Sobre essa escassa e precária aprendizagem, os alunos deverão buscar alternativas para inovarem com dialogismo em sala, perguntas frequentes e uma exposição de seu ponto de vista para obter um conhecimento ativo sobre diversas áreas educacionais. Assim, os professores passaram a escolarizar novos pensadores e não meros copiadores. Diante disso, Gatti (2016) afirma que a formação:

[...] se constitui pelo entrelaçamento de processos cognitivos, afetivos, sociais, morais, dos conhecimentos, dos fazeres, das tomadas de decisão, da solução de impasses, da lida com as ambiguidades e as diferenças, do uso das técnicas ou de recursos diversos, etc., na direção de um pensar que possa distinguir fatos e questões, ter sentido crítico na direção de uma autonomia para escolhas. (GATTI, 2016, p.164)

A forma de lecionar não é algo que irá mudar da noite para o dia, pois há algum tempo os governos vem implantando programas para mudar a forma de lecionar, para que os professores possam ter habilidade para debater temas polêmicos em sala instigando o aluno a pensar e ter sua própria opinião, nas como esse processo é lento as mudanças nos cursos de



licenciatura e pedagogia não têm mudado significativamente. Dessa forma, Gatti (2009) reitera que:

[mesmo] com avanços a partir de programas desenvolvidos na última década, a questão da formação dos professores tem sido um grande desafio para as políticas governamentais, e um desafio que se encontra também nas práticas formativas das instituições que os formam. Nas instituições formadoras, de modo geral, o cenário das condições de formação dos professores não é animador pelos dados obtidos em inúmeros estudos e pelo próprio desempenho dos sistemas e níveis de ensino, revelado por vários processos de avaliação ampla ou de pesquisas regionais ou locais. (GATTI, 2009, p. 95).

Mesmo que as mudanças demorem a acontecer, os professores recém-formados ou até mesmo os que se formaram há mais tempo devem ter o intuito de mudar algo, ainda que seja uma mudança paulatina, saindo da monotonia e inovando na forma de lecionar já que o conhecimento é algo que o indivíduo levará para o resto da vida. Para isto, ajustes estruturais devem ser feitos, alterações pontuais na graduação dos professores com o objetivo de prepará-los de forma mais correta possível para a realidade do mundo atual.

4 INTERNET NO CONTEXTO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

A internet é um meio tecnológico executor de grandiosas informações, em que possibilitam interação e a facilidade de localização das informações, entre seus pesquisadores, posicionando-se como um eficiente mecanismo responsável pela realização de um ensino inovador e diversificado. Os professores devem se posicionar como estimuladores da informação, permitindo que os alunos sejam investigadores e críticos, ou seja, saibam contextualizar as informações absorvidas, no intuito de obter um conhecimento de acordo com o ensino-aprendizagem. Através disso, é permitido uma interação entre alunos e professores no debate da absorção investigativa por meio do eficiente meio tecnológico e da possibilidade oferecida. Diante dessas informações Oliveira e Moraes afirmam que TDIC:

[...] trazem uma nova configuração para a sociedade, alterando as relações sociais, econômicas, políticas e também a relação com o saber ao possibilitar o acesso e a democratização da informação. Estas se apresentam como um auxílio na maneira de ensinar e de aprender. O acesso rápido à informação, a facilidade de encontrar muitas respostas às nossas perguntas em qualquer



Ter a atenção do aluno é o principal foco do professor na atualidade pois o uso livre das tecnologias acaba tirando a concentração do aluno, por isso o professor não deve se prender aos métodos tradicionais de ensino, mas sim tornar suas aulas o mais interativas possíveis. A internet não deve ser utilizada somente como ferramenta de ensino, mas também como meio de aprendizagem para os professores que estão em constante formação, buscando sempre conhecimento para que seus métodos de ensino estejam sendo atualizados constantemente. A partir disso, Dorneles (2012) afirma:

Da mesma forma que se deve discutir nos cursos de licenciatura a informática aplicada à educação, é necessário haver cursos de formação continuada destinados aos professores que estão atuando em sala de aula, uma vez que muitos desses professores não tiveram, em seus cursos de licenciatura, uma disciplina ou mesmo preparação para o uso das TICs aliadas ao processo de ensino-aprendizagem. (DORNELES, 2012, p. 78)

É necessário que os professores busquem conhecimento constantemente, vez que, com o auxílio da internet o ensino-aprendizagem torna-se bastante interativo e o professor pode sempre estar atualizando seus métodos de ensino para que as suas aulas não se encaixem sempre e tão somente nos métodos tradicionais de ensino. Quando o professor consegue utilizar a internet ao seu favor, ela deixa de ser uma distração e passa a ser um objeto de ensino e aprendizagem e interação professor/aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando esse contexto descrito, refletimos sobre o fato de que as escolas necessitam de alunos inovadores, interativos e que com suas ideias, saibam como juntá-las para interagir com os colegas e o professor, compartilhando todos, entre eles, os saberes e fazeres de cada um. É através de um dialogismo em sala, que todos se ajudam, exercitando a solidariedade e cooperando com a coletividade, sem distinções. O ensino tradicional não conduz à interação em sala, não permite que os alunos exponham ou debatam seus pontos de vista.

Por isso, há uma distinção feita com relação ao ensino construtivo, porque nele, todos mostram seus conhecimentos e trocam experiências.

Um exemplo claro da validade da tecnologia voltada para a educação é o ensino a distância (EAD), que permite aos alunos frequentarem as instituições uma vez por semana,



estudando o restante da semana pela internet, respondendo exercícios pelos sites de cada instituição responsável. Nesse ponto, são encontradas muitas vantagens para os que necessitam ingressar no mercado de trabalho primeiro, para ter renda suficiente de pagar seus estudos.

Por isso, essas inovações tecnológicas tendem a gerar uma educação melhor, com coletividade, dinamismo, facilidade e uma formação de professores colaboradores, democráticos, incentivadores e acima de tudo, transformadores.

O conhecimento investigativo por meio das pesquisas na internet, tende a aprimorar o dialogismo e o debate crítico em salas de aula, proporcionando uma interação entre alunos e professores. O avanço tecnológico no meio educacional, possibilita uma aula inovadora, ou seja, por meio dos sites, blogs, revistas e diversos meios progressistas que promovem uma situação na qual a aula evite a prática fundada nos métodos tradicionais e estimule o estudante a treinar o teórico e o prático, o que pode ocorrer por meio das publicações de trabalhos e atividades educacionais em sites criados por eles.

De acordo com o Plano Nacional de Educação PNE, a fomentação dos meios tecnológicos em salas de aulas, minimiza o quadro de desigualdades por idade. Esses meios inovadores têm diversas qualidades em que outro fator que se destaca é a diminuição gradativa da taxa de analfabetismo, através do estímulo aos usos tecnológicos nas escolas, sem distinção de idade.

REFERÊNCIAS

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base.** – Brasília, DF: Inep, 2015.

DORNELES, Darlan Machado. **A Formação Do Professor Para O Uso Das Tics Em Sala De Aula: Uma Discussão A Partir Do Projeto Piloto Uca No Acre.** Revista texto livre: linguagem e tecnologia. V.5, n. 2, 2012.

GATTI, Bernadete. **A Formação de professores: condições e problemas atuais.** Revista internacional de formação de professores (RIPF). v.1, n.2, 2016.

GATTI, Bernadete. **A Formação de professores: condições e problemas atuais.** Revista brasileira de formação de professores- RBFP. v.1, n.1, maio, 2009.



LOPPES, Maria Cristina Lima Paniago. SALVAGO, Blanca Martin, et al. **Educação a distância no ensino superior: uma possibilidade concreta de inclusão social.** Revista dialogo com educ., v.10, n.29, abril 2010.

OLIVEIRA, Fernanda Neri de et al. **A Utilização Da Tecnologia E Da Internet No Processo De Ensino E Aprendizagem Da Educação Superior: Um Relato De Experiência.** Revista II JORNADA DE DIDÁTICA E I SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAB. Docência na educação superior: caminhos para uma práxis transformadora. Setembro, 2013.

SCHLEMMER, Eliane. **Projetos de aprendizagem baseados em problemas: uma metodologia interacionista/ construtivista para formação de comunidades em ambientes virtuais de aprendizagem.** Revista digital da CVA, v.1, n.2, novembro 2001.

SOUSA, Maria Gerlane de. **O uso da internet como ferramenta pedagógica para os professores do ensino fundamental / Maria Gerlanne de Sousa.** — Tauá, 2013.



OS EFEITOS DE SENTIDO DOS DISCURSOS MACHISTAS NAS MÍDIAS DIGITAIS

Rayane da Silva Pinto¹

Ana Sabrina de Oliveira Leme Domingues (Pio Décimo)²

RESUMO

O entretenimento digital é a ferramenta mais utilizada atualmente em sociedade. Blogs e redes de relacionamento veiculam discursos que expõem e confrontam padrões sociais, modos de vida e hábitos muito utilizados dentro e fora do mundo virtual. O presente artigo tem como objetivo investigar, em especial, o discurso machista exposto em propaganda de vestuário masculino no blog "Propagandas históricas.com.br". Para o desenvolvimento desse estudo, amparamo-nos na teoria e metodologia da Análise do Discurso Francesa, focando-nos em trabalhos de Pêcheux (1997 e 1983) e Orlandi (2005 e 2009). Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstraram a submissão feminina e a cristalização do discurso machista, que constitui amparado em formações discursivas e ideológicas na ferramenta digital.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Ideológica. Machismo. Mídia. Mulher submissa.

RESUMEN

El entretenimiento digital es la herramienta más utilizada actualmente en sociedad. Blogs y redes de relaciones vehiculan discursos que exponen y enfrentan patrones sociales, modos de vida y hábitos muy utilizados dentro y fuera del mundo virtual. El presente artículo tiene como objetivo investigar, en especial, el discurso machista expuesto en propaganda de vestuario masculino en el blog "Propagandas históricas.com.br". Para el desarrollo de este estudio, nos amparamos en la teoría y metodología del análisis del discurso francés, enfocándonos en trabajos de Pêcheux (1997 y 1983) y Orlandi (2005 y 2009). Los resultados obtenidos en esta investigación demostraron la sumisión femenina y la cristalización del discurso machista, que constituye amparado en formaciones discursivas e ideológicas en la herramienta digital.

PALABRAS-CLAVE: Formación Ideológica. Machismo. Medios. Mujer sumisa.

¹ Licencianda em Letras Português e Espanhol pela Faculdade Pio Décimo: Rayane.silvasns@hotmail.com

² Prof. Me. na Faculdade Pio Décimo (FDP). Mestre em letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS): anasabrinaleme@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

A sociedade há muito tempo luta com o discurso de que o homem é mais forte e detentor de maior capacidade que a mulher. Diante disso, surgem diversas postagens nas mídias para se discutir a problemática machista, exemplificando a mulher como um ser dominado e sem capacidade profissional.

No contexto machista, o homem tem controle do seu discurso, ou seja, o sujeito garante uma autoridade de acordo com sua relação de força em determinado local. O sujeito se posiciona de forma em que seu discurso produza sentidos e seja aceito de acordo com a formação ideológica ali intensificada. Em uma sociedade constituída por ideologias machistas e mulheres submissas, o posicionamento de sujeito autoritário irá ganhar poder. Por isso, Orlandi (2009, p. 39) conclui o sentido de relações de força em determinado contexto:

Finalmente, temos a chamada relação de forças. Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. (...) Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do dono. (ORLANDI, 2009 p.39)

De acordo com o discurso adequado no local apropriado é obtido força, ou seja, em uma universidade há um professor e um médico, perante esses dois profissionais a explicação do professor ganhará mais sentido pelo fato de seu posicionamento de professor.

Diante disso, Orlandi (2005, p.11) afirma que “O discurso é definido por este autor como sendo efeito de sentidos entre locutores, um objeto socio-histórico em que o linguístico está pressuposto. Ele critica a evidencia do sentido e o sujeito intencional que estaria na origem do sentido histórico”. Ou seja, o discurso trás diferentes sentidos e não meramente limitado a uma única descoberta. Dessa forma, cada sujeito desvenda um sentido em cada discurso de acordo com sua formação discursiva.

Na Análise do Discurso, o sentido nunca está claro, ou seja, para localizar o sentido daquele discurso é necessário haver investigações do contexto histórico, ideologias passadas e sustentadas no posicionamento do indivíduo.



Por meio do avanço tecnológico, as redes sociais se tornaram ferramentas indispensáveis para a sociedade. Elas são usadas como meios discursivos, interativos e muitas vezes polêmicos. Através dessas novas tecnologias surgem os efeitos machistas por meio de propagandas, imagens e textos que são publicados no intuito de atingir o público feminino e masculino de acordo com bagagens ideológicas. Os discursos machistas, demonstram uma visão superior da imagem masculina perante a mulher em sociedade, envolvendo as relações de força já hierarquizadas em devidos locais.

As redes sociais, são eficazes na abrangência de uma grande diversidade de gêneros discursivos, por isso, são expostos vários tipos de discursos como por exemplo o feminista, machista, religioso, político etc. A partir deles, são lançados diversos enunciados a serem defendidos por sujeitos de acordo com suas formações discursivas. Nessa visão, destacamos a ideia de que um indivíduo que vivencia uma formação discursiva machista, terá um discurso em que a mulher é inferior ao homem perante a sociedade, ou seja, relacionados a dados resgatados de ideologias já cristalizadas em sociedade.

A cada Formação Discursiva há uma ideologia a ser defendida, porque o indivíduo irá ser interpelado por devidos ensinamentos que são buscados de acordo com uma espécie de “árvore genealógica”, ou seja, essas visões de mundo serão perpassadas e o sujeito irá defender a mesma ideia que seus antepassados.

Ao analisarmos as publicações em redes sociais, são localizados diversos ataques proferidos ao público feminino, em que demonstram uma submissão em relação à mulher. Não raro, presenciamos imagens de mulheres em propagandas de eletrodomésticos, ferramentas de cozinha e alimentos, ou seja, que pretende passar para o interlocutor uma imagem de que a mulher é uma espécie incapacitada de progressão no mercado de trabalho, sendo importante apenas nas tarefas de casa. Sendo assim, essa visão machista se forma desde os primeiros anos de idade, em que a menina é ensinada que profissão seguir, qual roupa deve vestir e qual comportamento manter.

O estímulo teórico que sustenta esse trabalho, interliga-se a teoria e metodologia da Análise do Discurso Francesa, focando-nos em Pêcheux (1997) e Orlandi (2005). A análise do machismo localizado no corpus retirado blog “propagandas históricas.com.br, mostrando a mulher em uma



propaganda de gravatas sendo subordinada ao homem, pelo fato de servir suas ordens. Através disso, foi analisada a Formação Discursiva, Interdiscurso e Formação Imaginária.

Para investigarmos melhor o corpus desse artigo destacaremos algumas classes da Análise do Discurso, que são estudados e desenvolvidos o discurso de cada sujeito, perante a sociedade. Através disso, será analisada a seguir: Formação Discursiva, Interdiscurso, Formação Ideológica e Relações de força e sentido.

2 TÓPICOS DE ANÁLISE DO DISCURSO

De acordo com a análise deste artigo destacaremos algumas classes da Análise do Discurso. Ressaltaremos Formação Discursiva, Interdiscurso, Formação Ideológica e Relação de força e sentido.

As Formações Discursivas são formadas por discursos que se é observado em determinado convívio social, ou seja, de acordo com as ideologias de seus familiares. Diante disso, Orlandi (2005) afirma:

As formações discursivas, por sua vez, são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em situação dada em uma conjuntura dada. O dizer está, pois, ligado às suas condições de produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com a sua exterioridade. Segundo Michel Pêcheux, as palavras não têm um sentido ligado à tua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transferência) acontecendo nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório. (ORLANDI, 2005, p. 11)

Por sua vez, o que se entende por Formação Discursiva é o posicionamento discursivo que o indivíduo tem na sociedade, seja ele machista, religioso, político, liberal entre outros. O indivíduo criado em uma formação discursiva machista irá sempre ter um discurso, em que fixa toda autonomia no homem como ser superior em sociedade. Diferentemente do indivíduo liberal, que supostamente pode conviver em uma sociedade liberal e sempre defenderá o discurso liberal.

O interdiscurso é o já-dito. Aquilo que está ancorado em nossa memória discursiva e que torna possível todo e novos dizeres. Neste tópico o sujeito precisa buscar dados anteriores já vivenciados ou vistos para interagirem com o discurso novo, que lhe chega para ser compreendido.



O sujeito para se posicionar com um novo discurso em sociedade precisa buscar dados das ideologias passadas. Segundo Orlandi (2005), inferindo-se a Pêcheux (1983):

Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente. (ORLANDI, 2005, p. 11)

Através do interdiscurso se constitui um novo discurso de acordo com o que já existia, ou seja, é a busca do já-dito ou até mesmo a memória discursiva. O sentido do interdiscurso é formado de acordo com o já existente perante as ideologias passadas.

Formações ideológicas são capazes de identificar os indivíduos diante de suas formações discursivas. Ela é formada por ideologias e defendem uma posição em seus discursos, sejam eles machistas ou de qualquer outra espécie. De acordo com a manifestação de autoritarismo sobre as mulheres são percebidas as ideologias vindas dos antepassados, em que mostra que os homens são compostos de maior capacidade que a mulher. A partir disso, Gadet (1997) afirma diante das teorias de Michel Pechêux (1969):

... cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações⁷ que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras".⁸ Somos levados, assim, a nos colocar a questão da relação entre ideologia e discurso. (GADET, 1997, p. 166)

De acordo com essa afirmação é possível perceber que a formação ideológica surge de acordo com o posicionamento que o indivíduo defende em sociedade. Os indivíduos buscam ideologias dos seus antepassados, ou seja, tudo aquilo que já foi dito e torna possível defender todo discurso novamente. Por isso, através da formação ideológica é viável localizar qual a formação discursiva que o sujeito vem, pelo posicionamento que ele defende em seu cotidiano.

As relações de força são elementos essenciais no discurso do sujeito. De acordo com o que é dito em devido ambiente se mantem com um sentido resistente naqueles indivíduos que recebem



atributos que são categorizados na sociedade. Dessa forma, o sujeito garante força no seu discurso pelo fato de se posicionar em devidos lugares que defendem e confiam no seu posicionamento, ou seja, o médico garante força em seu discurso estando diante dos seus pacientes em seu consultório. De forma semelhante, o discurso do professor obtém forte sentido no ambiente educacional. Segundo Orlandi (2009, p. 40)

Resta acrescentar que todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias. Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição. (ORLANDI, 2009, p. 40)

Diante disso, os interlocutores obtêm projeções de acordo com o discurso que está sendo proferido, em que formam imagens daquele sujeito e depositam força e sentido em seu posicionamento. As imagens que são formadas, garantem a autonomia do emissor frente aos seus discursos.

3 O GÊNERO TEXTUAL E A PROPAGANDA

Os gêneros textuais, são mecanismos interativos na busca de uma comunicação entre emissor e receptor. A propaganda, é um gênero textual utilizado na exposição de determinados objetos no intuito de adquirir um público alvo para o produto exposto. Diante disso, a propaganda serve para anunciar a mercadoria de forma discursiva, tentando induzir o receptor enxergar as melhores qualidades e torna-la reconhecida expondo as máximas qualidades. Segundo (MAGALHÃES, 2008 apud BAKHTIN, 2000)

Bakhtin dá início a seu estudo sobre os gêneros de discurso ressaltando que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua e que, portanto, não é de admirar que tenhamos tanta diversidade nesse uso e uma conseqüente variedade de gêneros que se afiguram incalculáveis. Também observa que toda essa atividade se concretiza “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana” (MAGALHÃES, 2008, p. 03).



Dessa forma, é observado que tudo o que se pratica é por meio da linguagem com diversidades de gêneros textuais, tornando um discurso concretizados perante os receptores e os objetivos a serem aceitos. Por isso, o gênero propaganda é uma eficaz exposição comunicacional em prol da venda do produto.

As mídias digitais, são ferramentas que mais expõem os gêneros discursivos de forma diversificada, no intuito de interligar o público ao produto que está em discussão. As propagandas são publicadas em blogs, redes sociais sites de interatividade etc. Raramente, são presenciadas, fotos de mulheres em propagandas de eletrodomésticos, materiais de limpeza e até mesmo sendo submissa ao homem, em que é observado uma publicidade machista, pelo fato de a mulher ser comparada como um ser inferior perante a sociedade.

4 ANÁLISE

Vejamos o exemplo retirado do Blog¹



Figura 1: A propaganda machista. Fonte: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/01/dez-propagandas-historicas-machistas.html>> Acesso em: 19 de mai. 2019

¹ A propaganda foi retirada do blog “propagandas históricas.com.br”, em que serviu de corpus para a análise do machismo em sociedade, diante da submissão da mulher perante ao homem.



No corpus retirado da internet, é evidente que a mulher é submissa ao homem, pelo fato de estar servindo-o um café da manhã diretamente em sua cama e pelo posicionamento (ela está de joelhos com a bandeja na mão). Nesse ponto é percebido que o dever e a obrigação da mulher é se posicionar com um valor inferior, se mostrando no ato de obediência ao seu superior, que se encontra em um ângulo mais alto e com trajes formais.

Através dessa propaganda é evidente a presença da formação ideológica que destaca uma formação discursiva machista, ou seja, para chegar no atual discurso é necessário buscar as influências e as ideologias passadas, o já-dito em sociedade. Para Orlandi “Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação”. (Orlandi, 2005, p. 10) Desse modo, o discurso se faz pelo indivíduo diante dos seus conceitos e aprendizados adquiridos em suas ideologias e interpelações históricas.

O machismo não é considerado um termo novo a ser utilizado, ou seja, ele sempre existiu desde os primórdios. A figura da mulher perante a sociedade sempre foi notada de uma forma incapacitada para ocupar cargos políticos, empregos formais em empresas de maior teor econômico entre outros. Diante disso, as funções atribuídas restringem-se apenas na mulher cumprindo o papel de doméstica, deixando o homem ocupar cargos de maior valorização social. Acerca disso, Orlandi (2005) afirma:

Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente. (Orlandi, 2005, p. 11)

O homem dispõe dessa ideologia machista de acordo com sua formação ideológica. Acerca disso, o discurso pode ser regido por princípios machistas ou feministas, ou seja, o sujeito defende seu posicionamento a partir de sua memória discursiva e dos dados que já foram ditos um dia.

Acerca da relação de força, o sujeito exprime para o interlocutor uma confiabilidade diante do seu discurso, ou seja, perante seu posicionamento é garantido um sentido do que está sendo expressado. De acordo com os discursos machistas produzidos e expostos na internet, é atingido



uma força mediante os sujeitos que convivem na mesma formação discursiva que o emissor da propaganda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, através dessa análise sobre o machismo em sociedade, fora observado que os blogs e sites de entretenimento na internet são fortes mecanismos para disseminar o machismo em sociedade. Através dos gêneros textuais, como por exemplo a propaganda são expostas diversas publicações, em que são usadas a imagem da mulher impostas como objeto incapacitado e submisso aos mandamentos masculinos.

Esses gêneros são direcionados para o público feminino, na busca por posicionamentos críticos mediante cada formação discursiva. A Formação Discursiva, é o posicionamento que o sujeito alastra em sociedade, em que são vistas diferentes ideologias em confrontos, perante suas formações ideológicas.

De acordo com a análise do corpus desse trabalho, é identificada a submissão da mulher, sendo posta em uma propaganda de gravata masculina em posição inferior ao homem. Nesta imagem, a mulher se põe ajoelhada aos pés da cama e a figura masculina com face estendida, obtendo-se uma análise de superioridade.

As publicações machistas continuam em sociedade pelo fato de os sujeitos buscarem dados passados nas ideologias, para assim formarem seus próprios discursos. Essa busca do que já foi dito é identificado por interdiscurso, que é perpassado semelhantemente a uma árvore genealógica, em que nessa busca de dados é formado um novo discurso machista de acordo com a Formação Discursiva e Ideológica.

REFERÊNCIAS

GADET, Françoise *et al.* **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux 1969**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

JR, Dalmir Reis. Propagandas históricas.com.br. Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/01/dez-propagandas-historicas-machistas.html>
Acesso em: 19 de mai. 2019.

228

MAGALHÃES, Fernanda Pizarro de. **As condições de produção dos gêneros textuais na esfera de atividade empresarial.** Anais do CELSUL, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos.** 8. Ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Estudos da linguagem: Michel Pêcheux e a Análise do Discurso.** n. 01, Vitória da Conquista. Junho, 2005.



A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA LEITORA PARA UM BOM DESEMPENHO NO ENEM: respectivamente nas provas de Espanhol e Redação

Nayara Evellyn Santos Fontes
Rosa Gabriely Monteiro Fontes

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar a influência da Leitura no desenvolvimento positivo do discente no Exame Nacional do Ensino Médio, tendo em vista uma relação e contribuição entre as disciplinas de Espanhol e Redação, abordando uma maneira de como executar em sala de aula essa prática leitora, contribuindo com o porquê e o para quê a leitura possibilite um maior desempenho no ENEM. No decorrer deste trabalho, inferem-se pressupostos teóricos que apresentam os benefícios advindos ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos a partir da inserção da prática leitora no contexto escolar. As pesquisas selecionadas para compor este trabalho, baseiam-se, especificamente, em documentos de base e norteadores da educação brasileira e nos estudos de BARTHES (1987), FAZENDA (2002) e KLEIMAN (2015), que expõem o letramento literário, bem como, a leitura na função de ação interdisciplinar. Ademais, observa-se os relatos de alguns discentes, de turmas do ensino médio, avaliando como a prática leitora é importante contribuinte para a promoção de resultados eficazes na prova do ENEM.

PALAVRAS-CHAVE: ENEM. Letramento. Prática Leitora.

RESUMEN

El presente trabajo tiene el objetivo de abordar la influencia de la Lectura en el desarrollo positivo del alumno en *Exame Nacional do Ensino Médio*, a partir de una relación y contribución entre/en las asignaturas de español y redacción, abordando una manera de cómo ejecutar en el aula esa práctica lectora, contribuyendo con el porqué e para qué la lectura permita un mayor rendimiento en ENEM. A lo largo del trabajo, se deducen presupuestos teóricos que presentan las ventajas derivadas al desarrollo y aprendizaje de los alumnos a partir de inserción de la práctica lectora en el contexto escolar. Las investigaciones utilizadas para componer este trabajo son basadas, específicamente, en documentos orientadores de la educación brasileña y en los estudios de BARTHES (1987), FAZENDA (2002) e KLEIMAN (2015), que exponen el letramento literario y la lectora en el papel de acción interdisciplinar. Además, se observan los relatos de algunos alumnos de la enseñanza media, evaluando la importancia de la práctica lectora y la contribución para la promoción de resultados eficaces en la evaluación del ENEM.

PALABRAS-CLAVE: ENEM. Letramento. Prática Lectora.



1. A INTERDISCIPLINARIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRÁTICA LEITORA

O presente texto é um embrião da pesquisa que se inicia no Grêmio Escolar Pequeno Príncipe, em Lagarto, no qual pretende-se realizar um estudo sobre a relação das disciplinas Espanhol e Redação como uma ponte para o hábito de leitura e a possibilidade de um bom desenvolvimento no Exame Nacional do Ensino Médio. O tema escolhido para o projeto foi analisado e planejado a partir da importância da leitura, em como os alunos estão se posicionando em sala de aula e como eles posicionam a leitura na sua vida. A partir disso, alguns teóricos importantes, falam sobre a leitura e a interdisciplinaridade, em como a mesma pode abranger todas as disciplinas.

Barthes (1987) já dizia que o fazer interdisciplinar se constitui na criação de um objeto novo que não pertence a ninguém e não apenas em torno de um ou mais assuntos. Este “novo objeto” que não pertence a ninguém, de acordo com este linguista é o “texto”, que apreende na sua constituição outras realidades históricas e, conseqüentemente, é interdisciplinar. Daí a importância da leitura de textos para a realização de práticas interdisciplinares.

É deste modo que a interdisciplinaridade traz ao âmbito das discussões educacionais uma nova forma de pensar nossas práticas pedagógicas, tendo em vista que abre-se uma nova perspectiva metodológica capaz de favorecer “[...] novas formas de aproximação da realidade social e novas leituras das dimensões socioculturais das comunidades humanas” (FAZENDA 2002, p. 14). Isto é, o olhar interdisciplinar exige que o professor busque possibilidades de múltiplas leituras na realização de suas práticas, para assim, construir uma ação pedagógica calcada em movimentos constantes de idas e vindas, permeando as diversas áreas do conhecimento.

O ensino da leitura em muitos momentos reflete esta pedagogia reducionista, pois trabalha o texto, a fim de alcançar um pretexto, respondendo questões sobre a leitura prevista pelo professor ou do autor do livro. Já a leitura realizada numa perspectiva interdisciplinar, pode tornar-se um ‘recurso’ importantíssimo para que as práticas de leitura sejam realizadas de forma mais integradora, considerada não apenas em seu aspecto unidirecional, racionalizada, mas dialogada



com outras áreas. Esta atitude sempre resulta numa experiência inovadora a cada prática, pois leitor/texto/professor, busca a cada nova experiência de leitura construir, através dos fios discursivos, a ponte necessária para compreender o mundo em sua totalidade, via funcionamento da linguagem.

Quando o leitor entra em contato com o texto ele articula, através da relação com outros assuntos já conhecidos, diversos saberes. Ler, nesta perspectiva, significa dialogar com os conhecimentos, inter-relacioná-los, discuti-los, ressignificá-los. Os projetos interdisciplinares contribuem para alcançar esse objetivo. Kleiman e Morais (1999), ao defenderem a importância da leitura como centro da realização de projetos, reiteram que “colocar a leitura como objetivo central nos projetos é uma questão ética, cuja abordagem necessariamente deverá levar em conta a multiplicidade cultural na preparação para a cidadania” (p. 55). A leitura, sob este foco, contribui para uma aprendizagem mais significativa, participativa e dialógica.

Para tal, é importante que haja o planejamento que além de oferecer uma maior sistematização e organização do trabalho, propicia um direcionamento quanto aos objetivos a serem alcançados, os conteúdos a serem trabalhados e as atividades a serem sugeridas. Deste modo, nossas práticas de linguagem devem viabilizar uma aprendizagem que articule o processo de formação política, intelectual e cultural de nossos alunos, e não uma formação específica, monolítica, pois o conhecimento não é fragmentado em si mesmo. Somos educadores e temos a responsabilidade de promover a construção do aprender em sua totalidade, ou seja, a formação de cidadãos conscientes de sua atuação e participação na vida social.

2. A PRÁTICA DA LEITURA NAS AULAS DE REDAÇÃO ATRAVÉS DO PROJETO “CLUBE DE LEITURA”

O projeto de leitura na escola foi desenvolvido a partir da problemática encontrada no ensino médio, pois é a etapa em que o discente está ansioso para fazer o ENEM (exame nacional do ensino médio), então, como uma forma de trazê-los para o mundo literário, foi exposto em sala de aula a importância da leitura para conseguir obter uma boa nota no texto dissertativo-argumentativo, pois com essa prática é possível escrever bem e obter o conhecimento de mundo que é cobrado em uma das competências exigidas pelo ENEM. Com essa exposição, o aluno



interessado em adquirir um bom resultado começou a refletir sobre o projeto proposto e a surgir o interesse, trazendo assim bons resultados nas aulas de Redação. Portanto, o objetivo geral desse trabalho é contribuir e compreender a maneira que o professor deve trabalhar para incentivar os alunos na prática de leitura e o objetivo específico é mostrar para eles a importância que a leitura tem na vida de todos, tanto profissional, quanto pessoal.

Sabe-se que a valorização da leitura está cada vez mais cheia de empecilhos, o que leva um certo tipo de desvalorização a mesma; ao mencionar o verbo “ler” muitos alunos correlacionam a preguiça, a falta de interesse e por estes motivos a leitura em sala de aula muitas vezes vai ficando para trás. Diante dessa afirmação, esse projeto foi iniciado como forma de trazer um gosto maior pela leitura na vida do aluno e solucionar esses problemas enfrentados na sala de aula, sendo assim a mudança da educação escolar, formando leitores críticos e reflexivos a fim de ver o mundo de forma melhor. Esse trabalho foi fruto de reflexões nas aulas de metodologias e Literatura em que foi constatado a grande devastação entre os alunos contemporâneos e a leitura, por este motivo resolveu colocá-lo em prática nas aulas de Redação.

O Clube de Leitura funciona uma vez por semana em cada turma, primordialmente os alunos começaram a ler o livro “O pequeno príncipe” e logo em seguida eles fichavam cada capítulo com citações e parecer crítico de acordo com a obra e o seu conhecimento de mundo, desta forma, além da leitura, estaria sendo cobrado também a escrita, reflexão acerca dos acontecimentos atuais e um parecer pessoal acerca da vida de cada aluno.

Esse projeto possibilita ao professor uma melhor relação com os seus alunos, pois ao saber que os seus textos serão lidos apenas pelo docente, o discente se sente à vontade, pois antes foi adquirida uma confiança para expor seus sentimentos, angústias, visualização de mundo e suas opiniões através do parecer crítico. Inicialmente ao trabalhar a obra no clube de leitura, o professor indiretamente pode trabalhar sobre as competências cobradas pelo ENEM, assim futuramente o estudante vai saber construir um texto utilizando esses mecanismos de correção usados no Exame Nacional do Ensino Médio.

A competência um requer uma boa habilidade na língua escrita, ou seja, o domínio da norma padrão, então o professor pode corrigir o fichamento feito no clube de leitura focando nesse quesito, nos possíveis “erros gramaticais”, a questão da estética do texto; já na competência dois



é possível cobrar que o aluno envolva outros conhecimentos de mundo, outras áreas específicas, mais uma vez o projeto aborda a interdisciplinaridade, pois o discente vai trazer para o seu texto outra disciplina, seja ela escolar ou visão de mundo, nesse caso é pedido que associe as suas reflexões com séries, filmes, acontecimentos reais ou passados, para assim futuramente ele possa dominar a questão de contextualização na Redação, podendo assim fazer jus a competência três, pois trata-se da mesma linha de raciocínio em defesa do ponto de vista de cada um. Dessa forma, diante de todas as reflexões cobradas no projeto, em um segundo momento, será aplicada a competência cinco, pois se há problemas encontrados, tem que haver soluções, então cada aluno tem que trazer medidas de intervenções para resolver essa problemática.

Fica notório que através desse projeto o professor pode encadear diversas áreas de conhecimento, seja ela pessoal, disciplinar ou para resultados satisfatórios no futuro, que é o caso da boa nota no texto dissertativo-argumentativo cobrado pelo ENEM, pois é de extrema importância o hábito de leitura na vida do estudante que quer ter um futuro acadêmico brilhante, sabe-se que o ENEM cobra essa prática, então para não haver possíveis frustrações, o professor atual do ensino médio pode preparar o aluno para obter sucesso através da aplicação do Clube de Leitura em sala, tornando-o assim um ato prazeroso e não obrigatório.

Os resultados encontrados foram satisfatórios, uma vez que o projeto continua em andamento, mas para os iniciantes, já é perceptível uma mudança de postura frente as leituras; os alunos cobram ao professor a prática do projeto, os mesmos mostram interesses e curiosidades para a próxima obra que será lida, além das correções dos textos com o intuito de melhorar cada vez mais, tiveram um grande avanço na escrita e também na forma de argumentar os seus pontos de vista, já há um maior desenvolvimento no texto, pois nos primeiros encontros eles escreviam pouco, escolhiam apenas uma ou duas citações para cada capítulo e com o passar dos encontros foram notados cenários diferentes, já escrevem muito, relacionam as reflexões da obra com o contexto que os envolvem, tornando-os leitores críticos e reflexivos que sabem escutar diversas vozes em uma única obra, adquirindo assim o conhecimento de mundo.

De acordo com o que foi visto, fica notório a suma importância da prática de leitura em sala de aula como forma de motivação para aluno, neste projeto foi motivado através da relação com o exame nacional de ensino médio e através das vivências pessoais de cada discente, por este



motivo é válido que todos os objetivos foram alcançados, uma vez que através da leitura foi desenvolvida também a prática da escrita com os fichamentos e o conhecimento de mundo pessoal de cada aluno, tido como exemplo a exposição do aluno que sofria bullying na escola e que somente foi percebido através do projeto, então o clube de leitura serviu de desabafo para ele e de uma ponte para relação aluno-professor onde o mesmo descobriu formas de solucionar o problema daquele aluno e socializa-lo com a turma.

3. A PRÁTICA LEITORA NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA: Uma abordagem a partir de gêneros textuais.

A prova de língua estrangeira do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) destaca, a cada ano, o desenvolvimento da competência leitora e requer dos candidatos um maior nível de conhecimento leitor, cultural e social, visando o desempenho nas habilidades de leitura e a capacidade interpretativa de cada enunciado e alternativa.

Diante deste contexto, a prática leitora nas aulas de língua espanhola, em turmas do ensino médio do GEPP (Grêmio Escolar Pequeno Príncipe), foi aprimorada a partir da perceptível desmotivação dos alunos relacionada a aprendizagem de língua estrangeira, especificamente, o espanhol. Logo, para propor maior estímulo às turmas e obter futuros resultados, optou-se por uma nova abordagem, pela inovação de práticas didáticas e adaptação de materiais para as aulas de espanhol que proporcionassem um incentivo aos discentes e os inserissem como protagonista, capazes de refletir e opinar.

Assim, no decorrer de cada unidade didática trabalha-se uma temática do âmbito atual e social, bem como a cultura e conhecimento de países hispanohablantes. A aplicação de cada conteúdo é baseada a partir do conhecimento de distintos gêneros textuais (histórias em quadrinho, campanhas publicitárias, notícia, música, poemas, etc.), utilizados como forma de analisar a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com o intuito de aguçar a criticidade do discente e despertar o incentivo pela leitura, motivando-os na melhor compreensão do vocabulário de cada texto, sem a utilização de outros recursos (tradutores, dicionários), mas, apenas, a interpretação textual a partir das “entrelinhas” e dos campos de palavras que se enquadrem no conteúdo abordado.



As atividades realizadas na unidade didática servem de base para a produção final que consiste na elaboração do gênero textual e na respectiva temática estudada na unidade, porém com o ponto de vista e perspectiva de cada aluno. A confecção de cada produção possibilita aos alunos a exploração de vários de gêneros, além de engajá-los na relação entre o conteúdo abordado e nas suas vivências individuais.

A OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio), um dos documentos norteadores e de base da educação brasileira, relata que:

o desenvolvimento da compreensão leitora, com o propósito de levar à reflexão efetiva sobre o texto lido: mais além da decodificação do signo lingüístico, o propósito é atingir a compreensão profunda e interagir com o texto, com o autor e com o contexto, lembrando que o sentido de um texto nunca está dado, mas é preciso construí-lo a partir das experiências pessoais, do conhecimento prévio e das inter-relações que o leitor estabelece com ele. (BRASIL – OCEM, 2006, p. 151e 152).

Desse modo, a maneira de inserção dos alunos como leitor e produtor do texto permite que o mesmos estejam familiarizados com textos em língua estrangeira e compreendam melhor o vocabulário, ademais de colaborar no desempenho do leitor na língua materna e nas demais áreas abordadas no ENEM.

Essa prática leitora é enfatizada nos postulados dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) que norteiam as atividades a serem realizadas em sala de aula.

a aprendizagem de leitura em L.E. pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em LE pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua L.M. Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido ao giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim o foco na leitura pode ser justificado em termos da função social das LEs no país e também em termos dos objetivos realizáveis tendo em vista condições existentes. (PCN, 1998, p. 20).

De acordo com os PCN'S, a leitura na língua estrangeira não reflete, apenas, na abordagem das habilidades comunicativas (ler, ouvir, falar e escrever) propostas nos conteúdos programáticos e não somente nas competências e habilidades exigidos pela matriz de referência do ENEM para a prova de língua estrangeira:



Competência de área 2 - Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.

H5 – Associar vocábulos e expressões de um texto em LEM ao seu tema.

H6 - Utilizar os conhecimentos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas.

H7 – Relacionar um texto em LEM, as estruturas linguísticas, sua função e seu uso social.

H8 - Reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística.

No entanto, a constante prática leitora em turmas do Ensino Médio envolve os alunos, também, para a aprendizagem dos gêneros textuais como prática social voltada a realidade de cada um, indo além de aulas “mecânicas” e aproximando os alunos, através da língua, na cultura e sociedade estrangeira, para que assim, o estímulo e motivação das turmas sejam perceptíveis nas aulas de língua espanhola e que possam favorecer para um resultado positivo na avaliação do ENEM.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. **Matriz de Referência ENEM**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf> Acesso 14/05/2018.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, Secretaria da Educação Básica, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998

FAZENDA, I.C.A. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, Â. B; MORAIS, S. A. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 1999.



FÓRUM DAS LICENCIATURAS

VIII Semana de Letras Português e Espanhol

04 a 06 de Junho de 2019 ISSN: 2359-1250

237

RESUMOS



AUGUSTO DE CARVALHO RODRIGUES DOS ANJOS, O SEM RÓTULOS

Luana Vieira da Silva Lima
Fabiana Mendes dos Santos
Maria Elaine Santos Costa
Oswaldo Barreto de Souza

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884 - 1914) foi um poeta brasileiro, considerado um dos mais críticos de sua época. Identificado como Pré-modernista, produção literária referente ao período cultural que vai desde as primeiras décadas do século XX à Semana de Arte Moderna, período bastante conturbado devido os acontecimentos político-sociais dentro do país cenário de Revoltas e Greves. Nasceu no engenho “Pau d’Arco” na Paraíba, no dia 22 de abril de 1884, filho de Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Augusto dos Anjos estudou na faculdade de Direito do Recife entre 1903 e 1907. Depois de formado, retornou para João Pessoa capital da Paraíba, onde passou a lecionar literatura brasileira em aulas particulares. Em 1908 foi nomeado para o cargo de professor do Liceu Paraibano, mas por um desentendimento com o governador, foi afastado. Em suas poesias aparecem a podridão da carne, os cadáveres fétidos, os vermes e os corpos em decomposição. Apresenta tanto a tendência conservadora quanto tendências renovadoras como o gosto pelo soneto (Parnasianismo), a fascinação pela morte, angústia cósmica, divagação metafísica, angústia existencial; (Simbolismo), linguagem científica (Realismo) e a inovação de temas e linguagem (Pré-modernismo) pela qual foi ignorado pela crítica que julgou seu vocabulário mórbido. Aborda ainda, temas como a morte, a tuberculose (doença que o matou) e as relações humanas, sua obra poética está resumida em um único livro “EU” que contém linguagem científica, pessimista e de técnica impecável e pela fusão das tendências conservadoras e renovadoras, recebe o título de “poeta sem rótulos”.

Palavras-chave: Características. Origem. Obra.



DO NACIONALISMO EXACERBADO ÀS MAZELAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS LINHAS DO REGIONALISMO

Joyce Goés Souza (PIC / NELL / FPD)¹
Joyce Rocha dos Santos (PIC / NELL / FPD)²
Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD)³

RESUMO

Esta pesquisa intenta compreender a percepção de regionalismo, que se firma no campo social e é construída, inclusive, historicamente. Desse modo, duas tendências significativas e dessemelhantes têm sido fundamentais à vida literária do país em momentos decisivos: o Romantismo e o Modernismo. Destacaremos, *a priori*, o Romantismo com a idealização da natureza e do homem e, *a posteriori*, o Modernismo com uma visão mais verossímil, crítica, de maior maturidade intelectual e engajamento para a análise do Regionalismo. Diante dessas perspectivas, o objetivo deste trabalho é evidenciar as transformações do regionalismo e refletir sobre as disparidades existentes nesses dois períodos literários. Evidenciaremos que, apesar dos contextos serem distintos, os dois demonstram interesse pela temática do Nordeste, ora como símbolo de força e resistência ora como epicentro da miséria e da exploração de seres humanos. Para a efetivação dessa proposta, dialogaremos com referenciais de aprofundamento das questões inerentes aos costumes, à cultura e à literatura nos fundamentando com Bosi (1994), Candido (2000) e Galvão (2000).

Palavras-chave: Disparidades. Modernismo. Regionalismo. Romantismo.

¹ Graduandas do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), alunas pesquisadoras do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestre Tatiana Silva.

E-mail para contato: joyce_pme@hotmail.com e Joyce.rochalettras@gmail.com

² Graduandas do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), alunas pesquisadoras do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras (NELL), Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino, orientado pela professora Mestre Tatiana Silva.

E-mail para contato: joyce_pme@hotmail.com e Joyce.rochalettras@gmail.com

³ Especialista em Letras, Linguística e Literatura; Mestre em Literatura e Cultura. Além de cátedra em Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD), tem como linhas de pesquisa a prosa machadiana e a poética intertextual entre o medievo e o sertão em Elomar Figueira de Mello pelas trilhas da memória e das metáforas da saudade. Outrossim, faz parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL) como orientadora da Linha de Pesquisa: Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino.

E-mail da pesquisadora/orientadora: tatiana.cintia@piodecimo.edu.br



A LÍNGUA ESPANHOLA NO ENSINO COMERCIAL (1905-1961)

Lillian Moreira Cabral
Anselmo Guimarães

Esta pesquisa intenta compreender e analisar a língua espanhola nos currículos do no ensino comercial por meio de documentos oficiais, relatórios educacionais, entre outros documentos e a produção de livros didáticos, de 1905 a 1961. Tendo como objetivo investigar a institucionalização do Espanhol no Brasil com um olhar histórico. Nesta pesquisa, buscaremos seguir os pressupostos lançados por Chervel, Oliveira e Guimarães. A metodologia utilizada será a investigação bibliográfica e documental para execução deste projeto de pesquisa. Será realizada a identificação, leitura e análise da área bibliográfica da história da educação e da linguística aplicada, tendo em conta os levantamentos dos anos de 1920 a 1961. Este estudo será de suma importância no que concerne a formação acadêmica para o exercício da reflexão crítica. Ao final do projeto divulgaremos nossa produção de artigos e de propostas pedagógicas a serem socializadas em revistas especializadas e eventos como oficinas, feiras de livros, biblioteca comunitária.

Palavras-chave: Ensino comercial. Língua espanhola. Livros didáticos.



HISTÓRIA DO ENSINO DE ESPANHOL A DISTÂNCIA NO BRASIL:

Letícia Silva Santos¹

Resumo

A presente pesquisa analisará a história do ensino de espanhol a distância no Brasil, através do rádio, por meio de documentos oficiais, relatórios educacionais, entre outros documentos e a produção de livros didáticos, de 1905 a 1961. Nesta pesquisa, buscaremos seguir os pressupostos lançados por Chervel (1990), como também orientações nos trabalhos de Oliveira (2010) que trata da institucionalização das línguas vivas no Brasil e seu processo de configuração como disciplinas escolares e Guimarães (2014) que trata da institucionalização do ensino de espanhol no Brasil. A metodologia utilizada neste projeto será a investigação bibliográfica e documental. Nesse sentido esta pesquisa será de suma importância no que concerne a formação acadêmica para o exercício da reflexão crítica.

Palavras-chave: EAD. Língua Espanhola. História.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo (FPD), aluna Pesquisadora do Projeto de Iniciação Científica (PIC), Linha de Pesquisa: História do Ensino da Língua Espanhola no Brasil, orientada pelo professor Doutor Anselmo Guimarães.



HISTÓRIA DO ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA NO BRASIL: ANÁLISE DA LÍNGUA ESPANHOLA NA EDUCAÇÃO MILITAR

Anselmo Guimarães

Camila Ferreira

O objetivo desta pesquisa é analisar a história do ensino e da língua espanhola na educação Militar, como referencial teórico pressupostos lançados por Chervel, como também orientações nos trabalhos de Oliveira que trata da institucionalização das línguas vivas no Brasil e seu processo de configuração como disciplinas escolares e Guimarães que trata da institucionalização do ensino de espanhol no Brasil, no tocante ao uso da legislação como fonte de pesquisa histórica para esboçar as finalidades políticas, pedagógicas e culturais que estão envolvidas na instituição de ensino do espanhol neste país. A metodologia utilizada será a investigação documental e bibliográfica, ou seja, para execução deste projeto de pesquisa por meio de documentos oficiais, relatórios educacionais, entre outros documentos e a produção de livros didáticos. Nesse sentido esta pesquisa será de suma importância no que concerne a formação acadêmica para o exercício da reflexão crítica. Para a execução deste trabalho de pesquisa, no final do projeto serão representados como artigo ou representações.

Palavras-chaves: Análise. Escola militar. Língua espanhola.



HISTÓRIA DO ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA NO BRASIL: Ensino das literaturas espanhola e hispano-americanas nos livros didáticos brasileiros

Anselmo Guimarães

Juliana Azevedo Santos

A pesquisa analisará o ensino das literaturas espanhola e hispano-americanas, objetivando investigar o ensino das literaturas espanhola e hispano-americanas nos livros didáticos brasileiros, fazer uma retrospectiva histórica, identificando as diferentes etapas da implantação do ensino das literaturas. Nesta pesquisa, buscaremos seguir os pressupostos lançados por Chervel (1990), como também orientações nos trabalhos de Oliveira (2010) que trata da institucionalização das línguas vivas no Brasil e seu processo de configuração como disciplinas escolares e Guimarães (2014) que trata da institucionalização do ensino de espanhol no Brasil. A metodologia utilizada será a investigação bibliográfica e documental para execução deste projeto de pesquisa. Ao final do projeto divulgaremos nossa produção de artigos e de propostas pedagógicas a serem socializadas em revistas especializadas e eventos como oficinas, feiras de livros, biblioteca comunitária.

Palavras-Chave: Brasil. Ensino. Literaturas espanhola e hispano-americanas.



**OS ECOS REGIONALISTAS NA LITERATURA BRASILEIRA EM UM ESTUDO
PANORÂMICO-COMPARATIVO**

Ádny Silva Santos (PIC / NELL / FPD)
Pedro Vinicius Lopes Rezende (PIC / NELL / FPD)
Yuri de Abreu dos Santos (PIC / NELL / FPD)
Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD)

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta discorrer sobre o desenvolvimento da literatura regionalista brasileira. Será feito um panorama comparativo e cronológico, ou seja, essa ramificação literária será estudada pelo viés crítico entre as representações que serão observadas do período do Quinhentismo, passando pela Primeira Geração Romântica, pelas linhas do Pré-modernismo, até chegar aos influxos do Modernismo, este sendo o momento literário mais profícuo de apropriação da vertente em estudo. A análise em torno dos conceitos dessa corrente literária em cada período servirá para melhor compreender as noções do regionalismo, os contextos históricos, a estrutura e a linguagem das obras que se tornaram multifacetadas pelos séculos e se modificaram a partir dessa temática. Para tal, dialogaremos com alguns teóricos importantes para essa linha de pesquisa, como Bosi (2017), Cândido (2000) e Coutinho (2008).

Palavras-chave: Análise. Conceitos. Desenvolvimento. Panorama comparativo e cronológico. Regionalismo.



**A DIVERSIDADE SOCIAL NO CONTO “PAI CONTRA MÃE” COMO PRÁTICA
DOCENTE NO ENSINO DE LITERATURA**

Andreza Santana da Fonseca (FPD)
Bruno Santos de Andrade (FPD)
Daniela Rabelo Santos (FPD)
Greice Quelle Viturino Santana (FPD)
Letícia dos Santos Andrade (FPD)
Prof.^a Me. Tatiana Cíntia da Silva (PIC / NELL / FPD)

RESUMO

Educação e sociedade são palavras indissolúveis quando pensamos em estabelecer métodos de ensino que, além de estar de acordo com os moldes da BNCC, possam estabelecer conexão com temas sociais. É pensando nesse tema, que o presente trabalho tem como objetivo usar o conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis na qualidade de instrumento de ensino e fio condutor para estabelecer um diálogo entre a Literatura e os temas sociais abordados no conto. Pretende-se, portanto, compreender de que modo um caçador de escravos fugitivos travava uma luta psicológica com uma escrava fujona para decidirem ali o futuro de seus respectivos filhos. Partindo do referido texto e tendo como finalidade a reflexão de temas sociais em sala de aula, esta proposta visa discutir questões inerentes com criticidade junto aos alunos, e conseqüentemente, melhorar a visão de mundo e para isso, faz-se necessário que a prática docente seja bem elaborada para que o professor seja o elo entre o texto e o conhecimento do alunado, dessa maneira, possa promover de forma balanceada um debate que envolva as temáticas de crítica social, conhecimentos histórico da cultura afro-brasileira, egoísmo, conceito de família, pluralidade étnica-social, além do contexto histórico, para isso usaremos como fundamentação teórica: Bosi (1970); Cosson (2006); Schwarz (1938).

Palavras-chave: Educação. Sociedade. Ensino.



**A SECA: ANTAGONISTA DE "O QUINZE" E SUA INFLUÊNCIA NO
DESENCADEAMENTO DO ENREDO**

José Laércio Costa Santos Júnior (PIC / NELL / FPD)

Alexsson Keven Mota Silva (PIC / NELL / FPD)

Franklin Lima (FPD)

Resumo

Este artigo vem com o propósito de analisar a seca na obra “O Quinze” de Rachel de Queiroz, tendo-a como antagonista, assim, sendo o eixo principal para o desencadeamento do enredo e na construção de características que são empregadas na prosa da escritora. Deste modo, analisar-se-á a consequência do êxodo a partir da oposição do ambiente e como isto tem influência por parte das decisões e fatos vivenciados pelos personagens: Mãe Nácia, Josias, Pedro, Chico Bento e sua família.

Palavras-chave: O Quinze. Desencadeamento do Enredo. A Seca Antagonista. Interferência nos personagens.



ANÁLISE DO EMPODERAMENTO FEMININO NO CONTO: A MOÇA TECELÃ

Lara Mirelly de Oliveira Alves
Luciano Neves dos Santos

247

RESUMO

O presente trabalho tem como meta fazer uma análise do empoderamento feminino na obra “A moça tecelã” de Marina Colasanti. O conto que narra a história de uma moça artesã, a arte da costura era passada de geração em geração, as moças aprendiam a tecer com o intuito de mostrar seus dotes domésticos como uma preparação para o matrimônio. No conto a moça tecelã constrói a própria história ao tecer seus desenhos ganham vida, é possível identificar a autonomia da moça, no decorrer do conto, ela é quem tece o seu próprio tempo, a partir daí, trouxe o tempo em que sentiu-se sozinha e resolveu tecer um marido, porém, quando percebeu sua tristeza e sua vida opressa, durante a noite, desfez o marido. Mediante o decorrer do enredo a protagonista ganha força por se mostrar independente e resistente em suas escolhas e ações, tendo a figura patriarcal como antagonista, mostrando uma imagem próxima ao real das relações conjugais. O empoderamento feminino na obra, é encontrado com a atitude da mulher, primeiro em ser independente, em ser a construtora do próprio caminho, segundo por não aceitar a vida cativa que estava levando, dando um basta na relação infeliz que estava tendo. Como aporte teórico utilizaremos, Zahidé Lupinacci Muzart, Dayana da Silva Rhoden, Isabel Dumoulin Largaia e Aristóteles.

Palavras-chave: Feminismo, empoderamento, literatura.



O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: QUAL O PERCURSO ADOTADO PELA POLÍTICA LINGUÍSTICA?

Prof^a Dr^a Valéria Jane Siqueira Loureiro

Resumo: Estudos sobre política e planificação linguística e o papel das línguas estrangeiras na formação discente e na educação apontam que o espanhol por ter tido a sua oferta obrigatória como opção de língua estrangeira, após a promulgação da Lei 11.161/2005, contribuiu para ampliar a diversidade linguística frente a uma política monolíngue que predomina no sistema educacional brasileiro (cf. HAMEL, 2003; OLIVEIRA, 2007; STURZA, 2006; JANTUTA, 2010). É, ainda, a língua escolhida pela grande maioria dos alunos da educação básica quando da realização do Enem, exame de acesso à educação superior, o que se contrapõe à demanda pelo inglês no ensino superior, que é requerida como a língua de *status* político, econômico e social (RICENTO, 2006; SHOHAMY, 2006), além de ser a língua da internacionalização científica e acadêmica em programas como o “Ciência sem Fronteiras”, e priorizada pelos estudantes nas seleções de pós-graduação, como apontam resultados do EPLE/UFS. No entanto, este cenário revelava uma política desarticulada do ensino de línguas estrangeiras com reflexos na (não) internacionalização do ensino superior. Para subsidiar a nossa reflexão proposta no tocante aos impactos que advinham da desarticulação entre os sistemas de ensino e as políticas de ensino de línguas estrangeiras, este estudo visa analisar as políticas linguísticas de ensino de línguas estrangeiras de base legal e pedagógica para a educação básica, considerando que o ensino das línguas estrangeiras pode ser visto como uma política linguística no processo de formação para a vida acadêmica, entre eles, a política linguística de avaliação, o ENEM.

Palavras-chave: Espanhol; língua estrangeira; política linguística; educação básica; *status* linguístico.



TECNOLOGIAS E MULTILETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Prof^ª Msc. Lara Emanuella da Silva Oliveira

249

As Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) proporcionaram para o ensino-aprendizagem de línguas, inclusive no contexto acadêmico, um fator de potencialização, visto que o ambiente digital intensifica múltiplas linguagens e exige um leitor profícuo, capaz de interpretar diversas semioses, ou seja um leitor com multiletramentos. Além disso, de acordo com Zacchi e Wielewicki (2015), essas ferramentas digitais são uma oportunidade para aprender diferentes conteúdos de forma mais lúdica o que poderia despertar a motivação e o interesse dos alunos. Este trabalho se propõe a analisar, desta maneira, como o espaço multimodal favorece o aprendizado de ELE e também torna esse aprendizado mais atrativo. Usaremos como base as reflexões de Richard e Rogers (2001) sobre o ensino de línguas estrangeiras e as abordagens de Rojo e Moura (2005) sobre multiletramentos.

Palavras-chave: Multiletramentos; ensino; língua espanhola.



A SEMIÓTICA NAS AULAS DE ESPANHOL NA GRADUAÇÃO

Prof^a Débora Simões Araujo

Este trabalho tem como objetivo o uso das teorias semióticas nas aulas de Língua Espanhola para alunos de licenciatura do curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Os alunos assistiram a um vídeo de um comercial de Coca-Cola, em que se introduzia na aula o tema identidade, após ver o vídeo fizeram uma análise dos elementos semióticos a partir das perguntas da professora, que as formulava de acordo com as teorias semióticas, ainda que os estudantes não conhecessem de forma profunda essas teorias. Finalizada esta etapa, logo após todos juntos discutiram o tema em sala de aula e como levá-lo para os futuros alunos, dos estudantes de graduação, na educação básica. Como base teórica para este trabalho, foram usadas as teorias da Significação, Representação e Interpretação de Santaella (2002), Parâmetros Curriculares Nacional (PCN's) (1998), às Orientações Nacional para o Ensino Médio (OCEN's) (2006). Como resultado, qualitativamente, obtivemos um desenvolvimento no poder crítico dos estudantes e podemos comprovar que a Semiótica contribuiu para as discursões sobre o tema identidade, já que através dela podemos perceber muitos dos elementos distribuídos no vídeo estavam com a intenção de sinalizar justamente as diferentes identidades.

Palavras-Chave: Semiótica; Letras Espanhol; Identidade.



**A CONTRIBUIÇÃO DAS TECNOLOGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA
LINGUAGEM DE ALUNOS COM TDAH**

Joelma Ferreira Santos

RESUMO

As avançadas tecnologias da informação têm colaborado inúmeras áreas, dentre elas a educação e a saúde, com a intencionalidade de propiciar um avanço nos processos administrativos e na qualidade de vida das pessoas. O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Conceito reconhecido pela OMS é de que o TDAH é um transtorno neurobiológico que afeta 3 a 6% da população mundial, segundo pesquisas científicas validadas no mundo inteiro. Ensinar crianças com TDAH, demanda o uso de métodos e ferramentas diferenciadas, ocasionado por dificuldades cognitivas, social e na linguagem/escrita dessas crianças com deficiência. Diante dessa abordagem, observou-se diversas pesquisas publicadas tratando sobre intervenções que são apoiadas por recursos computacionais que colaboram no desenvolvimento da comunicação. Por esse motivo, o tipo de discursão mostra-se eficaz no acréscimo do desenvolvimento de várias habilidades, possibilitando o avanço no desenvolvimento/aprendizagem da criança e potencializando o trabalho do educador em sua prática de ensino.

Palavras-chave: Linguagem ; Desenvolvimento; Tecnologia.